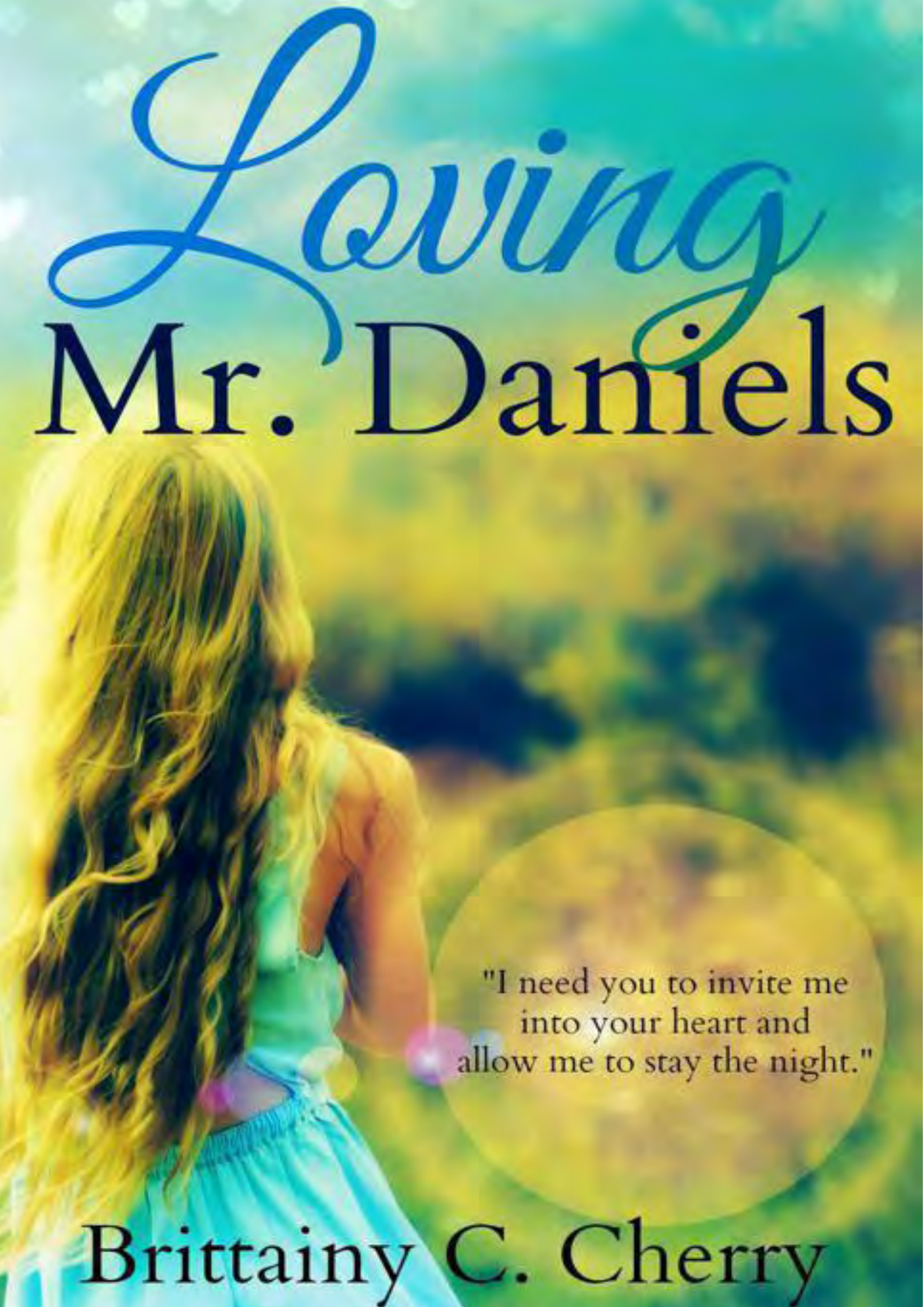


The background of the entire cover is a photograph of a woman with long, wavy blonde hair, seen from behind. She is wearing a light blue, sleeveless dress and is looking out over a vast, green, hilly landscape under a bright blue sky with soft, wispy clouds. The lighting is warm and golden, suggesting a sunrise or sunset. The title 'Loving Mr. Daniels' is overlaid on the top half of the image. The word 'Loving' is in a large, elegant, blue cursive script. 'Mr. Daniels' is in a dark blue, classic serif font, positioned directly below 'Loving'.

Loving Mr. Daniels

"I need you to invite me
into your heart and
allow me to stay the night."

Brittainy C. Cherry



Prólogo

DANIEL

Vinte meses atrás

*Eu não sei o que te dizer,
Eu não sei o que dizer.
Eu só sei que cuidar de você traz mais dor.
~ Romeo's Quest*

Absorvido em um fluxo de pensamentos obscuros e aborrecidos, estacionei o jipe perto do beco. Eu nunca tinha ido a esta parte da cidade. Mal sabia que existia. O céu da noite estava bêbado na escuridão, o frio do inverno tardio afetando meu nível de irritação. Meus olhos se voltaram para o painel do carro.

Cinco e meia da manhã.

Eu prometi a mim mesmo que não iria voltar por ele novamente. Suas ações haviam criado uma vasta cratera entre a nossa relação, destruindo tudo o que costumava ser. Mas eu sabia que não poderia manter a promessa de ficar longe. Ele era meu irmão. Mesmo quando fodia com tudo — O que ele fez diversas vezes — Ainda era meu irmão.

Passaram-se pelo menos quinze minutos antes que eu vi Jace mancando para fora do beco, segurando seu estômago. Sentei-me no meu lugar, meus olhos fixos nele.

— Droga, Jace — Murmurei, pulando fora do meu carro e batendo a porta. Andei para mais perto, permitindo que um poste de luz brilhasse em seu rosto. Seu olho esquerdo estava inchado e fechado, o lábio inferior cortado. Sua camisa branca estava manchada de vermelho com seu próprio sangue. — O que diabos aconteceu? — Gritei, num sussurro, ajudando-o andar até o jipe.

Ele gemeu.

Tentou sorrir.

Gemeu de novo.

Bati a porta com força e corri de volta para o banco do motorista.

— Eles me apunhalaram, caralho — Limpou os dedos contra o rosto, servindo só para espalhar mais sangue através dele. Riu uma vez, mas sua aparência apresentou o significado da situação. — Eu disse a Red que teria o dinheiro na próxima semana — Ele encolheu—, e ele enviou seus homens para acabar comigo.

— Jesus, Jace — Suspirei, afastando do meio-fio. O amanhecer tinha nascido, mas de alguma forma parecia mais escuro do que antes. — Eu pensei que você era apenas vendedor.

Sentou-se, e seu único olho aberto me encontrou.

— Eu só vendo, Danny. Eu prometo — Ele começou a chorar. — Juro por Deus, eu só vendo. — Ficou claro que ele não apenas vendia, mas voltara a usar também. *Merda.* — Eles iam me matar, Danny. Eu só sei isso. Eles foram enviados para...

— *Cale a boca!* — Gritei, pensando na ideia de meu irmão mais novo morrer, isso passou pela minha cabeça. Fiquei assombrado com um frio e um medo sobrenatural do desconhecido. — Você não vai morrer, Jace. Apenas cala a boca.

Ele chorou e gemeu de dor, um som profundo de perda e confusão enchendo suas lágrimas.

— Eu sinto muito... Não tive a intenção de arrastá-lo de volta para isso.

Olhei para ele e suspirei profundamente. Minha mão caiu nas suas costas.

— Está tudo bem — Eu menti.

Eu tinha ficado longe de seu problema. Tinha focado na minha música.

Tinha focado na escola. Eu estava na faculdade, um ano faltando para fazer algo por mim mesmo. Contudo, em vez de estar me preparar para o exame, em poucas horas, eu estava envolvido nos problemas de Jace. Perfeito.

Ele brincava com os dedos, olhando para o chão.

— Eu não quero mexer com essas coisas mais, Danny. E estive pensando.
— Olhou para mim antes de seu olhar vacilar e cair novamente. — Talvez eu possa voltar para a banda.

— Jace — Avisei.

— Eu sei, eu sei. Estraguei tudo...

— Fodeu — Corrigi.

— Sim, certo. Mas você sabe. Foi a única vez em que fui feliz depois de Sarah... — Ele vacilou em suas próprias palavras. Seu espírito conturbado deslocado no banco. Eu fiz uma careta. — A única vez em que eu tinha sido feliz, desde aquele dia, foi quando estava no palco com vocês.

Meu estômago virou, e eu não respondi ao seu comentário. Mudei o tópico.

— Precisamos levá-lo para o hospital.

Seus olhos se arregalaram e ele sacudiu a cabeça para trás e para frente.

— Não. Não há hospitais — Disse ele.

— Por quê?

Ele fez uma pausa e deu de ombros.

— Os policiais poderiam me prender...

Arqueei uma sobrancelha.

— E a polícia está atrás de você, Jace?

Ele acenou com a cabeça.

Eu amaldiçoei.

Assim, ele não só estava correndo de pessoas nas ruas, mas também estava fugindo de quem tranca as pessoas que estão nas ruas. Desejei que isso me surpreendesse.

— O que você fez? — Perguntei, irritado.

— Isso não importa — Dei-lhe um olhar frio e ele suspirou. — Não foi minha culpa, Danny. Eu juro que não foi. Olhe. Algumas semanas atrás, Red queria que eu movesse um carro. Eu não sabia o que diabos estava nele.

— Você transportou drogas?

— Eu não sei! Juro por Deus, eu não sabia!

Que diabos ele esta falando? Ele pensava que estava levando bastões de doces do caralho?

Ele continuou: — De qualquer forma, os policiais pegaram o veículo quando parei em um posto de gasolina para encher. No momento em que eu saia da loja do posto, o carro foi cercado. Um policial me viu andando rapidamente para longe e gritou para eu parar, mas não fiz. Eu corri. Acabou que o nosso treino na pista de corrida na escola valeu a pena — Riu.

— Ah, isso é engraçado? Você acha isso engraçado? — Perguntei meu sangue fervendo. — Porque estou cheio de sua merda, aqui, Jace! — Ele abaixou a cabeça. Suspirei. — Onde eu levo você?-

— Leve-me para a mãe e o pai — Disse ele.

— Você está brincando, certo? Mamãe não vê você faz um ano e o primeiro lugar que você quer ir é para lá? Espancado e sangrando? Você está tentando matá-la? E você sabe que a saúde do meu pai está ruim...

— Por favor, Danny — Lamentou.

— Mãe está caminhando essa hora pela doca por um tempo... — Avisei.

Ele fungou e passou os dedos debaixo de seu nariz.

— Eu vou esperar no galpão do barco e me limpar — Ele fez uma pausa e virou-se para a janela do lado do passageiro. — Vou me limpar — Sussurrou novamente.

Como se eu não tivesse ouvido isso antes.

Levou vinte minutos para chegar à casa dos nossos pais. Eles viviam em um lago a poucos quilômetros de Edgewood, Wisconsin. Papai tinha prometido a mamãe uma casa no lago algum dia, e só tinha sido há alguns anos que ele foi capaz de comprar este lugar.

Estacionei o carro atrás do galpão. O barco do meu pai descansava dentro, esperando o inverno passar. Jace suspirou e me agradeceu por trazê-lo. Fomos para dentro do galpão, com a luz da manhã que brilha através das janelas.

Fui até o barco e subi entrando, para pegar algumas toalhas do convés inferior. Quando voltei, vi Jace sentado e olhando para seu corte.

— Não é muito profundo — Disse pressionando a palma de sua mão sobre ele. Retirei um canivete, rasguei uma das toalhas, e apertei contra o seu ferimento. Jace olhou para a lâmina e fechou os olhos. — Papai deu-lhe a faca?

Olhei para o metal em meu aperto e fechei, deslizando de volta no bolso.

— Emprestado.

— Ele não me deixava tocar a coisa.

Meus olhos caíram para seu corte.

— Eu me pergunto por quê.

Antes que ele pudesse responder, um grito foi ouvido perto da doca.

— Que diabos... — Murmurei antes de correr para fora com um Jace mancando me seguindo de perto. — Mãe — Gritei, vendo-a ser puxada por um

estranho em um moletom vermelho com uma arma apontada para suas costas.

— Como é que eles nos encontraram? — Jace murmurou para si mesmo.

Olhei de volta para o meu irmão, confuso.

— Você o conhece? — Perguntei, enojado.

E chateado.

E assustado.

Principalmente com medo.

O estranho olhou para cima para ver Jace e eu, e podia jurar que ele sorriu.

Ele sorriu antes da arma ser disparada.

E correu quando mãe caiu.

A voz de Jace disparou através do céu. Seus sons eram grossos, cheio de raiva e medo ao lado da mãe, mas eu passei por ele para chegar até ela.

— Mãe, mãe. Você está bem — Virei-me para o meu irmão e empurrou-o com força. — Ligue para o 911.

Ele estava em cima de nós, as lágrimas escorrendo pelo rosto com seus olhos injetados de sangue.

— Danny, ela não está... Ela não esta... — Suas palavras foram desastradas, e eu o odiava por pensar exatamente o que eu estava pensando.

Enfiei a mão no bolso, tirei meu celular, e empurrei em suas mãos.

— Ligue! — Pedi, segurando mamãe em meus braços.

Olhei para cima em direção a casa e vi o rosto do meu pai no momento que ele percebeu o que tinha acontecido. No momento em que ele compreendeu, que de fato, ouviu uma arma e que sua esposa estava, de fato, deitada imóvel. Seu corpo estava bastante desconjuntado devido seu estado de saúde, mas ele estava

correndo em nossa direção.

— Sim, oi. Nossa mãe... *Ela levou um tiro!* — Só de ouvir as palavras voam dos lábios de Jace minhas próprias lágrimas derramaram.

Meus dedos correram pelo cabelo de mamãe e abracei seu corpo quando papai correu para nós.

— Não... Não... Não... — Ele murmurou, caindo no chão.

Agarrei-me com mais força. Segurando ele e ela. Ela me olhou com seus olhos azuis, implorando por respostas para as perguntas desconhecidas.

— Você vai ficar bem. Vai ficar bem — Sussurrei no ouvido da mamãe.

Eu estava mentindo para ela, e estava mentindo para mim mesmo. Eu sabia que ela não ia ficar bem. Algo dentro de mim me dizia que já era tarde demais e não havia esperança. No entanto, eu não conseguia parar de dizer isso, não conseguia parar de pensar nisso. E eu não conseguia parar de chorar.

Você vai ficar bem.

Capítulo 1

ASHLYN

Dias Atuais

*A morte não é assustadora, não é uma maldição.
Eu só desejava que porra ela me levasse pela primeira vez.
~ Romeo's Quest*

Sentei-me no extremo do banco. Eu odiava funerais, mas, novamente, eu acreditava que seria estranho se eu os amasse. Me perguntei se haviam pessoas que amavam esses tipos de coisa. Há pessoas que compareceram apenas para respirar toda a tristeza como uma forma doentia de entretenimento. Você sabe o que dizem, não pode haver um funeral sem diversão.

Eu estou bem.

Sempre que as pessoas caminharam para mim, elas tomavam essa respiração de hesitação, pensando que estavam, de fato, olhando para Gabby.

— Eu não sou ela — Sussurrei para eles antes que parassem, para que eles se mantivessem em movimento. — Eu não sou ela — Murmurei para mim mesma, passando em torno de um banco de madeira.

Eu estive doente quando era mais jovem, dentro e fora do hospital a partir da idade de quatro a seis anos. Acho que havia um buraco no meu coração. Depois de muitas cirurgias e muitas orações, fui capaz de passar a viver uma vida normal. Mamãe tinha pensado que eu ia morrer naquela época, e não pude deixar de pensar que ela estava desapontada por Gabby ter ido agora, não eu.

Ela voltou a beber depois que descobriu que Gabby estava doente. Tinha feito o seu melhor para esconder, mas uma vez eu tinha ido ver como ela estava

em seu quarto. Ela estava chorando e tremendo na cama. Quando subi ao seu lado para abraçá-la, senti o cheiro do uísque em seu hálito.

Mamãe nunca tinha sido boa com as situações difíceis, e álcool sempre foi a forma como lidou com seus problemas. Ele não tinha tido o melhor resultado, quando Gabby e eu tivemos que ficar com o nosso avô durante suas visitas de reabilitação. Depois da última, ela prometeu colocar a garrafa no chão para sempre.

Mamãe sentou-se na primeira fila com o namorado, Jeremy, a única pessoa que foi capaz de se certificar de que ela estava se vestindo todos os dias. Nós não conversamos muito desde que Gabby tinha se tornado toda egoísta – morrendo e outras coisas. Ela sempre gostou mais de Gabby. Não era um segredo. Gabby tinha estado ligada nas coisas que minha mãe gostava, como maquiagem e coisas da televisão. Elas sempre riam com os outros e tinham uma tonelada de divertimento, enquanto eu estava sentado na sala no sofá lendo meus livros.

Eu sabia que os pais sempre dizem que não têm favoritos, mas como não poderiam? Às vezes, eles têm um filho que era tão parecido com eles que juraram que Deus lhes havia feito à sua imagem. Isso é o que Gabby tinha sido para mamãe. Mas outras vezes, você tem uma criança que ler o dicionário para se divertir, porque — As palavras são legais.

Adivinha quem era?

Ela me amava o suficiente, mas com certeza não gostava de mim. Eu estava bem com ela, porque a amava o suficiente para nós duas.

Jeremy era um homem decente, e secretamente me perguntei se ele seria capaz de trazer de volta a mãe que eu tinha antes de Gabby ficar doente. A mãe, que costumava sorrir. A mãe que poderia fazer de tudo para olhar o meu caminho. A mãe que me amava, mesmo que não tivéssemos muito em comum. Eu realmente senti falta dessa mãe.

Descascando a unha preta em meus dedos, eu suspirei. O padre continuou falando sobre Gabby como se a tivesse conhecido. Ele não a conhecia. Nós nunca

tínhamos ido à igreja, por isso o fato de estávamos em uma agora, era um pouco dramático. Mamãe sempre disse que a igreja estava dentro de nós e que você poderia encontrar Deus através de qualquer coisa, então não havia nenhuma razão para ir a uma igreja, todos os domingos. Pensei que era apenas a sua maneira de dizer: ‘— *Eu estou dormindo aos domingos.* ’

Não havia nenhuma maneira que eu poderia ficar dentro da igreja por um segundo a mais. Para um lugar de oração e fé, com certeza tinha uma sensação de asfixia.

Virei minha cabeça para as portas da igreja quando meus ouvidos foram atingidos com outro hino. *Oh meu Deus! Quantos hinos vão cantar lá!* Empurrando-me para cima do banco, andei, sentindo o calor do verão na minha pele. Era mais quente do que os anos anteriores. Algumas manchas de suor começaram a rolar na minha testa antes que eu mesma comesse a dar passos. Puxando o vestido preto que fui obrigada a usar, tentei não balançar em torno dos meus saltos desconhecidos.

Algumas pessoas provavelmente pensaria que era estranho eu estava usando o vestido que minha irmã morta havia escolhido. Mas isso era Gabby. Ela sempre foi um pouco mórbida assim, falando sobre sua morte antes mesmo dela chegar, antes que sequer tivesse estado doente, e me mandando dar o meu melhor olhar em seu funeral. O vestido era um pouco pequeno demais para mim ao redor da cintura, mas eu não reclamei. Quem estava lá para que eu reclamasse de qualquer maneira?

Sentada no degrau mais alto da igreja, descansei meus cotovelos contra os lados do meu corpo, colocando de forma que eu pudesse sentir um pouco de dor na pressão que estava aplicando. Os funerais eram chatos. Assisti uma dispersão de formigas em todo o degrau mais alto, parecendo estar atordoadas e confusas, para trás, para esquerda e para direita, para cima e para baixo.

— Bem, parece que você e eu temos muito em comum, o Sr. Formiga.

Protegi meus olhos do sol e olhei para o céu azul. Céu azul estúpido, todo feliz e outras coisas. Mesmo quando cobri os olhos, o sol queimou em mim,

aquecendo-me com remorso e culpa.

Minha cabeça baixa enquanto estudava os degraus de cimento, circulando a ponta de meus saltos em um padrão redundante. Eu não tinha certeza disso, mas estava quase certa de que a solidão era uma doença. Uma doença infecciosa, nojenta que demorou a se infiltrar em seu sistema e te alcançava, mesmo que você tentasse combatê-la o melhor que pudesse.

— Estou interrompendo? — Disse uma voz atrás de mim. *A voz de Bentley.*

Virando, eu o vi de pé lá com uma caixa do tesouro da sorte nas mãos. Ele sorriu, mas parecia com os olhos tristes. Bati o local nos degraus ao meu lado, e ele foi rápido em aceitar meu convite. Gabby o tinha vestido, também. Em um blazer azul cobrindo a ¹t-shirt desgastada e rasgada dos Beatles. As pessoas dentro provavelmente estavam dando-lhe olhares estranhos para a escolha de sua roupa, mas Bentley não ligava para o que os outros pensavam. Ele só se preocupava com uma menina e seus desejos e necessidades.

— Como você está? — Perguntei, descansando minha mão em seu joelho.

Seus olhos azuis encontraram os meus verdes, e ele riu em primeiro lugar. No entanto, nós dois sabíamos que era uma risada de sofrimento. Pobre homem. Não demorou muito para que ele colocasse a caixa ao lado dele e que seus ombros caíssem para baixo. Suas mãos encontraram seu rosto, e encolhido em uma bola aos gritos. Engasguei levemente, quase sentido o coração quebrando em pedaços. Eu só tinha visto Bentley chorar uma vez antes, e foi quando comprou ingressos para ver Paul McCartney. Este era um tipo diferente de lágrimas.

Ao vê-lo quebrar me fez sentir tão impotente, e tudo que eu queria fazer era pegar toda a sua dor e enviá-la para o espaço para que ele nunca tivesse que se sentir assim novamente.

— Eu sinto muito, Bentley — Falei suavemente, passando os braços ao

¹ T-shirt - Camiseta comum, tem esse nome por causa do formato em T.

redor dele.

Ele continuou a chorar por mais alguns instantes antes de enxugou os olhos.

— Eu sou algum tipo de idiota para quebrar assim na sua frente. A última coisa que você precisa ver é alguém caindo aos pedaços. Sinto muito, Ashlyn — Suspirou. Ele era o cara mais legal que eu já conheci. Era uma pena que caras legais poderiam se magoar, e todos sabiam que seus corações seriam os mais magoados.

— Nunca peça desculpas para mim — Passando os dedos juntos, descansei meu queixo em cima de minhas mãos.

Ele inclinou a cabeça na minha direção e me cutucou no ombro.

— Como *você* está? — Perguntou, dando-me aqueles mesmo olhar carinhoso de sempre. Minha irmã teria ficado mais apaixonada por ele, pela forma como se preocupou comigo. Em outro mundo onde ela estava, eu tinha certeza que ela tinha um sorriso em seu rosto enquanto saia com ²Tupac e a mãe do Nemo³.

Um sorriso rastejou nos meus lábios e um lembrete simples que eu não era a única machucada, entrou em minha mente. Bentley tinha significado o mundo para Gabby, e Gabby *era* o universo de Bentley. Ele era dois anos mais velho do que nós. Nós o conhecemos quando ele era um júnior no ensino médio. Gabby estava no segundo ano, e eu era um caloura, desde que eu tinha parado um ano devido a minha saúde.

Dentro de algumas semanas, Bentley estaria começando e o segundo ano da faculdade, indo para o norte para estudar e tornar-se um médico, o que era irônico, porque ele estava sofrendo de um coração partido que nenhum

² Tupac , também conhecido por seus nomes artísticos 2Pac e como Makaveli, era um rapper e ator americano, que faleceu em 13 de setembro de 1996.

³ Referência ao filme “Procurando Nemo” dos estúdios Pixar. A mãe do personagem Nemo, morre tentando protegê-lo.

medicamento poderia curar.

— Eu estou bem, Bent — Foi uma mentira, e ele sabia que era uma mentira, mas estava bem. Ele não iria questionar sobre isso. — Você viu se Henry está aí? — Perguntei, voltando um momento para olhar para as portas da igreja.

— Sim, eu vi. Conversamos um pouco. Você falou com ele?

— Não. Eu não falei com a minha mãe também. Não há dias — O tremor na minha voz foi pego por Bentley, e ele passou o braço em volta da minha cintura, me puxando para mais perto para um abraço de conforto.

— Ela só está de luto. Não significa nada. Eu tenho certeza disso.

Corri meus dedos contra o concreto, sentindo a textura áspera contra a minha pele lisa.

— Eu acho que ela quis me dizer — Falei baixinho. Uma lágrima caiu pelo meu rosto, e virei minha cabeça em direção a Bentley, que parecia estar sofrendo bastante por mim e por minhas próprias palavras. — Eu acho que ela nem mesmo pode olhar para mim, porque, bem... Eu sou apenas a irmã gêmea do mal que viveu.

— Não — Ele disse a palavra com tal ordem em seu tom. — Ashlyn, não há um osso mal em seu corpo.

— Como você pode saber disso?

— Bem — Ele endireitou-se e deu-me um sorriso—, pateta, eu sou um médico. No treinamento, pelo menos — Eu não poderia deixar de rir com o seu comentário. — E só para você sabe... Durante a última conversa que Gabby e eu tivemos, ela apenas repetia como estava feliz que era ela não você.

Mordi meu lábio inferior, tentando segurar as lágrimas que estavam prestes a cair.

— Obrigado, Bentley.

— Sempre, amiga — Ele me abraçou uma última vez antes de nos separarmos. — O que me leva para a próxima coisa — Depois de chegar até a caixa ao lado dele, ele levantou e colocou no meu colo. — É de Gabby. Ela falou para dar a você e para abrir após o funeral, hoje à noite. Eu não sei o que está nela. Ela não quis me dizer. Só me disse que era para você.

Olhei para a caixa de madeira, correndo os dedos contra ela. O que poderia está dentro? O que poderia ter fazer ela tão pesada?

Bentley empurrado para cima dos degraus e colocou as mãos nos bolsos. Escutei seus passos enquanto andava mais perto das portas da igreja e a abriu, tornando-se possível ouvir as lágrimas das pessoas dentro que era muito mais alto. Não olhei para cima, mas eu sabia que ele ainda estava lá.

Ele limpou a garganta e esperou alguns momentos antes de falar.

— Eu ia pedir para ela se casar comigo, você sabe.

Coloquei a caixa de madeira contra as minhas coxas, antes de olhar para trás e senti o sol de verão perfurando meu rosto, cuspidando sua luz contra a minha pele. Sem virar para trás em direção a ele, eu assenti.

— Eu sei.

Um suspiro pesado caiu de seus lábios quando ele se virou para reentrar na capela. Sentei-me ali por mais algum tempo, em silêncio, pedindo ao sol que me derretesse em uma pilha de nada sobre os degraus. As pessoas vagavam pelo edifício, mas ninguém parou para olhar. Estavam muito ocupados vivendo suas vidas para notar que a minha tinha de alguma forma chegou a um impasse.

A porta da igreja reabriu, só que desta vez foi Henry que veio sentar-se ao meu lado. Ele não falou muito, mas se sentou longe o suficiente para evitar fazer-me sentir muito desconfortável. Colocando a mão no bolso de seu terno, ele puxou um maço de cigarros e acendeu um.

Uma nuvem de fumaça explodiu de seus lábios, e assisti os padrões hipnóticos que fez no ar antes de se dissipar a distância.

— Você não acha que é um pouco rabugento estar fumando na escadaria de uma igreja?

Henry jogou algumas das cinzas para fora da extremidade do cigarro antes de falar.

— Sim, bem, vendo como o mundo acabou de enterrar uma das minhas filhas, eu acho que posso ter um cigarro e dizer: 'Foda-se, mundo. Pelo menos por hoje.

Eu ri, sarcasmo preenchendo cada centímetro da minha risada.

— Parece um pouco ousado para você chamar-nos de suas filhas, depois de dezoito anos de apenas ligações de aniversário e cartões de presente de férias — Henry dirigindo aqui de Wisconsin foi a primeira vez que o tinha visto em algum tempo.

Ele não tinha feito a sua missão na vida ter uma caneca de café do pai número #1, e aprendi a ficar bem com isso. Mas, para ele vir aqui, hoje de todos os dias, e desempenhar o papel de pai de luto parecia um pouco dramático, até mesmo para o cara que fuma os cigarros.

Ele suspirou profundamente, e não responder. Nós sentamos e assistimos as pessoas por um tempo. Suficiente para que eu me sentir mal pela maneira que falei com ele.

— Desculpe — Murmurei, olhando para ele. — Eu não quis dizer isso — Não tinha certeza de que ele acreditava em mim. — Acho que às vezes era mais fácil ser mau do que ser ferida.

Em pouco tempo, Henry mergulhou na sua verdadeira razão para se juntar a mim do lado de fora.

— Falei com sua mãe. Ela está tendo um tempo muito difícil — Sem comentários. É claro que ela estava tendo um momento difícil! Sua filha favorita estava morta! Ele continuou. — Nós concordamos que seria melhor se você ficasse comigo. Comece e termine seu último ano em Wisconsin.

Desta vez, eu realmente ri.

— Sim, está bem, Henry — Pelo menos eu ainda tinha um senso de humor. Uma estranha sensação de humor, mas ainda engraçado. Girando o meu corpo em direção a ele, eu vi o olhar sombrio enchendo seus olhos verdes mesmo tom de verde como o meu. E Gabby. Meu estômago doía. Meus olhos lacrimejaram. — Você está falando sério? Ela não me quer mais aqui?

— Não é que... — Sua voz tremia, na esperança de não me ofender.

Mas *era* isso. Ela não me quer mais. *Então* por que mais ela quer me enviar para a terra das vacas, queijo e cerveja? Eu sabia que estávamos tendo um momento difícil, mas isso é o acontece com as famílias após mortes. Você tem momentos difíceis. Pisa em ovos. Grita quando tem que gritar, e chora durante. Você se desfaz — juntos.

As dores de estômago das últimas semanas estavam de volta, e eu me odiava pela sensação de desmaio. *Não na frente de Henry. Não faça na frente dele.*

Empurrei-me para levantar dos degraus, segurando a caixa de madeira debaixo do meu braço esquerdo. Espanando parte de trás do meu vestido com a minha mão direita, fui para a igreja.

— Está tudo bem — Menti, minha mente turva com pensamentos em pânico do que estava por vir. — Além disso... Quem quer ser desejada de qualquer maneira?

Tinha sido uma semana desde o funeral, e minha mãe tinha ficado com Jeremy na maioria da semana. Para ser honesta, não era exatamente como eu tinha imaginado passar as últimas semanas, sozinha em uma casa de verão chorando todas as horas do dia. Eu estava oficialmente patética.

O lado positivo, eu não tinha chorado durante os últimos dez minutos. Então isso foi uma grande vitória.

Depois de caminhar pelo corredor, parei e encostei-me ao batente da porta do que costumava ser o nosso quarto. Lá estava, descansando em meu armário,

sua pequena caixa das maravilhas. A vida inteira de Gabby, ou pelo menos o que ela sonhou que um dia seria, estava dentro daquela caixa, eu só sabia disso. Chame de uma reação instintiva, chame de instinto de gêmea, mas eu sabia.

Era uma pequena caixa simples, de madeira, e eu tinha sido instruída para abri-la na noite do funeral, mas, até agora, eu só olhava para ela na minha cômoda.

Levantei a caixa e encontrei a chave no fundo. Retirando a chave, mudei-me para a cama de tamanho duplo no lado direito da sala, apenas olhando para a outra cama de solteiro do lado esquerdo. O meu corpo derreteu no colchão, e coloquei a chave na fechadura.

Abri a caixa do tesouro a uma velocidade sem pressa. A respiração que eu estava segurando foi liberada no espaço pequeno, e algumas lágrimas caíram dos meus olhos. Rapidamente, limpei novamente e dei uma inspiração profunda.

Dois segundos. Eu não tinha chorado durante os últimos dois segundos. Então isso era uma pequena vitória.

Dentro da caixa estava uma quantidade absurda de envelopes. Havia uma tonelada de velhas palhetas de Gabby colocada em cima dos envelopes. Ela tinha sido uma música incrível, e sempre tentou me ensinar a tocar essa guitarra maldita dela, mas tudo o que fiz foi ferir os dedos e perder o meu tempo, quando eu poderia ter estado trabalhando no meu romance inacabado.

Imediatamente me senti mal por não ter tentado mais forte para aprender a tocar guitarra, porque ela tinha tido tempo para me ajudar, a co-escrever o meu romance, que eu tinha certeza de nunca seria concluído agora.

Descansando no canto da caixa havia um anel. O anel de compromisso que Bentley lhe dera. Corri contra meus dedos por um tempo antes de colocá-lo de volta na caixa. Eu esperava que ele estivesse bem. Ele era a coisa mais próxima de um irmão que eu tinha e queria que ele fosse capaz de voltar a ser ele mesmo, o cara divertido e amoroso que sempre foi.

O resto das coisas na caixa de madeira eram cartas-uma tonelada de cartas. Havia pelo menos quarenta envelopes dentro, cada um numerado e marcado com as palavras, cada um selado com um coração. Tinha um no topo, — Leia-me primeiro — Coloquei a caixa sobre o colchão, peguei o envelope e, lentamente, rasguei a parte superior.

Irmãzinha,

Meus dedos voaram para os meus lábios enquanto engasguei com a nota da Gabby. Senti-me em conflito porque queria chorar ao ver a letra dela, ainda queria rir ao vê-la me chamar de “irmãzinha”. Ela tinha me ultrapassado para o mundo por 15 minutos, e ela nunca me deixou viver para baixo, sempre me chamando de 'irmãzinha' ou 'criança'. Eu continuei lendo, querendo ler cada envelope na caixa, querendo sentir sua conexão ali mesmo.

Deixe me dizer, eu te amo. Você é o meu primeiro amor e é meu melhor amor. Sim, eu entendo que essas cartas podem parecer um pouco mórbida, mas Curta o Momento, certo?

Pedi a Bentley para te dar esta na noite do funeral, portanto, eu sei que você provavelmente já esperou um ou dois dias.

— Ou sete — Murmurei, e não pude deixar de sorrir um pouco enquanto lia a linha seguinte.

Ou sete. Mas senti como se tivéssemos deixado muito inacabado. Tanto quanto fomos capazes de fazer.

Desculpe-me, não vou estar lá na sua formatura.

Desculpe-me, não serei capaz de ficar extremamente bêbada com você quando fizer vinte e um.

Desculpe-me, não serei capaz de estar na sua primeira sessão de autógrafos.

Estou tão, tão triste que não vou estar lá para abraça-la após seu próximo desgosto ou ser sua dama de honra em seu casamento. Mas eu preciso que você faça algo para mim, Ash.

Eu preciso que você pare de se culpar. Agora! Pare com isso! Preciso que você em algum momento começar a seguir em frente. Eu sou a única que morreu, não você.

Lembra-se? Então, listei na página seguinte a sua “bucketlist”⁴. Sim, eu fiz sua lista, porque sabia que você nunca faria.

Cada vez que completar uma das tarefas, tenho uma carta para você abrir, como se eu estivesse bem aí ao seu lado, comece a ler a lista. NUNCA abra uma carta até depois de ter concluído a tarefa. E pelo amor de Deus, tome um banho, escove o cabelo, e coloque um pouco de maquiagem. Você está horrível. Mais ou menos como uma filha híbrida do Diabo e⁵ Big Bird.

Desculpe sobre todas as lágrimas, e eu sinto muito que se sinta tão perdida e sozinha. Mas confie em mim...

Você está indo muito bem, Criança.

~Gabrielle

Virei-me para a segunda folha de papel e estou olhando para a minha — lista. Não fiquei surpresa com o quão precisa era a lista, estava com algumas das coisas que falávamos em fazer. Saltar de paraquedas, ler as obras completas de Shakespeare, se apaixonar, publicar um romance e ter uma sessão de autógrafos incrível com cupcakes, ter gêmeos, sair com o cara errado, entrar na Universidade Southern Califórnia. Essas foram apenas algumas das coisas que eu sonhava em

⁴ Menção do Filme “Bucketlist” com [Jack Nicholson](#) e [Morgan Freeman](#), que no Brasil estreou como *Antes de Partir*, conta a história de dois amigos que fazem uma lista de coisas à fazer antes de morrer.

⁵ **Big Bird** é um personagem no seriado infantil [Vila Sésamo](#). Oficialmente realizada por [Caroll Spinney](#) desde 1969, ele é um oito-pé duas polegadas (249 cm) de altura pássaro primrose-amarelo brilhante.

fazer. Mas, em seguida, outros itens da lista eram mais da Gabby do que meus sonhos. Perdoe Henry, chore, porque você está feliz e ria, porque você está triste, ficar bêbada e dançar em um bar, entregue a Bentley meu anel de compromisso de volta, cuidar da Mãe, recriar a cena infame do *Titanic*.

A porta da frente do apartamento foi aberta, e vi minha mãe em pé na sala, andando para lá e para cá. Coloquei as cartas de volta na caixa e a fechei. Movendo-me para fora do quarto, eu estava diante dela, e ela olhou para mim por mais tempo. As lágrimas encheram seus olhos, e sua boca se abriu como se quisesse dizer algo para mim, mas nada saiu. Seus ombros subiam e desciam, deixando nada além de quietação.

Ela parecia tão quebrada, desgastada, abatida.

— Estou indo amanhã para o Henry — Eu disse, mudando meus pés pelo chão acarpetado. Por um breve momento, mamãe começou a tremer. Pensei em voltar trás e ficar no apartamento. Mas antes que eu pudesse oferecer isso, ela falou.

— Isso é bom, Ashlyn. Você precisa de Jeremy para transportar até a estação de trem?

Minha cabeça balançou para trás e para frente. Meu coração batia forte contra o meu peito enquanto meus dedos formaram punhos apertados.

— Não. Eu vou fazer isso. E só para você saber, eu não estou voltando — Minha voz falhou, mas conteve as lágrimas. — Nunca. Eu te odeio por me deixar quando mais precisei de você. E nunca vou te perdoar.

Ela olhou para o chão, sua postura caindo. Então olhou para mim mais uma vez antes de volta para a porta da frente.

— Tenha uma boa viagem.

E com isso, me deixou em pé e, mais uma vez, sozinha.

Capítulo 2

ASHLYN

*Lembre sempre da primeira vez,
E eu vou prometer para o seu coração que eu vou ser suficiente.
~ Romeo's Quest*

O dia seguinte veio rápido. Eu estava sentado do lado de fora da estação de trem em cima de uma mala grande. Nunca tinha estado em um trem antes de hoje, o que tinha sido bastante experiência.

Três coisas que eu aprendi sobre os trens: um, às vezes estranhos sentam ao seu lado, roncam e babam, mas você tinha que agir como se fosse normal; dois, uma lata de refrigerante iria custar mais do que comprar um rebanho de vacas; três, os vagões do trem pareciam exatamente como no filme *Expresso Polar* — Menos a coisa toda do personagem animado por computador.

Trens sempre pareceram mais frio nos filmes e nos livros, mas na verdade, eles eram apenas carros que corriam sobre trilhos. O que fazia sentido, vendo como eles chamavam cada vagão de um trem de 'carro'. Bem, quase cada um. O da frente foi chamado de locomotiva e o último, de vagão.

Um sorriso correu no meu rosto enquanto eu pensava sobre a palavra vagão. Digamos cinco vezes sem rir.

Vagão.

Vagão.

Vagão.

Vagão.

Vagão.

Gabby.

Oh, não. Eu estava rindo alto e chorando ao mesmo tempo. Todos os caminhos levavam de volta para a minha irmã. As pessoas andando atrás de mim provavelmente pensavam que eu era louca, porque estava rindo tanto sozinha. Para tirar os olhares loucos, peguei um livro da minha bolsa e abri. As pessoas podiam ser tão críticas, às vezes.

Joguei minha bolsa de volta no meu ombro e suspirei. Eu odiava bolsas, mas Gabby as amava. Ela amava tudo sobre vestir-se e ser bonita. Ela tinha se saído super bem, também. Eu? Nem tanto, mas ela disse que eu era bonita, de modo que contava para alguma coisa.

Sabe qual é a melhor coisa sobre bolsas? Elas podem transportar livros. Eu estava lendo *Hamlet* pela quinta vez nas últimas três semanas. Ontem à noite, parei na parte onde Hamlet escreveu para Ophelia dizendo para duvidar de tudo que via, exceto por seu amor. Mas a menina boba ainda se matou mais tarde na história. A maldição de estar em uma tragédia de Shakespeare.

Como eu estava lendo, com o canto do meu olho, vi um homem puxando sua bagagem ao sair da estação de trem. Ele começou a inclinar a bagagem de encontro ao lado do edifício. Era estranho chamá-lo de um homem porque ele não era tão velho. Mas ele estava muito crescido para ser chamado de um menino. Não parecia ter uma palavra para descrever quantos anos ele tinha. Talvez Menino⁶? Homem? “Homino”?

Este “homino”, também tinha entrado no meu carro-vagão sendo nosso vagão do trem, e eu o tinha notado imediatamente. Como eu não poderia? Não era sempre que encontrava alguém bonito, mas ele era o top de linha. Seu cabelo era longo demais. Pelo menos é o que pensei até ele passar os dedos pelo cabelo castanho escuro e ficar perfeito nele.

⁶ Ela faz trocadilhos com Boys, Man, então fica melhor como Menino, Homem e por fim, Monino

Deixando-me totalmente corada.

Na viagem a Wisconsin, ele sentou-se dois bancos atrás de mim. Quando eu tinha ido ao banheiro, o vi tocando o dedo contra suas coxas em um padrão rítmico e sua cabeça estava balançando para frente e para trás. Talvez ele fosse um músico. Gabby estava sempre batendo os pés e balançando a cabeça.

Ele era definitivamente um músico.

Ele me notou olhando, e quando olhou para cima para encontrar os meus olhos, sorriu bastante amplo. O que me fez sentir muito pequena. Então ajustei meu olhar para o carpete manchado de café e o copo correndo em minha direção. Seus olhos eram tão azuis e cheios de interesse. Por um segundo, eu pensei que eles eram uma passagem para um mundo diferente.

Lindo.

De tirar o fôlego.

Brilhante.

Olhos azuis.

Eu suspirei.

Talvez fossem uma passagem para um mundo melhor.

Em outra nota, as pessoas nunca devem usar os banheiros do trem. Eles eram muito sujos, e eu pisei na goma de alguém.

Quando voltei para o meu lugar, o meu coração se apertou no meu peito porque eu sabia que teria que andar e passar pelo Sr. Olhos bonitos novamente. Meus olhos ficaram para baixo até que cheguei ao meu assento. Soltei um suspiro, e depois minha cabeça involuntariamente se virou para ele. O quê? Meus olhos se chocaram em outro olhar em meu caminho. Ele sorriu novamente e balançou a cabeça em minha direção. Eu não sorri de volta, porque estava muito nervosa. Os olhos azuis estranhos me faziam tão nervosa.

Essa foi à última vez que o vi. Bem, até *agora*.

Agora, eu estava do lado de fora da estação ferroviária. Ele estava do lado de fora da estação ferroviária. Nós estávamos do lado de fora da estação ferroviária. E mudei meus olhos para ele por um momento. O coração acelerou. Aceleração cardíaca.

Tentando jogar com calma, torci a cabeça em sua direção para fazer parecer que eu estava procurando alguém, passado pelo Sr. Olhos bonitos para ver se Henry estava por vir. Na realidade, eu estava apenas tentando dar uma espiada na idade proibida que estava contra parede da estação do trem.

Minha respiração acelerou. Ele me viu. Movendo os pés contra a calçada, eu cantarolava para mim mesma, tentando parecer legal e não de forma dramática para ele. Segurei meu livro em pé na frente do meu rosto.

— *'A dúvida tu as estrelas são fogo. Duvido que o sol Acaso mova. Dúvida verdade para ser um mentiroso. Mas nunca duvide que eu amo'* — Ele citou.

Meu livro caiu para o meu colo. Olhei para o Sr. Olhos bonitos com a confusão.

— Cale a boca.

Seu sorriso desapareceu e um nível de desculpas encheu seu rosto.

— Oh, eu sinto muito. Só vi que você estava lendo.

— ⁷*Hamlet*.

Um dedo roçou seu lábio superior, e ele se aproximou. Acelerando. Acelerando. Coração. Coração.

— É... *Hamlet*. Desculpe, eu não queria te interromper você — Ele pediu desculpas, e sua voz era muito doce. Quase pensei que mel soaria assim se tivesse essa voz. Eu realmente não preciso de um pedido de desculpas, embora. Fiquei

⁷ Hamlet- uma das obras de William Shakespeare

muito feliz ao descobrir que havia outras pessoas no mundo que era capaz de citar ⁸William.

— Não. Você não fez. Eu não quis dizer calar a boca, foi como 'fechar os lábios e pare de falar' Tipo uma forma de falar. Eu quis dizer isso mais na forma de: 'Oras bolas, cale a boca! Você pode citar Shakespeare?' Era mais *que tipo* cale-se...

— Você acabou de dizer ⁹'bolas'?

Minha garganta apertou. Sentei-me reta.

— Não.

— Hum, eu acho que você disse.

Ele sorriu de novo, e pela primeira vez, percebi como o tempo estava nojento. Fazia quarenta graus lá fora. Minhas mãos suavam. Meus *dedos* estavam pegajosos. Havia até mesmo algumas manchas de suor escorrendo da minha testa.

Eu o assisti de boca aberta e separei meus lábios ao mesmo tempo. Então fechei rápido, querendo ouvir sua voz mais do que a minha.

— Visitar ou ficar? — Questionou.

Eu pisquei.

— Huh?

Ele riu e acenou com a cabeça uma vez.

— Você vem visitar a cidade ou vai ficar por um tempo?

— Oh — Respondi, olhando para ele por muito tempo, sem dizer mais nada. *Fala! Fale!* — Vim de mudança. Aqui. Vou me mudar para cá. Eu sou nova na

⁸ William – de William Shakespeare

⁹ Quando ele fala *bolas* é no sentido figurado como se ela tivesse falado testículos.

cidade.

Ele levantou uma sobrancelha, interessado no pequeno fato.

— Oh? Legal — Ele puxou a alça da mala com a mão direita, movendo-se mais perto de mim. Um sorriso grande cresceu e apareceu em seu rosto, e ele estendeu a mão esquerda para mim. — Bem-vinda a Edgewood, Wisconsin.

Olhei para a mão dele e, em seguida, dei uma geral em seu rosto. Puxando meu livro para o peito, passei meus braços em torno dele. Eu não podia tocá-lo com as palmas das mãos suadas. — Obrigado.

Ele suspirou um pouco, mas o sorriso permaneceu.

— Tudo bem, então. Prazer em conhecê-la — Puxando a mão para o seu lado, ele começou a se afastar em direção ao táxi que tinha acabado de chegar ao meio-fio.

Limpei a garganta, sentindo meu coração batendo contra Hamlet e páginas de Ophelia, e minha mente começou a correr. Meus pés exigiu que eu me levantasse, então eu saltei de cima da minha mala, derrubando-a.

— Você é músico? — Gritei para o “monino”, que estava desaparecendo abaixo da faixa. Ele olhou de volta para mim.

— Como você sabe?

Tirei meus dedos e bati contra a meu livro no mesmo padrão rítmico que ele bateu os dedos no trem.

— Basta isso para saber.

Ele estreitou os olhos.

— Eu te conheço?

Balancei a cabeça para trás e para frente. Perguntei-me se ele viu o suor da minha testa voar. Eu esperava que não.

Lentamente, seus dentes morderam o lábio inferior. Vi seus ombros subir e descer a partir do pequeno suspiro ele perguntou: — Quantos anos você tem?

— Dezenove.

Ele balançou a cabeça e passou a mão pelo cabelo.

— Bom. Você tem que ter dezoito anos para entrar. Eles vão fazer você usar um selo e eles verificam IDs no bar, mas você pode ouvir a musica. Só não tente comprar álcool — Inclinei a cabeça, olhando para ele. Ele riu. *Ohhh, o que era um som bonito.* — Bar do Joe, sábado à noite.

— Onde é o bar do Joe? — Perguntei em voz alta. Eu não tinha certeza se estava falando com ele, comigo, ou àquelas borboletas malditas rasgando minhas entranhas em pedaços.

— Um... Bar? — Ele levantou a voz uma oitava antes de ri. — Minha banda e eu estamos tocando as dez. Você deve vir. Eu acho que você vai gostar — Ele começou a me dar um sorriso mais gentil do mundo. Era tão gentil que me fez tossir nervosamente e engasgar com o ar.

Levantou a mão para mim e sorriu quando se despediu. Com isso, fechou a porta do táxi e seguiu seu próprio caminho.

— Tchau — Sussurrei, vendo o carro sair. Não desviei o olhar até que dobrou a esquina fora de vista e foi muito, muito distante. Olhei para o meu livro apertado em minhas mãos e sorri. Eu ia começar desde o início novamente.

Gabby teria adorado isso, momento estranho, estranho.

Eu só sabia disso.

Capítulo 3

ASHLYN

*Eu não vou olhar para trás,
Eu não vou chorar.
Eu não vou mesmo perguntar-lhe porquê.
~ Romeo's Quest*

A caminhonete amarela enferrujada, com o motor 1998, amarelo, de Henry rugiu como se fosse explodir quando ele puxou até a estação de Amtrak. A estação estava lotada de famílias viajando, pessoas se abraçando e chorando e rindo. As pessoas estavam mergulhando na arte da conexão humana.

Tudo me deixou desconfortável.

Sentei-me em cima da minha mala com a caixa madeira de Gabby no meu colo. Correndo os dedos pelo meu cabelo, eu esperava evitar as mesmas conexões que o resto do mundo parecia em busca.

Eu estava derretendo no vestido preto que estava usando, na noite de calor de Wisconsin que subia indesejável sob minhas pernas. Eu estava queimando minha bunda até tarde da noite, mas não tinha pensado que teria realmente que esperar mais de uma hora para Henry me pegar. Eu deveria saber melhor, mas infelizmente. Às vezes eu me perguntava se um dia eu iria aprender.

Esperei por Henry uma polegada mais perto do meio-fio. Seu pneu dianteiro rolou em cima de uma garrafa de água vazia. Eu vi como a garrafa de plástico tremeu sob a pressão da roda e a tampa bateu fora, voando pela calçada, caindo contra o meu pé. Empurrando minha mala floral vintage que mãe tinha me deu no meu aniversário de dezesseis anos, eu cliquei no botão e puxei a alça para cima, rolando a mala para o caminhão.

Ugh, por que seu carro tem que ser tão alto?

Henry pulou para fora do carro e caminhou em torno da frente para me cumprimentar. A camisa verde-floresta estava meio caminho enfiado nas calças jeans com cinto. Seu sapato esquerdo estava saindo, e eu podia sentir o cheiro do perfume e um pequeno pedaço de tabaco contra a barba, mas na maioria das vezes, ele parecia bom.

Por uma fração de segundo, ele lutou com a ideia de me abraçar e o desejo de experimentar essa conexão humana das outras pessoas que nos cercavam, mas mudou de ideia depois de assistir eu mudar de posição em meus calcanhares.

Uma pequena risada deixou seus lábios.

— Quem usa um vestido e salto alto em um trem?

— Eles eram os favoritos de Gabby.

O silêncio aumentou, e a crescente onda de memórias começou a encher minha mente. Henry estava, provavelmente, lembrando, também. Diferentes memórias da mesma garota extraordinária.

— Isso é tudo que você tem — Perguntou, apontando para minha vida que vivia dentro da mala. Eu não respondi. Que pergunta estúpida. Claro que era tudo. — Deixe-me ver que... — Ele se adiantou para pegar e eu hesitei.

— Eu tenho isso.

Ele suspirou, passando a mão pela barba salpicada. Parecia mais velho do que deveria, mas eu imaginava que arrependimento e culpa poderia fazer isso com uma pessoa.

— Tudo bem.

Joguei a mala na parte traseira de sua caminhonete e andei até o banco do passageiro para subir, mas a porta não abria, eu revirei os olhos. Não deveria ter ficado surpresa com essa porcaria — Henry era um profissional em quebrar e estragar tudo.

— Sinto muito, garota. Essa porta está me dando um pouco de dificuldade. Você pode subir na do meu lado.

Meus olhos sem esforço girava de novo, e eu caminhava para o banco do motorista, subindo, na esperança de não mostrar aos carros passando a minha roupa de baixo.

Dirigimos-nos em silêncio, e eu imaginava que era isso que os meus próximos meses seriam. Silêncios constrangedores. Interações estranhas. Cruzamentos estranhos. Henry poderia ter sido o cara na minha certidão de nascimento, mas quanto chegar a ser o meu pai, ele não era conhecido por sua capacidade de mostrar-se.

— Sinto muito sobre o calor. O ar condicionado maldito quebrou na semana passada. Eu não esperava esse tipo de calor aqui. Você sabia que deveria chegar perto das centenas ainda esta semana? Aquecimento global. Droga — Afirmou Henry. Eu não respondi, então acho que ele tomou isso como um convite para continuar a falar. Não foi um convite de qualquer espécie. Eu realmente gostaria que ele parasse de tentar conversa. Eu odiava conversa fiada. — Gabby disse que estava trabalhando em um livro, hein? Fui capaz de chegar ao Inglês avançado, como um grande professor. Eu sei que as pessoas dizem que contratam o melhor dos melhores, mas para ser honesto, isso só não aconteceu, apenas por algumas nozes maçantes flutuando — Riu de si mesmo.

Henry foi o principal assistente em Edgewood High School, que iria em breve ser minha escola depois desses últimos dias de férias de verão acabassem. Os últimos 180 dias da minha carreira colegial seria gasto com o meu pai biológico nos corredores. Perfeito.

— Não importa, Henry.

Eu o vi se sentir-se incomodado quando eu o chamei pelo seu primeiro nome, mas o que mais estava lá para chamá-lo? *'Pai'* parecia muito pessoal, e *'Papai'* parecia demasiado enfadonho. Então, era Henry. Baixei minha janela um pouco, sentindo-me oprimida por esta nova vida enchendo minha mente.

Henry olhou na minha direção e limpou a garganta.

— Sua mãe mencionou que tinha ataques de pânico ruins?

Revirei os olhos como um sinal de angústia adolescente. Verdade é que eu sofria de ataques de pânico ruins desde que tinha descoberto que Gabby estava doente. Mas não havia necessidade de Henry saber sobre isso.

Ele mudou de assunto... De novo.

— Estamos muito felizes que você está vindo para ficar com a gente — Disse ele.

Minha cabeça virou em direção a ele e meus olhos encontraram o dele olhando e volta para a estrada. Fiquei imóvel como uma lápide, precisando de respostas.

— Quem é *nós*?

— Rebecca...

Rebecca? Quem é Rebecca?

—... E seus filhos — Murmurou limpando a garganta de uma maneira desagradável.

Meus ombros endureceram e meus olhos alargaram.

— Há quanto tempo que moram com você?

— Há pouco tempo — Sua voz era suave, me implorando para não questionar o assunto com mais profundidade.

Eu não liguei para o que ele queria. Além disso, eu sabia que sempre que sua voz era suave como agora, ele estava definitivamente mentindo.

— Quer dizer, eles já viviam com você quando nos ligou em nosso aniversário este ano com três dias de atraso? — Seu silêncio respondeu minha pergunta. — E no ano passado? Será que eles vivem com você quando você se

esqueceu de ligar no nosso aniversário?

Com a boca torcida ele responde.

— *Merda*, Ashlyn. O que importa, afinal? Isso está no passado.

— Sim, e agora parece estar no meu presente — Voltei-me em minha cadeira, de frente para ele.

— Apenas alguns meses... — Sussurrou. — Eu só vivo com eles há alguns meses — Depois de vários minutos de silêncio, ele tentou novamente conversar comigo. — Então, que tipo de coisas você está no momento?

Sentindo-me cansada da longa viagem de trem e do estado atual da minha vida, eu suspirei, partindo a pequena unha preta do funeral de Gabby.

— Henry, não temos que fazer isso. Não temos que tentar compensar o tempo perdido. Afinal, ele está perdido. Você sabe?

Ele não disse muito depois disso.

Um fio solto pendurado no fundo do meu casaco. Eu o puxei e sorri para mim. Gabby teria me dito para não fazer isso, como ele iria arruinar completamente toda a pelagem. Dentro de um segundo, uma onda de tristeza caiu conta de mim. Fechei os olhos e tomei uma respiração profunda do ar quente.

Fazia quase três semanas desde que eu a perdi, e não houve um dia em que não tinha chorado. Chorei tanto que tinha ficado impressionada, quando as lágrimas continuavam formando.

As pessoas sempre disseram que iria ficar mais fácil depois de perder alguém. As pessoas diziam que, com o tempo, seria melhor. Mas eu não podia compreender como isso poderia ser verdade. A cada dia que passava só se tornou mais difícil. O mundo só cresceu mais escuro. A dor apenas se aprofundou.

Minha cabeça curvada em direção à janela do lado do meu passageiro, e quando abri meus olhos, limpei a única lagrima que descia na minha bochecha direita. Meu lábio inferior tremeu com a miséria contida. Eu não queria chorar na

frente de Henry ou qualquer um por aí. Eu preferia muito mais chorar sozinho nas sombras.

Desejei que Gabby ainda estivesse viva.

E desejei não me sentir tão morta.

A caminhonete de Henry entrou no caminho de cascalho de sua casa, minha casa temporária. Observei rápido os outros dois carros na garagem, um mais novo com aparência agradável preto Nissan Altima e um mais antigo azul Ford Focus.

A casa era enorme em comparação com o apartamento de dois quartos que eu tinha vivido toda a minha vida. Os arbustos da frente estavam perfeitamente cortados e uma bandeira americana balançava em volta para frente e para trás na brisa leve.

Não estou brincando, havia uma cerca branca. *Uma cerca branca!*

Havia três janelas no segundo andar da casa, e em uma delas, eu vi um cara com fones de ouvido, espreitar através de suas cortinas. Quando nossos olhos se encontraram, ele desapareceu com pressa.

Oh Meu Deus! Henry realmente vivia com outras pessoas. Quando ele saiu da caminhonete, deslizei do banco do motorista e sai. Antes que eu pudesse colocar o meu casaco, uma mulher – Rebecca –, apareceu em pé na minha frente. Me abraçando.

Por que diabos essa estranha está me tocando?

— Oh, Ashlyn! Estamos tão felizes que você está aqui! — Ela me apertou em seus braços ficando ao meu lado. — Deus é bom, trouxe você até nós. Foi enviada do céu, eu sei disso.

Pisquei uma vez e dei um passo atrás.

— Henry matou a minha irmã para que eu pudesse vir ficar com a família do meu pai distante?

Um silêncio doloroso apareceu, até Henry riu com o riso desconfortável que levou a Rebecca a ri nervosamente.

— Aqui, querida. Deixe-me pegar suas malas — Rebecca mudou-se para a parte de trás da caminhonete e Henry seguiu atrás dela. Eles começaram a falar baixinho para o outro como se eu não estivesse em pé a dois centímetros de distância. — Onde está a bagagem dela, Henry? — Ela sussurrou em um suspiro.

— Isso é tudo que ela tem.

— Uma mala? É isso? Senhor, eu só posso imaginar a sua vida em Chicago. Nós vamos ter que levá-la as compras.

Eu escutei, mas não reagi às suas palavras. Estranhos. Isso é tudo o que as pessoas atrás da caminhonete eram para mim. Então, quem eram eles para julgar e tentar descobrir a vida que eu tinha no passado, com a minha mãe e Gabby só fez sua ignorância muito mais clara.

Henry voltou para mim, com a minha mala na mão, e Rebecca seguia de perto.

— Vamos lá, Ashlyn. Deixe-me mostrar o interior.

Entramos no hall de entrada, fiquei chocada quando vi um retrato, quadro enorme de sua agradável família pendurada na parede. Havia uma garota morena, que era a cara de Rebecca, olhos azuis e tudo.

Ela tinha a minha idade, mas alta em seu suéter e sai até os joelhos. Ao lado de Henry estava um menino que eu vi olhando pela janela. Havia um sorriso forçado nos lábios e um olhar estranho de confusão em seus olhos.

Henry percebeu que eu estava estudando a foto, e senti um nó na garganta. Sua boca se abriu, mas ele fechou-a rapidamente quando as palavras não vieram à sua mente.

— Você tem uma linda família, Henry — Eu disse secamente, passando para a sala de estar. A menina morena da fotografia estava sentada lendo um livro de

grandes dimensões, em uma cadeira com aparência macia.

Ela se levantou de sua cadeira quando ouviu-nos entrar, e um grande e aquecimento sorriso.

— Oi. Você deve ser Ashlyn. Sou Hailey. Nós ouvimos muito sobre você — Ela parecia genuína em suas bem-vindas, mas eu sabia que não poderia devolver o sorriso.

— Sim? Eu gostaria de poder dizer o mesmo.

Ela não vacilou no meu comentário rude, ainda continuava sorrindo.

Rebecca foi para trás de mim e colocou as mãos nos meus ombros. Eu realmente queria que ela parasse de me tocar.

— Hailey, você pode mostrar Ashlyn o seu quarto?

— Estamos dividido um quarto? — Perguntei, odiando a ideia, porque eu estava precisando urgentemente do meu próprio espaço.

— Sim. Espero que esteja tudo bem. Não se preocupe. Eu não sou uma pateta — Hailey sorriu e pegou a minha mala de Henry. Estendi a mão para ela, dizendo-lhe que eu poderia lidar com isso, ela se recusou. — Está tudo bem. Confie em mim. Provavelmente vamos odiar uns aos outros em breve, por isso podemos muito bem ser boas para o momento — Brincou.

O quarto dela era rosa. Como, *muito* rosa. Quatro paredes cor de rosa, o edredom cor de rosa, cortinas cor de rosa. Havia uma estante com troféus e fitas de todos os tipos. Andar a cavalo, futebol, concursos de ortografia. Ficou claro que Hailey e eu tínhamos crescido em um diferente estilo de vida.

Você pode imaginar? Uma estante com nenhum livro.

— Limpei as duas primeiras gavetas para você e o lado direito do armário — Hailey pulou em sua cama, que era do outro lado da minha. Sentei-me também, passando minhas mãos sobre o que parecia ser um cobertor caseiro. —Então meu pai disse que você é de Chicago — Ela comentou.

Eu me encolhi com sua escolha de palavras.

— Você chama Henry de *pai*?

Ela encolheu-se de volta para mim.

— Você chama seu pai de *Henry*?

Isso tudo começou a ser demais. Eu queria perguntar quanto tempo ela vivia com Henry, quanto tempo ela o chamava de pai, mas não queria saber as respostas.

Depois de colocar a minha mala na cama, sentei no colchão e cruzei as pernas. Abri a mala e fui surpreendida por senti o cheiro do perfume favorito de Gabby flutuou do interior.

Quando vasculhei a mala, peguei todos os vestidos favoritos de Gabby e suas roupas confortáveis favoritas. Sua coleção de CD que estava ao lado, e eu olhava para suas músicas favoritas, que gostávamos de escutar na sala de estar nas manhãs de domingo, enquanto comíamos ¹⁰Cap'n Crunch e ¹¹marshmallows.

— Vocês duas eram próximas? — Disse Hailey. Em seguida, revirou os olhos para a sua pergunta. — Essa é uma pergunta estúpida. Desculpe. Quero dizer sinto muito pela sua perda.

Olhei em volta para fotos de Hailey na parede e vi mais fotos e imagens de seus familiares e amigos, bem, um amigo e um cara com os braços em volta da sua cintura.

— Este é Theo, meu namorado. Bem, mais ou menos. Estamos dando um tempo durante o verão para meditar e descobrir o que é que nós queremos do nosso relacionamento. Então, quando a escola começa, vamos ver se estamos na

¹⁰ **Cap'n Crunch** é uma [linha de produtos](#) de açúcarados [de milho](#) e [aveia cereais matinais](#) introduzido em 1963 [\[1\]](#) e fabricado pela [Quaker Oats Company](#), uma divisão da [PepsiCo](#) desde 2001 Cap'n Crunch foi desenvolvido para lembrar uma receita com açúcar mascavo e manteiga sobre o arroz, e o cereal de inovação necessário um processo de cozimento específica como foi um dos primeiros cereais para usar um revestimento de óleo para entregar o seu aroma. [\[2\]](#)

¹¹ **marshmallow** é um [confeito](#) que, em sua forma moderna, consiste de [açúcar](#) ou [xarope de milho](#), [clara de ovo](#) batido, [gelatina](#) previamente amolecida em água, [goma arábica](#) e [flavorizantes](#), batidos até tomarem uma consistência esponjosa.

mesma vibe um com o outro.

O olhar vazio que direciono no seu caminho a fez rir.

— Theo estuda budismo, e aprendi um pouco sobre isso. Alguma de nossas interações mais poderosa consistia em fazer yoga juntos, liberando toda a energia negativa de nossos corpos.

Minha mãe tinha feito yoga nos fim de semana. Ela não tinha se apegado, mas disse que se sentia mais como ela mesma durante esse tempo que já tinha. Eu não sabia o que dizer para Hailey, porque ela era meio estranha. Não estranha como eu, mas estranha como ela.

Estava convencida de que todos no mundo tinham uma forma de estranheza neles. E o mais legal, pelo menos eu esperava que sim, era a ideia de que havia alguém lá fora tão peculiar como você era. A ideia de encontrar o seu outro esquisito era tão atraente para mim.

Eu ainda estava procurando por isso.

— Ele quer que eu tenha relações sexuais — Hailey deixou escapar, e eu podia sentir meu rosto corar. *Ohmeudeus!* Ela continuou. — Eu estou esperando. Tipo por que estamos em nosso tempo.

Eu não sabia o que dizer a ela, porque o seu comentário foi muito pessoal e eu nem sabia seu sobrenome. Eram todas as pessoas em Edgewood Wisconsin, à frente como Hailey? Será que as meninas apenas falam sobre seus encontros sexuais e outras coisas como se não fosse algo privado?

Eu caí na minha cama. No teto havia um mural pintado de um céu com nuvens e pássaros. Hailey deitou-se na cama e olhou para cima, também.

— Theo me ajudou com isso. Ele disse que ajuda a equilibrar minha energia e traz paz no meu espaço pessoal.

— Hailey, sem ofensa... Mas você é realmente estranha para alguém que é tão bonita.

— Eu sei, mas acho que é de onde recebo minha coragem.

Eu pensei que ela estava certa. Ser bonita e esnobe era tão clichê, mas sendo bastante excêntrica? Agora era algo digno de nota.

O cara que estava me olhando da janela mais cedo entrou no quarto e com a cabeça voltada diretamente para Hailey.

— Posso usar seu carro?

— Aonde você vai? — Perguntou Hailey, a seu irmão mais novo...? Ele parecia mais jovem. Não muito.

— Sair.

Ela estendeu a mão para a escova em sua mesa de lado e começou a passá-la através de suas longas mechas de cabelo.

— Ryan, você conheceu Ashlyn?

Ryan olhou para mim com um olhar tão maçante que tinha sido um insulto se eu não tivesse retornando a mesma expressão entediada no seu caminho. Ele suspirou profundamente, voltando-se para a irmã.

— Chaves.

— Será que meu pai disse que você poderia sair?

Ryan tirou uma caixa de papelão dos bolsos das calças de brim, abriu-a e tirou um cigarro invisível, que ele invisivelmente acendeu. Grande. Eu estava vivendo com crianças loucas.

— Ele não é nosso pai, Hailey. Cristo! Ele é pai *dela* — A mão de Ryan fez um gesto em direção a mim.

— Poderia ter me enganado — Murmurei, tirando o resto das coisas da minha bolsa.

Ryan se virou para mim, desta vez com um olhar de prazer em seus lábios.

Ele piscou e seu olhar voltou para Hailey.

— Isso é um sim ou um não?

— Não.

— Ugh. Você está arruinando a minha vida — Ele andou até ela e deixou-se cair na cama.

— Oh, cresça, Ryan — Hailey continuou escovando os cabelos e olhou para mim. — Não se preocupe com ele. Está nesta estranha fase: *'Eu odeio o mundo'* — Fase da adolescência.

Bem, pelo menos eu poderia me relacionar com uma das pessoas nesta casa. Menos a parte adolescente.

— Não dê ouvidos a ela. Ela é estranha, hippie: *'Eu amo o mundo'* — Fase da adolescência — Ryan sorriu, sentando-se. — Eu sou Ryan Turner.

— Ashlyn.

— Nome Legal.

— Minha mãe gostou dos nomes Gabrielle, Ashley, e Lynn e não poderia escolher. Assim, tornou-se Gabby, Gabrielle e eu me tornei Ashlyn — Olhei para os dois sentados perto de mim e estreitei os olhos. — Quem é mais velho?

— Eu — Hailey sorriu.

Ryan revirou os olhos.

— Pela idade emocional, talvez. Por idade física? Eu tomo a coroa.

— Eu sou um júnior. Ele é um sênior Nós somos gêmeos irlandeses. Nove meses de intervalo — Hailey riu, empurrando o irmão no ombro de forma emocional.

— Por que você não tem um carro, Ryan?

— Porque minha mãe me odeia.

— Ela não te odeia — Hailey argumentou.

Ele deu-lhe um olhar sarcástico, e Hailey franziu a testa como se Ryan estava dizendo a verdade. Ele deu de ombros.

— Você realmente não vai me deixar usar seu carro?

— Não.

— Mas... Eu não vi — Ryan fez uma pausa e olhou na minha direção — Você-sabe-quem.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Quem é você-sabe-quem?

Ryan e Hailey trocaram olhares, tiveram uma conversa completa em profundidade com os olhos e alguns movimentos de mão. Eu assisti os gêmeos irlandeses silenciosamente interagir uns com os outros e senti como se estivesse assistindo a um filme de Charlie Chaplin.

Foi um lembrete de como Gabby e eu costumávamos nos comunicar sem palavras, apenas com olhares. Gostaria de saber se Ryan e Hailey sabia a sorte que tinham. Também me perguntei se eles sabiam como amaldiçoado eles eram.

Ryan jogou as mãos para o ar em frustração para a irmã e se levantou.

— Eu vou para a cama — Disse ele, ignorando minha pergunta. — Prazer em conhecê-la, Ashlyn.

— Você também — E ele se foi. Dei a Hailey um olhar confuso.

Ela encolheu os ombros.

— Ele é muito seletivo com quem ele compartilha detalhes — Fez uma pausa. — Ele tem muita coisa acontecendo em sua vida.

— É bom saber que sua família não é tão perfeita como o seu retrato — Eu disse, puxando meu coque bagunçado para baixo só para lançá-lo em um coque mais bagunçado em cima da minha cabeça.

— Nenhuma família é perfeita.

Abri a boca e fez uma pausa quando Henry colocou a cabeça para dentro do quarto. Timing perfeito.

— Vocês, crianças, tudo bem?

Hailey assentiu.

— Yup. Apenas nos preparando para dormir.

Ele sorriu e virou para o meu caminho.

— Há pizza na geladeira, se você estiver com fome, Ashlyn. E se precisa de mais...

— Eu não estou — Rapidamente falei para levá-lo a sair.

As rugas em sua testa se aprofundaram quando ele esfregou as mãos contra as sobrancelhas.

— Tudo bem. Boa noite.

Ele saiu do quarto, e Hailey soltou um longo assobio.

— Vocês dois são porta-vozes para interações difíceis.

— É estranho ele ser o diretor-assistente na escola? Quer dizer, eu quase não o vi toda a minha vida, e agora estou vivendo com ele e ele vai estar na escola comigo, também. Isso é muito em 24 horas, vê-lo tanto. É como uma sobrecarga de Henry.

— Ele não é tão ruim quanto você pensa, uma vez que você começa a conhecê-lo. Basta dar-lhe uma chance.

Uma vez que eu venha a conhecê-lo?

Uma estranha me dando conselhos sobre o meu pai biológico.

O que havia de errado com essa foto?

Capítulo 4

DANIEL

*Eu não achava que me importava quando eu o fechava para fora.
Mas agora, esses dias você é tudo que eu penso.
~ Romeo's Quest*

Eu fui até a casa do lago, com os meus companheiros de banda, Randy, no banco do passageiro. Mudei para a casa depois que me formei na faculdade em maio para ajudar a cuidar do pai. Tinha sido um ano difícil desde que mamãe faleceu, e ele só tinha ficado mais difícil com o passar do tempo e o meu pai perdendo a batalha para a sua insuficiência hepática.

— Você tem certeza que está tudo bem eu ficar aqui? — Perguntou Randy, puxando o seu saco e seu violão.

Sorri em sua direção e dei de ombros. Randy era meu melhor amigo e tinha sido durante anos. Eu tinha estado com sua irmã Sarah por mais de três anos, quando éramos mais jovens. Provavelmente ainda estaria com ela hoje se o acidente não tivesse acontecido.

Era para eu pegar meu irmão, Jace, por alguma coisa pela qual ele foi preso, mas eu tinha estado no trabalho. Mandeí uma mensagem para Randy, para ver se ele poderia pegar Jace, mas ele não respondeu. Então liguei para Sarah e ela disse que faria, e em seu caminho para casa, um motorista bêbado bateu de lado. Ela morreu com o impacto.

Eu me culpava por pedir para ela ir pegar Jace.

Jace se culpava por estar na festa.

Randy se culpava por ter perdido sua irmãzinha.

Todos nós três tínhamos lidado com a perda de Sarah de forma diferente. Eu me afogado em minha música e meus estudos. Jace tinha ido a usar drogas e vender, tentando parar de se lembrar o que tinha acontecido naquele carro. Ele a assistiu morrer, mas nunca falou disso. E Randy...

Ele tinha praticamente se tornado um cara selvagem que tenta qualquer coisa uma vez. Eu nunca soube onde sua mente estava ou que tipos de coisas estranhas que estava se metendo quando não estávamos trabalhando com a banda. Ele era uma espécie de conhecimento aleatório onde quer que fosse. Nunca culpou Jace ou a mim pelo o que havia acontecido com sua irmã. Nunca tinha guardado raiva ou a vingança em seu coração.

Pensei na questão, me perguntando se eu estava bem com ele ficar comigo. Como eu poderia não estar?

— Não seja estúpido. Você precisava de um lugar para ficar — Olhei para a casa — E eu tenho um lugar para você ficar.

— Obrigado, cara. Isso significa muito para mim. Provavelmente só vou precisar por alguns meses até descobrir algumas coisas — Ele fez uma pausa e olhou para trás na minha direção. — Você está bem, Dan?

Dei-lhe um sorriso tenso e assenti.

— Tenho algumas cervejas na geladeira, se quiser. Vou dar uma corrida à beira do lago. Os outros caras devem estar aqui, em poucas horas para ensaiar.

— Danny, estou preocupado com você. Todos nós estamos — A preocupação era evidente em seu tom de voz, encharcada de desculpas para a minha vida.

— Por quê? — Perguntei, esticando meu braço sobre o meu corpo para soltar.

Ele olhou para mim como se eu tivesse crescido três cabeças.

— Seu pai morreu na semana passada e você está agindo como se nada tivesse acontecido.

— Randy, as pessoas morrem. Nós dois sabemos disso.

Randy tinha perdido a mãe há um tempo, e seu pai nunca tinha estado na imagem. Tudo o que ele tinha era Sarah até o dia do acidente. Então, se alguém sabia o que era lidar com a morte, éramos nós dois.

— Sim, é só que... Depois de sua mãe e as coisas com Jace... — Suas palavras saindo fora. — Eu só quero que saiba, estamos aqui para você. Se precisar de nós. Eu sei que por um tempo minha mente estava em locais escuros com a morte de Sarah. Antes que minha mãe morresse, me pediu para cuidar dela e eu não consegui. Isso me corroeu. Isso ainda ocorre às vezes — Ele fez uma pausa e mudou ao redor. — Então, sim, se você quiser conversar, eu estou aqui.

Havia dois tipos de luto. Um, era o tipo quando uma pessoa abria seu coração para o mundo, nunca tomando nada como garantido, e vivia cada dia ao máximo. Em seguida, houve o tipo de luto, onde uma pessoa fechava seu coração ao mundo e vivia em seu próprio mundo, incapaz de se conectar com os outros.

Eu definitivamente não era a primeira opção.

Engoli em seco.

— Você deve praticar os acordes, *já passou*. Parecia um pouco fora quando tocamos a última vez — Olhei para o meu relógio. — Estarei de volta em algum tempo.

Comecei a ir em direção ao barco em uma corrida lenta, mas não demorou muito para pegar velocidade.

Depois das minhas corridas, eu sempre acabava voltando ao mesmo lugar, no cais, olhando para o local onde o pior momento da minha vida aconteceu. Esfreguei meus braços tantas vezes. Fiquei surpreso da minha pele não ter sido arrancada. Dobrando os joelhos, eu me abaixei e olhei em direção à grama.

Eu gostaria de poder esquecer.

Gostaria de poder esquecer.

Gostaria de poder esquecer, porra!

Mas em vez disso, fechei os olhos, respirei fundo, e eu me lembrava.

Chegamos ao hospital, mas minha mãe tinha ido embora antes mesmo da chegada da ambulância. Jace estava enfaixado, em seu olho foram dados alguns pontos, mas ele estava vivo. Merda, se você me perguntasse. Ele tinha acabado de fazer a nossa mãe ser assassinada, mas tudo o que recebeu foram alguns pontos.

Ele sentou-se na sala de espera enquanto papai falava com alguns policiais. Ele não tinha parado de chorar o tempo todo. Eu nunca na minha vida vi meu pai chorar, nem mesmo depois que ele descobriu sobre o seu estado de saúde.

Fui até Jace e ele se levantou. Nós não dissemos nada. A parte de trás da minha garganta estava seca, áspera. Ele me puxou para um abraço.

— Eu vou descobrir quem fez isso, Danny. Juro por Deus, eles não vão fugir.

Segurei-o com força em meus braços e balancei a cabeça.

— Eu sei, Jace.

— É minha culpa. Mas prometo a você, eu vou fazer isso direito.

Minhas mãos enrolado em volta da cabeça do meu irmão, e coloquei minha testa contra a dele.

— Eu sinto muito, Jace... — Murmurei, antes que ele se afastasse de mim, parecendo confuso.

— O quê? — Perguntou ele, antes dele se virar e ver os policiais marchando em sua direção.

Um dos policiais tirou as algemas. Escutei o oficial ler para Jace seus direitos. Tudo se tornou um borrão quando o levaram preso por tráfico de drogas, com evidências que haviam coletado de mim antes. Jace olhou para mim em confusão, mas depois veio a perceber o que estava acontecendo e gritou.

— Você me dedurou? Nossa mãe morreu, Danny! Mamãe está morta — Gritou, seu rosto ficando vermelho. — Eu sou seu irmão! — Sua voz estava rachando, mas seus gritos ainda eram altos. — Você é um rato! Mamãe está morta e você está me trancando!

Sua voz ecoou pelos corredores.

Sua voz ecoou em minha alma.

Memórias eram assustadoras, como poderiam quebrar simplesmente seus próprios pensamentos.

Eu pisquei e afastei olhando para o local onde a mamãe morreu. O sol quente batia contra a minha pele. Movendo-se para a beira do cais, tirei meu tênis e meias. Meus pés caíram na água fria e eu estava de volta na doca.

Eu pretendia arrumar o cais em breve. Planejei arrumar a casa toda, na verdade. Só não sabia como papai e mamãe iriam querer isso.

Eu realmente não tinha permitido meu cérebro lidar com a morte do meu pai ainda, eu ainda estava um pouco em estado de choque por mamãe. Não importa o que, não importa quantas vezes você lida com isso, a morte nunca ficava mais fácil.

Não havia ninguém que eu pudesse realmente falar sobre isso. Meus amigos não entenderiam mesmo que eu tentasse explicar. Além disso, não queria fazê-los sentir como merda, como eu me sentia em uma base diária.

Mas houve um momento em que eu vi alguém que pode entender, com base exclusivamente em seus olhos. Seus olhos eram surreal, assombrados mesmo. Verdes, olhos poderosos que parecia tão triste. Quebrado. Lindo.

Meus olhos fecharam, e imaginei menina do trem. Meus músculos se contraíram de minha corrida, e eu respirava fundo, tentando me lembrar de tudo sobre ela. Ela sabia o que era estar perdido, sozinho. Eu tinha visto isso cada vez

que ela piscou os olhos e seus grossos e longos cílios baixavam.

Eu deveria ter perguntado o nome dela. Deveria ter me sentado em cima da minha bagagem ao lado dela. Ela sorriu quando eu tinha citado Shakespeare, mas ainda havia um pouco de tristeza persistente nas curvas de seus lábios. Estava aflita por algum tipo de dor, e eu a tinha visto comendo-a viva — Da mesma forma que a minha tristeza estava me destruindo. E nada nem ninguém pode impedir que isso aconteça.

Uma parte de mim não quer que ela pare. Uma parte de mim achava que merecia o sofrimento. Mas para a vida, eu não podia acreditar que aquela menina merecia ser tão triste. Secretamente tinha a esperança de que algum dia alguém poderia fazê-la sorrir, sem as linhas de expressão.

Eu esperava que um dia ela fosse ficar bem.

Capítulo 5

ASHLYN

*Toque-me quando você se for.
Deixe-me quando você estiver perto.
Ama-me com os meus pedaços quebrados.
~ Romeo's Quest*

Os próximos dias, eu fiz o meu melhor para manter a mim mesma. Não falei muito, mas permiti que a minha mente se mantivesse funcionando nessa esteira maldita na minha cabeça. Descobri que a família de Henry gostava de comer o jantar juntos, todas as noites, e eu pensei que era legal da parte deles me convidarem para comer com eles.

Mas eu sabia que não me encaixava em sua mesa. Rebecca tirou uma cadeira dobrável para eu sentar. Havia um pedaço de metal no banco, que bateu para a minha coxa esquerda, mas eu não reclamei.

Rebecca cozinhava um monte de comida. O suficiente para alimentar um exército. Quando nos sentamos, eu fui mexer a minha comida e Rebecca levantou a mão.

— Querida, nós oramos antes de comer em primeiro lugar — Ela me deu um sorriso gentil, mas eu podia ver um pouco de decepção que nem sequer pensei em fazê-lo. — Henry, você pode fazer de novo?

Eu ri e xinguei, baixinho.

— Pois bem — Todos os olhos se voltaram para mim. Meus olhos foram para Henry, confusão preenchendo. — Você reza?

— Você não? — Rebecca falou.

Senti-me uma pecadora pela simples pergunta.

A resposta foi não.

A estranheza da situação, em conjunto e cheguei a uma forte resolução. Eu não sabia nada sobre Henry e esta família parecia saber tudo. Sabia que era estúpido, mas uma parte de mim ficou muito triste com isso. Por que você que aqueles que você ignorava a amasse mais?

Henry fez uma oração enquanto todos fecharam os olhos e seguravam as mãos. Bem, quase todos. Apenas sentei e olhei para todos eles durante esse tempo. Ryan nunca fechou os olhos também.

— Amém — O grupo murmurou junto e abriu os olhos. Eles começaram o jantar o bife na frente deles.

Hailey não tinha um bife em seu prato. Ela nunca tinha qualquer tipo de carne na hora do jantar. No outro dia, me disse que matar e comer animais inofensivos eram um ato terrível. Disse que era contra a ordem natural das coisas, que as pessoas não deveriam comer carne. Então ela parou.

Eu achava que ela nunca tinha estudado o fato de que os leões nunca hesitaram em comer uma gazela se eles estavam com fome.

— Oh, Ryan e Hailey... Não se esqueçam. Vocês estão ensinando Estudo da Bíblia amanhã — Ela pode não ter notado, mas eu assisti como seus dois filhos reviraram os olhos.

Amanhã é domingo, o que significava que hoje era sábado. Quase tinha esquecido meu convite para o bar do Joe para ouvir o Sr. Olhos Bonitos tocar. E por — *Quase* —, eu queria dizer que estava pensando sobre isso desde que o vi. Estava principalmente animada para conhecer seu nome, vendo como eu só o tinha chamado de Sr. Olhos Bonitos.

— Acho que estou subindo para me arrumar para sair.

Henry levantou uma sobrancelha.

— Ir para onde?

Dei-lhe um olhar de — SÉRIO.você.está.preocupado.sobre.meu.paradeiro — e ele suspirou. Então me deu um olhar de — SÉRIO.não.é.por.causa.do.seu.paradeiro — Suspirou.

— Eu lhe fiz uma chave. Está pendurada na sala da frente — Disse Henry quando me levantei da mesa.

Bem, isso era bom.

Vestida e pronta para sair, abri a caixa de madeira e tirei minha lista, olhando para todas as opções. Eu sabia que precisava de uma nota de Gabby. Eu só tinha encontrar uma maneira fácil para chegar a uma sem quebrar suas regras de apenas abrir uma carta quando realizar algo da lista.

O relógio na cômoda dizia ser nove e meia da noite, Hailey entrou na sala e sorriu para mim.

— Só chegou há poucos dias e já está tentando sair — Riu.

— Não... Não é isso. É só que...

— Muita mudança? — Perguntou, terminando o meu pensamento antes que eu até pensasse isso.

Balancei a cabeça e não pude deixar de sorrir quando ela se levantou e me jogou as chaves.

— Leve o meu carro. É o Ford Focus. Não vou perguntar onde você está indo, porque eu sou uma péssima mentirosa. Eu teria que trair você, e me sentiria mal.

— Obrigado — Peguei um par de CDs da minha coleção e levei para o carro me preparado para fazer minha saída sem ser vista por Rebecca ou Henry.

— Bem-vinda. E Ashlyn? — A voz dela aumentou quando pegou a garrafa de loção facial e começou a aplicar em sua pele. — Não é tão ruim aqui.

— Sim. É só que eu sinto falta de *lá*. Volto mais tarde.

No carro de Hailey, escutei a música estridente no aparelho de CD. Olhei para o banco do passageiro, e por um momento de visão, eu podia jurar que vi Gabby sentado lá cantando junto comigo. Ao longo das últimas semanas, que não tinha sido incomum para eu sentar e conversar com ela como se realmente estivesse lá, para tentar imaginar o que diria, como iria me confortar.

— Mamãe não ligou. Seja qual for... Não importa. Você pode acreditar que Hailey chama Henry de pai? — Murmurei para minha irmã invisível. — Eu não tenho ciúmes nem nada. É só que... Estranho — Olhei para a cadeira vazia e mordi meu lábio inferior.

Ela não respondeu.

Porque quando as pessoas morriam, eles levaram as suas vozes com eles? Me perguntei se eles sabiam o quanto as pessoas deixadas para trás matariam por ouvir seus sons uma última vez.

Enquanto dirigia pela rua principal, vi que havia um grupo de fumantes pendurado de fora de um bar. *Bar do Joe*. Puxei para o meio-fio, colocar o carro no estacionamento, e sai.

Em um sinal de quadro-negro sentado perto da porta lia-se as palavras: *Música ao Vivo. Tiros pela metade do preço. Dois dólares a cerveja*. Balões azuis e roxos foram amarrados ao sinal. Vi como um dos fumantes brincou com seus

amigos e desatou um dos balões, liberando para o ar quente. Ele flutuou para cima, para cima, para cima e para longe, permitindo que o vento guiasse os seus padrões de viagem.

Franzi os lábios e soltei um pouco de ar em direção ao objeto voador. Às vezes eu queria que fosse assim tão fácil. Simplesmente se levantar e voar, voar para longe. Olhando para a minha lista, eu li o que estava esperando realizar naquela noite.

14. Dança em um bar.

Eu poderia fazer isso, mesmo que realmente não quisesse isso, mas significava uma carta da minha irmã.

O porteiro olhou para mim, verificou minha ID, e colocou um grande selo preto, feio, na minha mão um sinal instantâneo que eu era menor de idade e não devia ser autorizada a tomar uma bebida ou cinco. Eu esperava que, uma vez que o Sr. Olhos Bonitos tinha me dito desde o início.

O que eu não esperava eram as emoções quando entrei. Tantas lembranças voltaram correndo para mim, em pé no interior do bar. A banda estava se pondo no palco, e engasguei com lágrimas que estavam lutando para derramar. *De onde é que isso veio?* Por que eu sinto vontade de chorar?

— *Eu vou fazer isso* — Gabby sorriu, olhando para o palco quando passamos pelo bar. — *Quando eu ficar melhor, a primeira coisa que vou fazer é cantar neste bar.*

Revirei os olhos, rindo da minha irmã.

— *Depois que você ficar melhor, o primeiro item de sua agenda é cantar em um bar sujo?*

— *O que eu posso dizer? Gosto de viver no limite.*

Dentro de um segundo, eu estava do lado de fora do bar novamente.

Movendo para o lado do edifício, senti minhas mãos suando e meus olhos lacrimejando. Era demais, todas as novas mudanças para a minha vida. Todas as coisas antigas que tinha sido tirada de mim. Eu não conseguia respirar. Não conseguia nem me mover mais. Fiquei curvada, chorando.

Ar encheu meus pulmões, mas eu não poderia exalar rápido o suficiente, levando-me a soluçar sobre as lágrimas. Eu estava certa de que seria apenas uma questão de tempo antes que meu corpo caísse para baixo no cimento quente. Meus joelhos começaram a provar o meu pensamento de desmaio, mas antes que eu pudesse cair, ouvi uma voz vinda do canto.

— Ei, você está bem? — Uma voz profunda e masculina sussurrou enquanto se aproximou de mim.

Minhas entranhas se apertaram quando ouvi seus passos se aproximando. Eu vi suas mãos chegar a minha direção e pulei fora da minha pele, querendo que ele não me tocasse. Ele deve ter notado a minha reação, e recuou.

— Eu sinto muito — Ele pediu desculpas, e eu dobrei meus joelhos, aproximando do chão.

Quando encontrei o seu rosto, tudo congelou. O mundo ficou em silêncio, e eu estava olhando para os olhos azuis brilhantes que fizeram oceanos na terra olhar aborrecido.

Lindo.

De tirar o fôlego.

Brilhantes.

Olhos azuis.

Ele era o Sr. Olhos Bonitos, e um pequeno suspiro caiu de meus lábios.

— Não vou tocar em você — Ele prometeu. — Não vou te machucar — Havia algo tão sincero quando ele disse as palavras para mim que quase acreditei nele. Fez questão de ficar a uma boa distância além de mim, mas ele estava bem perto,

também. Eu gostava de como o sentia perto. — Shh... — Seus sussurros gentis me trouxe o conforto que eu precisava.

Eu podia sentir seu perfume e creme de barbear à distância, o que fez cócegas em meus sentidos, me fazendo querer respirar mais profundo. Minha mão limpou toda a minha boca, quando voltei a uma posição ereta. Meus olhos caíram para o chão e vi como ele se levantou também. Me senti tão estúpida.

— Você está bem? — Questionou, mas a forma como tinha saído de sua boca fez soar como mais uma afirmação.

Balancei a cabeça, mas ainda senti as lágrimas caindo pelo meu rosto.

— Estou bem.

Ele franziu a testa e deu uma tapinha em seus bolsos.

— Desculpe. Eu não tenho qualquer lenço ou qualquer coisa.

As lágrimas caíram mais, provavelmente de constrangimento. Seus dedos percorreram o bolso de trás, onde tirou sua carteira. Estendeu a mão e pegou um canivete e eu ofeguei, dando um passo para trás. Ele viu minha reação e um forte nível de culpa tomou conta daqueles olhos azuis.

— Não vou te machucar, lembra?

Houve vulnerabilidade em sua voz, uma suavidade quase me fez querer olhar tão profundamente em seus olhos para que pudesse ver a eternidade. Este estranho me fez sentir bem, que foi algo que eu nunca tinha sentido. *Quem é você?*

Ele pegou o canivete e rasgou a manga de seu t-shirt branca. Então colocou a faca de volta em sua carteira, colocando de volta no bolso jeans. A manga descansou em suas mãos até que ele passou para mim. Olhei para ele, confusa, sem saber o que estava fazendo.

— Para as lágrimas — Instruiu. Olhei para ele por muito tempo, e ele suspirou. Colocou a borda da manga entre o polegar e o dedo indicador e esticou o braço para perto de mim. — Não vou tocar em você.

Cautelosamente, tendo a manga dele, limpei minhas lágrimas e o ouvi suspirar de alívio.

Levamos em uma respiração cada um, e ele não se mexeu até que minha respiração desacelerou a velocidade.

— Está tudo bem... — Repetiu enquanto deslizava as mãos nos bolsos das calças de brim. Eu podia *quase* ver sua construção musculosa debaixo de sua camisa. Podia *quase* abraçar sua alma, ele estava tão à vontade usando mangas naquela noite.

Bem... Em uma de suas mangas, pelo menos.

— Estou bem... — Respondi, ainda sentindo os joelhos querendo ceder. Eu perdi Gabby; dói tanto ficar em pé. Doeu chorar. Doeu estar viva. Tentei o meu melhor para evitar chorar mais, mas quando ele olhou para mim e inclinou a cabeça para a esquerda, estreitando os olhos, senti uma onda de emoção voar de volta para mim.

— Mas está tudo bem, se você não estiver bem — Sussurrou.

Eu soluzei em sua manga t-shirt por alguns minutos, depois disso, fiquei perdida na tristeza. Ele não se moveu. Não se cansou do meu colapso emocional. Apenas ficou lá, e por alguma razão, me senti abraçada, mesmo que ele nunca tenha me abraçado.

Eu me recompus.

Eu estava bem. Por enquanto, pelo menos. Dei de ombros e assuei o nariz na manga, fazendo um som muito pouco atraente. Ele riu levemente. Eu apenas me senti boba.

— Eu tenho que voltar... — Afirmou, parecendo desculpar-se por ter de partir, mas eu sabia que era realmente o momento perfeito para ele desaparecer. — Vou te ver lá dentro? — Disse.

Ele ainda queria me ver? *Depois disto?!*

Um aceno de cabeça foi tudo o que eu poderia lhe dar, e um aceno de cabeça era tudo que precisava. Sem hesitar, ele virou a esquina e desapareceu de volta para o bar, nunca olhando para mim. Meus olhos o seguiram, em silêncio, agradecendo por ser a parede distante que eu precisava para me aguentar.

Depois de alguns minutos juntos, eu retornei ao prédio, fiz o meu caminho para o bar, e pedi água com limão. A música ao vivo já havia começado, e os sons que enchia os meus ouvidos, Sr. Olhos Bonitos não estava errado. Eu *estava* indo para me divertir.

Olhando para baixo, vi seus CDs descansando no balcão do bar. Levantando um, me virei para o barman: — Quanto é isso?

— Dez dólares.

Joguei o dinheiro e agradei ao barman pela bebida e o CD. Parecia estranho, estar em um bar quando eu tinha menos de vinte e um. Houve um pouco de sentimento rebelde correndo através de mim, mesmo com a tinta preta na minha mão.

Virei-me e me aventurei em direção ao palco para assistir a performance da banda, já me apaixonando por sua vibração. Todos e cada um dos membros da banda pareciam à vontade, em sua zona de conforto.

Meus olhos congelaram no cantor. Lá, como um pássaro liberto, ele se sentou em um banquinho e cantou. Cantou como se nunca fosse cantar de novo, com a emoção em cada nota, os sentimentos em cada pausa. As luzes do bar piscaram por cima dele, e ele fechou os olhos, segurando o microfone perto de seus lábios. Seus olhos se abriram de novo e tiveram o amor e a delicadeza das estrelas brilhando.

Ele era lindo lá em cima. Não da forma bonito, mas da calma, estilo sussurro. Ele estava simples, com a sua t-shirt branca, que estava semi-embebida com seu suor e faltando uma manga. Estava vestindo calça jeans escura e uma corrente pendurada através de seu cinto, que ligava à carteira que estava descansando em seu bolso traseiro. Seus braços não tinham tatuagens, mas o

modo como ele segurava o microfone tão apertado exibiu seu físico.

E aqueles lábios. *Ohh aqueles lábios*. Meu rosto corou quando olhei para sua boca.

A música quase se extinguiu, mas depois estourou como uma inundação reprimida. Quanto mais alto sua voz tornava-se, mais vivia as palavras que ele cantava, ele adotou as rimas, a banda trabalhava como se fossem seus próprios filhos, e ele me inspirou. Sua voz era tão leve quanto à chuva, mas eu sabia que poderia criar uma tempestade rápida se ele a alimentasse.

Ele agarrou o microfone em suas mãos grandes e embalou como se fosse sua amante, e quando seus olhos olharam para a plateia, ele encontrou o meu olhar. Não desviei o olhar, eu não podia. Ele me hipnotizou, deixando-me em transe. Eu estava cem por cento, bem trancada em seus olhos.

‘Eu serei sua melhor amiga, querida, se você me disser o seu nome. Eu serei sua luz do sol quando você cansasse da chuva’. Os cantos de sua boca transformaram-se quando ele continuou a cantar. Seu sorriso só me fez sorrir. Quando foi a última vez que eu sorri? Ele acenou com a cabeça uma vez para mim, e terminou as palavras finais da canção, eu senti como se estivesse me dando um show privado.

‘Você pode ir embora e eu tenho certeza que vai dar tudo certo. Mas só para você saber, você vai ficar nos meus sonhos esta noite... ‘

Meus olhos se afastaram dele, o meu olhar cair no chão. A tonalidade rosada no meu rosto causou uma quantidade pesada de constrangimento. Meus olhos ficaram colados ao chão para as próximas músicas, e eu sem jeito bati o pé com a batida.

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz quando ele agradeceu ao público após a sexta canção.

— Vamos fazer uma pausa de quinze minutos. Obrigado por estarem com a gente esta noite, e lembre-se que temos CDs para vender no bar. Peguem outra

bebida ou duas, e fique por aqui para o show seguinte. Somos o *Quest Romeo* e estamos tão fodidos e amarrados em todos e cada um de vocês, belas pessoas que estão aqui esta noite.

Quest Romeo. Quando tinha surgido esse nome? Quem tinha ensinado os membros da banda a tocar os instrumentos? Como é que o baterista fez meu coração sorrir com suas habilidades?

E quem no mundo era o vocalista?

Eu sorri para o CD em minhas mãos e caminhei até uma cabine no canto de trás. Na seção 'muito obrigado' do CD, ele disse que seu nome era Daniel Daniels, e eu não pude deixar de sorrir ainda mais com a ideia.

— Oh Deus... Não me diga que você realmente comprou um daqueles CDs de baixa qualidade? — Olhei para cima para ver Daniel olhando para mim, e tudo que eu podia fazer era olhar para ele. Ele deslizou para dentro da cabine em frente a mim com uma cerveja na mão. Como algo formado em um sonho, ele sorriu para mim.

De repente, intimidada por um estranho, timidez vibrante, eu escovei meu dedo contra minha orelha esquerda.

— Seu nome é Daniel Daniels?

Ele sorriu tão facilmente como o sol brilhava e descansou os braços sobre o corpo.

— Meu pai queria me nomear Jack, mas minha mãe ficou preocupada que ele tivesse um problema com a bebida. Quando se trata de mau nome, bem... Minha mãe sempre teve um problema.

— Um problema duplo?

Ele riu levemente, esfregando a palma da mão contra o seu queixo.

— Um problema duplo é quando você tem um de algo que realmente ama, assim que você sair e conseguir a mesma coisa, só para o caso de o primeiro

quebrar ou algo assim. Quando ela se casou com o meu pai, estava amando a ideia de levar o sobrenome dele. Então eu acho que foi apenas justo que eu fosse o dobro para o último nome que amava.

Eu ainda era como uma pedra enquanto observava suas palavras saírem dos seus lábios, e curiosidade abalou o meu ser. Queria saber mais. Mais sobre o duplo problema. Mais informações sobre seus pais. Mais sobre ele. Eu queria saber tudo e qualquer coisa sobre o estranho que tocava música que tinha o poder de me fazer sentir bem por alguns momentos.

Queria saber mais sobre o estranho cuja letra tinha me envolvido e me puxou para longe da tristeza. Sua abordagem misteriosa me atraiu, e sua natureza amigável me manteve lá focada nele.

— Sinto muito sobre sua camisa — Eu disse, olhando para a manga em falta.

— É apenas uma camisa — Ele sorriu.

No entanto, eu sabia que era muito mais do que isso.

O silêncio voltou, e meus olhos foram para minha água, onde eu olhava para o limão por mais tempo. Quando olhei de novo, ele ainda estava sorrindo, e eu quebrei a cabeça sem nada para dizer, nada para me fazer não aparecer como uma menina de dezenove anos de idade em um bar.

— De onde você tirou o nome de sua banda? — Questionei.

— Shakespeare. A busca de Romeo para encontrar o amor.

— Esse jogo terminou tragicamente.

— Sim, mas eu não sei. Há algo sobre as histórias trágicas de Shakespeare. É como se todos nós soubéssemos como isso vai acabar, mas a aventura faz valer a pena. E a história é complicada, mas não tanto quanto as outras. Romeu ama Julieta, e ela o ama. Só a vida fica no caminho. Eu gosto de pensar que a busca valeu a pena.

— Isso é deprimente — Eu ri. Meu Deus... Quando foi a última vez que eu ri? Não tinha rido há tanto tempo que me sentia antinatural. E o aquecimento. E emocionante. E livre.

— Eu sou um músico. Deprimente é o meu nome do meio — Encostou-se na cabine acolchoado, fazendo-se confortável. Suas palavras, quase um sussurro, tropeçaram fora de sua língua. — Falando de nomes... Qual é o seu?

Eu queria impressioná-lo por algum motivo. Deslizando minha mão carimbada sob a palma da minha outra, eu sorri. Queria tirar todas as dúvidas de sua mente, por ele está sentado em frente de uma garota em um bar só porque ela tinha um carimbo com a menção de sua idade.

Limpando a garganta, eu me preparava para me envergonhar.

— *Por um nome não sei como dizer-te quem sou: Meu nome, querido santo, é odioso para mim...* — Quando em dúvida com o que dizer, ia para Shakespeare. Ele sempre tinha uma coisa boa ou dois para expressar.

— *Porque é um inimigo para ti. Se eu tivesse escrito, rasgaria a palavra* — Ele disse, terminando a minha frase. E dentro de um segundo, fui cativada por este belo estranho. Os lábios apareceram. — *Jesus*. Eu estaria mentindo se dissesse que não era sexy como o inferno ouvir uma bela mulher citando Shakespeare.

— Eu amo Shakespeare — Respondi um pouco animada com o fato. — Othello foi o primeiro que eu li na quinta série — Daniel parecia um pouquinho chocado com minha declaração. — O quê? O que é isso?

Ele passou as mãos pelo cabelo e se inclinou para frente.

— Nada. Eu só tenho que dizer... Não é todo dia que se sentar em um bar e conversar sobre Shakespeare. Minha coleção em casa é bastante impressionante, mas não exatamente me faz lembrar nos encontros.

— Sim, mesmo aqui. A maioria das pessoas acha que é estranho, minha paixão por Shakespeare. Minha irmã era a única pessoa que realmente entendeu

isso, mas ninguém mais. Ela era o meu ouro.

— Seu ouro?

— Todo mundo tem uma de ouro. Poderia ser qualquer coisa, uma música, um livro, um animal de estimação, uma pessoa. Qualquer coisa que te faz tão feliz que seu interior grita de alegria pura. Ela se sente como se estivesse drogada, mas melhor, porque é uma elevação natural. Shakespeare é o meu ouro.

— Eu gosto de como seu cérebro funciona.

Minhas bochechas ficaram aquecidas com seu comentário. Será que ele estava flertando comigo? Porque se alguma vez houve um tempo que eu queria uma pessoa para flertar comigo, era definitivamente enquanto nós estávamos falando sobre livros. Não havia nada mais sexy do que um de Idade proibida e inteligente, especialmente quando ele era capaz de fazer meu coração dar piruetas.

— Sua música me fez sorrir — Disse, tomando a minha água. — Eu não sorria tanto assim em um tempo, muito longo.

Daniel colocou seus braços sobre a mesa e entrelaçou os dedos. Estudou o meu rosto por um momento. O sorriso que ele deu baixinho encheu o silêncio como um discurso aperfeiçoado. Seus olhos perfuraram o meu espírito antes que dele desviasse o olhar e levantasse a cerveja.

— Isso é uma verdadeira vergonha.

— Por que isso?

— Porque quando o mundo dá a uma pessoa um sorriso como aquele, deve ser a única atividade que aqueles lábios nunca deixem de fazer.

Minhas bochechas se levantaram e corri as mãos pelo meu cabelo. Falando sobre meus lábios me fez pensar sobre os seus lábios, o que me fez pensar sobre coisas que eu não deveria ter pensando. Hora de mudar de assunto.

— Por isso, todas as suas músicas lidam com as diferentes peças de

Shakespeare, ou estava apenas sendo moderna ao ouvir as letras? — Perguntei.

Daniel inclinou a cabeça para o lado e sua boca se separou. Um olhar de espanto ficou em seu rosto. Eu gostava desse olhar. Ok, a verdade é que eu gostava de todos os seus olhares.

— Você é um negócio real, não é? A maioria das pessoas não pega isso, mas você sim. Cada canção é baseada em alguma das obras de ¹²Shakes.

— Isso é tão nerd e quente ao mesmo tempo. Eu não tenho certeza de como lidar com tudo isso.

— O que eu posso dizer? Eu sou um nerd.

Eu ri e tomei um gole do meu copo.

— Então, houve *Romeu e Julieta* é claro. Em seguida, houve... — Fiz uma pausa, tentando recitar a ordem exata de seu set list. — *Hamlet*, *Ricardo III*, *A Tempestade*, *Sonho de Uma Noite de Verão*, e *Otelo*?

A mão de Daniel sobrevoou seu coração e sua volta bateu contra ele.

— Case-se comigo — Brincou. Eu quase considerei, também. Os lábios de Daniel se separaram, e eu jurei quando suspirei apenas pela visão. — Então me diga, menina sem nome. O que você faz para viver?

— O que eu faço ou o que eu quero fazer? Essas são duas coisas diferentes, eu acho. Sou atualmente uma estudante esperando me tornar um dia uma autora.

— De jeito nenhum? Sério? — Ele parecia sinceramente interessado.

— Realmente, realmente. Como, *duplo* na verdade.

Ele riu e eu suspirei ao ouvir o som de sua risada. A forma como o seu sorriso esticava tão longe me fez pensar que estava realmente encantado.

¹² Shakes- um diminutivo para o nome Shakespeare.

— Bem, faça. Torne-se uma autora.

Foi a minha vez de rir.

— Sim. Porque é assim tão fácil.

Sua cabeça balançou para trás e para frente. Um olhar sombrio tomou conta dele e ele segurou sua cerveja no ar.

— Eu nunca disse que seria fácil. Só disse: faça. Além disso, as melhores coisas da vida não são fáceis. Elas são resistentes, são dolorosas, e são matérias-primas. Isso faz com que a chegada ao destino final, seja muito mais doce.

— Sim é só... — Minha voz sumiu, mas Daniel apareceu para ficar investido na conversa, nunca uma adulteração fora de tédio dos meus pensamentos. — Eu tinha uma coescritora.

— E? — Questionou.

— Sim, e eu não posso imaginar terminar o livro sem ela — Quando a minha boca fechou, comecei a ranger os dentes uns contra os outros, tentando lutar contra as lágrimas.

Daniel tomou nota da emoção, e sua mão se moveu sobre a mesa, pegando a minha mão na sua. Seu toque me eletrificou, enviando ondas de calor através de meus dedos.

— Sinto muito pela sua perda.

Cinco palavras. Cinco palavras de um estranho e um simples toque me deu uma sensação de vida que eu não tinha experimentado antes. Essa humanidade crua em sua abordagem foi tão acolhedora naquela noite.

— Obrigado.

Ele não segurou minha mão por muito tempo, mas eu perdi o seu toque quando ele se retirou.

— Talvez a chave seja começar a escrever outra coisa.

— Talvez. Mas eu realmente não posso dizer que estou pronta para fechar o livro atual.

Sua mão encontrou a parte de trás do seu pescoço e ele esfregou-a, rindo.

— Então eu vou respeitosamente calar a boca — Ele era bastante charmoso também. — Me desculpe, me aproximar de você assim. É só que... Quando eu te vi entrar no bar pela primeira vez, você parecia...

— Como o quê? — Perguntei ansiosamente.

Ele franziu o cenho.

— Como se tudo o que você já amou foi incendiado e não poderia ir embora até que assistisse a tudo queimar e virar cinzas. E tudo que eu queria fazer era abraçá-la.

Eu olhava para ele fixamente. Eu estava saindo com um estranho, mas eu não sabia mais o que fazer. Limpando a garganta, assenti uma vez. Mantive o meu olhar sobre ele, incapaz de desviar.

Daniel sorriu e virou-se para ver um dos membros de sua banda caminhando até a nossa mesa. *Nossa mesa?* Um pensamento interessante.

O membro da banda bateu as mãos nos ombros de Daniel e sorriu para mim. Ele tinha cabelo loiro desgrenhado que estava logo acima das sobrancelhas e os mais doces olhos castanhos que eu já vi. Um símbolo de paz pendurado no pescoço, e sua camisa verde-floresta de mangas compridas estava desabotoada sobre sua t-shirt branca.

— Espero que este perdedor não esteja lhe dando um tempo difícil — Brincou.

— Difícilmente — Eu sorri.

Ele estendeu a mão para mim. Eu aceitei o seu aperto de mão.

— Randy Donavon. Estou na acústica.

— É um prazer te conhecer. Você é incrível lá em cima.

Daniel suspirou profundamente.

— Não dê a ele mais arrogância.

Randy recuou e colocou as mãos sobre o peito.

— Arrogante? Eu! De jeito nenhum. Sou super-humilde — Colocou as mãos juntas em um formato de oração e se inclinou em direção a mim. — Obrigado, linda.

Eu ri com suas travessuras, e com Daniel, que estava revirando os olhos.

— Eu odeio ter que roubar Danny de você, mas temos que começar o próximo show... — Randy sorriu e deu um tapa nas costas de Daniel. — Linda, — Pegou a minha mão na sua e beijou —, foi maravilhoso conhecê-la.

— A você também, Randy.

Randy cutucou Daniel no braço e sussurrou: — Ela é quente — Antes de andar de volta para o palco.

Minhas bochechas aqueciam.

Daniel riu de seu amigo.

— Não se preocupe Randy. Ele é um pouco... Único.

— Eu gosto de único — Eu disse.

Ele levantou de seu assento e sorriu em minha direção.

— Você é intrigante. Eu gosto disso em você.

— Você sabe o que eu gosto de você até agora? — Perguntei balançando minha bunda ao redor em meu lugar. Ele me fez sentir como se não houvesse nada mais perfeito do que a cabine no canto de trás do bar do Joe.

— O que seria?

— Tudo — Quando eu disse a palavra, seu rosto se iluminou e aqueceu-me até os meus dedos dos pés para o topo da minha cabeça. — Divirta-se lá em cima — Eu disse, acenando com a cabeça em direção ao palco.

— Você vai ficar por aqui? — Ele perguntou, com um tom tão macio. Como um estudante fazendo uma menina vir ouvir a sua banda de garagem pela primeira vez.

— Sim.

— Promete? — Suas mãos escorregaram nos bolsos das calças de brim, e seus quadris balançavam para trás e para frente.

Corri meus dedos em toda a minha sobrancelha e me senti como se minhas bochechas estavam indo para quebrar de tanto sorri hoje à noite.

— Promessa, prometo.

Capítulo 6

ASHLYN

*Cinco minutos atrás eu estava sozinha.
Cinco minutos atrás eu andei sozinho.
Cinco minutos depois eu disse-lhe os segredos mais profundos da minha
alma
E quando você se virou, eu sussurrei, - Por favor, não vá.
~ Romeo's Quest*

O show continuou, e eu não conseguia tirar os olhos de Daniel pelo restante da noite. Eu poderia dizer que ele amava o que fazia, e apenas a ideia me fez feliz por ele. Quando a última música terminou, eu estava com o resto e aplaudido em reverência completa. Ele era brilhante. Toda a banda estava em êxtase. Gabby teria amado.

Quando Daniel olhou para mim, eu sorri e sussurrei as palavras: — Obrigado — E ele estreitou os olhos com um olhar confuso, que optei por ignorar. Eu saí, sabendo que tinha ficado fora mais tempo do que Hailey tinha pensado que eu estaria, e ela provavelmente estava tendo um ataque de pânico, pensando que eu tinha roubado o carro dela.

O ar quente se movimentava pelo meu cabelo. Indo para o meu bolso, pegar as chaves de Hailey, pronto para voltar ao lugar que eu ainda tinha que chamar de casa.

— Sem nome! — Ele gritou atrás de mim, e virei para ver o vocalista de aparência exausta correndo no meu caminho. — O que foi isso? Bater e correr? Você está indo sem um adeus?

Abri a boca e dei de ombros.

— Eu disse obrigado.

Ele deslizou as mãos nos jeans. Eu poderia dizer que a pequena brisa, provavelmente, se sentiu bem contra os seus braços nus depois de ter estado sob as luzes quentes no bar. Ele se aproximou de mim, e meu corpo ficou tenso.

— Eu pensei... — Ele fez uma pausa e riu. Eu pensei que ele estava rindo de si mesmo. Era claro que eu não tinha feito nada de engraçado. — Não importa. Foi bom conhecê-la — Estendeu a mão esquerda para fora em direção a mim.

— Prazer em conhecê-lo, também. Vá para dentro e tome uma bebida para comemorar. Você foi incrível lá em cima — Eu ri.

Ele não estava sorrindo com os lábios, mas seus olhos brilhavam com cuidado.

— Foi a sua irmã? Quem você perdeu?

Eu me endireitei, surpresa com suas palavras.

— Como você sabe?

Nossas mãos ainda ligadas, ele deu um passo mais perto, uma polegada.

— Quando você contou a história sobre o seu ouro, você falou sobre ela em tempo passado.

— Oh — Isso era tudo que eu poderia dizer. Eu não sabia o que mais poderia ser dito, e só de pensar em Gabby, enquanto estava em pé na calçada estava enviando ondas de lágrimas.

— Ainda dói?

— Ainda fresco e feio.

— Minha mãe morreu um ano atrás. E sexta-feira passada perdi meu pai para insuficiência hepática — Ele deu um passo um centímetro mais perto.

Minha boca caiu aberta.

— Você só perdeu o seu pai e está realizando um show em um bar?

— Eu estou muito ferrado — Ele sussurrou, batendo com o dedo contra a sua cabeça. Eu sabia como era o sentimento — Ele era um professor de Inglês. A banda foi ideia dele, na verdade, uma banda com o tema Shakespeare. Apenas meu pai poderia vir com isso — Ele fez uma pausa. — As pessoas dizem a você que ao longo do tempo vai ficar mais fácil, mas...

— Só fica mais difícil — Disse eu, entendendo completamente e me aproximando dele.

— E fica velho para todos ao seu redor. As pessoas se cansam de você trazendo para cima. As pessoas ficam sobrecarregadas por sua tristeza. Então, você age como se não doesse mais. Só assim pode impedir as pessoas de se preocupar com você. Só assim não vai incomodar ninguém com o seu sofrimento.

— Você quer saber de uma coisa que parece loucura? — Eu me senti um pouco louca para falar com um completo estranho sobre a perda de um membro da família, mas a verdade é que ele era a primeira pessoa que parecia entender de onde eu estava vindo. — Quando dirigi até aqui, eu podia jurar que minha irmã gêmea estava sentada ao meu lado no carro.

Eu vi como seus olhos se encheram com um olhar de desespero. As palavras — *irmã gêmea* — provavelmente tinham se destacado através de sua mente, dando-lhe aquela expressão de dor. Sentia-me mal em tê-lo feito se sentir mal. Uma pessoa como ele deve sempre se sentir bem.

— Está tudo bem — Sussurrei. — Eu estou bem.

Ele trocou os pés ao redor.

— Às vezes eu juro que posso cheirar fumaça de charuto favorito do meu pai flutuante em torno de mim.

Nós ficamos no silêncio de nossos pensamentos por um momento e olhei para nossas mãos, que ainda estavam presas no nosso aperto de mão de 'boa noite'. Em seguida, um riso nervoso aconteceu. Eu não tinha certeza se era o riso

ou o meu nervosismo.

Quebrei o silêncio e dei um passo para trás. Olhando em seus olhos azuis, pisquei uma vez, na esperança de não perder muito de seu olhar.

— Ashlyn — Eu disse, oferecendo o meu nome.

Ele cambaleou para trás alguns passos com um sorriso largo e cheio de dentes.

— *Ashlyn* — Ele cantou. — Apenas quando eu pensei que não poderia ficar mais deslumbrante, você retém um nome como esse.

Deslizei minhas mãos em meus bolsos e olhei para o céu noturno. Tudo parecia tão simples. Um bar com música que tocou minha alma. Um menino que sabia o que era perder uma parte de sua alegria. Uma leve brisa que refrescar todo o meu ser.

— Se houvesse um Deus, o que eu não estou certo de que não há, você acha que esta noite seria uma forma de pedido de desculpas por ele tirar as coisas que nós amamos?

Ele soltou um suspiro e esfregou a mão em sua boca.

— Eu não sei. Mas acho que é um bom começo.

Ficamos em silêncio novamente. Eu nunca soube que um silêncio poderia fazer você se sentir em casa. Ele não conseguia parar de sorrir, mas nem poderia. Eles eram intensos, sorrisos de desejo que não fazia nada, mas natural.

Ele quebrou o silêncio e deu um passo para trás.

— Bem, esta foi uma noite realmente muito estranha.

— Eu posso ter uma segunda dessa.

— Tudo bem, então. Vou parar de incomodá-la e deixá-la ir.

— Sim, é claro. É que... — Minhas palavras desvanecidas para fora, e ele

olhou para mim com os olhos apertados, esperando por mim para terminar. —Eu não estou pronta para ir ainda. Porque eu sei que quando sair, tudo isso vai acabar. Toda a magia da noite será desligada da minha mente por algumas horas irá embora e eu vou ficar triste e voltar a ser Ashlyn novamente.

— Está me pedindo para ficar com você um pouco mais de tempo? — Ele perguntou.

Eu balancei a cabeça com olhos esperançosos, rezando para que ele não pensasse que eu era um trabalho total.

Ele levantou minha mão na sua e me cutucou no ombro.

— Vamos dar um passeio — Ele ofereceu.

Andamos, volta após volta ao redor do quarteirão. Eu não sabia o porquê, mas começamos a trocar histórias e para trás sobre as nossas vidas. Na terceira volta, Daniel me contou sobre seu pai, como nunca tiveram ficado tão perto até que sua mãe morreu. Então eles cresceram muito perto, e ele lamentou os anos que tinha perdido devido estar distante. Parou na esquina da rua Humboldt e James Avenue e tomou uma inspiração profunda. Olhando fixamente para a noite, entrelaçou os dedos atrás do seu pescoço e fechou os olhos. Eu não disse nada, porque apesar de sua linguagem corporal, estava dizendo tudo o que precisava ser dito.

Eu soube que ele tinha um irmão, mas quando perguntei sobre ele, o corpo de Daniel ficou tenso.

— Nós não nos falamos — As palavras saíram mais frias do que qualquer coisa que o tinha ouvido dizer antes. Eu não perguntei mais sobre ele.

Na quarta volta, nós rimos sobre como excessivamente cansados, ambos estávamos e como não fomos capazes de realmente dormir. Na sexta volta, eu chorei. Começou com algumas lágrimas caídas, mas se transformou em obras hidráulicas, e Daniel não me pediu para explicar. Passou os braços em volta de mim e me puxou para o seu peito, acalmando com os tons que deixam seus lábios.

Tentei sufocar as palavras para dizer que eu ficaria bem, mas ele me alertou contra elas. Disse que estava tudo bem *não* ficar bem. Explicou que era bom ficar quebrado por um tempo, para não sentir nada, mas doía. Ficamos na sexta volta mais longa, ele sussurrando contra o meu cabelo que algum dia, de alguma forma, a dor seria ofuscada pela alegria.

Mais tarde, eu disse a ele sobre a “bucketlist” que Gabby havia criado para mim, e ele pediu para lê-la. Peguei na minha bolsa o pedaço de papel dobrado e entreguei-o. Ele segurou com tanto cuidado, desdobrou lentamente. Eu vi seus olhos viajar da esquerda para a direita, como ele mudou sua atitude para a lista abaixo.

— Brincar com um bambolê em uma loja de departamento? — Perguntou, arqueando uma sobrancelha do meu jeito. Eu ri, balançando a cabeça. — Cantar uma canção de Michael Jackson em um bar de karaokê, incluindo movimentos de dança?

— Eu sei, certo? Esse foi mais loquaz do que eu sou — Respondi.

Ele sorriu para a lista antes de dobra-la de volta e entregá-la a mim. Ele me perguntou quantos fiz até agora, fazendo-me suspirar.

— Nenhum ainda. Era para eu dançar no bar hoje à noite... Mas como você testemunhou, eu tive um colapso mental.

— Então, você não leu nenhuma carta de sua irmã ainda?

— Ainda não. Eu meio que quero apenas rasgar todas elas e abrir, mas...

Ele riu quando começamos a andar em torno do bloco novamente.

— Mas, você não quer ser *aquela* menina.

— Aquela menina? — Questionei, em pé no lugar, olhando em sua direção.

— Você sabe. A menina que deliberadamente desobedece a sua irmã gêmea morta.

Eu sorri. Sabia que era torcido, e alguns acharia errado o que ele disse, mas sorri porque diabos... Foi engraçado. Eu realmente senti falta de momentos engraçados na minha vida.

— Você está certo. Eu não ousaria ser essa menina.

— Além disso... — Ele se virou para mim e mordeu o lábio inferior. Aproximou-se de mim e de brincadeira me cutucou no ombro. — Você está prestes a completar uma das tarefas — Quando disse isso, balançou as sobrancelhas arqueadas.

Ele riu da minha postura um tanto perplexa. Quando seu rosto ficou mais perto do meu, eu deixei a liberação de ar da minha boca, roçando seus lábios. Parecia que foi sempre que as nossas bocas estavam milímetros de distância, mas foram só realmente alguns segundos.

Seus lábios não só parecia suaves e adoráveis, eram talentosos também. Como ele podia beijar alguém, mesmo que estivessem do outro lado do mundo e faziam essa pessoa derreter. Não demorou muito para eu perceber o quão talentoso aqueles lábios eram.

Nossos lábios se conectaram de uma maneira que eu nunca tinha sido beijada. Precisava ter uma nova palavra para esse tipo de beijo. Terapêutico. Comovente. Apologético. Bem-aventurado. Todos aqueles belos e variados sentimentos, todos ao mesmo tempo. A enorme quantidade de emoções que atravessam meu corpo eletrificado a energia que viajou de mim para ele.

Eu sabia que nunca iria querer beijar outro homem do jeito que o beijei. Eu nunca soube que o beijo podia ser tão simples, mas tão complexo. Ele fez todo o trabalho com apenas seus lábios descobrindo os meus.

Ele me puxou para o lado e minhas costas encontraram a parede de pedra, mas não foi o muro que estava me segurando, tanto quanto era seu toque. Ele se inclinou mais perto de mim e eu senti sua língua nos meus lábios para encontrar a minha língua pronta para se encontrar com a dele.

Quando seus braços apertaram em torno de mim, a minha perna chegou a encontrar e a enroscar em seus quadris. Um pequeno suspiro caiu de mim quando suas fortes mãos entrelaçadas em volta de mim levantaram ainda mais alto, fazendo o meu desejo egoísta embrulhar as minhas pernas em volta dele se tornar uma necessidade desesperada, a fim de lutar contra a gravidade.

Como uma estrela errante, meu corpo caiu nas profundezas do desejo, e comecei a implorar aos céus que isso não fosse uma fantasia, pois eu cairia em depressão se fosse, eu esperava nunca encontrar a realidade novamente.

Ele moveu a boca da minha, deixando-me com os meus olhos fechados e meu coração acelerado. Eu podia sentir seu coração batendo contra a sua t-shirt, e ele colocou a mão sobre o coração. As palavras não eram necessárias, afastando as mãos uma da outra.

Uma última vez, seus lábios cruzam os meus, quase não se tocam, como uma cerimônia de encerramento. Quando abri meus olhos, encontrei o seu olhar, e ele sorriu para mim quando começou a explicar com mais profundidade.

— Número vinte e três.

Ele lentamente baixou-me de volta para o chão. Olhei para baixo para a lista ainda descansando em minhas mãos e rapidamente corri os olhos para o número vinte e três.

23. Beijar um estranho.

Bem, eu vou ser condenada. Beije um estranho.

Meus olhos foram para cima afastando da lista para encontrar Daniel sorrindo para mim. Deu três passos largos para trás e fez uma reverência.

— De nada. — Brincou.

Não pude conter a minha alegria, era inútil tentar. Girando em torno de um círculo com os braços arremessados para fora, eu deixei a o ar da noite girar em todo o meu corpo. Eu poderia abrir uma carta! Tive vontade de chorar, mas eu sabia que seriam apenas lágrimas de felicidade.

Meus pés começaram a correr na direção de Daniel, e ele provavelmente foi pego de surpresa quando eu me joguei em seus braços, em um abraço apertado. Ele não vacilou, contudo, me levantou no ar e me girou algumas vezes, me abraçando de volta sem fazer perguntas.

— Você não sabe o que isto significa para mim — Sussurrei, secretamente querendo beijá-lo novamente e novamente.

Ele se afastou um pouco e olhou para mim, sorrindo.

— Vamos para casa, assim você pode fazer um pouco de leitura.

Ele me colocou para baixo, e nós dois caminhamos para frente do bar. Daniel esfregou os braços para cima e para baixo nos meus ombros por um momento. Seus lábios se moviam para mais perto dos meus, e quando ligado ao canto da minha boca, eu senti uma onda de calor subir rapidamente através do meu sistema.

— Boa noite, Ashlyn — Disse ele, tocando levemente a ponta dos dedos antes que ele deu um passo para trás, forçando outro sorriso.

— Boa noite, Daniel Daniels — Meu coração estava se perdendo em um mundo de desejo, e permiti viajar para o território desconhecido. Peguei minha bolsa e tirei seu CD. — Ah, e só para você saber... Eu vou te levar para a cama hoje à noite.

— Bem. Sou um sortudo — Piscou para mim, e eu senti meu mundo sendo abalados. Passando as mãos pelos cabelos, ele sorriu grande. — Eu acho que agora é quando nós trocamos os números — Estendeu o seu telefone para mim e eu dei-lhe o meu. Depois de digitar seu número no meu, nós mudamos de volta.

— Eu provavelmente não vou ligar primeiro, porque não quero parecer

desesperada — Sorri.

— E eu não vou ligar primeiro, porque quero que você tenha a ideia de que eu poderia ter outras meninas com as quais estivesse falando.

Ohh como ele me faz sentir. Eu não tinha me senti assim há tanto tempo.

— Bem, obviamente, não há outras meninas. Você já viu a si mesmo? Você é horrível.

— Oh?

— Sim. Meninas não gostam de sorrisos encantadores, braços musculosos — Ele rapidamente pegou minhas mãos e correu através de seu estômago. Suspirei levemente, sentindo uma dor entre minhas coxas como um toque físico. — Barriga tanquinho — Meu rosto corou mais, mas eu esperava que ele não percebesse.

— Então o que é que as meninas gostam?- — Ele cruzou os braços.

— Você sabe, as coisas normais. Um pouco de cabelo sob as narinas. Alguns queixos extras para beijar. Um mamilo extra ou três. Apenas as coisas normais.

Ele riu, e eu queria me aconchegar contra ele para sentir a ondulação do riso através de seu corpo.

— Eu vou trabalhar com essas coisas. Não quero ser... Que palavra você usou?

— Horrível.

— Certo. Eu odiaria ser horrível em seus olhos — Houve uma última rodada de sorrisos antes que se virasse e eu comecei a andar em outra direção.

— Ei, Ashlyn — Gritou, me fazendo girar em torno em sua direção. Esperei por seu comentário, enviando-lhe um olhar de pergunta. — Você gostaria de ter uma outra merda de noite muito estranha comigo de novo algum dia? Como, talvez, na noite de terça?

Sim! Sim! Para todas as coisas justas, SIM!

— Quer saber? Eu acho que posso estar dentro

— Você sabe onde é a biblioteca em Harts Road?

Não... Eu não sabia. Mas estava ido pesquisar na internet assim que voltasse para casa para descobrir.

— Eu vou descobrir isso.

— Bom. Descubra isso em torno, de digamos, seis horas.

— É um encontro — Eu percebi as minhas palavras e fiz uma pausa, batendo a mão contra meu lado. Minhas bochechas aquecidas e minhas mãos enroladas em volta da minha cintura. — Quero dizer, é um... É... Eu estarei lá. Vejo você depois.

Ele riu e se virou.

— Ok, parece bom. É um encontro, com data.

Ele usou a palavra encontro.

E eu estava oficialmente esperando.

Entrei no meu quarto para encontrar Hailey estirada no chão, deitada em cima de seu tapete de yoga. Havia música tocando, que soava como a floresta saltando de seu sistema de alto-falantes. Ela estava inalando profundamente e expirando pela boca ligeiramente aberta. Bastou ver sua estranheza, e trouxe um pequeno sorriso de minha boca.

— Uh, Hailey? — Murmurei, fechando a porta atrás de mim.

— Shh... — Ela cantarolou, batendo no tapete de yoga extra, que estava ao lado dela.

Tomei isso como um estranho convidar e aceitei. Tirando meus sapatos com os calcanhares e jogando meu casaco e bolsa na minha cama, deitei no tapete de yoga.

— Feche os olhos — Falou Hailey, com os olhos já fechados. Levantei uma sobrancelha e olhei para ela como se fosse uma maluca e o canto de sua boca virada para cima. — Não me venha com essa, merda de louca. Você me olha assim. Basta fechar os olhos malditos.

Fechei-os e tomei uma respiração profunda. Havia uma brisa fria no quarto e meus braços instantaneamente arrepiados. Olhei para Hailey e observei ainda inalando profundamente e exalar com alívio.

— Você sente a diferença de apenas alguns segundos de deitar-se e ligando de volta ao mundo? Tudo isso a energia negativa saindo pela ponta dos dedos das mãos e pés? — Hailey perguntou antes de voltar para seu zumbido.

— Hum, não? — Eu disse com confusão nos meus sons. Apenas senti como se estivesse deitada em um tapete de yoga em um quarto escuro, ouvindo o trovão e a selva de um leitor de CD.

O zumbido de Hailey parou e sentou-se sobre os cotovelos.

— Hmph. Eu também não. Estou lhe dizendo, eu estive dando a essa coisa de meditação uma tentativa por muito tempo, mas eu simplesmente não *consigo* isso.

Eu ri e sentei na esteira, cruzando as pernas.

— Então por que você se incomoda?

— Theo... — Ela me fez lembrar de seu namorado antes que nos deitamos, jogando as mãos sob a cabeça. — Como foi o seu tempo fora?

Meu sorriso apareceu. Hailey notou.

— Você conheceu um menino! — Gritou num sussurro.

Eu me virei em sua direção, chocada.

— Como...?

— Ashlyn, você deixou a casa chateada e voltou com um sorriso e corando. Você definitivamente encontrou um menino.

Ela estava errada, ele não era um garoto em tudo. Deitei-me no tapete de yoga, olhando para as nuvens pintadas no teto, ouvindo os pássaros e macacos no leitor de CD.

— Eu tive um momento muito bom fora.

Conversamos por mais algum tempo antes que minha nova companheira de quarto ficasse sonolenta. Depois de um tempo sobre o tapete, eu ouvia como Hailey começou a roncar levemente. Levantei, peguei um cobertor e coloquei sobre seu corpo.

Por volta das duas horas da manhã, meu telefone se iluminou. Um sorriso cruzou os meus lábios ao ver o nome de Daniel.

Daniel: *Ele é britânico. Está viciado em surfar seu long¹³ redor. Tem uma coleção camisas soberbas.*

Eu: *Isso é algum tipo de boa noite de livro?*

Um arremessador de corações e borboletas de volta com força total.

Daniel: *Duh.*

Eu: *Bem, você tem que fazer melhor que isso, Harry Potter. Minha vez. Ele fugiu de casa para tentar escapar de uma maldição. Se casa. Tem problemas com*

¹³ Prancha de surf – Long board.

a mãe. Pode haver uma pequena chance de que seu bebê também... A mãe dele.

Daniel: *Você acabou de recitar para mim ¹⁴Oedipus Rex? Dica: Ela tem um problema com roedores. Sua paixão pelo festival de três dias é estranha. Suas irmãs ficam nos seus calcanhares.*

Eu: *Cinderela-Grimm. Você está fazendo isso muito fácil. Achei que não ia me ligar primeiro?*

Daniel: *Eu pensei que o festival de três dias era inteligente. A maioria das pessoas não sabe disso. Isto não quer dizer que estou te ligando. Isto é um texto. Minha namorada está dormindo ao meu lado. Ela poderia perguntar se me ouvisse falar. Você é linda.*

Ele me fez rir e desmaiar ao mesmo tempo. Um verdadeiro talento.

Eu: *Em uma escala de 1 a 10, a pista era um festival 1.5. Bocejo. Não finja que o Sr. Horrível tem uma namorada. Não me lisonjeia com elogios, suas pistas ainda fedem.*

Daniel: *Você é linda.*

Eu: *Você é dramático.*

Daniel: *Você é linda, Ashlyn. Eu não me refiro apenas a sua aparência. Quero dizer sua inteligência, suas lágrimas, por estar quebrada. Eu acho que é bonita.*

Cada vez que ele responde, sinto meu rosto corar. Ele não estava brincando;

¹⁴ *Oedipus rex*, ou *Édipo Rei*, é uma "ópera-oratório" de [Igor Stravinsky](#) para [orquestra](#), [solistas](#) e [coral](#) masculino. O [libreto](#) foi escrito por [Jean Cocteau](#) em [francês](#) e então traduzido por [Abbe Jean Daniélou](#) para [latim](#) (a narração, entretanto, é apresentada na linguagem da audiência). A música de Stravinsky é um exemplo do [neoclassicismo](#). Ele considerou ambientar o trabalho na [Grécia antiga](#), mas decidiu por fim no latim.

não estava tentando agir como se tivesse coisas melhores para fazer, às duas da manhã. Ele respondeu de imediato, com cada texto senti muito calor em suas palavras simples.

Eu: Pare com isso...

Daniel: Você é tão feia que é doloroso. Você me lembra da escória no fundo dos meus sapatos. Se eu pudesse, iria chutar a sujeira. Por que você é tão repulsiva?

Eu: Isso é romântico - você está fazendo a coisa certa.

Daniel: Boa noite, Ash.

Eu suspirei quando coloquei meu telefone para baixo contra o peito.

Boa noite, Daniel Daniels.

Mudei-me para a minha caixa de madeira e usando a luz do meu celular para cavar através dos envelopes até que encontrei o número vinte e três. Sentei no meu tapete, abri lentamente a carta.

23. Beijar um estranho.

Ash,

Oh meu Deus. Minha irmã é uma VAGABUNDA! É mesmo? Você beijou um estranho! Posso dizer que estou secretamente orgulhosa de você? E se essa for a sua primeira carta que você abriu, o que significa que provavelmente está agindo

diferente, porque você, senhorita, me superou muitoooo. Essa é minha garota! Então me diga, foi um beijo ruim? Será que ele tem um hálito ruim? Ele usou a língua? Oh Deus, há tanta coisa que eu quero saber. Gostou? Ele fez o seu interior se sentiu como ¹⁵Jell-o? Contanto que você não beijou Billy, eu estou feliz. Eu acho que esse número em sua lista foi principalmente para mostrar-lhe que você deve arriscar. Beije a pessoa errada, na hora certa. Beije o cara certo na hora errada. Apenas viver cada dia como se não houvesse restrições. Há tanta coisa que eu gostaria de ter feito, mas sempre pensei demais, em coisas demais. Tipo, eu deveria ter usado bolinhas com xadrez um dia. Ou tentar sushi. Ou perder minha virgindade na festa da praia com Bentley ano passado, quando eu realmente queria. Continue assim você está indo muito bem, Criança.

~Gab

¹⁵ **Jell-O** é uma [marca](#) pertencente aos baseados em Illinois [Kraft Foods](#) para variedades de [sobremesas de gelatina](#), incluindo géis de frutas, [pudins](#) e ao-assar [tortas de creme](#). A popularidade da marca levou a "gelatina" tornar-se uma sobremesa em todos os EUA e [Canadá](#).

Capítulo 7

ASHLYN

*Um, que eu possa ter o seu número?
Dois, que eu posso ter o seu sorriso?
Três, você vai me encontrar em algum lugar?
Quatro, você vai ficar por algum tempo?
~ Romeo's Quest*

Acordei no chão, com a luz do sol da janela inundando o tapete. Olhei para baixo para ver que o cobertor que coloquei em Hailey agora estava descansando sob mim. Hailey estava em pé na frente de seu espelho de corpo inteiro, jogando seu cabelo ao redor.

Esfreguei minhas mãos sobre meus olhos sonolentos e levantei, bocejando na palma da minha mão.

— Obrigado pelo cobertor.

— Idem — Ela sorriu, virando em minha direção. — Essa coisa de colega de quarto está dando certo. Certo?

Dei de ombros quando caí no meu colchão. Eu não tinha vivido aqui por tanto tempo, então era tudo tão novo para mim.

Ela realmente não levou a minha resposta em exagero antes de se juntar a mim na beira da minha cama.

— Ótimo! Então, aqui está a coisa... Theo vai dar uma festa em algumas semanas, quando seus pais forem para Bora Bora e eu preciso que você venha comigo.

Arqueei uma sobrancelha e ri: — Não, obrigado.

Hailey fez beicinho e cruzou os braços.

— Vamos. Por favor! Minha mãe não me deixa ir a menos que eu vá com os amigos. Minha melhor amiga Lia é contra Theo, por algum motivo, e vendo como o meu único outro amigo é meu irmão, que é muito antiTheo, mãe é muito anti eu ir para festa. Eu preciso de uma garota para ir comigo... Eu preciso de *você*. E mamãe vai adorar a ideia, porque pensará que estamos ligadas. O que, vai ser?

— Ela apertou as mãos e começou a implorar. — Por favor, Ashlyn! Por favor!

— Eu realmente não sou a menina certa.

— Isso é bom! É totalmente bom. Mas... — Ela sorriu e fechou os olhos —... Talvez você seja capaz de fazer algo de sua lista!

Meu queixo caiu e eu endireitei meus ombros para trás.

— Como você sabe sobre a lista?

— Você fala em seu sono — Ela abriu os olhos e olhou para mim, encolhendo-se com a ideia de que eu estaria chateada com ela. Eu ainda estava pensando se estava. — Além disso, você deixou sua última carta descansando em sua cama.

Saltando da minha cama, meu coração batendo no meu peito, cruzei os braços.

— Você leu a minha carta! Você mexeu nas minhas coisas?

Hailey foi rápida a levantar-se e ampliar os olhos com medo.

— Não! Ela estava parada lá. E eu sou... Okay. Sim, eu li a carta. Eu sou uma péssima companheira de quarto. Deixe-me fazer uma coisa boa para você, te convidando para uma festa!

Olhei para ela por mais tempo, sem piscar, com uma expressão de choque.

— Eu não posso fazer isso agora — Indo para a porta para deixar a minha nova '*colega de quarto*', louca, parei quando Hailey pulou na frente da porta.

— Olha, tudo bem! Sinto muito. Eu estava fora da linha quando li a carta e olhei suas coisas e se eu prometer nunca fazer novamente? — Ela segurou seu dedinho até mim, e eu olhei para ela, sem entender seu ângulo. Sua mão lentamente caiu para os lados e ela suspirou. — Eu não tenho muitos amigos. E *estou* perto de perder o meu primeiro namorado. Não sou como você, ok? Não tenho peitos e as características físicas que trazem meninos para você. Theo é a minha única chance. E se não for sábado para festa de Theo não vou perder minha flor, então ele vai me deixar. Então eu vou ter esse jardim pairando *lá* para o resto da minha vida! — Gritou num sussurro, com os olhos cheios de lágrimas.

Eu não pude deixar de sorrir.

— Sua flor? — Perguntei, olhando para o teatro de Hailey. A parte assustadora é que ela parecia está muito séria. — Eu pensei que você não estava pronta para perder a sua... Rosa... Orquídea... Planta carnívora?

Os lábios dela transformaram-se e pousou as mãos contra os quadris.

— Oh, você acha isto engraçado? Bem, eu estou *tão* feliz. Estou *tão* feliz que a minha vida é divertida para você.

— É um pouco divertida.

Ela revirou os olhos e caminhou até sua cama, se jogando sobre ela.

— Eu vou morrer virgem.

Meu coração pulou, pensando sobre a carta de Gabby e como ela queria perder a virgindade com Bentley, mas nunca foi capaz de fazer. Mordi o lábio inferior e franziu o rosto.

— Ok, eu vou.

Ela animou-se e olhou para mim.

— Você vai?

— Só se você prometer nunca vai mexer nas minhas coisas de novo.

— Eu prometo! — Ela gritou, pulando da cama.

— E nós temos que encontrar uma maneira de atravessar um item da minha lista — Peguei minha bolsa e tirei minha lista. Hailey foi rápida para arrebatá-la da minha mão e correu os olhos sobre ela.

— Sua irmã fez isso? Uau. Ela parece incrível.

— Ela era.

Hailey fez uma pausa e olhou para cima para me dar uma expressão triste que eu tinha começado a odiar. Então, voltou para a lista e limpou a garganta.

— Número doze. Ajudar a quem precisa.

Eu ri, revirando os olhos.

— Eu duvido que ajudar uma menina a perder a virgindade é o que ela quis dizer.

Os lábios dela fizeram beicinho e ela voltou para a lista.

— O número dezesseis? — Ela passou o pedaço de papel em minha direção e eu sorri.

16. Festa em casa.

— Bem... Eu acho que nós estamos indo para uma festa em breve — Revirei os ombros para trás e bocejei. — Mas por enquanto, preciso pedir sua pasta de dentes. Eu preciso correr.

— Emprestar? Por todos os meios, não devolva — Hailey riu, dizendo-me que estava no armário de remédios do banheiro. — E não se esqueça de se apressar. Mamãe detesta estar atrasada para o estudo da Bíblia.

Ir à igreja no domingo, com apenas algumas horas de sono parecia um adicional doloroso. Hailey e Ryan tinha que estar lá super cedo para ensinar o estudo da Bíblia, também. Rebecca disse que seria uma verdadeira benção se eu aprendesse, mas o que ela realmente queria dizer era: *‘Você está indo para a igreja.’* Uma coisa que aprendi sobre Rebecca era que ela faz exigências com um sorriso, fazendo com que você ache que eram pedidos.

Às vezes, assisti Henry interagir com ela e perguntei como tinham vindo a ser um casal. Eles pareciam tão diferentes um do outro que parecia uma conexão excêntrica. Eu nem reparei Henry sentado em seu carro fumando procurando ter certeza que Rebecca não descobrisse.

Mas, então, às vezes eu vi. A maneira como ele olhava para ela, quando ela não estava olhando. O brilho em seus olhos. O jeito que estendia a mão, como se fosse a sua própria mão.

Seu celular tocou logo antes de entramos no interior da igreja, e Rebecca arqueou uma sobrancelha.

— Quem está chamando você tão cedo?

Os olhos de Henry caíram para seu telefone celular e ele fez uma careta.

— Eu vou está bem atrás de você.

Rebecca segurou a porta aberta para a igreja para nós e falou com seus filhos.

— Lembre-se, Hailey, uma oração antes e depois de uma oração para as crianças mais jovens. Eles precisam aprender.

— Tudo bem — Disse Hailey, revirando os olhos.

— E, Ryan, com as crianças mais velhas... Não se preocupe com Avery. Ele sairá da classe.

— Por que — Perguntou Ryan, seu interesse despertado.

O rosto de Rebecca franziu a testa com desgosto.

— Vamos apenas dizer que ele fez algumas coisas incômodas. Sua família mudou-se para um culto em uma igreja diferente. — Ryan arqueou uma sobrancelha, mas não pressionou para mais explicações. — E arrume sua camisa. Você parece um pateta. Lembre-se, Deus está vendo — Quando sua mãe se virou e caminhou para dentro, Ryan tirou sua caixa de cigarro imaginário. Eu olhei para o seu hábito estranho e virei para Hailey.

— O que ele está fazendo? — Sussurrei, andando com ela para a classe que ela ensinava.

Ela olhou para seu irmão por uma fração de segundo e encolheu os ombros.

— Mecanismo de defesa.

Defesa, contra o que?

Hailey deve ter lido minha mente, porque me deu um pequeno sorriso.

— Você não é a única com problemas com os pais, Ashlyn.

Capítulo 8

ASHLYN

*Há duas coisas que eu preciso que você veja.
Uma vive em você e outro em mim.
~ Romeo's Quest*

Segunda-feira marcou o primeiro dia de aulas do último ano. Hailey levou Ryan e eu para a escola, e Henry me prometeu que iria fazer o seu melhor para não cruzar o meu caminho. Quando entramos no estacionamento, Ryan saltou e jogou a mochila no ombro.

Saí, as alças da mochila perto do meu peito. O plano era sempre manter um livro na frente do meu peito. Então, talvez, os caras não iriam olhar para mim da maneira que tinham olhando na minha outra escola.

Era muito mais fácil se sentir confortável em minha própria pele, quando eu era uma dupla, sempre alguém ao meu lado. Agora eu só me sentia solitária.

— Diga-me a sua agenda, Chicago — Ryan me cutucou no lado com um sorriso. Imaginei que era meu novo apelido. Entreguei em sua direção e ele desdobrou o papel, os olhos lançando frente e para trás.

— Ohh, você tem Sr. Ganho para a primeira hora de química. Harsh.

Hailey franziu o cenho.

— Sr. Suado. Sua sala de aula cheira a bunda de um cavalo.

— É como se todos nós supostamente seríamos estudantes de Harvard — Ryan revirou os olhos. — Eu vou ter a sorte de entrar na faculdade da comunidade — Parecia que ele estava a maior parte falando para si mesmo para que eu não

comentasse. — Pelo menos você tem terceira hora com AP Inglês com o Sr. D. Fácil A. — Por que ele acha que não iria entrar na faculdade, se estava tomando cursos de AP?

— Isso é porque ele é novo. Novos professores são sempre fáceis — Hailey sorriu antes de correr fora para encontrar de seu armário.

Ryan me entregou a minha agenda de volta e correu para a aula. Eu respirei fundo e olhei para o prédio da escola. Então, muitas pessoas estavam se movendo em torno como se soubessem exatamente onde estava indo. Exatamente qual o próximo passo seria.

Andei devagar, procurando, explorando, e na esperança de sair com o mínimo de dano possível. A primeira classe se arrastou e meus novos amigos de casa não estavam errados. A sala do Sr. Ganho, tinha cheiro de bunda de cavalo.

— Tudo bem, alunos. Bem-vindos à química. Fico feliz em ver que todos estão confortáveis em seus lugares. Muito ruim. Tabelas atribuídas a partir de agora. Este serão os seus parceiros para o resto do semestre. Então, quando você se mover, felicito por se sentir confortável.

A sala estava um alvoroço com gemidos de aborrecimento, mas eu não poderia me importar menos. Eu já não conhecia ninguém, portanto não importava quem sentava ao meu lado.

— Ashlyn Jennings ao lado de Jake Kenn na mesa cinco — Peguei meus livros, indo para a minha mesa, e vi quando um rapaz sentou-se na cadeira ao meu lado. Ele me deu um sorriso amigável, mas notei quando seus olhos viajaram para o meu peito.

Seus olhos sempre achavam meu peito.

— Oi. Ashley, certo? — Jake estendeu a mão e sorriu.

— *Ashlyn* — Corrigi. Jake era um cara de boa aparência, tipo forte, tanto quanto meninos de escola poderiam ser construídos, eu acho. Cabelo loiro, olhos castanhos.

— Bem, é um prazer te conhecer, *Ashlyn* — Ele colocou pressão sobre o meu nome, e que teve um sorriso de mim.

— Você também.

— Então você é a nova garota que todos estão falando? A filha do diretor?

Em *Everyone'd* estão falando de mim? O pensamento enviou um estrondo através do meu estômago e eu dei de ombros.

— Filha do *Assistente* do diretor. Todo mundo está falando de mim? É a primeira aula do primeiro dia.

— Você vai aprender rápido... As pessoas falam aqui. Isso é tudo o que fazem — Ele balançou a cabeça, seus olhos vagando sobre o meu corpo mais uma vez. — Você não parece nada como o Sr. Jennings.

— Vou levar isso como um elogio — Eu sorri timidamente e ajustei minha cadeira um pouquinho longe dele.

Ele percebeu meu movimento e riu levemente antes de se virar para encarar o professor.

— Confie em mim, é.

A classe continuou, e mais tarde, Jake me perguntou se eu precisava de ajuda para encontrar minha próxima aula, e recusei com um sorriso. A próxima aula passou assim como a anterior, lentamente.

Andando a pé pelo corredor, eu me senti presa. Meus olhos dispararam para o relógio na parede. O tique-taque alto lembrou aos alunos que devemos nos apressar ou podemos piscar e perder as nossas vidas. Mais seis horas. Mais seis longas horas terríveis antes que eu fosse capaz de escapar da prisão do edifício.

Enquanto estava caminhando, vi Henry em pé no corredor dando-me um sorriso pela metade. Suspirei e virei para o outro lado, batendo diretamente em uma pessoa. Meus livros e cronograma saíram voando e eu revirei os olhos.

— Cuidado por onde anda, melões.

Olhei para cima a tempo de ver que tinha conseguido esbarrar em um cara vestindo uma jaqueta com letra. Um jogador de futebol, como os seguidores reunidos em torno dele, eu tinha certeza que ele era o chefe da equipe. Olhei e vi Jake de pé entre eles, dando-lhe um sorriso cauteloso.

Ele deu de ombros com um sorriso de desculpas e foi embora. *Obrigado pela ajuda, parceiro de química.* Alguns dos caras permaneceram perto de mim, eu comecei a pegar meus livros.

— Aqueles não são apenas melões. Essas são melancias. Eu amo minhas melancias *grandes e suculentas* — Um menino riu quando passou por mim, zombando do tamanho do meu peito.

Depois que peguei os livros, segurei ainda mais apertado no meu peito. Eu não conseguia nem levantar a cabeça para olhar os valentões nos olhos.

Uma das desvantagens de usar os vestidos de Gabby era o jeito que mostrava meu corpo. Mas por alguma razão, eu tive que usá-los.

— Não há necessidade de ler quando você tem melões assim. Eu posso ensinar-lhe todos os tipos de coisas — Disse o valentão. Um dos outros o chamavam de Brad. Senti seus olhos percorrer todo o meu corpo e me afastei para longe dele, o que me fez correr para o outro. Será que eles não têm mais o que fazer no primeiro dia de aula? Como, talvez indo para a aula?

— Apenas uma prova — Um dos caras murmurou quando se moveu perto do meu ouvido e esfregou as mãos contra meus ombros antes que o som áspero da voz de um professor preenchesse os nossos ouvidos.

— Tudo bem, tudo bem. Isso é o suficiente. Para a aula — A voz percorreu meus ouvidos quando a minha cabeça ainda estava para baixo. Eu assisti como todos os pés dos idiotas correram para longe. Uma mão veio perto de mim e eu vacilei.

A necessidade de um chuveiro tomou conta de minha pele. Violada.

Palavras e esfregações dos meninos tinha me violado e me fez sentir como se eu tivesse acabado de ser tocada da forma mais cruel. Eu queria rastejar de volta para Chicago, onde, pelo menos, eu sabia quem os agressores eram. Eu queria ir para casa.

— Você deixou cair isso — Disse a voz, entregando-me o meu horário. Quando olhei para cima, o papel em suas mãos flutuou para o chão e ele suspirou: — Ashlyn.

Lindo.

De tirar o fôlego.

Brilhantes.

Olhos azuis.

Na primeira, uma sensação de conforto estranho tomou conta de mim por saber que ele era o único que havia afastado os idiotas. Mas, então, os fatos se afundaram dentro de mim, Ele havia *afastado* os idiotas.

— O que você está fazendo aqui, Daniel? — Ele parecia tão... Adulto. Tão diferente de quando eu tinha visto ele no bar do Joe. Suas calças estavam presas a um cinto marrom que combinava com seus sapatos. A camisa de botão azul clara cobria seu corpo tonificado, e seu cabelo não estava livre. Estava domesticado, penteado para trás, no local.

— *Não...* — Ele assobiou. Seus lábios franziram. Eu vi quando ele olhou para os corredores e as costas de sua mão direita que encontrou seu pescoço. — Não me chame assim, Ashlyn — Sussurrou.

Um armário bateu perto, e eu pulei de susto. Tudo girou dentro de mim, e lutei contra as lágrimas que estavam empurrando o seu caminho para frente das minhas pálpebras.

Como isso pode ser?

Daniel pigarreou e pegou a minha agenda mais uma vez. Desta vez, ele a

estudou, com os olhos cada vez mais preocupados. — Você é uma estudante — Sua mão formou um punho e ele bateu várias vezes contra sua boca. — Você é *minha* aluna.

Meus olhos se arregalaram em confusão e horror. Principalmente horror. O sino tocou alto, o barulho disparado pelos corredores.

— E você está atrasada.

Ele colocou a programação em minhas mãos, e eu olhei para cima e vi Ryan correr pelo corredor em direção a nós. Ele sorriu.

— Eu estou aqui, estou aqui. Não me jogue para aula de ginástica Sr. D. O meu caminho entre o edifício até aqui foi uma merda — Ele fez uma pausa. — Quero dizer, merda.

Ele fugiu passado por Daniel e nós dois estávamos congelados no tempo e no espaço. Ryan virou-se, me deu um sorriso largo e aberto, e acenou com a cabeça.

— Você vem, Ashlyn?

Meus lábios apertados e juntos, quando olhei para Daniel - Sr. Daniels. Eu fiz meu caminho para a sala de aula e suspirei quando ouvi a porta bater atrás de mim. Ryan sorriu para mim e deu um tapinha no assento em frente a ele, e murmurei: — Obrigado — Para ele.

Quando olhei para cima, vi Daniel, deslocado tentando puxar meus pensamentos juntos. Ele enfrentou a classe e eu jurei que ele olhava cada aluno nos olhos, exceto para mim. Não houve *um* momento em que fechasse os olhos. Tudo que eu precisava era de um olhar para me deixar saber que tudo estava bem, que nós poderíamos imaginar esta situação estranha fora.

Nem um olhar.

Eu senti náuseas.

Ele passou a ensinar a classe, tirando um pincel marcador e escreveu todo

o assunto e sobre o que iríamos fazer no semestre. Flash Ficção. A Odyssey. Macbeth. Eu não me importava. O ar estava pesado e sujo, cheirando a mal-entendido. Eu não conseguia respirar.

— Ok, então para amanhã, estou passando uma tarefa de duas páginas, responda a estas três perguntas. Três perguntas que vai moldar o nosso semestre. Nós estaremos fazendo referência a uma tonelada, por isso pense bem sobre elas.

A sala de aula gemeu. Pisquei os olhos para olhar para as palavras de Daniel. Ele havia escrito três perguntas no quadro que me deixou ainda mais doente.

1. *Quem é você hoje?*
2. *Onde você se vê em cinco anos?*
3. *O que você quer ser quando crescer?*

Meus pés queriam correr, e eu não sabia como parar o sentimento de querer escapar. Levantei da minha mesa e parei. A voz de Daniel congelou no meio da frase e todos os olhos se voltaram para mim.

Daniel arqueou uma sobrancelha e fechou o marcador. Ele me deu um olhar perplexo.

— Sim, Ashlyn?

— Eu... — Eu o quê? Eu não conseguia pensar. Não conseguia respirar. Não conseguia parar de querer que ele me segurasse. *Eu o quê?* — Eu preciso usar o banheiro.

A campainha tocou, e eu podia ouvir as risadinhas ao longo da sala de aula em minha súbita explosão. Daniel me deu um sorriso forçado e balançou a cabeça em direção à porta.

— Tudo bem, todo mundo. É isso por hoje.

Meus olhos estavam fechados e eu ouvia a todos andando ao meu redor. Só gostaria de declarar que eu tinha que usar o banheiro na frente de toda a classe exatamente antes da aula terminar. Minha mão correu em meu rosto quando suspirei profundamente.

Ryan de brincadeira me deu um tapa nas minhas costas e sorriu.

— Há rumores de que as pessoas estão chamando seus peitos de melancias.

Minha boca estava aberta.

— Como isso é um boato? Aconteceu antes da aula!

Ele segurou o celular me mostrando uma foto minha e dos meus peitos.

— Tecnologia é a mais nova puta de um valentão. Talvez você não deva usar esses vestidos sexy todo o dia que mostra o seus peitos e pernas.

Fiz uma careta para a foto franzindo a testa. Que vergonha.

— Os vestidos eram de Gabby.

Ryan fez uma careta. Ele me empurrou no ombro.

— Vamos lá... Não deixe chegar até você. Além disso, são bonitos e grandes melões — Ele me deu outro tipo de sorriso e jogou a mochila no ombro. — Você não é uma parte do Edgewood High School até que alguém marcar você como algo que você não é.

— Com o que você está marcado?

— Mulherengo que tem muito sexo — Disse sem esforço.

— E isso não é você?

— Bem, não. Não exatamente — Fez uma pausa. — Não há tal coisa como muito sexo.

Ele era muito bonito. Estava usando uma camiseta cinza claro que definia seu corpo forte, com jeans escuro que pendiam perfeitamente em seus quadris. Seu colar preto, sapatos ¹⁶chucks e amarrou seu olhar fácil mas-sexy juntos. Eu não fiquei surpresa que as meninas estavam atraídas por ele.

Ryan enfiou a mão no bolso e tirou sua caixa de papelão novamente. Qual era o negócio com esse cara?

— Nós comemos na mesa no canto da vitrine de troféus de tênis. Em frente às merendeiras.

— Você quer que eu vá comer com você? — Eu já tinha planejado passar o meu primeiro almoço no banheiro chorar.

Ele estreitou os olhos.

— Não. Acabei de dizer às pessoas onde eu almoço — Sarcástico. Bonito. — É claro que você está comendo com a gente. Nunca traga bolo de carne da cantina para a mesa, deixa Hailey com coceira e provavelmente vai te dar diarreia. E, — Estendeu a mão em direção ao meu rabo de cavalo e tirou a fita segurando —, já que seu cabelo é tão longo, se você usá-lo para baixo, ele traz menos atenção às suas melancias. Vejo você na hora do almoço.

— Tudo bem. Veja você, então.

— Ah, e Ashlyn? — Ryan sorriu brilhante. — Continue a usar os vestidos até que você não queira mais, está bem?

Com isso, ele desapareceu pelo corredor para sua próxima aula. Olhei para Daniel, que estava sentado em sua mesa, fingindo que não tinha escutando a minha conversa com Ryan.

O último estudante desapareceu da classe. Coloquei a minha mochila e peguei meus livros nos meus braços. Estando na frente de sua mesa, dei-lhe um sorriso patético.

¹⁶ Chucks - modelo de tênis, <http://www.converse.com/>

— Então, eu acho que isso significa que não estamos saindo amanhã à noite?

Cada curva de suas características faciais parecia expressar uma intensidade severa. Por um momento, eu não poderia dizer se ele estava chateado comigo ou com a nossa situação. Talvez um pouco de ambos.

Ele falou com fluência: — Isso não é engraçado, Ashlyn.

Não. Não foi.

— Você disse que tinha dezenove anos — Ele falou tão baixinho que quase não o ouviu.

— Eu tenho! *Tenho!* — Disse duas vezes, sem levantar a voz uma oitava. Eu não sabia se era para lembrá-lo ou me dar sinceridade ao fato. Baixei meus ombros. — Estive doente... — Fiz uma pausa. — Minha mãe me fez voltar um ano — Me senti como se estivesse pedindo desculpas por ser eu. Por ter nascido no ano em que nasci. Por não ir para a escola o ano passado, eu fui para a escola. Nenhum aluno estava vagando em sua sala de aula, então eu percebi que devia ser o seu período livre. — Quantos anos você tem, afinal?

— Velho o suficiente para saber melhor — Murmurou, esfregando os dedos contra a parte de trás do pescoço.

Minha garganta secou e eu tossi levemente.

— Mas jovem o suficiente para não se importar?

Um grunhido profundo deixou seus lábios: — Não — Ele formou um punho e bateu contra a mesa em irritação. — Só idade suficiente para saber melhor — Ele fez uma pausa, suas sobrancelhas franziram na testa. — Tenho vinte e dois.

Não era certo, mas ouvir a sua idade não me assustou. Nem um pouco. Se a situação e o tempo fossem diferentes, poderíamos ter dado essa coisa entre nós um movimento real. Três anos não seria um bom negócio para muitos relacionamentos. Não era a idade que fosse nos parar e sim era a sua ocupação.

As lágrimas estavam na superfície, mas eu me recusei a liberá-las. Baixei a voz para um sussurro: — Você não acha que devemos falar... Sobre isso?

Seus olhos se suavizaram com a cabeça e fez um gesto em direção à porta.

— Se você quer que eu fale com os caras te incomodando, eu posso.

Inclinei a cabeça para ele, bufei, irritada com sua oferta. Se eu não podia chorar na frente dele, eu iria ficar louca na frente dele.

— Você vai falar com eles? — Minha cabeça cheia de uma nuvem de raiva.
— Ohhh! Você vai falar com *eles*. Por favor, *Sr. Daniels*. Por favor, fale com eles. Isso é *exatamente* o que eu preciso para fazer a minha vida cem por cento melhor
— Bati meus livros em sua mesa e olhei em seus olhos. — Porque a minha irmã está morta. Minha mãe não me quer. Meu pai é o meu assistente de diretor com sua própria família. Eu já sou um pária na escola. Os caras já estão zombando de meu corpo. E a cereja no topo? Meu professor de Inglês ficou comigo há alguns dias e não consegue nem olhar em minha direção agora. Então, sim! Converse com eles. Isso vai fazer tudo perfeito.

Eu vi seu rosto tensão e ele esfregou a parte de trás do pescoço.

— Ashlyn... — Ele sussurrou, cuidado em seu tom. Então, olhou para cima com preocupação. — Espere, Henry é o seu pai?

Meu coração se partiu com a sua maior preocupação do momento.

— Entre tudo o que eu disse... Isso é o que você escolheu para escutar?

Ele franziu o cenho.

— Você deve ir para sua próxima aula.

Eu não me movi de imediato, mesmo que o silêncio fosse insuportavelmente irritante. Mudando o meu peso ao redor, passei nervosamente os dedos pelos meus cachos no meu cabelo. Olhei para ele por um longo momento antes de me virar para ir embora.

Ele não era o homem bonito que tinha despertado meu espírito algumas noites atrás, com seus vocais românticos. Não era o homem que me fez rir e me permitiu chorar sobre nele. Não era o homem que me lembrou de que eu ainda estava viva quando seus lábios tinham encontrado os meus.

Não, ele não era mais Daniel.

Ele era o Sr. Daniels.

E eu era sua aluna ingênua que ele friamente descartou.

Capítulo 9

ASHLYN

*E eu vou te fazer uma pergunta,
Você pode me dizer a verdade.
Você está pensando em mim quando eu estou lutando por você?
~ Romeo's Quest*

Mais de duas horas se passaram enquanto eu estava escondida no banheiro chorando, pensando na ideia de que Daniel era meu professor.

Também chorei, devido aos valentões me atacando, porque o que poderia ser mais divertido do que a filha do assistente do diretor?

Chorei porque eu estava só e triste e perdi minha mãe muito embora ela provavelmente não me perdesse.

Chorei porque Gabby estava morta.

E então chorei, porque isso era tudo o que eu parecia saber fazer.

Eu chorei tanto que estava surpresa que ainda tinha lágrimas para chorar. Depois de assoar meu nariz, pela vigésima vez, limpei meus olhos e dirigi para o refeitório.

Havia uma fresta de esperança no dia. Eu não era obrigada a almoçar sozinha. Hailey estava sentado na mesa de trás perto dos troféus de tênis. Ela sorriu em minha direção e acenou.

— Ei, Ashlyn. Vejo que encontrou nossa mesa — Bateu no local em frente a ela e disse-me para largar a minha bandeja. Com um movimento rápido, estendeu a mão para o meu prato, pegou minha empada de frango, e atirou ao

chão. — A carne não é real.

Meus olhos dispararam para minha empada de frango agora suja e fiz uma careta. Eu estava bem com a carne não-real, quando eu estava com fome. Meu estômago roncou e estendi a mão para uma das batatas fritas no meu prato, empurrando em minha boca.

— Então, como foi seu primeiro dia?

— Está tudo bem. Eu estou bem — Eu realmente queria dizer a ela que me sentia como se estivesse rastejando como uma bola pelo ensino médio que pode ser difícil às vezes, tinha valentões, e meu professor era a minha paixão atual... Mas eu não queria assusta-la.

— Eu sei, isso é um saco, né? Toda cidade é uma porcaria, mas você se acostuma.

— Isso é assustador. Habituar-se.

— Bem, não é a mudança que é assustadora. É engoli-la, essa é a verdadeira puta — Ryan sorriu enquanto caminhava pegando nossa conversa. — O que está acontecendo, prostitutas? — Ele puxou uma cadeira para a nossa mesa e pegou algumas das minhas batatas fritas.

Virei-me para ver Daniel sentado à mesa no meio do refeitório. É claro que ele seria parte do plantão do almoço. Revirei os olhos quando os meus ombros caíram, e empurrei mais batatas fritas em minha boca.

— Whoa, desacelere Chicago. Ou então você vai pegar a Wisconsin quinze¹⁷ — Disse Ryan, deslizando minha bandeja para longe de mim. Então passou a comer mais das minhas batatas fritas.

Ryan e Hailey eram definitivamente irmãos, seus cabelos castanhos e olhos azuis era uma oferta, mas eles eram mortos, praticamente o oposto um do outro. Hailey era quieta e reservada. Ryan era um macaco pirado, nas melhores formas

¹⁷ Rodovia que liga Chicago a Wisconsin

possíveis.

— Eu terminei com Tony — Ele fez beicinho por um segundo, olhar verdadeiramente doloroso, antes de virar para a senhora do almoço a poucos metros de distância de nós. — São todos os nachos?! Bebê Ruanda! Salve! Eu disse-lhe para salvar os nachos! Nossa! É tão difícil viver em um mundo como este — Sua cabeça bateu dramaticamente contra a mesa, e seguiu com sons de seus gritos falsos.

— Você terminou com Tony? Eu pensei que você gostava de Tony! — Hailey exclamou, confusa com a súbita mudança no relacionamento de seu irmão.

Eu estava tentando lidar com o fato repentino que Ryan gostava de rapazes. A menos que Tony era realmente o diminutivo para Antonia, Catriona, Antonina, Antonietta...

— Oh, eu fiz. Eu gostava dele. Mas, então, o idiota tinha que ir e foda-se, dizer que me amava. Quero dizer, você pode acreditar nisso? *Me amava*. Como dramática uma pessoa pode ser? Quero dizer, o inferno. Luxúria aos dezessete anos, com certeza. Amigos de sexo com dezoito, merda sim. Mas amor? O amor não entra na vida de ninguém até que você tem quarenta e dois, adicione 50 para o seu corpo e começar a reclamar sobre as gerações mais jovens. Uma vez que alguém pode aceitar o seu rabo chato de quarenta e dois anos de idade e peidos desagradáveis, aí você sabe que é o verdadeiro amor — Ele fez uma pausa. — Bolsos quentes, Ruanda bebê? Alguma coisa? — Ryan gritou, e Ruanda parecia aterrorizada. Os ombros de Ryan afundaram e ele jogou um guardanapo enrolado no pobre trabalhador atrás do balcão. — Oh, mais, eu dormi com Tony e por algum motivo Tony ficou todo estranho sobre isso.

Espera só, havia dois Tonys? Era difícil acompanhar a mente de Ryan.

Hailey balançou a cabeça na direção de seu irmão, mas eu não acho que ela estava chocada com tudo.

— Mantenha-se em suas calças, Ryan.

Sua mão voou para o peito e seus olhos se estreitaram no susto.

— Por que diabos eu faria isso quando os outros estão tão gentilmente me convidando para as deles? Além disso, a ideia de coletar teias de aranha lá não é muito agradável.

Eu ri com isso. Gostei de como Ryan estava tão sujo em todos os caminhos certos. As bochechas de Hailey virou rosa, e ela me empurrou: — O que você está rindo? Eu duvido que a sua va-jay-jay está ficando mais em ação do que a minha.

Eu abri minha boca para protestar, mas fechei rapidamente. Bem, ela não estava errada.

Ryan gemeu.

— Inferno, não diga va-jay-jay. É uma *vagina*. É também onde alguns rapazes gostam de colocar seu *pênis* — O que, na minha vida, eu não consigo entender, mas que seja. Nós não temos doze mais.

Ela corou ainda mais.

— Eu sei que...

— Prove. Jogo pênis-vagina, agora — Ele a desafiou, batendo com o punho contra a mesa, e ela revirou os olhos. Eu não sei porque, mas eu tenho a ideia de que esta era uma interação normal entre os irmãos, e me sentei para trás, vendo acontecer.

Hailey viu seu irmão empurrando-a, e aceitou, embora ela provavelmente perdesse. Ryan explicou-me que o jogo pênis-vagina tinha sido jogado pela dupla em muitos contextos. Tudo começou em falando pênis esse seria Ryan, Hailey resmungando vagina, e construiu-se, em última instância, até que alguém gritando a palavra ou até que alguém se acovarde.

— Pênis — Ryan sussurrou, seus olhos castanhos preso em sua irmã.

— *Vagina* — Hailey cantou docemente, mostrando que ela pode de fato dizer a palavra.

— Pênis — Ele sussurrou, cada vez mais alto.

Vi o corpo de Hailey apertar quando ela olhou ao redor da sala, olhando para quantas pessoas estavam aqui.

— Vagina — Disse ela um cabelo mais alto do que a última.

Isto continuou até a próxima etapa era gritar.

— Pênis PÊNIS! — Ryan se levantou e gritou, agitando os braços acima de suas mãos vitoriosamente, pois a sombra do rosto de Hailey disse-lhe que não havia nenhuma maneira que ela estava indo para desafiar isso.

— *Ryan!* — Daniel lançou um olhar severo.

Ryan piscou em troca. Caiu para trás em sua cadeira, satisfeito com a atenção que ganhou. Eu me inclinei na minha cadeira, nervosa que Daniel estivesse vindo em nossa direção.

— Você é um idiota, Ryan — Hailey murmurou, cruzando os braços em um chique.

— Você me ama, jovem — Disse ele, esfregando a mão no topo de sua cabeça, dando-lhe um pequeno lembrete de que ele era mais velho do que ela.

Eu ainda estava confusa.

— Então... Você é gay?

Os dois fizeram uma pausa e olharam na minha direção. Mudei em torno dos olhares desconfortáveis que estavam me dando. Hailey pigarreou.

— Nós não usamos as etiquetas nesta mesa, Ashlyn.

— Sim. Como você gostaria de chamar você em linha reta? Ou branco? Ou uma leitora ávida? Ou melancia? — Disse Ryan, pegando mais algumas batatas fritas.

— Desculpe-me. Eu não quis dizer — Gaguejei, sentindo-se culpada por ter

dito a coisa errada.

— Está tudo bem. Não peça desculpas nesta mesa também. Porque sabemos que nunca é a intenção — Hailey sorriu, pegou todas as suas batatas fritas de sua bandeja e colocou-as na minha.

— Então... Eu posso fazer outra pergunta? — Eu disse cautelosamente.

Ryan me empurrou no ombro.

— Vá em frente.

— Tony ficou com raiva de você, porque você dormiu com Tony?

Ambos riram de mim, e Ryan pegou as batatas fritas que Hailey tinha me dado. *Fazer uma nota: Não se sentar ao lado de Ryan.*

— Tony é o nome que dou a todos os caras que eu fico. A maioria deles não estão muito confortáveis com o mundo de Edgewood saber o que fazem... E eu não estou olhando para ninguém. Além disso, eu não estou mesmo fora.

Hailey saltou para explicar: — Nossa mãe é uma espécie de...

— Mente fechada — Disse Ryan, terminando seu pensamento. — Ela vem de uma família bonita e religiosa, e ser gay? Não está em alto em sua lista de bênçãos familiares. Ela ainda não sabe que Hailey...

— Estuda budismo — Hailey sorriu, terminando o pensamento de Ryan agora. Fiquei imaginando quantas vezes eles fizeram isso, mesmo sem conhecê-los. — Ela acha que meu teto pintado é para que eu possa estar mais perto de Deus.

— Vocês dois são muito complicados — Fiz uma pausa. — Então você não é um mulherengo.

— Mulherengo — Ryan sorriu. — Eu disse a você. Eles te marcam como algo que não é. Eu estava marcado como um cara que gostava de vaginas. Tosco, certo?

Eu ri.

— Então, quantos Tonys existem?

— Se eu te contar, você vai pensar que eu sou uma vagabunda — Ryan sorriu.

— Se não me disser, eu acharei que você é uma vagabunda maior — Peguei algumas batatas fritas de sua bandeja e coloquei em minha boca. Ele olhou para mim com os olhos apertados e, em seguida, virou-se para a irmã.

— Eu gosto de uma garota.

Hailey sorriu e cruzou os braços enquanto ela se inclinou para trás em sua cadeira.

— Sim, eu também.

— Indo para obter mais alimentos. Volto em breve — Ryan levantou de sua cadeira. Ele não foi para a ilha de almoço. Foi de mesa em mesa, onde as pessoas o cumprimentaram com abraços e alta de cinco anos. Devido aparência dele, todos gostaram de Ryan, e eu poderia entender completamente o porquê.

Hailey franziu o cenho enquanto observava seu irmão sair da mesa.

— Não deixe que a sua forte, personalidade boba engane. Ele é muito mais sensível. E duvido que ele traiu Tony.

— Por que você diz isso?

Ela encolheu os ombros.

— Porque eu nunca tinha visto duas pessoas que se amavam tão silenciosamente.

Eu não sabia o que ela quis dizer com isso. Mas percebi que com o tempo ela iria explicar mais.

— E quanto a você Hailey? O que você estava fazendo? — Perguntei.

— Oh, uma garota que tem uma paixão estranha com seu irmão — Ela fez uma pausa e virou os olhos. — Dois anos atrás, quando era caloura, eu estava super acima do peso, desajeitada e não tinha amigos de verdade. Eu comia sozinha no refeitório todos os dias. Até Ryan abandonar seus amigos e se juntou a mim.

Bem... Isso foi a coisa mais legal que eu já tinha ouvido. Talvez eu fosse começar a me apaixonar por Ryan. Eu tinha um jeito de ir para os homens indisponíveis.

— E então eu fiz alguns novos amigos, tenho um namorado. Mas comer com Ryan me faz sentir segura... Eu não sei o que vou fazer no próximo ano depois de me formar.

Quando Ryan voltou, todo o seu ser era diferente. As suas mãos formavam punhos e bateu-os contra a mesa.

— Será que é Lia lá, Hailey?

Os lábios dela endureceram quando olhou para o refeitório e olhou para alguém. Eu segui seu olhar. Nossos olhos pousaram em um cara com o cabelo desgrenhado, que estava com as mãos em outra garota. Beijos no pescoço, beijo nos lábios-todos os tipos de apalpar público.

Hailey assentiu, seus olhos lacrimejando: — Sim.

— Quem é Lia? — Ela parecia familiar para mim, mas eu não tinha certeza, como.

— Minha melhor amiga — Hailey deixou cair uma lágrima e limpou-a rapidamente quando todos nós assistimos a cabeça de Lia cair para trás a partir de algo que um cara tinha sussurrado em seu ouvido.

— Eu vou matá-lo — Ryan murmurou, afastando-se da mesa. As veias de seu pescoço começaram a sair, mais ele veio a perceber o que estava acontecendo. Eu ainda estava tentando me recuperar. Hailey pegou o braço do irmão e parou.

— Não, Ryan — Ela ordenou. — Você sabe que ele vai bater em você.

— Eu não me importo — Disse ele, sua raiva nublando seu julgamento.

— Bem, eu sim — Hailey ordenou, fazendo-o sentar-se.

— Quem é esse? — Perguntei.

Hailey suspirou.

— Meu namorado, Theo. E a minha melhor amiga, que me traiu.

E assim que eu soube dos dois. Eles estavam em cada foto emoldurada ao lado da cama de Hailey. Repassei suas palavras em minha mente. *Idiotas*.

— Quando foi que você descobriu?

— Sobre... Há dois segundos.

Em um lampejo de revelação, eu vi que Lia era uma menina que não tinha respeito pelo termo 'amizade'. Havia regras faziam você um amigo, certo? Eram praticamente as mesmas regras que faziam ser bom irmão gêmeo. Como sempre odiar o cara que quebrou o coração da sua melhor amiga. Sempre fazer um backup de seu amigo em público, mesmo que eles estejam errados. E *nunca* namorar o namorado da sua melhor amiga. Lia não era uma melhor amiga, era uma cobra esperando para deslizar em seu caminho no relacionamento de Hailey.

Eu odiava o menino já.

Meus olhos percorreram Daniel, que estava olhando para mim. Meu coração deu um salto.

Eu mencionei como odiava que Daniel ainda estava me ignorando? E eu odiava como ele se preocupava mais com Henry ser o diretor-assistente do que os meus sentimentos? E como ele não quis falar comigo, mas se sentia mal por mim, porque eu estava sendo intimidada?

E eu mencionei o quanto odiava ser intimidada por causa do meu corpo, que eu não tinha escolha na criação? Eu odiava melancias. Odiava que eu não

era invisível para os valentões. Odiava os caras que tinha adicionado a minhas lágrimas no banheiro antes.

Eu odiava oficialmente meninos e Lia.

E Gabby.

Eu a odiava por morrer.

Eu não odeio Gabby. Eu sentia falta dela.

Ele não estava certo. Nada disso era. No entanto, eu senti como se eu pudesse fazer algo sobre um dos temas em questão. Eu me levantei da minha cadeira e caminhei em direção a Theo. Meu punho tomou a forma que Ryan tinha feito um momento antes.

Por uma fração de segundo, olhei em direção a Daniel, que estava olhando para mim com um olhar confuso. Bastava ver seus olhos perfeitos que fazia aumentar minha frequência cardíaca e aumento minha raiva. Uma vez que cheguei a Theo, eu bati-lhe no ombro.

Ele se virou para mim, parecendo ridículo com suas pulseiras 'hippie' e colares e seu cabelo sujo.

— Eu conheço...

Peguei sua garrafa de água e joguei isso na cara dele. A cafeteria engasgou quando eles olharam para nós.

— *Isso é por ser um mulherengo* — Peguei sua salada vegan e joguei na cabeça. — *Isso é por mentir e trair com sua ex-melhor amiga na frente dela!* — Então peguei o sanduiche quente de queijo grelhado de Lia e separei-os com a intenção de manchar o rosto dela, mas minhas mãos estavam agarrados.

— Ashlyn! Pare com isso! — Daniel gritou, de pé atrás de mim.

— Deixe-me! — Gritei quando tentei me arrancar do seu abraço, lágrimas enchendo meus olhos. Eu joguei o queijo grelhado no rosto de Lia. — Ela ainda

está chamando você de sua melhor amiga, sua vagabunda! Existem regras. Existem regras para ser alguém melhor, e você escolheu o hippie sujo sobre uma garota que tem o seu retrato emoldurado em sua penteadeira! Você não é uma amiga! Você é uma vadia!

Theo jogou as mãos para cima na incerteza, um pedaço de alface pendurada perto de sua boca.

— Quem diabos é você?

— Eu sou uma garota com sentimentos, seu idiota! — Gritei antes de ser puxado para trás por Daniel.

— Ashlyn! Escritório principal! *Agora!* — Daniel gritou no refeitório agora em silêncio.

Olhei para ele com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Pisquei e podia jurar que vi Gabby em pé atrás dele me dando um pequeno sorriso, triste. As lágrimas vieram mais rápido do que eu me empurrei de aperto de Daniel e andei para longe em direção ao escritório.

— Você o quê? — Henry gritou quando me sentei em frente a ele em sua mesa. Ele devia estar fora em seu carro para uma pausa para fumar. Eu podia sentir o cheiro de suas roupas. Afundei no assento e revirei os olhos.

— Eu pensei que ia falar com o diretor? — Eu disse. Eu odiava como era sempre atrevida com ele. Mas eu não podia parar.

— Sim, bem, ele está ocupado, não lidará com crianças de dois anos — Henry disparou de volta, andando em seu escritório.

Olhei para a sua mesa, onde ele tinha fotos de Rebecca, Ryan, e Hailey.

Henry pegou meu olhar e suspirou. Sentou-se na cadeira e cruzou as mãos.

— Olha, Ashlyn. Eu entendo. Você sente falta de sua irmã. Está lidando com um monte de coisas que estão sendo lançados em seu caminho. Está de luto... — Fez uma pausa. — Você não acha que eu sinto falta dela, também?

Encontrei os olhos dele com o meu. Ele não sabia o que significava sentir falta de Gabby, porque ele não estava lá para começar.

Enfiei a mão no bolso do meu vestido e puxei a lista. Coloquei sobre a mesa.

— Você era o número três na lista dela. Além de tudo o que ela queria fazer, queria perdoá-lo — Levantei a foto de família de sua mesa e estudei. — Eu não.

Ele pegou o pedaço de papel e olhou para ele. Após a leitura, ele colocou-o de volta para baixo e esfregou os cantos dos olhos.

— Entendo. Você está com raiva — Ele suspirou, seriedade à espreita nas profundezas de seus olhos. — Você está chateada, mas não jogue no resto do mundo.

Ele não vê, não é? Meu desejo de chamá-lo de pai. Fiz o meu melhor para mascarar meu coração partido de ver que ele não tinha fotos de Gabby ou minha em sua mesa. Eu fiz o meu melhor para mascarar meu coração partido do fato de que eu realmente sabia que o número três na lista de Gabby era baseado em eu perdoar Henry, não ela. Eu odiava que era tão teimosa e não podia falar com ele sobre isso. *Diga alguma coisa!* Minha mente gritou. *Fale!* Ela chorou. Mas eu duvidava que tínhamos o tipo de relacionamento em que as palavras corrigiam alguma coisa.

— Tudo bem. Tanto faz — Olhei para os dentes de leão amarelos balançando para a esquerda e para a direita fora da janela de seu escritório. Eles pareciam tão livres com base em como eles se moviam, mas eu sabia que suas raízes estavam segurando no lugar, certificando-se que eles não dançam muito longe.

Ele nem chorou no funeral dela. Que tipo de pai não chora no funeral de sua filha?

— Terminamos?

Ele manteve um olhar duro em mim e então piscou.

— Sim. Terminamos. Volte para o almoço.

Levantei-me e saí do seu escritório. No corredor, eu suspirei quando vi Daniel em pé fora de sua sala de aula. Nós nos olhamos e me virei para ir por outro caminho. Ouvi seus passos se aproximando e eu ainda estava andando.

— Posso ajudar? — Questionei hostilmente. Na história de maus primeiros dias de escola, eu tinha que deter o recorde para o pior de sempre.

— Theo Robinson está na minha primeira hora. Eu já posso dizer que ele era um idiota real. E não é o garoto mais brilhante — Daniel deslizou seu polegar sobre a ponte de seu nariz. Olhou para os corredores para se certificar de que ninguém estava olhando e se moveu uma polegada de distância até mim, apenas para está seguro. — Ele pensou que Macbeth era uma espécie de sanduíche novo do McDonald e me repreendeu por obrigá-lo a estudar o homicídio de umas vacas — Ele riu de si mesmo, mas ele parecia tão triste.

— O que você está fazendo? — Sussurrei.

Ele passou a mão sobre o rosto e amaldiçoou em voz baixa. Incorporando uma tristeza indizível e confusão, ele deu de ombros.

— Eu não sei — Franziu a testa, perplexo. — Eu nem sei o que isso significa.

— E você acha que eu devo fazer? Acha que isso é fácil para mim?

— Claro que não.

— Ouça. Não é como se algo realmente aconteceu entre nós de qualquer maneira — Eu menti. — Vou fingir que nunca aconteceu — Menti novamente. — Apenas se você prometer que não olhará para mim como se eu não existisse. Sou capaz de lidar com os valentões. Eu não posso lidar com você me ignorando.

Sua mão correu por sua boca antes de cruzar os braços e deu um passo a

poucos centímetros mais perto de mim.

— Seus olhos estão inchados. Eu fiz você chorar.

Minha pele se arrepiou por sua proximidade.

— A vida me fez chorar — Abracei meus livros mais perto de mim e fechei os olhos. — '*Quando nascemos, choramos por que estamos a chegar a este grande palco de tolos*' — Citei Rei Lear de Shakespeare.

— Você é a pessoa mais inteligente que eu já conheci.

Eu suspirei.

— Você é a pessoa mais inteligente *que eu* já conheci — Fiz uma pausa. — Não sou estúpida, Daniel. Eu sei que entre nós... Não pode acontecer qualquer coisa. E eu gostaria de sair da sua classe, mas Henry com certeza não concordaria, fui colocada na mesma por ele.

— Ê... — Disse. — Eu só queria que não gostasse tanto de você.

Eu não sei porque, mas senti vontade de chorar quando ele disse isso. Porque eu gostava dele também. Nós *tínhamos nos* ligado no sábado. Pelo menos eu tinha... Ele me despertou depois de eu ter estado adormecido por tanto tempo.

— Eu nunca poria em jogo o seu trabalho — Prometi. Eu não sei como isso aconteceu, mas de alguma forma estávamos mais perto, tão perto que eu podia sentir seu cheiro de sabão limpo depois de seu banho naquela manhã. Será que eu dou um passo a frente ou não? De qualquer maneira, nenhum de nós ia dar um passo atrás. Fechei os olhos e permiti que seu aroma corresse em cima de mim, me banhando na fantasia e na falsa esperança.

Quando meus olhos abriram, vi o seu olhar, forte e determinado. Ele pegou meu braço e me puxou em torno de um canto. Passamos por uma porta para uma escada vazia. Ele olhou para cima e para baixo nas escadas antes que e pressionou sua boca contra a minha. Meus lábios instantaneamente separaram e minha língua girou contra a dele.

Meus dedos correram por seus cabelos, trazendo de volta o - bar do Joe, Daniel - e fazendo o Sr. Daniels desaparecer por um momento no tempo. Sua mão apertou em torno de minhas costas. Beijar na escada silenciosa parecia perigoso, mas seguro. Aventureiro, no entanto idiota. Deprimente, mas real.

Quando ele retirou sua boca da minha e deu um passo para trás, nós dois sabíamos que o que tínhamos feito não poderia acontecer novamente. Ele mordeu o canto da boca e balançou a cabeça.

— Sinto muito, Ashlyn — O sinal tocou antes que eu pudesse responder, e ele seguiu o seu caminho e eu o meu.

A parte mais triste?

Eu sentia falta dele antes mesmo de virar à esquerda.

Capítulo 10

DANIEL

*Não seja quem você foi hoje.
Seja a pessoa que eu vi ontem.
~ Romeo's Quest*

Eu senti algo me puxando para ela no momento em que a vi no trem. Senti uma atração ainda maior quando a vi quebrar atrás do bar do Joe. No entanto, nada parecia tão certo como quando topei com ela na escola. Foi quando eu soube que estava errado. *Tudo* isso era errado.

Não havia dúvida sobre isso, os professores não ficavam com os alunos. A ética por trás era forte, algo que tinha batido em nós na faculdade. Nunca na minha vida eu tinha considerado. Pelo menos eu não teria, isso antes que Ashlyn Jennings apareceu.

Agora minha mente estava pensando em coisas malucas. Ela me fez pensar em quebrar as regras, encontrar as brechas, segurando-a perto de mim nos corredores ocultos, e falando de Shakespeare nos corredores abandonados da biblioteca.

Passei mais de uma hora depois andando pelo prédio da escola, procurando todos os cantos e esconderijos secretos, por lugares que talvez pudesse encontrar, talvez para abraça-la entre os sinos da escola depois do toque. Foi uma loucura, certo? Eu era louco. Mas eu olhei, eu procurei, e fiquei extremamente decepcionado comigo mesmo depois que a hora passou.

Quando que cheguei na casa do lago, Randy estava dormindo no sofá. Fui para a cozinha, peguei uma cerveja na geladeira, e sentei à mesa da cozinha, olhando para fora da janela acima do balcão da pia. O céu estava escurecendo

com nuvens em movimento. O cheiro do ar apontou para uma chuva torrencial em breve.

Sentei lá por tempo suficiente para testemunhar a primeira dança de gotas de chuva bater no parapeito da janela, longo tempo. Tempo suficiente para testemunhar o crack de um relâmpago acendendo no céu.

Talvez pudéssemos ser amigos. Suspirei em meu pensamento idiota. É claro que não poderíamos ser amigos. Ela era uma estudante na minha classe. Além do mais, depois daquele beijo, não havia nenhuma parte de mim que simplesmente queria ser apenas seu amigo. Além disso, sua vida já era bastante complicada. Eu não poderia adicionar a suas questões.

Quando nos tínhamos esbarrado fora da minha sala de aula, eu tinha visto a confusão que pairou em seu olhar. Então, quando ela disse o cargo de Henry, eu tinha visto a tristeza implantada lá.

— Primeiro dia de aula já fez você beber sozinho? — Randy brincou, caminhando até a geladeira e abrindo para retirar duas cervejas. Ele deslizou um para mim.

— Sim — Murmurei, ainda olhando para fora da janela.

— Você precisa transar.

Virei os olhos para Randy, levantando uma sobrancelha.

— Estou bem.

— Não — Ele balançou a cabeça para trás e para frente. Agarrando uma cadeira da mesa, e se sentou. — Você precisa de sexo. O que aconteceu com aquela “garota”¹⁸ que veio para o show no sábado?

Eu me encolhi.

— Não a chame de uma garota — Você chama de uma garota, aquela a

¹⁸ Ele fala no sentido dela ser um qualquer, uma vadiazinha.

quem não dá à mínima. Ashlyn não era uma garota. Ela estava tão longe de ser apenas uma garota.

Ela era inteligente.

Ela era engraçada.

Ela era intrigante.

Ela era tão, *tão* longe de ser uma garota.

— Estou dizendo a você, sua aura está fora — Ele acenou com as mãos em volta da minha cabeça, e eu suspirei. Randy estava falando de forma confusa, murmurando novamente: — É do caralho deprimente.

Tomei um gole da minha cerveja e coloquei de volta na mesa.

— E, para corrigir isso, você sugere...

— Sexo. Montes e montes de sexo — Ele disse assim, a matéria com naturalidade e eu tive que rir. — Sério, Dan. Quando foi a última vez que transou? Eu nem tenho certeza se você tem um pau mais. Estou lhe dizendo, não é saudável. Eu deveria saber. Estudei isso na faculdade.

— *Uma* classe, Randy. Você tomou *um* curso on-line sobre a sexualidade humana e agora você é um profissional?

Um estrondo alto veio de suas mãos e ele se endireitou na cadeira.

— A festa da música nua!

— Não — Eu disse, apontando para ele.

— O quê? Vamos lá! Nós não tivemos um em anos!

— Exatamente — Quando éramos mais jovens e eu tinha o meu primeiro apartamento, Randy e eu tivemos uma sessão doce com algumas belas mulheres que... ficaram nuas. Depois que Sarah faleceu, eu tinha ficado um pouco perdido, e Randy tinha sido positivo de que a melhor maneira de tirar a minha mente fora

da morte era substituir com sexo e música. Uma de suas muitas crenças diferentes. Não era um momento de maior orgulho que eu tinha do meu passado. — Nenhuma festa de música nua.

Ele riu.

— Tudo bem, tudo bem. Bem, eu também fiz um curso em ¹⁹aromaterapia e posso prescrever alguns óleos essenciais para ajudar a aliviar o seu nível de stress.

— Eu não estou estressado — Argumentei.

— Um pouco de óleo de eucalipto, alecrim e óleo de amêndoa doce em um banho lhe faria maravilhas. No banheiro mais próximo, tenho potes de diferentes tipos de flores que você pode flutuar no banho, também. Cada um é rotulado com suas descrições de cura.

Minha boca estava aberta e eu estreitei os olhos.

— Tem certeza *que você* tem um pau?

Ele riu e deu de ombros.

— Eu transo no mínimo cinco vezes por semana. Tenho a pele saudável e um estilo de vida tranquilo e calmo. Além disso, o meu desempenho sexual é...

— Cale a boca. Apenas... Pare de falar. Por favor.

— Ok, ok... E sobre a... — Ele levantou as mãos —... Massagem terapêutica 101 (um a um). Cara relaxar os músculos das costas.

— Oookay, nessa nota... — Saltei do meu lugar e joguei a cerveja em cima da mesa. — Estou indo para uma corrida.

— Está chovendo lá fora! — Randy argumentou.

— As melhores corridas são na chuva — Falei enquanto me dirigia para o

¹⁹ **Aromaterapia** é um ramo da fitoterapia que consiste no uso de tratamento baseado no efeito que os **aromas** de plantas são capazes de provocar no indivíduo. Esta é a ciência que explora o uso dos óleos das plantas para benefício da sociedade.

meu quarto para colocar meu equipamento.

— Ah, certo. Claro. Bem, ei, se acontecer de você topar com uma vagina, peça para convidá-lo para uma pequena conversa. E por conversa, quero dizer *relação sexual!*

As nuvens de chuva levantaram, deixando poças que eu corri através até que voltei para o hotel. Estava na frente do galpão do barco do meu pai e abri as portas. O barco não tinha saído do galpão desde que mãe havia falecido. Tinha pensado em vendê-lo algumas vezes. Inferno, eu tinha pensado em vender a casa por completo, também.

Mas quem iria vender o sonho dos seus pais?

O lugar já estava em perigo com os impostos e tudo mais. Meu trabalho de ensino e os meus shows na banda de fim de semana eram as únicas coisas que estavam me ajudando a manter a possibilidade de manter a propriedade. Sentia como se havia deixado meus pais para baixo, eu não poderia perder a sua casa, também.

Não era uma opção.

Entrei no espaço escuro. Meus dedos traçaram a borda do barco e os meus lábios involuntariamente franziram. Esta beleza não era para estar trancada, impedido de se sentir livre, vivo. A água era a sua casa. No entanto, eu o mantinha preso, preso dentro de uma caixa de madeira.

— Desculpe, amigo — Murmurei, batendo a mão no lado. — Talvez no próximo verão.

Talvez.

Sem promessas.

Capítulo 11

ASHLYN

*Dando-se bem com meus amigos aqui,
Não dou à mínima se o mundo decide terminar.
~ Romeo's Quest*

— Eu não entendo por que ainda estamos indo — Argumentei para Hailey, que estava me puxando em direção à casa da festa de Theo. Ele foi pego traindo-a no refeitório, mas ela ainda encontrou a necessidade de me arrastar para o seu lugar duas semanas depois.

Espreitando através das janelas, vi um grupo de pessoas de nossa escola, bebendo, e fazendo tudo o que seria de esperar em uma festa de colégio.

Por que ninguém nunca joga as partes?

Eu seria toda aquela porcaria.

— Eu disse a você. Ele me mandou uma mensagem pedindo desculpas na última noite. Acho que apenas compreendi mal — Ela tinha entendido mal sua língua na boca de seu ex-melhor amiga? — Além disso, Ryan também está aqui.

— Eu pensei que ele odiava Theo — Comentei.

— Ele faz. Mas gosta de Tony. E lugares como estes são a única oportunidade que ele pode realmente sair com Tony.

Segurei minha bolsa perto do meu ombro enquanto caminhávamos para

dentro. Cheirava como se alguém estivesse queimando ²⁰sálvia, mas eu estava certo de que não era sálvia que eu cheirava.

— *Ashlyn!* — Jake sorriu, caminhando até mim. Ele ainda estava colocando a pressão sobre o meu nome desde que nos conhecemos. — Não sabia que você vinha para festas! — Seus olhos dançaram em meu peito, mas por um período mais curto neste momento.

— Eu não vinha — Dei-lhe um leve sorriso. Tudo sobre estar ao redor de Theo me deixou desconfortável. O barulho, a bebida, o surpreendente mau gosto da música. Gabby teria vergonha.

Jake riu e colocou a mão nas minhas costas, me levando mais para dentro da casa.

— Bem, eu vou ser seu guia — Ele olhou para Hailey, que estava dando um sorriso cauteloso. Suas sobrancelhas arqueadas. Ele cheirava um pouco demais, como sálvia queimando. — Oh! É a irmã de Ryan, certo?

Ela assentiu com a cabeça.

— *Hailey* — Corrigi, dando-lhe um nome e colocando o estresse sobre ao referido nome. Ela merecia mais do que apenas ser marcada como a irmã de Ryan.

Ele riu e cutucou-a.

— Certo. *Hailey*. Estou feliz por você estar aqui. Eu só fumava um com o seu irmão. Se vocês duas estão interessadas, eu consigo mais. Por minha conta. — Ele estava pedindo para ficarmos alta com ele, e por um segundo, achei que Hailey considerou.

— Não, obrigado, Jake. Nós não estamos realmente nessa matéria.

— Nós poderíamos tentar — Hailey saltou, com os olhos cheios de emoção.

²⁰ **Sálvia** é uma das plantas medicinais mais usadas no mundo na medicina natural, pois possui benefícios de todos os tipos e nenhuma contra indicação. Seu nome científico é *Salvia officinalis*, mas os efeitos produzidos pela *Salvia divinorum* não são comparáveis a quaisquer efeitos produzidos por outras substâncias psicoativas.

Dei-lhe um olhar severo, em seguida, virei para Jake.

— Não, obrigado, Jake. Mas, ei, nós vamos encontrá-lo mais tarde, tudo bem?

Ele me olhou de novo, os olhos dançando em toda a minha aparência. Sorriu, dizendo que ele iria nos verificar novamente mais tarde.

Hailey franziu o cenho.

— Por que você fez isso?! Jake é bonito. Acho que ele está a fim de você.

Meus olhos rolaram sem esforço.

— Duvido. Olha, se vamos estar aqui, temos algumas regras.

— Tudo bem, mãe — Zombou. — Quais são as regras?

— Regra número um, sem drogas.

— Theo disse que a maconha é de ervas. Assim como o chá.

— Theo é um idiota — Eu disse, sem rodeios. — Regra número dois, o máximo de duas bebidas — Sua boca estava aberta e ela foi para discutir, mas eu a cortei. — Regra número três, nada de sexo — Os lábios dela fez beicinho para fora. Empurrei-os para trás. — Nada de sexo!

— Você é um estraga prazeres — Murmurou, saindo para encontrar Theo.

Eu ri e chamei por ela.

— Você nem é mesmo tonta!

As salas da casa começaram a se tornar mais embaladas, preenchendo quando a noite continuou. Eu odiava o cheiro, odiava a tatear, odiava *tudo* sobre este lugar. Era por isso que eu era a menina que vivia em meus livros. As festas nas novelas sempre me pareciam mais divertida.

Após andar pela casa, eu fui para a porta de trás e empurrei para a varanda

para um pouco de ar fresco. Minha cabeça estava começando a doer dos cheiros da erva daninha e vômito misturando.

Havia degraus que levam a um grande quintal. Minha mão encostou-se ao corrimão e eu me abaixei para sentar. A luz da varanda brilhou sobre mim estupidamente, piscando dentro e para fora, quase pronto para morrer.

Mas seria o suficiente.

Peguei a minha bolsa, tirei meu romance atual. Planejava sentar aqui até Hailey ter seu quinhão de desgosto por uma noite. Abrindo o livro, meus dedos viajaram através das páginas, sentindo sua textura contra os meus polegares. Levantei o livro para o meu rosto e inalei, absorvendo o perfume das palavras no papel.

Não havia nada tão romântico como a sensação de um livro em suas mãos.

Exceto Daniel.

Ele foi muito romântico.

Pisquei os olhos e balancei a cabeça para trás e para frente. *Não*. Sem pensamentos de Daniel.

O único problema com não pensar em Daniel foi que a minha mente ia para Gabby.

O que era ainda pior.

As palavras começaram a se confundir sobre as páginas. O papel dentro do livro começou a ficar molhado. Surpresa, surpresa, eu estava chorando de novo.

— Eu não posso acreditar que estou aqui — Murmurei para mim mesma, para Gabby. Minha voz caiu um pouco. — Hailey me faz lembrar de mim mesma, quando eu gostava de Billy. O que não pode ser bom.

Fiz uma pausa, esperando a resposta que nunca veio.

— Mamãe ainda não ligou. Pensei em ligar para ela... Mas eu não fiz. No

outro dia, eu tive raiva de você por ter morrido. Sinto muito — Ri, me sentindo um pouco louca por falar comigo mesma, mas isso sempre me fazia sentir um pouquinho melhor.

Uma menina tropeçou fora de casa, e eu podia jurar que tinha sido mordida por um zumbi por sua aparência vidrada. O nome dela era Tiffany Snow; ela estava na minha aula de história. Eu tinha que admitir que ela parecia muito mais bonita durante a escola, o olhar com rímel não estava fazendo muito para ela. Ela não me notou.

Com uma profunda inspiração de ar fresco, Tiffany tentou firmar-se, segurando os braços para os lados. Exalou e riu, satisfeita com a sua capacidade de se acalmar. Então correu para o lado esquerdo da varanda e vomitou sobre os trilhos. Ela deslizou para a varanda, sorrindo para si mesma.

Superior.

— Shhh... — Alguém sussurrou do meu lado esquerdo. Eu me virei para olhar para os arbustos que estavam atualmente em movimento e conversando. — Cale a boca!

Zipp!

Era o som de jeans sendo zipado. Corei e voltei para o meu livro. Quando vi Ryan tropeçando para fora dos arbustos, colocando sua camisa e afivelando o cinto, eu corei ainda mais.

— Chicago — Ele disse, seus olhos envidraçado e vermelho. Cheirava a muita sálvia queimada também. — O que você está fazendo aqui?

— Hailey — Eu disse, apontando para a porta.

Ele fez uma careta e se sentou ao meu lado.

— Theo é um idiota — Fez uma pausa. — Mas ele tem a melhor erva daninha — Eu sorri para Ryan, e ele deitou a cabeça no meu ombro, sussurrando: — Há um menino nos arbustos ainda.

— Imaginei muito.

— Ele não está pronto para sair, ainda.

Tanto significado em tão poucas palavras.

Ryan olhou para Tiffany, que estava desmaiada na varanda.

— Tiffany — Ele bateu com o punho sobre os degraus de madeira, recebendo a atenção dela. — *Tiffany!* Saia da varada!

Um dos seus olhos se abriu e ela riu.

— Ryan — Respirou jogando as mãos no ar de excitação. — Eu quero foder você agora — Ela continuou rindo, passando as mãos sobre o rosto.

Eu estava tentando o meu melhor para ver os prós da festa... Mas eles foram tornando mais fácil em manter a leitura.

Ryan riu e se virou para mim.

— Eu não quero transar com ela — Eu juro que havia uma fração de segundo em que seus olhos parecia tão triste.

— É muito para você, não é?

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você — Ele fez uma pausa. — Às vezes eu sinto que está se escondendo atrás de seus livros para evitar a realidade.

Eu vacilei na verdade das suas palavras. Ele não notou embora.

— Posso te contar um segredo? — Ele perguntou, puxando sua caixa de cigarro falso e acendendo uma. — Porque eu sinto que posso, pois você não sabe nada das pessoas da escola ou qualquer coisa. Você é uma estranha. Preciso de uma estranha.

— Claro.

Seu olhar estava nos arbustos, e uma única lágrima caiu por sua bochecha.

— Eu não sou tão feliz como pareço ser.

— Por que está fingindo?

Ele abaixou a cabeça, olhando para os sapatos.

— Porque fingindo ser feliz é quase como ser feliz. Até que você lembre-se que está fingindo. Então você está triste. *Realmente* triste. Porque usar uma máscara todos os dias de sua vida é a coisa mais difícil de fazer. E depois de um tempo, você começa a ter medo porque a máscara se torna você.

— Ryan... Você não está sozinho — Eu o empurrei em seu ombro. — E você nunca tem que colocar a máscara em torno de mim.

Seus lábios apareceram, e ele sussurrou: — Idem — Contra a minha bochecha antes de me dar um beijo.

Hailey saiu pela porta de trás da casa e sentou-se no meu outro lado, colocando a cabeça no meu ombro.

— Eu o odeio — Sussurrou tão baixinho. Ryan nem sequer ouviu.

Foi nesse momento ali que eu soube que eu estava no lugar certo. Eu estava perdida, mas assim estavam eles.

Não havia mapas para se encontrar.

Pelo menos eu não estava andando sozinha.

Capítulo 12

DANIEL

*Eu vou mentir para mantê-lo seguro,
Eu vou mentir para mantê-lo aquecido.
Eu vou mentir para mantê-lo longe da mais feia tempestade do caralho.
~ Romeo's Quest*

Algumas semanas se passaram desde que Ashlyn e eu havíamos descoberto sobre a nossa situação. Quando outubro chegou, fiquei chocado com o quanto eu ainda a queria.

Uma manhã, entramos no prédio da escola ao mesmo tempo. Foi apenas por um segundo ou dois que os nossos olhos se conectaram. Apenas um mero momento em que olhamos um para o outro, mas eu a vi soluçar, seus nervos descansando na superfície. Quando ela se virou, eu queria segui-la.

Mas isso era errado, certo?

O que havia de errado comigo?

Pensei em interagir em um ambiente intimista que meus sentimentos estariam fora. Mas eles não estavam. Eles só cresciam cada vez que eu vi seu pé passo na minha sala de aula. Às vezes eu a pegava andando com Ryan e do jeito que ela sorria quando falava com ele me fazia sentir como se eu estivesse flutuando. Seus sorrisos eram viciantes, e eu desejava que tivesse sido criado para mim.

Eu odiava que não poder dizer a ela como estava bonita a cada dia. Odiava que, quando ela entrava na minha sala de aula, eu tinha que fingir que ela não estava em minha mente. Odiava que ela não iria participar das discussões em

aula, mesmo que eu soubesse que ela tinha todas as respostas certas. Odiava como os meus outros alunos olharam para ela. Como a cobiçavam. Como zombaram dela. Como a intimidavam. Odiava que ela lamentava a morte de sua irmã, por si mesma. Odiava que ela se sentia sozinha, mas nunca mostrava isso. Odiava o quanto eu perdi seus lábios. O sorriso dela.

Eu odiava o quão perto estávamos, mas o quão distante nós sentimos.

Eu amei como ela estava bonita a cada dia. Amei isso, quando ela entrava na minha sala de aula, ela estava em minha mente. Amei como ela não iria participar das discussões em aula, mesmo que eu soubesse que ela tinha todas as respostas certas. Amei como, quando eu lia seus trabalhos, não foi tendencioso. Ela era simplesmente um gênio. Amei como, quando eu fui a uma corrida, e ela se juntou a mim na frente da minha mente. Amei como às vezes eu a pegava em sala de aula olhando para mim com admiração. Amei quando ela ignorou os insultos dos outros alunos. Quando não deixou que os bullies ganhassem. Como ela não vacilou. Amei como ela era bonita sem esforço. Como sempre usava vestidos que a abraçava, embora encobrendo pudesse ter ajudado a terminar com os idiotas.

Eu adorava que ela usava os vestidos porque eles eram de sua irmã gêmea. Amei como ela honrou a memória de sua irmã com tais gestos simples. Amei como ela caminhava com confiança, mesmo que estivesse nervosa. Amei como ela se movia. Como ela estava. Como ela estava sentada.

Eu amei como distante nós estávamos, mas o quão perto nos sentíamos.

Capítulo 13

ASHLYN

*O que posso fazer para mostrar como eu me sinto?
Desde o início até o fim, fomos reais.
~ Romeo's Quest*

Fiquei bastante satisfeita comigo mesmo. Mesmo com o pessoal da escola dando em cima de mim, enquanto zombaram do meu corpo, eu ignorei. Ignorei os rumores que começaram comigo dormindo com qualquer um (muito rapidamente, eu poderia acrescentar). Sorri para Daniel, às vezes para fazê-lo perceber que não tinha que ser estranho a situação (mesmo que eu realmente quisesse chorar, posso acrescentar).

Eu estava indo bem. Em vez de se afogar em uma terra de depressão, decidi pegar um cartão de biblioteca, seria uma escolha melhor. Afogando-me no faz de conta parece mais promissor. Eu viajava para a biblioteca, todas as tardes, caminhando sob o sol quente logo após a escola e voltar para casa quando a lua estava alta.

Certa manhã, antes da escola, Hailey estava escovando o cabelo e sentou-se a escova para baixo.

— Theo me convidou para sair novamente.

Virei para ela, desgostosa por ela. Ela não tinha falado sobre ele nas semanas desde a festa.

— Um idiota — Murmurei.

— Sim — Fez uma pausa. — Estou pensando em dizer sim.

Meus olhos se arregalaram.

— Você está brincando?

Ela não estava. Assisti sua cabeça cair para o chão e os ombros cair.

— Eu não sou como você, ok? Não tenho caras se jogando em mim, muito menos olhar para mim. Minha única chance de um relacionamento é Theo.

— 'Jogando'. As pessoas que vem para mim são totalmente idiotas. Confie em mim. Você não quer isso. Além disso, você tem dezessete anos, não oitenta e três. Haverá outros caras.

Ela fez uma pausa, pensando em meu comentário em seu cérebro. Suspirei quando a vi balançar a cabeça.

— Ele pediu desculpas. Com o que fez com Lia.

— Você pode pedir desculpas por socar alguém, mas isso não para o ferimento.

— Você leu em um de seus livros — Ela riu.

— Hailey...

Ela tirou um pequeno saco com comprimidos.

— Ele quer que eu tente estes. Ele disse que, se temos algo em comum, então poderemos trabalhar melhor.

Olhei para ela como se ela tivesse perdido o juízo, maldição.

— Ele quer que você tome medicamentos para estar mais perto dele?

— Você é virgem?

Esfreguei meus dedos contra as minhas têmporas e balancei a cabeça. Sua pergunta tinha saído do campo da esquerda. Era pouco depois das seis horas da manhã e estávamos falando sobre drogas e sexo. Eu definitivamente precisava de

uma xícara de chá.

— Não. Meu último namorado costumava ficar comigo até que encontrou algo novo — Parei e pensei sobre Billy e como ele me fez chorar.

— Estava com medo? — Ela sussurrou.

Aterrorizada.

— Eu tinha dezesseis anos. Era jovem e muito estúpida. Não de uma forma ruim, mas no *'eu sou um garota e não sei nada sobre a vida'* tipo de forma normal. Eu dormi com Billy, pensando que significava que ele me amava. Foi assustador, doloroso, e não menos romântico. Então nós fizemos isso de novo e de novo. Eu esperava que fosse começar a gostar, porque eu o amava... Então, descobri que ele estava fazendo a mesma coisa com Susie Kenner. Minha irmã Gabby se sentava ao meu lado na minha cama, tocando seu violão enquanto eu chorava, me dizendo que Billy era um pau monstruoso que provavelmente tinha um pênis pequeno. Ela estava certa sobre seu pequeno pênis. Foi muito inexistente.

Hailey riu levemente.

— Então o que aconteceu?

— Billy me ligou depois, dizendo que queria trabalhar nossa relação e que estava interessado em trabalhar os nossos problemas, mas eu não conseguia parar de chorar, mesmo através do telefonema. Eu disse a ele que o amava, e ele disse que gostava de mim o suficiente para fazer funcionar. Tudo o que eu teria que fazer era deixá-lo tocar em meus seios de vez em quando e fazer sexo sempre que seus pais não estivessem por perto. Minha irmã me disse que eu não deveria voltar para ele, porque ele realmente não gostava de mim, mas estava mais interessado no tamanho do meu peito do que o tamanho do meu cérebro. E Gabby me prometeu que o tamanho do meu cérebro valia a pena para se interessar.

A sala cheia de silêncio enquanto eu olhava para o chão acarpetado.

— Hailey, o tamanho do seu cérebro merece a pena para estar interessados.

Seu suspiro foi quase sem som.

— Ela parecia ser uma ótima pessoa, sua irmã.

— A melhor — Eu falava baixinho. — Basta pensar nisso, certo? Com Theo?

Ela prometeu que faria. Mas vi o olhar de esperança em seus olhos quando falou sobre ele. Eu tive a mesma esperança, quando voltei para o Billy, pensando que seria diferente. Não foi. Mamãe costumava dizer: *‘Deixe o passado para trás de modo que o futuro possa encontrá-lo’*. Essa foi a minha frase favorita. Depois que Henry a traiu, ela se esforçou para deixar seu passado para trás. Mas ela finalmente conseguiu quando conheceu Jeremy.

— Quantas coisas mais na sua lista você tem feito — Perguntou Hailey, mudando de assunto.

Eu pisquei.

— Só duas — E em um instante, os lábios de Daniel estavam correndo pela minha mente. *Beijar um estranho*. Pisquei de novo, apagando sua memória.

Hailey estendeu a mão para mim.

— Deixe-me ver a nota.

Andando para o meu armário, peguei a carta e coloquei em suas mãos. Abriu e leu.

— Hmm... — Ela disse para si mesma, lançando os olhos. — Número quatorze já foi feito.

— O que é isso? — Perguntei, sentindo-me um pouco ansiosa.

— Faça um novo amigo — Ela sorriu.

— Você é minha amiga? — Perguntei em voz baixa, sem saber exatamente o que dizer.

Hailey riu.

— Bem, se eu não sou, então isso é muito estranho — Ela assentiu com a cabeça uma vez. — Claro que sou sua amiga. A maneira como me defendeu há algumas semanas... A maneira como você ainda odeia Theo... Eu acho que é amizade — Eu sorri largo e ela me bateu no ombro. — Onde está esta a carta?

Fui até a caixa do tesouro e rapidamente folheou os envelopes. Ao ver a letra, eu li à frente e suspirei. Gabby tinha escrito que esta carta não era para mim, era para o novo amigo. Como eu não tinha percebido isso antes? Corri minhas mãos através das outras letras, e eis que, não eram todas dirigidas para mim. Meu coração e lábios franziram e as sobrancelhas juntas.

Coloquei nas mãos de Hailey e encolhi os ombros.

— É para você.

— Para mim? — Ela foi pega de surpresa pela ideia de que eu não seria a única a ler a carta. No entanto, eu confiei em Gabby. Eu sabia que ela tinha algum tipo de lógica por trás de sua mente. — Eu posso escolher outro número da lista — Hailey argumentou. — Nós não somos realmente amigas de qualquer maneira — Ela brincou.

Eu ri.

— Sim, Hailey. Somos.

— Bem, fique aqui. Vamos lê-la juntas.

14. Faça um amigo

Caro amigo

Espero que esteja tudo bem me dirigir a você, de tal maneira. Eu pensei que

se você é uma amiga de Ashlyn, então você é uma amiga minha. Eu gostaria que tivéssemos a chance de nos conhecer em melhores circunstâncias, mas a coisa toda de morrer realmente colocou um amortecedor sobre a minha capacidade de fazer uma grande primeira impressão. Então o que eu quero dizer é obrigado.

Obrigado por fazer amizade com uma garota que é, provavelmente, muito quebrada, mas ao mesmo tempo tão incrivelmente perfeita. Obrigado por fazer amizade com uma garota que é, provavelmente, um pouco diferente e cita muitos livros. Obrigado por fazer amizade com uma garota que não fala sobre seus sentimentos muito, mas confie em mim, ela sente tudo.

Obrigado por estar lá para ela.

Então, agora, eu prometo a você que eu vou estar lá para você, também. Eu não sei como. E eu provavelmente não deveria fazer esse tipo de promessas... Mas só sei que quando você vê os ventos assobiando através das flores, que sou eu agradecendo-a e abraçando-a durante seus dias.

Obrigada mais uma vez mais por você, amigo.

Você está indo muito bem.

~ Gabrielle

Hailey dobrou a nota e suspirou.

— Eu realmente gosto de sua irmã — O jeito que ela disse 'gosto' ao invés de 'gostei' me fez sentir como se Gabby ainda estivesse aqui. Esse sentimento ficou comigo como um brilho quente de felicidade de saber que uma parte da Gabby nunca tinha ido. Com estas cartas, ela de alguma forma lutava com a morte. De alguma forma, ela tinha sobrevivido.

Hailey levou Ryan e eu para a escola, e combinamos de nos encontrar para o almoço, como sempre. No caminho para o meu armário, Jake correu até mim e me cutucou no ombro.

— Ei, Ashlyn.

Eu dei-lhe um pequeno sorriso.

— Oi, Jake.

— Você está linda hoje — Disse ele, olhando-me de cima a baixo.

Eu olhei para cima para ver Daniel olhando para nós dois conversando, um toque de raiva em seu rosto. Sua mandíbula estava apertada, seus olhos quase atirando adagas. Apertei os olhos, confusa. Ele então olhou para longe. Como se eu tivesse feito isso com ele? Como se eu tivesse fazendo ciúmes?

— Obrigada, Jake — Murmurei, ainda olhando para Daniel.

Eu gostaria que ele não fosse tão bonito olhando-bravo e tudo. Ele deixava difícil fingir que eu não estava atraída por ele. Ele desapareceu ao virar a esquina na direção do meu armário. Esperava que fosse vê-lo quando eu virasse no canto. Era complicado. Ele era o ponto alto do meu dia, mesmo que ele era o ponto baixo do meu dia.

Como pode ser isso?

Jake continuou andando ao meu lado, um pouco perto demais para o conforto.

— Então, eu estava pensando... — Ele se mudou ainda mais perto. Eu podia sentir o cheiro da enorme quantidade de colônia em sua camisa, o que me deu vontade de vomitar. — Estou dando uma festa de Halloween no próximo fim de semana, depois do jogo de futebol. Meus pais estão fora da cidade e você deve vir. Costumes exigidos.

Eu ainda me encolhi esperava que ele não notasse.

— Eu realmente não sou o tipo de menina de festa. A última não funcionou tão bem para mim.

— É... — Ele sorriu. — Mas teve drama, né? — Fiz uma careta. Eu tinha

certeza do que ele quis dizer. Ele continuou. — Vamos lá, Ashlyn. Você não precisa ser sempre a filha do assistente do diretor. Tem que começar a mostrar as pessoas quem você realmente é. Ou então eles vão continuar comendo viva.

— Eu... — Fiz uma pausa. — Não estou interessada, Jake — Eu o vi franzir a testa e imediatamente me senti mal. — Talvez na próxima festa? — Dei-lhe um sorriso amável e cutuquei no braço.

Ele animou-se e acenou com a cabeça.

— Sim, está bem! Você vai ser o primeiro nome na lista de convidados. Te vejo na sala de aula, ok? — Ele correu com um enorme sorriso no rosto. Eu esperava não está levando-o a qualquer.

Quando virei à esquina para chegar ao meu armário, eu vi Daniel em pé na frente dele, rasgando as coisas fora.

— O que você está fazendo? — Perguntei.

Ele me viu e começou a rasgar mais rápido.

— Malditas crianças — Murmurou. — Eu vou descobrir quem fez isso e...

— Quem fez o quê? — Me aproximei e vi as fotos. Imagens recortadas de seios coladas por todo o lugar. Meus olhos lacrimejaram, mas mordi meu lábio inferior quando ouvi algumas meninas rindo atrás de mim. Eu não iria chorar; que era o que eles queriam que eu fizesse. Eu estava tão envergonhada que ele era o único que tinha que ver isso.

— Daniel... — Sussurrei, olhando para ele se abaixando e pegando as fotos. Ele me ignorou. — Sr. Daniels! — Eu disse um pouco mais alto, o que fez as crianças rirem ainda mais. Eu ignorei. — Por favor, fique longe do meu armário.

Seu olhar era frio.

— Isso... Isso não vai ser permitido. Não a ninguém nesta escola. Especialmente para... — Ele fez uma pausa, observando a multidão que o cercava.

Eu solucei uma vez.

— Por quê? — Perguntei.

Quando seus olhos encontraram os meus, a suavidade e olhar de desculpas fez tudo dentro de mim apertar. *Especialmente para mim.* Ele trocou os pés ao redor antes de se virar e ir embora, mandando os alunos irem para a aula. Peguei uma das imagens abandonadas no chão e suspirei.

Meus seios não eram *tão* grandes.

Daniel me pediu desculpas pela forma como reagiu antes, dizendo-me que tinha sido pouco profissional. *Eu não quero que você seja profissional.* Dei de ombros para ele e fui para o meu lugar. Ele se sentou na beirada da mesa. As mangas de sua camisa de botão foram empurradas por todo o caminho até os cotovelos, e ele teve o fim de um apagador descansando em suas mãos.

Ele era tão bonito, e meu corpo estava ficando louco com esse fato. Mesmo quando tentei me livrar da minha paixão por ele, parecia crescer ainda mais forte, sem nos comunicar. Descobri que nos comunicávamos melhor no silêncio. Alguns olhares aqui, alguns pequenos sorrisos lá. Talvez a nossa ligação não precisasse de palavras ou sons. Talvez ela só era.

Ele era tão inteligente, também.

Era tão inteligente que me deu vontade de rastejar em sua cabeça e viver lá. Eu não estava apaixonada por Daniel durante o horário escolar. Eu estava caindo pelo Sr. Daniels.

Metade dos estudantes em sala de aula, provavelmente, nunca teve qualquer ideia de como ele era intelectual. Ele era apenas mais um professor chato para eles. Mas eu estava ferida pela forma como a sua mente encontrou maneiras de nos ensinar. Como ele poderia nos empurrar, empurrar-me para experimentar novos conceitos.

Estávamos em nossa seção de poesia cobrindo sonetos, ²¹haikus é o meu favorito...

Ele pulou da mesa e abriu caminho na sala, perguntado: Flash Ficção.

— Vamos lá, senhoras e senhores! Um de vocês deve ter alguma ideia do que o flash é ficção. Basta começar a jogar coisas fora.

— Ficção sobre o super-herói flash! — Ryan sorriu.

— Perto... — Daniel riu. — Mas não exatamente — Minha mão voou pela primeira vez desde que o ano letivo começou. Daniel viu isso e me deu um sorriso doce. — Sim, Ashlyn?

— Ficção que acontece num piscar de olhos... Como em histórias curtas. Eles normalmente contam uma história completa dentro de algumas frases, algumas palavras.

Avery, um dos únicos jogadores de futebol que *não* me amolava, riu.

— Isso é impossível — Ele era o mesmo cara que tinha sido expulso do estudo da Bíblia. Eu me perguntava o que tinha feito para ser chutado para fora. Você provavelmente teve ser muito cruel para o povo de Deus se voltar contra você.

— Na verdade não — Argumentei calmamente.

Daniel arqueou uma sobrancelha e deu um passo para trás e para frente da sua mesa. Sentou-se novamente com as pernas estendidas e cruzadas na altura dos tornozelos.

— Importa-se de explicar, Sra. Jennings? — Ele usou o meu último nome, e por alguma razão, isso fez entre minhas coxas pulsar de excitação.

²¹ **Haikus** é uma [forma poética](#) de origem [japonesa](#), que valoriza a concisão e a objetividade. Em português é escrito Haikai, no Brasil, e Haiku, em Portugal. Em [japonês](#), haiku são tradicionalmente impressos em uma única linha vertical, enquanto haiku em [Língua Portuguesa](#) geralmente aparecem em três linhas, em parale.

Eu queria impressioná-lo. Queria que ele soubesse o quanto eu sabia. As palmas das minhas mãos estavam ficando úmida, e eu corri contra as minhas pernas. Meu vestido estava contra o meu corpo, mas me senti extremamente exposta.

Era ruim que eu gostasse de como me sentia exposta na frente dele?

Daniel virou-me com a sua música, sua voz, seus sons, e seu toque. Sua gentileza e senso de humor. Mas o Sr. Daniels fez o meu uma pulsação entre minhas coxas de uma maneira completamente diferente. Uma maneira proibida. A forma sedutora. Eu sonhava que a classe era liberada e sua mão segurando-me dizer que ele tinha que passar por cima de alguma coisa comigo. Ele iria fechar a porta da sala e me empurrar contra ele enquanto sua mão lentamente puxava a bainha do meu vestido. Minha boca se abriu ao seu toque, suas carícias.

Imaginei os dedos encontrar minha calcinha e rolando contra o tecido, e para trás em um movimento lento, me fazendo ofegar mais. Seu dedo empurrado contra o tecido antes de encontrou o seu caminho para dentro. — *Sr. Daniels...* — Eu gostaria de sussurrar em seu ouvido, chupando o lóbulo da orelha entre gemidos.

Ele iria me beijar no pescoço, me lambendo devagar. Tocando-me sedutoramente enquanto ele me excitava pela respiração contra meu decote. Ele iria me xingar, me dizendo como eu tinha sido uma menina muito má. Eu gemia levemente quando ele me levantou contra a parede, deslizando minhas alças finas e colocando meus seios na palma de suas mãos. Ele iria reclamar o meu peito, o meu corpo como seu.

Então, na minha imaginação profunda, alguém iria entrar na sala de aula e gostaria de se esconder atrás de sua porta. Minha respiração irregular e apressada, adrenalina percorrendo cada centímetro do meu corpo. Eu não iria puxar meu vestido completamente para baixo, de modo que, quando ele olhasse para trás da porta, ele poderia ver minha calcinha úmida, provocando, tornando-a com muita fome.

Ah, sim, o Sr. Daniels virou-me em uma quantidade extrema. E isso foi

apenas em minha mente. Fiquei imaginando o que ele poderia fazer se realmente me tocasse na sala de aula.

— Hum... Ashlyn? — Ryan me cutucou no braço.

Sacudi-me da minha fantasia. A classe inteira estava olhando para mim e para minha boca escancarada. Meus lábios fechados. Minhas bochechas avermelhadas.

— Uh, sim. Sim — Limpando a garganta e os meus pensamentos, eu continuei. — Há uma história que vem acontecendo ao redor para sempre. As pessoas contam que tudo começou com Ernest Hemingway, mas é difícil dizer se é um fato que realmente aconteceu. De qualquer forma, o boato é que Hemingway foi tentado a contar uma história utilizando seis palavras.

— Como eu disse — Avery riu. — Impossível.

Os olhos de Daniel se estreitaram em mim. Ele arqueou uma sobrancelha e o canto de sua boca transformou-se em um sorriso. Será que ele sabia que eu tinha estado sonhando com ele? Será que ele sonha comigo, também?

— Impossível? — Daniel murmurou. — É? — Ele perguntou, movendo-se novamente para o quadro. Escreveu: Vende-se: sapatos de bebê, nunca usado — A história de Hemingway.

A sala ficou em silêncio. As palavras no tabuleiro me fez tremer, mesmo que já conhecesse a história.

Ryan foi o primeiro a falar, quando disse: — Queimado por um professor, Avery!

A sala começou a rachar-se, e eu não conseguia parar de sorrir. Eu queria ficar chocada que Daniel conhecia a história exata que falei, mas é claro que ele conhecia. Ele era inteligente além da medida.

Daniel ergueu as mãos, fazendo a classe rugindo ficar em silêncio.

— Tudo bem. Sim. Então o que eu quero de vocês é que peguem os papéis

que escreveram para mim no início do ano sobre seus objetivos na vida, eu vou dar a todos, notas nesse trabalho — Ele levantou uma pilha de papel e começou a entregá-los de volta para nós — E eu quero que vocês resumam em três formas diferentes. Na próxima semana como um soneto. Na semana seguinte como um haiku. E três semanas a partir de agora como uma história de ficção flash. No final de cada semana, você vai apresentar a sua poesia em sala de aula. Não vou dar uma de Hemingway com vocês, dando-lhe apenas seis palavras para a ficção flash. Vocês ficam com dez — Ele colocou o meu papel na minha mesa e sorriu para mim. Era o mesmo sorriso gentil que eu tinha tomado no caminho de volta na estação de trem. — Faça cada contagem de palavras.

Quando ele entregou seu papel a Ryan, Daniel fez uma pausa.

— Este pode ser o melhor ensaio que eu já li, Ryan. Continue assim — Ryan sorriu e agradeceu Daniel.

O sinal tocou e todos se apressaram para fora da classe. Eu não entendia por que eles eram tão rápidos para sair. Esta era a minha classe favorita e saía lentamente. Antes em pé na minha mesa, eu notei um pedaço extra de papel preso a meu ensaio. Lançando sobre ele, eu li as palavras que Daniel tinha escrito para mim.

Brilhante. Simplesmente brilhante.

Você vai ser uma autora incrível.

Eu vou ler o que você escrever.

Eu sinto tanto sua falta, é difícil respirar.

Quando olhei para cima, vi seus olhos em mim. Ele parecia como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros enquanto nossos olhos se conectaram. Senti o peso retirado do meu corpo, também. Ele ainda estava lá. Daniel não era

apenas o Sr. Daniels, ele ainda era ele mesmo. E eu ainda estava em sua mente, da mesma forma que ele vivia na minha.

Talvez não houvesse dois Daniels diferentes. Talvez o Sr. Daniels era apenas mais uma parte dele. Por isso, não era surpresa que eu tivesse caído para os dois lados da moeda. Eu era louca por ele todo bom, ou ruim, e os pedaços quebrados.

Acho que eu gostava de todos os pedaços ainda mais.

Eu nem sabia o que isso significava para nós, sua nota, o meu olhar para ele. No entanto, eu não me importei. Foi o suficiente por agora. Eu pensei que a melhor coisa era a esperança. Realmente amei a esperança em seus olhos.

Seus lábios se transformaram em um meio sorriso e os meus lábios seguindo, dando-lhe a outra metade. Nós fizemos junto um sorriso, mesmo sem dizer uma palavra.

Aqueles eram os meus sorrisos favoritos.

Eu me levantei da minha cadeira e coloquei tudo dentro da minha mochila, exceto a minha leitura atual. Abracei-a firmemente como sempre, e quando passei na mesa de Daniel, eu o ouvi dizer o meu nome. Eu não me virei para ele, mas eu ainda estava de pé.

— Você estava pensando sobre o que eu acho que você estava pensando durante a aula? — Ele sussurrou. Minhas bochechas se aprofundaram na cor. Ouvi sua risada. — Eu penso sobre isso, também.

Minha cabeça virou-se para encontrar seus olhos azuis. Eu sorri.

— Sério?

— *Realmente*, realmente.

Afastei-me, e quando estava fora de seu ponto de vista, eu sorri ainda maior.

Um sorriso tão grande no meu rosto que começou a doer.

Capítulo 14

ASHLYN

*Ó.Ó, você não esqueceu
A maneira que eu gemia seu nome ou
O gosto dos meus lábios.
~ Romeo's Quest*

Depois da escola, eu fui direta para a biblioteca e fiquei lá até tarde da noite lendo. Encontrei um lugar que ninguém nunca ia, no canto da biblioteca. Tornou-se o meu porto seguro pessoal.

Nem sempre eu lia. Na maioria das vezes, escrevi as razões por que Daniel e eu deveríamos de alguma forma fazer funcionar. Por que, se nós começamos como amigos, ao término do período escolar, poderíamos ser mais do que amigos. Havia apenas cerca de cento e vinte e alguns dias no ano letivo.

Cento e vinte e quatro, para ser exato.

Não é que eu estava contando.

Então principalmente escrevi meus sonhos. Fantasias que desejei que um dia fossem se tornar realidade. Eu estava presa com apenas meus devaneios criativos e as esperanças de algo mais.

Depois de pegar alguns livros novos, eu fui para casa. Eu deveria ter usado uma blusa por cima do meu vestido. Estava congelando. Ficou claro que o calor do Outono de Wisconsin foi lentamente se tomando um inverno gelado. As luzes da rua estavam brilhando, e o céu estava adormecido.

Enquanto caminhava passando o cemitério em May Street, parei quando olhei através a área bloqueada. Primeiro eu vi o carro dele sozinho no

estacionamento. Então eu o vi. Meu coração pulou uma batida, mas senti como se estivesse batendo mais rápido, também. Daniel fazia o meu coração fazer coisas malucas.

Ele estava ali sozinho, olhando para duas lápides.

Ainda assim um novo tipo de dor.

— Ah... — Sussurrei para mim mesma, colocando minhas mãos em meu peito.

Parecia que ele tinha acabado de passar por um treino em sua bermuda, camisa preta lisa e tênis. Ele era um corredor? Eu desejei conhecê-lo. Desejei que saber mais sobre ele.

Ele dobrou os joelhos, abaixando-se mais perto das pedras. Seus lábios se moviam, e ele passou um dedo em seu lábio superior, antes de rir. Ele riu, mas parecia que estava franzindo a testa, também.

Esses foram os mais dolorosos risos tristes.

Olhei para as ruas para ver se alguém estava olhando para ele. Não estavam. É claro que não estavam. Por que alguém iria olhar alguém de pé em um cemitério? Minhas mãos tremeram e comecei a esfregá-los contra o meu novo livro.

Eu deveria ter continuado andando. Deveria ter fingi que não o tinha visto.

Mas eu *tinha* visto.

Ninguém deveria ficar em um cemitério sozinho.

Especialmente Daniel.

Dentro de poucos segundos, eu estava de pé ao seu lado. Eu não tinha certeza de como cheguei ao lado dele. Parecia flutuar, em meus pés deslizando até seu caminho.

— Oi — Sussurrei, fazendo-o voltar-se para mim.

— Ashlyn — Disse ele, a surpresa em sua voz quando olhou para mim. Eu quase me esqueci do quanto eu amava como ele olhava para mim.

Pisquei e balancei a cabeça.

— Sinto muito incomodá-lo. Eu só vi você em pé aqui e pensei... — Pensei em que? — Pensei em nada — Murmurei.

— Ninguém nunca realmente se junta a mim aqui.

— Eu não sou ninguém — Sussurrei.

Ele estudou o meu rosto por alguns segundos antes que de se abaixar para o chão e o sorriso mais ínfimo encontrar seus lábios.

— Você se parece com alguém para mim.

Olhei para trás e para frente, observando a escuridão que nos rodeia. Eu não tinha certeza se deveria ficar ou ir. Mas meus pés estavam me dizendo que não tinha planos de voltar atrás.

— Por que eles te chamam de melancia? — Perguntou Daniel.

Eu sorri quando ele olhou para mim. Tomei isso como um convite para ficar. Abaixando-me sentei ao lado dele. Olhei para o meu peito e ri.

— Isso é uma pergunta, sério?

O canto dos lábios apareceu.

— Não, eu entendo. Eu faço — Seus dedos percorreram as lâminas da grama que nos rodeia e pegou alguns fios. — Seu corpo é lindo. Isso não é um segredo. Mas como eles são obrigados a se apegar em pequenos detalhes em você e não falar sobre aqueles olhos malditos? Ou no incrível cérebro de merda que você tem?

Olhei para as mãos, que estavam rolando na grama através de seus dedos, e não respondi.

Ele continuou.

— Eu fico tão chateado quando alguém olha para você de forma errada. Ou diz a coisa errada. Ou posta fotos em todo o seu armário. Ou se eles sorriem para você. Ou diz que é bonita. Ou... *qualquer coisa!* — Ele soltou um suspiro e tomou uma inspiração profunda. — Qualquer coisa que eles fazem para te magoar ou te fazer sorrir me faz querer atacar — Ele exalou. — E isso realmente não faz muito pela ética.

Meus dentes correram meu lábio inferior. Eu não tinha certeza do que dizer a ele. Ele percebeu o olhar em meus olhos e passou as mãos em seu rosto.

— Sinto muito, Ashlyn. Eu não deveria dizer a porcaria que corre pela minha mente.

— Estou trabalhando em minhas amizades — Disse, voltando-me assim eu estava de frente para ele. Enfieei a mão no interior de um dos meus livros e tirei um pedaço de papel. Colocado na sua mão, sorrindo. — Fiz uma pequena pesquisa na ²²Wikipédia.

Ele desdobrou o papel e leu em voz alta.

— Quatro bases importantes para fazer um amigo — Parou de ler. — Você é uma nerd. — Ele não estava errado.

— Eu sou uma estudante nerd. O que posso dizer? Continue lendo.

— Número um: a proximidade, o que significa estar perto o suficiente para ver uns aos outros ou fazer coisas juntos.

Enruguei meus lábios e esfreguei debaixo do meu queixo.

— Bem, vendo como eu me sento na sua segunda fila durante a terceira aula, esse é o tipo de proximidade, certo?

²² **Wikipédia** é um projeto de [enciclopédia multilíngue](#) de [licença livre](#), baseado na [web](#), escrito de maneira [colaborativa](#) e que encontra-se atualmente sob administração da [Fundação Wikimedia](#), uma [organização sem fins lucrativos](#) cuja missão é "empoderar e engajar pessoas pelo mundo para coletar e desenvolver conteúdo educacional sob uma licença livre ou no domínio público, e para disseminá-lo efetivamente e globalmente."

Ele estreitou os olhos em mim e mudou-se para o número dois: — Repetidamente encontrar a pessoa de maneira informal e sem fazer planos especiais para ver o outro.

— Puta Merda. Isso é como, eu não sei, ir com você para o bar. Ou correr para você na escola. Ou... Correndo para você em um cemitério. Não foi planejado, entretanto. Tenho que admitir que o último seja um tipo de infortúnio.

A forma como o seu sorriso esticava me fez pensar que eu estava um pouco carismática, ainda que me sentisse tonta.

— O número três: oportunidades para compartilhar ideias e sentimentos pessoais uns com os outros.

— Hmm. Bem, para ser honesta, eu acho que nós ainda estamos trabalhando nisso. Qual é a última?

— Ashlyn — Ele gemeu, lendo a última. — Wikipedia disse isso? — Ele levantou uma sobrancelha e eu assenti. — Promete, promete?

Meu sorriso reapareceu quando mordi o lábio inferior.

— Eu prometo, mas sem promessas duplas. Vamos apenas ler.

Limpando a garganta, ele sentou-se em linha reta.

— Por último, mas não menos importante, o número quatro: — Ser chamado Daniel Daniels e Ashlyn Jennings — Ele dobrou o papel e colocou-o de volta dentro do meu livro.

— O quê? Ele diz isso? Bem, merda. Isso é três das quatro etapas que temos. Acho que isso é muito bom.

— Mas ela não é perfeita — Argumentou. Seus dedos correram por seu cabelo, tornando-o um pouco confuso. Ele não se parecia com o Sr. Daniels . Apenas Daniel. Apenas bonito, talentoso Daniel.

— Os seres humanos não foram feitos para ser perfeito, Daniel. Fomos feitos

para estragar tudo, foda-se, e aprender coisas novas. Fomos feitos perfeitamente imperfeitos.

Ele estreitou os olhos e moveu-se para mais perto de mim. Seus dedos tocaram o meu cabelo atrás da minha orelha. O pequeno toque despertou qualquer coisa que possa estar dormindo dentro de mim.

— Por que você tem que ser minha aluna?

Um sorriso surgiu no meu rosto.

— Porque, Deus tem um senso de humor — Meus olhos se moveram para as flores que Daniel deve ter comprado para sua mãe. Elas eram um buquê de margaridas. Minha flor favorita. — Eu amo aquelas, também — Eu disse, apontando para as flores.

— Mamãe teria gostado muito de você. Eu só sei isso. Papai teria pensado que você era inteligente demais para mim.

Eu sorri.

— Ele parecia um homem sábio.

Eu tremi um pouco da brisa gelada e ele franziu a testa.

— Você está com frio.

— Eu estou bem.

Ele pegou minhas mãos nas dele e começou a esfrega-las, me aquecendo. Eu me perguntei se ele sabia o quanto seu toque significava para mim. Quanto eu perdi daquele toque.

— Posso te contar um segredo, sem parecer estranho? — Sussurrei enquanto observava seu peito subir e descer a cada respiração que dava.

— Sim — Murmurou.

Seu rosto suavizou, e quando ele se virou para olhar para mim, eu senti

meu coração incendiado. Esses sentimentos fortes inegáveis de desejo, esses impulsos evidente que eu tinha... Tudo o que eu queria fazer era beijá-lo. Queria beijá-lo tanto, mesmo que se isso nunca levasse a qualquer outra coisa, eu estaria bem com isso. Seus lábios só tinha o poder de me fazer viver para sempre. *Como eu nunca poderia ser mais do que o sua amiga?*

— Gosto de segurar sua mão — Eu disse. — Eu *realmente* gosto de segurar sua mão. Faz-me sentir... Importante.

— Você é importante — Suas palavras eram tão cruas que me fez quase quebrar em um milhão de pedaços.

Seu polegar começou a circular o interior da palma da minha mão e meu cérebro entrou em modo de desligamento. Senti suas mãos viajar sob minhas pernas, e ele me levantou, me colocando em seu colo. Minhas pernas enroladas na sua cintura.

Eu me encaixo perfeitamente contra ele. Tão perfeitamente que eu tinha quase certeza que ambos haviam sido criados um para o outro. Ele era a minha peça do ²³puzzle que faltava. Nossos rostos permaneceram tão perto que eu não poderia dizer se os nossos lábios estavam ligados um no outro. Suas palavras fizeram amor ao ar enquanto repetia a si mesmo.

— Você é tão maldito importante.

Eu me perguntei se ele sabia como ele controlava meus batimentos cardíacos.

A respiração liberada dos meus lábios. Coloquei minhas mãos em seu peito e coloquei minha cabeça em seu ombro, onde eu levemente beijei seu pescoço. Senti suas mãos nas minhas costas me puxar ainda mais perto. Ele apoiou o queixo no topo da minha cabeça. Seus batimentos cardíacos aumentando contra mim. Amei a ideia de que eu fazia seu coração disparar.

²³ **Puzzle**-É um quebra-cabeça (também conhecido pelo inglês puzzle) é um jogo onde um jogador deve resolver um problema proposto.

— Conte-me sobre eles, amigo.

A inspiração profunda foi sentida contra ele.

— Mamãe era uma professora de música. Meu pai era um professor de Inglês.

— Você é uma mistura de ambos.

— Eu sou uma mistura de ambos.

— Eu sei o que aconteceu com o seu pai... Mas o que aconteceu com a sua mãe?

Ele baixou os ombros e deu uma inspiração profunda.

— Ela foi assassinada.

Engoli em seco. Olhei para cima e corri meus dedos pelo cabelo, e então falei: — Sinto muito — Eu disse, não sabendo o que mais poderia ser dito.

Ele me deu um sorriso triste e encolheu os ombros. Seus olhos azuis fez amor com os meus, e eu coloquei minha boca contra seus lábios cheios, dando-lhe um beijo suave.

— Eu acho que você é lindo — Sussurrei, ecoando o que ele me disse em uma mensagem de texto de muitas semanas de volta. — E não me refiro a sua aparência. Quero dizer seus tormentos, sua proteção, seu ser quebrado. Eu acho que é bonito.

Sua mão enrolada no meu pescoço, ele me puxou para mais perto, seu gosto cobrindo meus lábios, seu calor aqueceu meu corpo, cada centímetro do meu corpo.

— Eu não quero ser seu amigo — Disse ele. Nos respirou juntos e expirou em harmonia. — Eu quero ser seu, quero que você seja minha, e odeio que não podemos ser nós. Porque eu acho que nós fomos feitos para estar *juntos*.

— Como se nunca chegamos a passar um tempo juntos, mas eu sinto que

você me conhece melhor do que ninguém? Como é que eu continuo apaixonada por você?

O olhar de admiração em seus olhos era lindo. Era como se ele tivesse se perguntando a mesma coisa sobre mim.

— Eu não sei. Talvez porque quando os corações estão em chamas, nem complicações pode extinguir a chama.

— Ele pode ser um segredo — Suavemente prometi. — Nosso segredo-cem por cento. Nosso

Seus lábios pressionados contra o meu e tudo no mundo calou. Tudo no universo parou. Ele me trouxe a um lugar de pura emoção, levando toda a tristeza e substituído com conforto.

Seus lábios eram mais brandos do que eu lembrava ainda preenchido com mais paixão, mais intensidade. Minhas mãos correram pela bainha de sua camisa e eu deslizei, sentindo o seu corpo apertado sob o material de algodão.

— Ash — Ele murmurou.

Sua língua separou meus lábios e começou a tornar-se bem familiarizado com a minha. Minha boca estava aberta quando minha respiração acelerou. Sua boca viajou para o meu pescoço, onde ele começou a chupar e passando a língua em movimentos circulares. Senti meus mamilos endurecem sob meu vestido como uma brisa roçando nossos corpos e colocou sua boca contra a minha novamente. Seus dedos deslizaram para a minha cinta de espaguete e ele abaixou fora do meu ombro, me dando beijos suaves por todo o caminho para baixo. Senti suas mãos nos meus seios através do vestido, e eu gemia levemente, amando o jeito que ele me segurou, a maneira como ele me tocou, o jeito que ele me conhecia.

— Não devemos — Avisou, mas eu não tinha certeza se ele estava advertindo a si mesmo ou a mim.

Cobri os lábios antes que ele pudesse tentar impedir que isso acontecesse. Eu nunca estive tão certa sobre qualquer coisa em minha vida. Eu não conseguia

identificar o porquê, mas nunca me senti tão segura como me sentia ali na escuridão com alguém que estava sofrendo como eu. Sempre que eu estava perto dele, havia uma profunda sensação de segurança e conforto. Daniel Daniels me fazia sentir em casa.

Capítulo 15

ASHLYN

*Então ela me beijou com os olhos
E, em seguida, com os quadris.
E bom Deus, poderia quadris beijar.
~ Romeo's Quest*

As próximas semanas foram cheias com excitações secretas. Daniel e eu falamos principalmente através de mensagens de texto. Nos corredores, nós acidentalmente colidíamos um com o outro — Que nunca foi acidental. Ele me pedia para ficar depois da aula, por varias vezes, para roubar pequenos beijos. Eu gostei do relacionamento secreto. Sentia-me como se fosse uma espiã tentando o meu melhor para não ser pega.

Quando entrei na aula de sexta-feira, havia três margaridas na minha mesa. Ryan entrou na sala e viu as flores.

— Os agressores agora estão lhe dando presentes?

Sorri e segurei as margaridas até meu nariz. Inspirando, eu sorri: — Você sabe que os bullies são complicados.

Ele riu e deslizou em seu assento.

— Não somos todos? De qualquer forma, Hailey me contou sobre essa lista — Eu não estava surpresa. Ele continuou: — E pelo que descobri de espionar seu quarto enquanto você estava no chuveiro... Esta menina Gabrielle soou como um bebê real.

Eu sorri com o seu comentário.

— Quero dizer, se ela estivesse aqui, eu provavelmente desistiria dos Tonys com um H para ter Tonis com uma M.

— Você sairia com minha irmã — Fiz uma careta de brincadeira —, mas não comigo?

— Uh, se você morrer deixará cartas para irmã gêmea, em cada ocasião?

— Não.

— Então é claro que eu não sairia com você. Há algo tão sexy sobre fantasmas deixando notas para seus entes queridos.

Rindo, eu balancei a cabeça em compreensão.

— Então você só é ativado por meninas fantasmas, não meninas vivas.

— Ohhh, eu amo quando diz isso. Diga isso de novo...

Levantei uma sobrancelha.

— Dizer o quê? Meninas fantasma? — Ele estremeceu de prazer, amando o som. Baixei a voz e mudei para mais perto dele. — Meninas fantasma, meninas, meninas fantasmas, fantasmas! — Sussurrei de novo e de novo.

Ele fechou os olhos e passou a mão para cima e para baixo no peito como se estivesse extremamente ligado.

— Mmm! É assim que eu gosto.

— Você é um idiota — Eu ri.

— Você ama este idiota — Eu amava. — Mas, de volta para as coisas importantes. Theo vai dar outra festa em breve e eu... — Ele sorriu amplamente e enfiou a mão no bolso de trás. Um cartão de plástico saiu e seu sorriso cresceu mais. — Tenho uma identidade falsa.

Peguei de suas mãos e sorri.

— Onde diabos você conseguiu isso?

Seus olhos se voltaram para Avery.

— Conheço pessoas que conhecem pessoas.

— Burt Summer Stone? — Perguntei, lendo o seu nome no cartão.

Ele tirou de minha e colocou no bolso.

— Não é sobre o nome, menina. É sobre a data. Eu tenho oficialmente vinte e um anos, estudante do ensino médio. E estamos oficialmente ficando bêbado e cruzando esse item fora de sua lista. Curve-se, cadela — Ele tirou uma identidade falsa para mim e eu sorri.

Burt Stone Summer. Como era criativo.

— Mas eu odeio Theo — Fiz uma careta. Ele havia sido o maior idiota para Hailey.

— Ainda mais um motivos para ir e dar-lhe um grande dedo do meio — Ryan sorriu. — Eu faço isso o tempo todo.

Ryan tinha um jeito de sempre fazer as pessoas sorrir. Era um dom natural dele. Eu me sentia com sorte de ter me mudado para Wisconsin e viver com Hailey e ele. Eu não sei se teria feito isso se não fosse por meus colegas de casa estranhos.

Lembrei-me de como fui dura com Henry quando cheguei à cidade. Como eu não queria estar aqui em primeiro lugar. Eu não tinha ligado para casa desde que cheguei, mas ultimamente eu pensava que poderia ser a minha casa. Porque talvez casa não fosse um local. Talvez simplesmente as pessoas por quem estivesse cercado e te faz se sentir como se pudesse ser quem você queria ser.

Talvez casa fosse amizade.

Após a aula terminar, eu sorri para o Sr. Daniels, que era realmente apenas Daniel em um terno. Meu Daniel. Meus olhos azuis, bonito, carinhoso Daniel. Ele sorriu para mim. A classe saiu e eu deslizei todos os meus livros na minha mochila. Jogando o saco nas minhas costas, eu estava da minha mesa.

— Você não está usando um de seus vestidos — Disse Daniel, movendo-se para sentar-se na frente de sua mesa. Seus olhos percorreram meu corpo até que ele me olhou e eu estava quente por toda parte. Eu amava o jeito que ele olhava para mim. Como se cada parte do meu ser fosse perfeito. Como se eu fosse imperfeitamente perfeita para ele.

— Não, hoje não — Eu estava vestido com calça jeans e um suéter de grandes dimensões que pairava do meu ombro esquerdo. Pela primeira vez este ano letivo, que a minha roupa era realmente minha... E era bom ser eu.

— Este é o meu look preferido — Disse ele.

Olhei para a minha roupa e sorri.

— O meu também.

— Hoje à noite meu companheiro de quarto não estará.

Eu ri.

— Obrigado pela informação aleatória.

— Eu quero fazer o jantar.

Levantando uma sobrancelha, eu ri.

— Você cozinha?

— Cozinho — Suas palavras eram simples, mas tão sonhadoras, e eu percebi que eu iria comer qualquer coisa que ele fizesse. — Eu faço muito mais

do que cozinhar embora... — Meus olhos caíram sobre os lábios. Eu adorava aqueles lábios. Eu amava tudo sobre ele.

Mordi o lábio inferior e olhou para a porta da sala de aula para me certificar de que ninguém estava passando.

— Você está tentando me seduzir, o Sr. Daniels?

Seu polegar roçou seu lábio inferior e ele me olhou de cima a baixo.

— Eu acho que você vai ter que esperar para descobrir, Sra. Jennings.

— Encontra-me atrás da biblioteca depois da escola? — Sugeri.

— Estarei lá.

A maneira como seus olhos dançavam em meu corpo me fez sentir à vontade e confortável. O que eu mais amava era que ele nunca olhou para mim do jeito que ele olhava hoje. Hoje ele tinha me visto por quem eu *realmente* era, e a maneira que ambos os lábios e os olhos sorriam para mim me fez perceber que ele gostava de mim mais quando eu era eu mesma.

Eu estava cem por cento Ashlyn Jennings.

E eu estava cem por cento dele.

Eu nunca tinha ido a casa dele. Nunca tinha estado em seu jipe antes, qualquer um. Foi um dia cheio de estreias. Tive que admitir que ultimamente minha mente esteve pensando em outras coisas que nunca tínhamos feito juntos. Nós nunca tínhamos ido a um encontro. Nunca tínhamos dançado. Nunca tinha tido relações sexuais. Nunca dissemos '*eu te amo*'.

Eu pisei em seu jipe e minha respiração ficou presa quando vi Daniel. Ele

estava usando um boné de beisebol, e eu corei sozinha com meus pensamentos. *Eu nunca o tinha visto com um boné de beisebol até agora.* Havia tantos lados dele, para olhar nele, as características, que eu ainda não tinha descoberto. Ele sorriu em minha direção, pegou minha mão e beijou. Meus olhos se voltaram para os tapetes e eu ri levemente.

— O que há de errado?

Minha cabeça se levantou e eu balancei para trás e para frente.

— Nada. É só... Não há muito que podemos olhar para frente com a gente, não é?

— Sim, eu acho que há — Ele não largou a minha mão depois que a beijou. Segurou-a enquanto se afastava do meio-fio da biblioteca.

— Diga-me os fatos chatos — Eu disse, ficando confortável em meu lugar. — Diga-me coisas que a maioria das pessoas dormiria ao escutar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Os fatos chatos?

— A sua cor favorita, o seu sorvete favorito, o seu filme favorito. Você sabe, as coisas chatas.

— Ah, é claro. Minha cor favorita é o verde. Hum... — Ele franziu as sobrancelhas, imerso em pensamentos. — Meu sorvete favorito é aquele com pedaços de cone de waffle no mesmo e pedaços de chocolate. Não me pergunte se eu já comi um recipiente inteiro de uma só vez, você não quer saber a resposta. E o meu filme favorito eu estou entre *Máquina Mortífera* e *A Ressaca*.

— Eu amo o sorvete de waffle, também — Eu disse sem fôlego.

Ele apertou minha mão.

— O que mais? O que mais você ama? Qual é o seu animal favorito, sua estação favorita, sua comida favorita?

— Ursos panda. Eu assisti a um show no Discovery Channel uma vez, e eu acho que há um lugar na China, onde você pode pagar uma porcaria de tonelada de dinheiro em bebês panda de estimação. Minha estação favorita é a primavera. Eu tenho escrito melhor durante as tempestades, eu acho. E se você colocar uma tigela de Cap'n Crunch cereal misturado com marshmallows na minha frente, eu provavelmente teria um orgasmo pela visão.

Ele riu, e eu senti o dedo traçando o interior da palma da minha mão.

— Essa é a coisa mais suja que eu já te ouvi dizer — Ele murmurou.

— O quê? Orgasmo? — Mordi o lábio inferior e puxei.

Seus olhos azuis mudaram para mim.

— Não. Urso panda bebê — Eu puxei minha mão da dele e bati com força, mas eu estava rindo ainda mais. — Ai! — Ele bufou dramaticamente como se eu tivesse realmente machucado, mas eu sabia que não tinha. Ele estendeu a mão para mim de novo, e eu peguei a sua.

Chegamos a casa dele, ele me disse era a casa dos pais, e engasguei com a beleza da propriedade. A casa do lago parecia como se tivesse sido muito mais que uma casa para alguém, em vez de apenas uma casa. Havia muito amor colocado na propriedade.

O alpendre foi trabalhado a partir de pedras em tons de terra, com seixos. Na varanda descansava duas cadeiras de carvalho e um banco de rocha. Daniel não permitiu que eu tivesse muito tempo para estudar a casa. Ele me deu a volta pelo quintal e eu suspirei a vista. O sol brilhava fora no lago. Atravessei a doca e passei os dedos na água gelada.

— É lindo — Eu disse, olhando para a distância. Sentei-me na beira do cais e tirei meus sapatos e meias. Meus dedos arrastaram através da água, fazendo pequenas ondulações.

— Sim — Disse Daniel baixinho. Sentando ao meu lado. — É.

Tirou os sapatos e as meias, arregaçou as calças, e pôs os pés na água, também. Ambos colocamos nossos pés para frente e para trás, criando ondas grandes.

— Diga-me os fatos constrangedores — Disse ele. — O seu pior momento. Seu livro favorito o mais estranho. O mais estranho e excitante.

— Hmm... — Eu inalei o cheiro fresco de outono à beira do lago. — Tive um muito estranho, com meu último namorado, ele me levou ao cinema em nosso primeiro encontro. Ele pensou que seria romântico me mostrar o seu... — Corei. Eu não podia acreditar que estava dizendo isso a ele —, seu pênis. E eu ri e lhe perguntei se era para colocar o óculos 3D para ampliá-lo, porque ele definitivamente não estava vindo para a vida.

— Ouch — Daniel gemia, agarrando seu peito. — Você é brutal!

— Ele me mostrou seu pênis! No primeiro encontro! — Eu chorei.

— Lembrar-me: não mostrar Ashlyn meu pênis esta noite.

Corei e lhe dei um sorriso tímido.

— Nós meio que já tivemos nosso primeiro encontro no bar do Joe. Você pode muito bem mostrar-me qualquer coisa.

Uma grande, sorriso cheio de dentes pousou em seu rosto. Ele jogou um pouco de água para mim.

— Continue.

— Meu livro favorito mais estranho é um aleatório sobre zumbis. No final, os zumbis apenas acabam por ser a América corporativa, e as pessoas que estavam tentando virar corruptos eram os indivíduos criativos no mundo. Eles transformaram Steven Spielberg em um deles, e ele documentou toda a sua transformação antes de deixar a atração da Zom ultrapassá-lo. Em seguida, eles se voltaram Ellen Degeneres, mas a piada era sobre a América corporativa, porque era tão engraçada sendo um zumbi como sendo um ser humano. E ela fez os

outros zumbis rir também. Às vezes, eles riram tanto que perdia seus narizes e os braços iria cair devido à forma como ela era engraçado. Foi realmente um belo livro que explorou os reinos da verdade, aceitação e estar confortável em sua pele, mesmo se ele próprio estava apodrecendo.

— Uau — Daniel suspirou, ouvindo minha história.

— Sim. Eu sei que não é? — Fiz uma pausa. — Morreram todos embora.

Ele se aproximou de mim, nossas pernas uma contra o outra.

— *The Neighborhood Zombie*.

— De jeito nenhum — Eu respirei. — Você leu isso?

— Estudante do terceiro ano da faculdade. O melhor livro de sempre — Ele sorriu. Eu desmaiei. — Agora. Seu maior tesão?

— Oh, isso é fácil. Meu maior tesão é um garoto que lê para mim.

Seu dedo roçou o lado do meu rosto.

— Eu li.

— Você me deixa ligada, eu acho.

Sua mão em volta da minha cintura e ele me levantou para o seu colo.

— Você acha? — Ele pegou meu lábio inferior entre os dentes e puxou levemente. Meu corpo respondeu imediatamente ao seu toque. Minhas mãos caíram contra seu peito, e quando ele pegou meus lábios, eu dei-lhe um beijo suave.

— Bem, você não leu *para* mim ainda.

Ele sorriu, e quando ele nós levantou do cais, com minhas pernas em volta dele.

— Vamos fazer o jantar.

Balancei a cabeça para trás e para frente.

— Eu não estou fazendo o jantar. Você está.

Suas mãos embrulhadas sob a minha bunda quando ele me carregou para a casa. Eu secretamente desejava que ele nunca fosse me colocar para baixo, mas quando o fez, foi em cima do balcão da cozinha. Ele foi andando através da cozinha, retirando seus ingredientes para o — *jantar de uma vida* —, como ele chamava.

Eu ri quando vi uma caixa de macarrão com queijo parado ao lado do fogão. Ele puxou um canivete de bolso de trás e usou para abrir a caixa.

— Você sempre usar canivetes para abrir macarrão com queijo?

— Meu pai sempre fez. Ele carregava o canivete em todos os lugares, dizendo que você nunca sabe quando você pode precisar dele. Assim, ele praticamente tinha a desculpa para usá-lo. Caixas, envelopes, garrafas de água. — Ele riu de si mesmo. — Eu acho que quando peguei a faca, suas peculiaridades passaram para mim. — Ele parou por um momento. Lembrando-se do seu pai.

— Diga-me o fato mais triste — Sussurrei, vendo-o encher uma panela para ferver água.

Ele colocou no fogão e ligou o som. Passando por mim, ele abriu minhas pernas e entrou entre elas.

— Isso é uma conversa de jantar pesada.

— Nós não estamos comendo ainda.

A sala ficou em silêncio. Daniel olhou para mim e eu para ele. Colocou o meu cabelo atrás da minha orelha.

— Março do ano passado — Seus olhos se moveram para a janela acima da pia e ele olhou em direção ao quintal. Sua voz cortou como uma faca. — Minha mãe morreu nos meus braços — Minhas mãos se moveram para o rosto e me puxou para mais perto. — E o meu pai assistiu isso acontecer.

Meus olhos sangraram de tristeza por ele, e sangraram de remorso. Beije-o intensamente, enchendo-o com todas as minhas desculpas por seu pior dia, sempre, desejando que eu pudesse fazer dissipar a dor.

Seu cabelo castanho caiu para o seu rosto e eu penteie de volta para ele. Quando nossos lábios se separaram, eu perdi o seu gosto. Imaginei que ele perdeu o meu, também, com base em como ele voltou para descansar sua boca contra a minha.

— Como você supera algo assim? — Perguntei.

Ele mudou de posição ao redor e deu de ombros.

— Simples. Você não supera.

— Sabe quem fez isso?

Ele mudou de novo. Não só seu corpo, mas sua personalidade. Ele ficou mais escuro quando deu um passo atrás, afastando-se de mim.

— Isso não importa. Não vai trazê-la de volta — Ele mudou-se para a pia da cozinha e olhou para fora em seu quintal.

— Mas isso pode trazer justiça.

— Não! — Seu grito soou como um trovão assustando pardais dos galhos das árvores. Minha pele se arrepiou por sua súbita explosão. Um suspiro correu de meus lábios. Quando ele se virou para mim, seu rosto estava avermelhando com raiva, ou foi culpa?

— Venha aqui — Eu instruí.

Ombros de Daniel caíram e seus olhos se contraíram.

— Desculpe — Murmurou, caminhando para mim. — Eu não falo sobre ela. Não quero pensar em quem fez isso com ela. Eu quero seguir em frente — Eu não sabia o que falar, mas o puxei de volta entre as minhas pernas. — Podemos falar de você em vez de mim? — Ele perguntou.

Ele nunca quis falar sobre o acidente, o que me deixou triste.

Eu queria saber tudo.

No entanto, eu não queria assustá-lo. Depois que balancei a cabeça, ele suspirou de alívio.

— Qual é o seu fato mais triste? — Ele sussurrou, colocando as mãos em meus quadris.

— Leucemia — Foi só uma palavra. Mas era poderosa. Uma palavra que tinha colocado um limite de tempo para Gabby e meu relacionamento. Uma palavra que me fez chorar todas as noites durante meses. Uma palavra que eu não desejaria a meus piores inimigos. Uma lágrima rolou pelo meu rosto e ele beijou-a. Ele me deu um beijo intenso que eu devolvi. Seus beijos tinha sabor como sempre embebido em sempre.

— Qual é o seu fato mais feliz? — Ele questionou.

Coloquei minha mão no ar e ele colocou contra a minha.

— Isso — Sussurrei, olhando para o nosso toque.

Sua outra mão foi para cima e coloquei a minha contra ela. Atamos nossos dedos.

— Isso — Ele sorriu.

Avancei meus quadris mais perto dele, e ele começou a beijar meu pescoço lentamente, amorosamente.

— Daniel — Fechei meus olhos enquanto seus beijos percorriam meu ombro.

— Sim — Murmurou contra mim.

— Isso é bom — Suspirei enquanto sua língua lentamente correu para cima e para baixo no meu ombro.

— Eu sempre quero que você se sintam bem — Seus olhos azuis olharam para mim e seu sorriso se estendia por toda parte. Seus lábios pousaram na minha testa. — Eu sou louco por você, Ashlyn Jennings.

Inspirei fundo e soltei meu ar.

— Eu sou louca por você, Daniel Daniels — Olhamos um para o outro, rindo e rindo da loucura da nossa situação. Eu estava namorando meu professor de Inglês? Era o que estávamos fazendo que era verdadeiramente antiético? Apaixonar-se? Poderia estar errado se apaixonar? — Nós somos loucos, não somos?

Inclinou-se contra mim e eu passei meus braços ao redor de seu pescoço.

— Loucos pra caralho.

Loucos. Isso poderia ter sido o meu fato favorito sobre nós dois naquela noite.

Nós dois estávamos *tão porra louca*.

Capítulo 16

ASHLYN

*Se fugimos do hoje,
Vamos tocar o pôr do sol.
~ Romeo's Quest*

Atravessamos as coisas da lista juntos.

Nós nunca conversamos sobre o seu passado, mas eu aprendi muito sobre o seu presente.

Nós nos beijamos muito também, porque nós amamos nos beijar.

Capítulo 17

ASHLYN

*Se fugimos tarde demais,
Vamos perder o nascer do sol.
~ Romeo's Quest*

~~# 23. Beijar um Estranho,~~

~~# 16. Festa em casa.~~

~~# 14. Faça um novo amigo.~~

~~# 21. Aprenda a fazer malabarismos.~~

~~# 15. Corra cinco milhas.~~

~~# 6. Tente tocar violão.~~

1. Apaixone-se.

Capítulo 18

ASHLYN

*Eu estive pensando sobre algo que devemos fazer,
Devemos cair no amor em torno de dois.
E então, quando se torna quatro,
Eu vou começar a amar você ainda mais.
~ Romeo's Quest*

Nossas visitas se tornaram mais frequentes. Nossa conexão ficou mais forte, porque o crescimento era a única escolha que temos. Depois da escola todos os dias, eu ia esperar atrás da biblioteca com um novo livro que encontrei para compartilhar com ele.

Ele lia para mim enquanto eu fazia panelas de macarrão. Eu lia para ele enquanto ele pintava diferentes latas de tinta em torno da casa, tentando decidir quais as cores para pintar a casa de seus pais. Ele ficava de cabeça para baixo em sua cadeira na sala de estar lendo para mim enquanto eu terminava a lição de casa. Gostava de recitar os romances enquanto ele corrigia os trabalhos.

As palavras soaram muito mais doces, tinham muito mais profundidade quando viajavam de seus lábios para os meus ouvidos. Sua voz aumentando com raiva dos personagens, baixando com seus medos mais profundos.

Hoje ele se sentou com as costas contra a mesa do café enquanto lia para mim e eu olhei para ele por mais tempo. Vi seus olhos piscarem, e seus lábios se moveram. Estudei os dedos virando as páginas seus pés batiam contra o tapete. E eu chorei. Não foi devido às palavras nas páginas, mas foram lágrimas de esperança. Para uma oportunidade real de ser feliz.

— Daniel — Sussurrei, aproximando dele. Coloquei minha mão contra o

livro, dando um impasse a sua leitura. Ele olhou para mim, um sorriso quente em seu rosto. Levei suas mãos na minha e coloquei para descansar sobre o meu coração. — Você está fazendo isso.

— Fazendo o quê?

— Me trazendo de volta à vida.

Houve momentos em que gostaria de ser forte e eu não era tão forte como no dia anterior. Às vezes, memórias tentaram o seu melhor para puxar o meu coração sobre Gabby ter ido, por isso Daniel parou de ler. Ele iria colocar um de seus CDs otimistas '*do moderno*' no aparelho do som.

— Pausa para dançar — Ele instruiu, me puxando para cima da minha tristeza.

— Daniel — Eu gemia, mas nunca recusei uma pausa para dança. Foi a algumas semanas que eu disse a ele o quanto eu amava dançar.

— Vamos. Mova-se — Disse ele, balançando os quadris e empurrando para fora os lábios. Ele parecia um esquisito palhaço, e eu me apaixonei por ele ainda mais. Segurou minhas mãos no ar e lentamente começou a mover para trás e para frente. Ele estendeu a mão para um dos meus braços e me virou em um círculo, me puxando para mais perto dele. — Diga-me momento mais feliz dela.

Sorri quando dançamos pela sala de estar juntos.

— Bentley Graves.

— Diga-me o momento mais ridículo dela — Disse ele.

Mordi o lábio inferior em pensamentos.

— Ela gostava de comer manteiga de amendoim e sanduíches de pickles. Quando éramos crianças, ela montou um negócio fora tentando vender limonada e sanduíches ²⁴PB & J. Podemos dizer que ela não se tornou rica com daquele

²⁴ **PB & J** é uma abreviatura comum sanduíche de manteiga de amendoim e geleia.

empreendimento.

Ele franziu o nariz.

— Você já tentou um?

— Eca, não. Gabby era a única estranha, não eu.

— Discordo. Você come cereal com marshmallows. Você é uma aberração — Seu dedo roçou o meu nariz e ele desapareceu na cozinha. Quando voltou, ele tinha pickles, pão e manteiga de amendoim.

— Não — Declarei com firmeza.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Sua lista. Tentar algo novo.

Eu suspirei, sabendo que tentar algo novo estava na lista. Mas tinha que ser tão nojento?

Cada um de nós fez um sanduíche e deu uma mordida. Era tão nojento como nós dois achamos que seria, mas, ao mesmo tempo foi o melhor sanduíche da minha vida, porque era uma parte de Gabby que eu era capaz de compartilhar com Daniel.

— Eu sei o que você estava fazendo — Eu disse, colocando para baixo o meu sanduíche de pickles. — Dança comigo.

Ele sorriu e deu de ombros.

— Às vezes, quando você perder uma pessoa, pode se concentrar apenas em quão triste se sente por eles sumiram. Às vezes, é melhor se concentrar nas memórias que lhe trazem alegria e riso.

Sorri para o meu sanduíche e acrescentei mais manteiga de amendoim.

— Você é um grande professor.

— Você é uma estudante muito inteligente — Ele passou o dedo na manteiga de amendoim e espalhou contra o meu pescoço.

— Daniel — Sussurrei enquanto língua dançava em minha pele, lambendo a manteiga de amendoim. Ele respirou contra mim, enviando arrepios por todo o meu ser.

— Sim?

— Ensine um pouco mais.

Seus olhos encontraram os meus. Corri meus dedos contra sua boca. Seus olhos sorriram quando ele me levantou em seus braços e me levou para o quarto dele para o nosso próximo plano de aula.

— Não... Pare... — Eu respirava pesadamente, implorando por estava deitado na cama de Daniel: —... Lendo... Não pare de ler.

Meus olhos estavam fechados e eu tinha tirado a minha camisa de grandes dimensões, deixando-me apenas na minha blusa branca e jeans apertados. Ele pairava sobre mim, sem camisa. Meus dedos corriam para cima e para baixo em seu peito tonificado, sentindo-o inalar e exalar cada vez.

Sua mão esquerda segurava seu corpo e com a sua direita mantendo um livro aberto. Ele sorriu enquanto lia a próxima linha de *‘Muito Barulho por Nada.’* — “Ela é, mas o sinal e aparência de sua honra.” — Sua voz era rígida e áspera com cada palavra que ele falava, enviando-me uma onda de desejo. — “Eis como uma empregada como ela cora aqui.” — Gentilmente beijou minha orelha. — “Oh, que autoridade mostra de verdade” — Beijou o meu pescoço — “Pode astúcia pecado...” — Ele colocou os lábios mais suaves para as curvas de meus seios. Meu quadril voluntariamente arqueado em direção ao seu, querendo nada mais do que senti-lo contra mim. Ele puxou para baixo as alças da minha blusa e meu sutiã delineou com a língua. — “... cobrir-se, além disto.”

Minhas mãos se mudaram para as presilhas da calça e eu puxei mais para baixo, para mim, pressionando meu corpo contra o dele. Senti contra o meu jeans,

me fazendo bem ciente de que a leitura o deixava ligado, também.

— Daniel — Eu falei baixinho.

— Sim? — Ele enterrou o rosto em meu peito, em mim.

Minha voz estava trêmula, trêmula de desejos aparentes.

— Feche o livro — Levou apenas um momento para eu ouvir o livro se fechar. Quando abri os olhos, seu olhar era intenso; suas pupilas estavam dilatadas e sonhadoras. Beijei seu queixo, sentindo o aumento da minha frequência cardíaca. — Eu quero que você... — Ele sentou-se um pouco e moveu suas mãos para a barra da minha camisa. Puxando-a lentamente, ele deslizou a boca para o meu umbigo, beijando-me toda e entre as minhas coxas eu ansiava por mais atenção. — Por favor, Daniel...

— Você é perfeita — Ele suspirou contra a minha pele. — Vamos começar devagar — Ele deslizou minha blusa sobre a minha cabeça e atirou para o lado da sala. Colocou a mão sobre o meu peito e senti meu coração batendo por ele. *Só por ele.*

Levantei-me um pouco em meus cotovelos e envolvi a mão ao redor de seu pescoço, puxando-o para baixo para os meus lábios. Ele apertou sua boca contra a minha, e eu gemi seu nome baixinho enquanto ele tirava meu fôlego. Então, ele me encheu de volta, dando-me a vida, dando-me o que significa, me dando. Fiquei chocado com a sua capacidade de despertar o meu espírito cada vez que estávamos perto um do outro. Ele estava descobrindo todos os meus pontos fracos e torna-os fortes.

Enfiei minhas mãos em direção a seu zíper e desabotoei a calça jeans e, com os meus dedos o varria; ele me recompensou com um gemido suave. Ele se despiu completamente, e segui a cintura de sua cueca. Um grunhido enraizado deixou sua garganta e eu amei o som. Acalentei que tinha feito isso com ele. Ele abriu minha calça e me ajudou a tirar elas, o que não era a tarefa mais fácil. Ele riu da maneira que levou um tempo para escorregar dela. Eu ri, porque nunca me senti tão confortável sem roupa na frente de ninguém.

— Nós não vamos ter sexo, Ashlyn — Ele avisou.

Eu fiz uma careta com o pensamento, porque o queria mais do que já quis alguém. Eu queria senti-lo contra mim. Eu o queria dentro de mim.

— Eu não estou com medo, Daniel. Prometo.

— Eu sei. Mas eu quero tomar meu tempo com você, com a gente. Além disso... — Seus dedos deslizaram contra o tecido de algodão da minha calcinha. *Ohmeudeus!* Minha boca se abriu para pegar o ar que ele tinha levado para fora do meu corpo. — Há muito mais que possamos fazer além de sexo — Sua cabeça baixou entre as minhas coxas, e eu fechei meus olhos enquanto meu estômago ficava enjoado.

Eu nunca tive alguém lá antes. Billy nunca tinha me dado o prazer de forma alguma. Sempre tinha sido sobre ele, seus desejos, suas necessidades. Mas Daniel era diferente de todas as maneiras possíveis. Ele queria que eu me sentisse bem. Queria que eu tivesse prazer. Ele me queria.

Sentindo sua respiração quente contra a minha pele estava me enviando para um mundo diferente.

— Eu vou te beijar, Ashlyn — Ele sussurrou.

Meus dedos cavaram os lençóis em torno de mim e seus beijos continuaram abaixo. Senti seus lábios molhados imprenso contra a borda da minha calcinha antes de seus dedos ao redor deles e começou a baixá-los mais e mais.

— Dan... — Murmurei em um tom baixo, incapaz de completar seu nome completo. Meus quadris arqueados em sua direção, pedindo-lhe mais, por muito mais. Os beijos não pararam, e os meus gemidos não cessaram.

Cada polegada que ele abaixava da minha calcinha, eu recebia um beijo quente, seguido de sua língua correndo para cima e para baixo, em seguida, outro beijo, e depois um longo, lambendo fome uma vez que ele chegou ao meu núcleo.

— Daniel — Gemi, desta vez mais alto, sabendo que tudo que eu sempre

quis estava comigo, agora. Ele me lambeu mais profundo, mais forte, com mais amor.

Eu estava à beira do céu, prestes a lhe dar tudo de mim. Meu corpo tremia, meus quadris balançando contra a sua boca mais e mais. Ele abriu as minhas pernas mais amplo.

— Você é perfeita — Sussurrou enquanto eu agarrava meus dedos nos lençóis. — Tão perfeita.

Enterrei minha cabeça em um travesseiro, ofegando enquanto seus dedos encontraram o caminho para mim, me esfregando, encontrando um ritmo perfeito com a língua. Ele inalou quando eu fiz, e eu exalei com ele.

Quando ele pegou velocidade, minha respiração tornou-se mais pesado, com mais fome. Corri meus dedos em seus cabelos, puxando-o com cuidado. Um beijo menor de Daniel foi o suficiente para levar-me mais, fazendo meu corpo virar um foguete em direção ao espaço, deixando-me ofegante com ele deitado contra mim. Eu sabia agora que nunca tinha experimentado o prazer de uma forma ou qualquer outra forma, antes dele entrar na minha vida. Daniel me deu outro primeiro. Meu primeiro orgasmo.

Minha respiração ofegante estava pesada, e ele moveu em minha direção, beijando meu pescoço.

— Obrigado — Suspirou contra mim, envolvendo-me em seu abraço. — Obrigado por confiar em mim.

Estamos ali para o que parecia ser a eternidade. Eu estava quente e cansada, mas não muito cansada.

— Daniel — Sussurrei, correndo os dedos para cima e para baixo da sua coluna vertebral.

Ele mordeu no meu ombro, me fazendo suspirar.

— Hmm?

— Você pode fazer isso de novo?

Capítulo 19

DANIEL

*Não seja ciumento, ele sangra vermelho.
Confie no coração dentro de sua cabeça.
~ Romeo's Quest*

Eu sabia que era estúpido, e sabia que não deveria me incomodar, mas incomodava. Jake estava vindo para Ashlyn mais e mais a cada dia na escola. Passando pelo armário de Ashlyn, Jake estava pairando sobre ela, parei perto o suficiente para que pudesse ouvir, me senti como um idiota, folheando minha papelada, agindo como se fosse ocupado.

— Então, eu estava pensando... O baile dançante da escola está chegando antes das férias de Ação de Graças e eu estava me perguntando... — A voz de Jake rachada de nervoso e ele deu um sorriso a Ashlyn. — Talvez pudéssemos ir juntos?

Ashlyn olhou para mim e segurou seu livro mais perto de seu peito. Ela franziu a testa em direção a Jake e recusou. A campainha tocou, e ele mostrava o seu desapontamento em seu rosto, principalmente nos olhos.

Um casal passou, rindo e segurando as mãos e os olhos de Ashlyn ficaram colados neles. Um nó se formou no meu estômago. Eu sabia que ela achava que eu não percebia, mas eu fazia. Ela olhava para os casais andando de mãos dadas na escola com tanta inveja. Todos os sinais de demonstrações públicas de afeto nunca passaram despercebidos por ela. Ansiava por segurar a minha mão na luz, não apenas nas sombras.

Quando a terceira hora chegou e passou, pedi-lhe para ficar depois de um minuto para que eu pudesse falar com ela. Seus olhos pareciam como um capuz;

ela parecia cansada.

— Você pode ir, você sabe o baile com Jake.

— Não, eu estou bem — Ela mentiu, embalando seus livros.

— Mas você gosta de dançar.

— Com *você*. Eu amo dançar com você, Daniel.

— Você está desapontada.

Sua cabeça caiu e ela balançou a cabeça lentamente.

— É apenas, suas mãos estão bem aqui. Minhas mãos estão aqui. E nós não estamos autorizados a nos tocar.

Meu dedo mindinho enrolado em torno do dela e eu senti uma agitação passando através de seu corpo.

— Eu sinto muito, Ashlyn.

— Não é culpa sua. Apenas são as nossas vidas, eu acho.

Minha garganta apertou.

— Se você quiser sair, basta dizer isso. Eu prometo a você que estará tudo bem.

Seus olhos se arregalaram e envidraçado.

— Eu não quero. Eu quero isso, Daniel. Estou apenas tendo um dia ruim. Isso é tudo.

Eu ouvi o que ela estava dizendo, mas sabia que ela tinha que perder as coisas que os casais normais faziam. Encontros. Jantar. Filmes. Escapadelas de fim de semana.

— Quest Romeo estará tocando no bar do Joe novamente em breve... — Eu disse, sem perder seus olhos verdes. — Você deveria vir.

O sorriso dela se arregalou e eu vi seus olhos se iluminar, também.

— Você quer dizer, ir a algum lugar que não seja a casa do lago? — Ela fez uma pausa e riu. — Não me entenda mal. É uma bela casa do lago e tudo, mas é só...

Eu a cortei. Meu dedo ainda estava enrolado em seu dedo mindinho e empurrei a minha porta da sala fechado ligeiramente. Tomando-lhe a mão totalmente na minha, eu a puxei para mais perto e meus lábios tomaram os dela eu a beijei rápido, mas profundo. Ela se aninhou em meu lábio inferior e me beijou de volta mais difícil quando o sino tocou para quarta hora para começar.

— Você está atrasada para a aula.

Eu podia sentir seu sorriso contra a minha boca enquanto ela falava baixinho.

— Com certeza vale o atraso.

Estávamos tocando no bar do Joe no fim de semana de Ação de Graças. Randy fez um acordo com eles para as pessoas trazerem produtos enlatados para serem doados para instituição força da fome. Eu pensei que era uma coisa dessas Randy fazia para encontrar uma maneira de dar a volta.

Ashlyn estava atrás da biblioteca para eu pega-la segurando duas latas de milho e um caderno em sua outra mão. Ela parecia tão adorável com suas latas e um belo sorriso. Eu fui até o meio-fio e ela pulou para dentro do carro.

— Oi — Ela se inclinou e me beijou antes que de afivelar o cinto de segurança. — Eu vou escrever hoje à noite, enquanto o escuto.

— Você está escrevendo de novo? — Ela não tinha mencionado seu romance

desde a primeira noite que nos conhecemos no bar do Joe, então eu estava feliz por ouvi-la falar dele.

— Apenas coisas aleatórias. Nada sério.

— Muito importante — Eu disse.

Chegamos ao bar para temos Randy saltando em cima de nós.

— Oi! Você voltou para me ver — Disse a Ashlyn, colocando a mão sobre o coração. — Sinto-me lisonjeado. Eu realmente estou. Mas eu acho que o meu amigo Danny aqui tem uma pequena queda por você.

Ela riu.

— É isso mesmo?

— Sim. No outro dia, eu entrei no quarto dele. Ele estava falando em seu sono e abraçando seu travesseiro, chamando de Ashlyn.

Meus olhos se arregalaram e eu virei para Ashlyn.

— Isso não é verdade.

Randy falou rapidamente.

— É.

Ashlyn pegou a minha mão na dela e deu uma risadinha.

— É totalmente verdade, não é? Você é viciado.

Eu não podia negar isso.

O telefone de Randy tocou e ele pediu licença para ir atender, deixando-me de pé com Ashlyn.

— Eu tenho que aquecer em breve. Quer alguma coisa para beber?

Ashlyn agarrou minha camisa e correu para trás de mim.

— Oh meu Deus! — Ela gritou, cobrindo o rosto.

— Uh, não é assim um grande negócio... É simples se não, não teria dado certo.

— Merda, merda e merda — Ela sussurrou. Foi muito bonito de ouvir sua maldição; isso me fez querer beijá-la muito mais.

— O que está acontecendo? — Questionei, tentando virar para olhar para ela.

— Henry — Ela respirou na minha manga da camisa enquanto apontava na direção do bar.

Meus olhos dispararam e eu o vi sentado lá beber.

— Oh merda! — Sussurrei, empurrando-a para fora do prédio. Corremos para o lado do bar e tomamos uma respiração profunda. — O que ele está fazendo aqui? Será que ele sabia que estava vindo?

— Não! Não! Eu não contei a ninguém.

— Bem, onde é que ele pensa que você está hoje?

Ela encolheu os ombros.

— Ele nunca pergunta. Duvido que se preocupe — Eu vi um pequeno tremor em seu lábio inferior.

— Ele seria louco se não se importasse — Fiz uma pausa. — Ele não pode saber, certo? Ele não sabe. Não pode — Minhas entranhas estavam torcendo com a ideia de seu pai, meu chefe, nos encontrar.

Ashlyn se empurrou contra mim, dando-me um beijo profundo.

— Eu preciso ir, antes que ele me veja. Acho que estou indo para casa. Apenas por segurança.

Beijei-a de volta, amando o gosto. Peguei minhas chaves do bolso de trás e

dei para ela.

— Leve o meu carro para casa. Você pode estacionar na rua da sua casa. Depois, pode devolver as minhas chaves em algum momento futuro. — A primeira queda de neve da temporada começou naquela noite, e eu olhei para o céu com alguns flocos caíram na minha cara. Então, eu assisti os flocos de neve atingirem suas longas e belas pestanas. Beije a ponta do seu nariz. — Passe algum tempo escrevendo. Eu quero ler tudo o que você venha a escrever.

— Eu vou ver o que posso fazer — Ela ainda estava de pé. — Este é o tipo de diversão, não é? A coisa de quase-ser-pegas? — Seu nariz mexeu e sua língua empurrada para o lado de seu rosto.

— Você está absolutamente louca — Levei o lábio inferior com a minha boca e chupei com cuidado. — *Absolutamente louca.*

— Só por você, Sr. Daniels. Só para você.

Minhas mãos percorriam para baixo sobre sua bunda, e eu beije contra seu pescoço.

— “Boa noite, boa noite! A despedida é uma doce tristeza...” — Disse, citando *Romeu e Julieta*.

— “Que eu direi que a boa noite até ela seja amanhã” — Ela gemeu levemente e riu. — Mmm ... Eu adoro quando você fala sujo para mim.

Só gostávamos de ficar ligados por William Shakespeare.

— Oh! Isto é para você — Ela me entregou uma carta de Gabby, caminhou para o carro, e fez uma pausa, olhando de volta para mim. — Ele parecia um pouco triste, não é? — Ela perguntou, franzindo a testa em direção ao bar. — Você acha que pode falar com ele?

— Sim, é claro.

— Obrigado — Com isso, ela se afastou.

Eu caí ainda mais por ela naquele pequeno momento. Ela achava que Henry não se preocupava com o seu paradeiro, sobre ela em tudo, mas ela ainda estava preocupada com o seu bem-estar.

— Henry? — Perguntei, caminhando até o bar.

Ele parecia em nada com ele mesmo durante o horário escolar. Estava vestindo uma polo cinza enrugada, e seu cabelo estava em todo o lugar. Seus olhos verdes olharam para mim e, a princípio, ele pareceu surpreso ao me ver de pé ao lado dele. Lentamente, ficou com o rosto relaxado.

— Dan, oi. O que você está fazendo aqui?

Deslizei para o banco ao lado dele, convidando-me para conversar, mesmo que ele não parecia que estava em um modo de conversa. Suas mãos estavam do lado do seu copo de uísque. O cheiro dele era de tabaco. Por um momento, inalei o perfume, deixando-me lembrar do meu pai.

— Estou na banda, Quest de Romeu. Como você está?

Ele olhou para mim com os olhos perplexos e riu.

— Você quer a resposta profissional ou a verdadeira?

Acenei para o barman e pedi dois uísques. Quando chegou, eu deslizei um para Henry.

— Qualquer um que deseje compartilhar.

Ele fez uma pausa e esfregou o polegar sobre a borda do copo.

— Eu estou bem — Mentiu. Seus olhos estavam pesados. Parecia que não tinha dormido em semanas, meses até. — Essa foi a resposta profissional.

— E a verdadeira? — Questionei, sentindo-me mal pelo cara.

— A verdade é que... Eu estou caindo aos pedaços — Ele tomou um longo gole de sua bebida. — Minha filha morreu há alguns meses.

Eu coloquei minha mão em seu ombro.

— Eu sinto muito.

— Eu não estava lá para ela ou Ashlyn em toda a sua vida — Ele olhou para o copo de vidro, com a cabeça pendurada e vergenhado. — Depois de Kim me deixar para ir para Chicago, eu a visitei mentalmente. Eu não tinha visitado novamente até agosto. E essa visita, foi no funeral da minha filha — Engasgou com as palavras finais e limpou as mãos em seu rosto.

Eu não sabia o que dizer, então eu não disse nada. Minha mão ainda repousava em seu ombro. Podia sentir seu corpo tremendo, enquanto ele continuava a falar.

— E agora Ashlyn está aqui. Sinto como se tivesse uma chance de me conectar com ela, mas eu não tentei. Eu quase não sei nada sobre ela. Seus gostos, seus desgostos. Eu nem sei como começar um relacionamento com minha filha.

Corri minhas mãos sobre minha boca antes de colocar uma mão em volta do meu copo de uísque. Trazendo para os meus lábios, tomei um gole.

— Essa é uma situação difícil.

Ele se virou para mim, com os olhos vermelhos de emoção, e ele riu.

— Eu deveria ter dito a você a resposta profissional, mas parece que o uísque conseguir o melhor de mim.

— Onde está Ashlyn agora? — Perguntei, sabendo qual sua resposta seria, para minha pergunta.

— Eu não sei — Sua cabeça baixa. — Eu não peço que ela me diga o que faz, porque que direito eu tenho? Seria uma espécie de idiota para começar a jogar

o cartão de pai, quando eu nunca fui um pai.

— Eu acho que ela gostaria que você fizesse — Ele arqueou uma sobrancelha para o meu comentário. — Eu perdi meu pai há alguns meses. Nosso relacionamento não era sempre perfeito, mas foi bom. No entanto, se eu tivesse a chance, gostaria de tentar mais. Eu deveria ter jogado o cartão filho um pouco mais. Você perdeu a oportunidade de se conectar com Gabby. Não perca com Ashlyn.

Ele balançou a cabeça lentamente, pensando em minhas palavras. Eu me levantei da minha cadeira e comecei a andar para o palco.

— Ei, Dan?

Virei-me para ele.

— Sim?

Suas sobrancelhas franzidas e a testa franzida.

— Como é que você sabe o nome dela? Gabby?

Oh merda.

Meu coração pousou na minha garganta enquanto eu olhava para o homem triste. Minha mente foi rápida, correndo cada vez mais, em busca de uma desculpa.

— Você mencionou isso.

Seus olhos embriagados caíram pesado. Ele estava procurando a sua mente para a nossa conversa.

— Oh. Certo. É claro — Ele murmurou.

Suspirei pesadamente.

— Ela parece gostar realmente de música, Henry. Na aula, Ryan e ela estavam sempre falando sobre isso. E os livros, ela adora livros.

— Os livros e música — Ele me deu um sorriso triste—, isso é um ponto de partida, não é?

— O melhor — Balancei a cabeça, colocando minhas mãos em meus bolsos.

Randy se aproximou de mim e bateu as mãos sobre meus ombros.

— Onde está a senhora? — Gritou, fazendo meu rosto ficar pálido.

— Oh? Sua namorada está aqui — Perguntou Henry, sentando-se e olhando ao redor.

— Sim — Respondeu Randy.

—Não! — Eu gritei. Randy arqueou uma sobrancelha para mim e eu empurrei seu ombro. — Henry, foi bom vê-lo. Fique por perto para o show! — Eu disse enquanto guiava um Randy confuso para longe.

— Que diabos foi isso? — Ele exigia.

— É o pai de Ashlyn — Sussurrei.

— Já conhece os pais? — Ele sorriu, me empurrando no ombro.

— Não — Eu assobiei. Randy olhou para a minha súbita mudança e esperou por uma explicação. Minha mão roçou minha testa e eu fiz uma careta. — Esse é o meu chefe.

— Ohhh, eu vejo.

Eu balancei a cabeça.

— E Ashlyn é minha aluna — Essa foi a parte que fez o queixo de Randy cair no chão. Seus olhos se arregalaram e ele ouviu quando expliquei como não sabíamos antes. — Eu sei que eu deveria parar, mas...

— Puta merda — Randy suspirou, a palma de sua mão apoiada na parte de trás do pescoço.

— O quê?

— Você a ama.

— O quê? — Eu ri nervosamente, esfregando as mãos. — Isso é ridículo. Eu mal a conheço e...

— 'Cara, não me dê' eu sou um homem e não posso expressar meus sentimentos, besteira. Você a *ama*. Eu não vi você sorrindo tanto por causa de uma garota desde a minha irmã.

— Eu... — Eu sabia que ele estava certo. Mas isso me assustou. Como eu poderia amar Ashlyn e não ser capaz de mostrar ao mundo como eu amava? Nós não podemos mesmo sair para assistir meu show hoje à noite, e eu tinha a sensação de que não ficaria mais fácil.

— Confúcio disse: — *Onde quer que você vá, vá com todo o teu coração*, Danny — Randy colocou a mão no meu ombro.

— Você acabou de citar Confúcio?

— Eu fiz. E foi incrível — Ele sorriu em minha direção e me empurrou. — Vamos. Vamos aquecer.

Chegando em casa, me joguei na cama, exausto do show. Randy tinha de alguma forma conseguido trazer duas meninas para casa com ele, e eu poderia dizer que estavam tendo um pouco de diversão na sala de estar. Ele tinha decidido ter sua própria festa de música nua hoje.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem para Ashlyn. Ela provavelmente estava dormindo, mas apenas no caso de não está, eu não queria perder a oportunidade de falar com ela.

Eu: Tudo limpo. Henry não tem ideia.

Ashlyn: Ele tropeçou em casa há poucos minutos. Como foi o show?

Eu: Ótimo. Senti sua falta na mesa do canto.

Ashlyn: Uau, você realmente é viciado em mim. Pare de abraçar seu travesseiro.

Eu ri alto do seu comentário, desejando que ela estivesse deitada nua ao meu lado na minha cama. Eu nem sequer tinha que fazer qualquer coisa com seu corpo nu, exceto segurá-la. Adorei a forma como ela se sentia contra mim.

Eu: Eu vou parar quando você parar de acariciar seu urso panda bebê.

Ashlyn: Pensei que você gostou quando eu disse que meu bicho preferido era um urso panda bebê

Eu me encolhi.

Eu: Não tenho nada contra seu panda bebê.

Ashlyn: Eu sou uma idiota, Você é um idiota.

Eu: Você tem algo para eu ler, que você escreveu esta noite. Algo de seu livro?

Houve uma longa pausa. Ou ela estava me escrevendo um trecho ou tinha adormecido.

Ashlyn: Ele nunca entrou em cena para lutar suas batalhas. A maioria das mulheres pode ter sido desunida pela ação cavalheiresca, mas ele só virou Julie em que muito mais. Ela adorava a maneira como ele permitiu que ela fosse forte por si

mesma. Ela adorava a maneira como ele acreditava que ela tinha a força de todas as deusas combinadas. Ela adorava a maneira como ele lhe permitia ser uma pessoa cem por cento. É precisamente por isso que ela queria amá-lo para o resto da vida.

Eu li suas palavras uma e outra vez. Indo em cada uma delas.

Eu: O meu pai teria estado certo. Eu não sou bom o suficiente para você.

Ashlyn: Acho que você é certo para mim.

Eu: É este o livro que Gabby e você estavam trabalhando?

Ashlyn: Não. Eu comecei algo novo.

Ela estava se encontrando, também. Foi a coisa mais bonita de assistir acontecer — Ashlyn descobrir quem ela era de novo, tudo por conta própria. Senti-me privilegiado por ser capaz de testemunhar o seu crescimento.

Ashlyn: Henry entrou no meu quarto e me encarou por um tempo... O que você disse a ele?

Sorri para a mensagem e esfreguei os dedos contra minhas sobrancelhas.

Eu: Eu perguntei como que ele estava. Talvez você deva, também. Boa noite, docinho.

Ashlyn: Boa noite. :)

Eu rolei e começou a ler a carta que recebi hoje de Gabby. Eu sabia que a carta era para me trazer conforto, mas por alguma razão, só trouxe dúvidas.

1. Apaixone-se.

Para o menino que é amado por uma garota,

Eu me pergunto se você sabe a sorte que tem. Minha irmãzinha aqui não sabe, mas ela coloca paredes. Seu coração está fechado e acorrentado, fechado do mundo. Ela se esconde atrás de seus livros, e não deixa ninguém entrar, eu acho que é porque uma vez que o nosso pai nos deixou, ela nunca quis se sentir assim novamente, abandonada. Mas aqui estão vocês.

Alguém que encontrou a chave.

Você pode me fazer alguns favores? Exibi-a para o mundo. Leve-a para um encontro. Ela adora dançar, mesmo que seja muito ruim nisso. Faça outros casais sentir ciúmes. Seja seu ouro.

Porque eu prometo a você que ela vai ser o seu. Você está fazendo certo.

~Gabrielle

Desde que eu tinha lido a nota de Gabby, eu me sentia péssimo. A irmã de Ashlyn estava certa. Ela merecia ser mostrada ao mundo e merecia sair para um encontro. Ela merecia ser amada em voz alta.

E eu não sabia como fazer isso.

Capítulo 20

ASHLYN

*Não pare até que terminemos.
Em seguida, saia dos trilhos.
Nunca olhe para trás, nunca olhe para trás.
~ Romeo's Quest*

— Você sempre anda em cemitérios sozinho? — Eu ri, vendo Daniel.

Ele se virou para olhar para mim e sorriu largamente.

— Só quando estou esperando para ver uma menina bonita.

Revirei os olhos.

— Você é brega — Ele me puxou para mais perto dele e, lentamente, lambeu meu lábio inferior antes de me beijar. — Mmm — Murmurei contra sua boca. Limpei a garganta. — Jake da escola enviou uma mensagem me convidando para sair de novo — Sussurrei, mordendo meu lábio inferior.

Daniel arqueou uma sobrancelha.

— O cara não pode pegar uma dica, pode? — Ele fez uma pausa e baixou a voz. — Você quer namorar com ele?

Eu dei um passo para trás.

— O quê?

— Quero dizer... Ele pode realmente *namorar* você, Ashlyn. Isso não seria apenas reuniões atrás de edifícios, em cemitérios...

— O que isso quer dizer? — Meus olhos lacrimejaram. Por que ele iria dizer tais coisas? Eu estava feliz com ele. *Nós* estávamos felizes. A única coisa que eu conseguia pensar que poderia ter feito essa mudança em Daniel era a nota que eu tinha dado a ele na noite passada.

Eu não devia ter dado a nota. Fui muito depressa. Tinha ido muito à frente.

Ele ficou triste por um momento, imerso em pensamentos. Eu odiava como eu não podia lê-lo. Seus olhos piscaram e ele olhou para cima.

Meus olhos se voltaram para o chão.

— É por causa do que dizia o bilhete? Porque, desculpe-me se fui muito rápida, mas...

— Não, Ash... — Seu rosto se suavizou, todas as evidências de sua repentina mudança de humor se foi. — Não é nada. Esqueça isso. De qualquer forma, por que mencionou? A mensagem de Jake para você?

Contemplei perguntar a ele sobre seus pensamentos, mas temia que ele iria se afastar para longe de mim. Respirei profundamente, tentei limpar o nevoeiro entre nós.

— Eu sei que não posso dizer que estou vendo você... Mas talvez... — Puxei o meu cabelo para o lado do meu pescoço. — Talvez você possa deixar uma marca dizendo que eu sou sua?

Ele riu.

— Você quer que eu lhe dê um chupão? — Balancei a cabeça. Ele suspirou. — Mas isso é assim...

— Ensino médio? — Eu ri. — Não se esqueça, baby. Sua namorada ainda é uma sênior.

— Mmm ... Namorada. Eu gosto do som disso — Daniel moveu sua boca para o meu pescoço e lentamente começou a chupar minha pele, me provocando. Sua língua moveu para trás e lentamente, em seguida, rapidamente, sua sucção

cada vez mais intensa. Eu arqueei meu pescoço em sua direção, segurando minhas mãos contra os quadris. Quando ele se afastou, senti um leve beijo no meu pescoço.

— Acho que isso faz de você o minha.

Minha cabeça balançou para trás e para frente.

— Eu era sua antes que te conhecer.

— Esse é aquele momento estranho quando você encontra pessoas fazendo coisas na frente do túmulo de seus pais.

Meu coração pulou para fora da minha pele quando ouvi outra voz pairando sobre nós. Eu fui rápida para me afastar de Daniel com o susto. Seus olhos se moveram para o cara que está perto de nós, e eu engasguei.

Eu poderia estar olhando para Daniel se eu não o conhecesse melhor. As únicas diferenças eram que esse cara tinha raspado o cabelo e seus olhos azuis eram muito mais frios. Muito mais perdido.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou Daniel. Seus olhos estavam cheios de algo que eu nunca tinha visto nele. Ódio? Amor? Alguém poderia odiar e amar ao mesmo tempo, certo?

— Bem, eu estou na cidade e pensei em dizer oi para a mãe e o pai. Pergunto-me o que você estava fazendo aqui, mas... — Ele olhou para mim com um sorriso, e eu enrolei meus braços ao redor da minha cintura. — Acho que é bastante claro.

Os olhos de Daniel mudaram-se para mim e, em seguida, de volta para seu irmão...? Senti meu rosto corar de novo. Há quanto tempo ele tinha estado lá?

— Estou feliz que você encontrou uma menina. Ela é bonita — Disse o estranho. — Provavelmente torna mais fácil você poder dormir à noite, hein?

— Vá para casa, Ashlyn — Daniel exigia.

Olhei para ele, confusa. Por que eu estava sendo mandada embora?

— O que? Espera...

— *Agora* — A palavra era severa e dolorosa.

Fiquei imediatamente preocupada com a maneira como ele tinha falado comigo. Ele nunca pareceu tão duro, tão longe, mesmo quando descobriu que eu era sua aluna. Senti meu coração pular, e os olhos de Daniel se suavizaram quando olhou nos meus.

Dei um passo em direção a ele para tentar confortar a sua súbita mudança de personalidade, mas ele se afastou de mim.

Isso doeu.

Virei-me para o cara que estava ostentando um sorriso malicioso pelo meu jeito. Gabby estava atrás dos dois rapazes, tocando seu violão, cantando *Let It Be dos Beatles*. Eu fiz uma careta para ela, em silêncio, pedindo-lhe para me ajudar a entender o que estava acontecendo.

Em seguida, ela se foi.

Porque ela nunca tinha estado lá.

Depois de uma eternidade de dúvidas e indecisões, eu o deixei, dando-lhes um adeus sem palavras e me sentindo vazia por dentro.

Esperei até chegar ao lado de fora do cemitério e comecei a chorar. Eu odiava o quanto eu chorei no ano passado. Era para eu ser mais forte.

Corri de volta para a casa de Henry e direta para o meu quarto. Tentei não pensar coisas demais. Ele me enviaria um texto. Iria explicar. Hailey estava no chuveiro, então eu estava bem para chorar sozinha na minha cama. Peguei meu celular e esperei por seu texto.

E esperei.

E esperei.

Horas se passaram, eu perdi o jantar, e minha mente estava vagando em pensamentos sombrios. Ele ainda não tinha enviado uma mensagem.

Eu: *O que foi aquilo?*

Meu estômago enjoando enquanto eu esperava para o som do meu telefone que nunca aconteceu.

Eu: *Por favor, não me ignore.*

Nada.

Eu: *Não faça isso... Por favor...*

Eu estava implorando para ele responder. Implorando.

Eu: *Vamos conversar amanhã?*

Nada. Sem resposta. Coloquei minhas mãos sobre meu rosto e comecei a soluçar incontrolavelmente.

— Eu culpo você por me fazer ter que escrever este maldito flash de ficção...

— Ryan veio pisando no meu quarto e parou quando me viu chorando na minha cama. — Ashlyn, o que há de errado? — Ele veio para mim e eu comecei a chorar ainda mais com o nível de preocupação em sua voz.

Eu queria poder dizer a ele. Eu gostaria de poder dizer a alguém, qualquer um. Mas, principalmente, eu gostaria de falar com Gabby. Ela saberia o que dizer. Ela teria sabido o que fazer. Ela era a única, não eu.

Ryan deslizou e deitou-se ao meu lado, envolvendo os braços em volta de mim. Puxei-o para soluçar mais perto em sua camisa.

— Jesus, filha... O que está acontecendo? — Ele sussurrou.

Eu não podia responder, e eu duvidava que ele estivesse mesmo à procura de uma resposta. Antes que eu percebesse, senti mais dois braços envolver em torno de mim e outro corpo cobrindo-me em um abraço apertado. *Hailey*.

Nós não falamos. Eles simplesmente se agarraram em mim, certificando-se de deixar-me saber que eu não estava sozinha. Henry apareceu ao lado, olhando para o quarto. Ele não disse nada, mas veio e sentou no final da minha cama.

Essa foi o maior conforto que eu tinha recebido dele. Nunca.

Capítulo 21

ASHLYN

*Eu gosto do jeito que você mente
Quando eu lhe peço para ficar.
Gosto da maneira como você flerta
Quando eu preciso ir embora.
~ Romeo's Quest*

— Você pode querer colocar o seu cabelo para baixo — Ryan murmurou em meu ouvido no café da manhã. — Se Henry vê o enorme chupão em seu pescoço, ele pode surtar.

Engasguei com o seu comentário e puxei o meu coque bagunçado para baixo, cobrindo o pescoço.

Ryan riu.

— Nós estaremos tendo uma conversa muito intensa no carro de Hailey hoje — Ele me deu um olhar. — Indo para a biblioteca, minha bunda.

Hailey tropeçou na cozinha, parecendo um zumbi. Pegou uma caneca, derramou um pouco de suco de laranja, e tropeçou fora.

— Ela não é uma pessoa da manhã, não é? — Perguntei.

— Nem um pouco — Ryan fez uma pausa. — Você está bem? Ontem à noite você estava meio...

— Uma bagunça?

— Uma confusão quente — Sorriu. Ele sempre parecia bonito sem esforço. Estava vestindo um polo azul lisa com seu colar de cruz e um jeans. Tudo o que

ele tinha feito para o seu cabelo foi feito com as mãos passando nele. No entanto, Ryan fez parecer como se tivesse acabado de sair de uma sessão de fotos da revista GQ. Cada. Maldito. Dia.

— Sim. Eu estou bem. Apenas atravessando oscilações da vida.

Ele riu, movendo-se para me despejar uma xícara de chá.

— Isso pode ser uma verdadeira puta às vezes.

Ele não estava mentindo. Agradei-lhe o chá e pulei para fora do banco. Fui em direção à sala de estar, onde vi Rebecca sentada no sofá, assistindo ao noticiário. Meus dedos penteando o cabelo para baixo contra o meu pescoço.

— Oh, oi, Ashlyn — Ela sorriu enquanto tomava um gole de café. — Venha aqui. Eu tenho uma pergunta para você — Sua mão acariciou o lugar no sofá ao lado dela.

Minha bunda encontrou as almofadas do sofá e afundando. Ela colocou nossas canecas sobre a mesa. Rebecca sorriu e mudou-se para mais perto, tomando minhas mãos nas dela.

— Como você está?

Como eu poderia responder a isso?

Bem. Eu odeio quase todos os meninos na escola.

Bem. Adoro almoçar com seu filho gay e filha budista.

Bem. Eu não falei com minha mãe, ainda, e Henry não tem fotos minhas em seu escritório para provar que eu existo.

Bem. Eu só fiz com o meu professor em um cemitério na noite passada na frente de seus pais mortos e tenho as marcas para provar isso. Então ele me empurrou de repente, sem explicação.

— Estou bem — Murmurei. — Eu estou bem.

Ela soltou um suspiro de alívio e bateu as mãos.

— Deus é bom, não é?

Apertei os olhos para ela e balançou a cabeça lentamente.

— Claro — Fiz uma pausa, perguntando como era o entendimento de Rebecca quando se tratava de todas as questões. Ela nunca vinha diretamente, como de forma agressiva ou mente fechada para mim. Por isso, fez-me perguntar por que Ryan e Hailey tinha que manter suas verdades de forma secreta. A maneira como eles apareceram para mim na noite passada me fez querer ajudá-los, também.

— Ei, Rebecca... O que você diria se eu lhe disse que gostava de garotas?

Suas mãos caíram como se estivesse segurando um explosivo e ela riu um pouco.

— O quê? — Então aconteceu. Eu vi a mudança de toda a sua personalidade. Ela sorriu com força e levantou-se. — É melhor eu ter certeza se de Hailey está pronta para escola.

— Ela está. Ryan e eu a vimos.

Rebecca desligou a televisão e foi até a escada.

— Sim, mas só para ter certeza. Você nunca pode ter certeza sobre essas coisas.

Ela andou com pressa, correndo para cima. Tentei agarrar as emoções diferentes que havia sido exposto em seus olhos. Medo, culpa, raiva? Não havia dúvida de que tinha havido um ar de fúria contida em seus olhos azuis. No entanto, essa não foi a principal coisa que eu tinha notado.

Não, foi à tristeza que havia prevalecido no seu olhar.

Mas por que a deixara triste?

Ouvi gritos vindos do andar de cima, fazendo eco ao longo dos corredores

da casa. Rebecca e Henry estavam tendo uma forte discussão e gritos. Henry desceu as escadas rápido e estava em pé na minha frente. Ele passou os dedos contra sua barba salpicada e suspirou.

— Você é lésbica?

Minha boca estava aberta pela sua pergunta.

— *Henry!* — Eu duramente sussurrei.

— Bem, é? — Ele fez uma pausa e mudou seu peso ao redor. — Porque eu não me importo. Realmente, eu não me importo — Ele respirou e colocou os braços sobre o corpo. — E se você não se sentir confortável aqui, vamos encontrar outro lugar para ir.

Um silêncio caiu. Inclinei a cabeça para ele e acalmei meu corpo. Seus olhos verdes estavam cheios de tanta paixão e honestidade.

— Você mudaria? Por mim?

Ele passou os dedos contra os lábios e suspirou.

— Claro que eu faria, Ashlyn. Você é minha... — Suas palavras vacilaram. Ele limpou a garganta. — Você é minha filha. E eu poderia dar uma merda de rato por quem você ama. Você já passou por muita coisa este ano e...

— Eu não sou lésbica.

Henry fez uma pausa e arqueou as sobrancelhas. Ele foi atingido por uma estranha surpresa. Como se ele já tinha aceitado isso em sua mente que estávamos compartilhando a minha sexualidade.

— Você não é lésbica?

— Eu não sou lésbica — Repeti.

— *Jesus Cristo*, Ashlyn! — Ele suspirou e caiu sobre a cadeira. — Isso é tudo muito constrangedor, mas se pudéssemos tentar evitar tais tópicos e tais lutas antes das sete horas da manhã, isso seria ótimo.

Afastei-me de Henry, que estava bastante aliviada que não estávamos embalando nossas coisas. Um sorriso encontrou meus lábios.

Ele me escolheu pela primeira vez.

Eu nunca pensei que ele iria me escolher primeiro.

A viagem de carro para a escola estava estranhamente silenciosa após a luta entre Rebecca e Henry. A tensão era grossa. Eu tentei o meu melhor para afundar no banco de trás.

Ryan me olhou pelo espelho retrovisor e suspirou.

— Escute, eu sei o que você estava tentando fazer, fazendo essa pergunta para minha mãe e tudo, mas... — Ele murmurou algo sob sua respiração. — Eu sei como ela é. Ok? Eu sei como ela reagiria. Assim, não tente. Por um lado, ela não vai aprovar, e depois, eu não estou pronto para sua desaprovação.

Meus dedos correram o assento cinza, meu coração batendo no meu peito. Eu me sentia horrível, por ter trazido isso para Rebecca.

— Eu sinto muito, Ryan — Eu realmente sentia. Não era o meu lugar até mesmo para trazer essa questão.

Entramos no estacionamento da escola e nós três pulamos fora. Assisti Hailey sair do carro e olhar para Theo, que estava acenando.

— Eu verei vocês mais tarde — Ela começou a andar em sua direção e eu fui para detê-la. Ryan colocou as mãos sobre meus ombros.

— Ela tem que aprender por conta própria, Chicago — Disse ele. Sua voz baixou. — Eu sei que eu fiz.

— Ryan, eu realmente sinto muito. Eu não tive a intenção de arrumar uma confusão no início da manhã. Ou ser um problema em tudo.

— Está tudo bem — Ele disse, envolvendo seu braço em volta dos meus ombros. — Agora, quando você me disser onde ganhou esse chupão, estaremos

realmente bem.

Eu ri enquanto me aconchegava contra ele.

— Você não acreditaria em mim se eu lhe dissesse — Quando olhei para cima, vi Daniel andando ao nosso lado para o prédio da escola, seus olhos travando com o meu. Havia um pequeno tremor em seus lábios, e seu olhar eram os mais azuis dos azuis contra sua camisa.

— Bom dia Ryan e Ashlyn — Disse ele.

— Bom dia, Sr. D — Ryan respondeu, seu braço ainda em volta de mim.

Daniel percebeu os braços de Ryan e olhou para mim por uma fração de segundo. Eu puxei meu amigo mais perto de mim, dando um olhar de ódio a Daniel.

— Bom dia, *Sr. Daniels*.

Aula de Inglês veio e Daniel não olhou para mim nenhuma vez. Não só ele ignorou todas as minhas mensagens de texto, mas também estava me ignorando em sala de aula. Magnífico, voltamos à estaca zero.

— Tudo bem, quem quer apresentar a sua ficção flash primeiro? — Perguntou Daniel.

Ninguém levantou a mão. Ficção de flash estúpido. Professor estúpido por atribuição uma ficção flash. Vida estúpida.

Daniel franziu a testa, olhando ao redor. Em seguida, um sorriso brilhante veio em seu rosto.

— Tudo bem, Avery. Obrigado por se voluntariar! Você vem à frente.

Avery gemeu.

— Vamos, Sr. Daniels. Eu não me voluntariei — Ele soprou e bufou.

— Ah... Bem, bem. Então, você teve sorte o suficiente para ser escolhido.

Venha aqui.

Avery arrastou seu corpo até a frente da classe quando Daniel sentou-se em uma das cadeiras abandonadas no fundo da classe. Avery era um garoto grande, e a ideia de ouvi-lo ler ficção de flash teria me feito sorrir na semana passada. Mas hoje, meus olhos estavam inchados e eu estava irritada.

Avery pigarreou e amaldiçoou em voz baixa, dizendo o quão estúpido era isso.

— Peitos, bebidas, futebol. Esta é a vida — A sala de aula riu; seus amigos de futebol vaiaram e gritaram. Mas eu notei a carranca de Avery. Daniel deve ter percebido isso também.

— Tente outra vez, Avery — Disse ele na parte de trás da sala. Eu não me virei para vê-lo.

Avery deu um suspiro, limpou a garganta, e leu o jornal.

— Procurando por mais, mas não é inteligente o suficiente para chegar lá.

Ryan e eu começamos a bater palmas para ele, e o resto da classe riu.

— Perdedor — Tossiu um de seus companheiros de equipe. — Perdedor gordo — Brincou outro. Ele revirou os olhos e golpeou-os quando passou.

Eram sempre as piadas que mais machucavam. Avery empurrou um de seus companheiros de equipe.

— Sim, bem, esse perdedor gordo fica com mais meninas do que você.

Ryan riu para si mesmo.

— Duvido.

Avery lançou os olhos sobre Ryan.

— Você tem algo a dizer, Turner? — Era como os jogadores de futebol sempre chamavam as pessoas, pelos seus sobrenomes? Será que Avery sequer

sabe o primeiro nome de Ryan?

Ryan revirou os olhos e recostou-se na cadeira.

— Nem uma palavra.

— Figura. Você nunca realmente parece ter muito a dizer.

Avery fez o seu caminho de volta para sua mesa. O resto da turma toda foi até lá e leu a sua ficção flash, mas Ryan era o meu favorito.

— Uma estrela explodiu e eu nasci. Por favor, me chame de Tony — Ele disse e ninguém entendeu, exceto eu. Ryan piscou em minha direção e eu sorri.

Isso me fez ir. Daniel nem sequer me chamou, mas eu não estava surpresa. Suas habilidades de me ignorar estavam em alta. Fui até lá com nenhum papel em minhas mãos e olhei Daniel diretamente nos olhos.

— Gêmeos idênticos, exceto com a morte. A busca de Romeo para encontrar Julieta.

Eu vi a luta acontecendo em seus olhos. Sem saber o que dizer, sem saber como reagir.

Ryan pediu a Daniel para fazer outra ficção flash quando foi para frente da classe.

— Shakespeare, beijos, listas. A visão diante da realidade. Sonho mais uma vez.

Eu o odiava porque eu soluçava e tinha lágrimas caindo pelo meu rosto. A classe ria da sua ficção flash, mas não foi engraçado.

— Isso não quer dizer nada! — Ryan argumentou.

O sinal tocou e Daniel riu para si mesmo.

— Tudo bem, todo mundo. Ótimo trabalho hoje. Certifique-se de ler os capítulos de um a três de *To Kill a Mockingbird* para amanhã. Há rumores de que

pode haver um questionário.

Ryan gemeu quando jogou a mochila nos ombros.

— Não é um teste surpresa se você nos diz sobre isso, o Sr. D.

— Nem todos os rumores são verdadeiros, Ryan, mas é melhor planejar como se fosse — Daniel sorriu.

Revirei os olhos. Eu odiava seus sorrisos.

Suspiro.

Eu amava seus sorrisos.

Ryan me disse que me veria na hora do almoço. Havia apenas mais alguns estudantes na classe. Fui até minha mesa e peguei meus livros.

— Sr. Daniels, eu tenho uma pergunta sobre a tarefa. Você acha que pode me ajudar?

Ele estreitou os olhos em mim.

— Sim, claro. O que há? — Essas foram a maior quantidade de palavras que ele me disse na última hora. O último aluno saiu da sala e ele suspirou. — Ashlyn...

— É por causa da carta que lhe dei? Que diz que estou amando? Porque se for...

— Ashlyn, não. Não é isso. Eu juro.

— Então, é simplesmente porque você é um idiota? — Esperei pela resposta que ele nunca deu. — Eu tenho outra carta para você da minha irmã — Ele arqueou uma sobrancelha.

Coloquei uma sobre a mesa. Na frente, lia-se: # **25. Corações Partidos.**

Ele suspirou, pegou e abriu. Enquanto eu o observava tirar uma foto de

Gabby, eu engasguei. Eu quase me perdi completamente quando a vi. Ela estava olhando diretamente para a câmera, segurando seus dois dedos médios.

Essa é minha garota.

Na parte de trás estavam as palavras — **Foda-se por magoá-la!** — Em letra preta.

Eu queria rir, mas não o fiz. Eu queria chorar, mas eu não fiz.

Daniel sorriu.

— Ela tinha o seu charme.

Ele estava errado, embora. Gabby era muito mais encantadora do que eu era.

— Você me disse que queria que eu fosse sua... — Sussurrei, aproximando-me de sua mesa.

— Eu sei, Ashlyn. E eu... É que... É complicado.

Revirei os olhos.

— Para um cara muito inteligente, você com certeza é um completo idiota. Eu sou a definição de complicado, Daniel. Qual é o problema? Você me ignorou toda a noite por causa do seu irmão

— Você está falando de mim?

Lá estava ele de novo, na entrada da sala de Daniel olhando para nós. Eu me virei para encará-lo e vi o choque nos olhos dele de me ver.

— Ah... Oh wow.

Oh, não.

— Isso é novo, né? Indo para os alunos, não é? — Ele andou pela sala de aula e se sentou na beirada da mesa de Daniel.

— Não é o que parece, Jace... — Disse Daniel em um rosnado baixo.

Jace.

Eu não sabia que o diabo tinha um nome tão doce.

— Sério? — Ele se inclinou mais perto, sussurrando para Daniel. — Porque parece que você está transando com uma aluna.

Minha boca abriu, chocada com suas palavras.

— Nós não estávamos...

— *Ashlyn!* — Daniel sussurrou, batendo a mão contra a mesa. — Não fale com ele.

— Não se preocupe. Eu só passei para dizer oi. Aqui — Jace puxou um pedaço de papel e deu um tapa na mão de seu irmão. — Chame-me para uma reunião fraternal mais tarde. Vou trazer a cerveja. Você traz os filhotes? — Ele me deu um sorriso maduro e eu queria muito nocauteá-lo. — Apenas certifique-se que a minha é legal. Eu já passei bastante tempo atrás das grades — Ele desapareceu da sala de aula, deixando-me atônita.

A mandíbula de Daniel apertou e ele abaixou a cabeça, esfregando a parte de trás do pescoço.

— Eu preciso que você saia, Ash.

— O que ele tem contra você? — Eu me perguntei em voz alta. — Nós tínhamos estado muito bem até que seu irmão apareceu. Por uma fração de segundo, eu podia jurar que tinha mesmo sido... Feliz.

Ele me ignorou. Eu soltei uma risada desconfortável e mexia no meu lugar antes de me virei para ir embora. Tinha sido tão estúpida para pensar por um segundo que fomos *nós*.

Eu nunca deveria ter parado para ver Daniel semanas atrás, quando eu o vi de pé sozinho no cemitério.

Eu deveria ter continuado andando. Deveria ter fingido que não o tinha visto.

Mas eu *tinha* visto.

E por um breve momento no tempo, ele tinha me visto, também.

Hailey não apareceu para o almoço. Notei que Theo não estava na lanchonete também. Sentando à mesa, eu suspirei quando vi Daniel olhando na minha direção. Ele desviou o olhar rápido antes que alguém pudesse notar.

Ryan veio andando e bateu a bandeja para baixo.

— Ok, eu sei que eu disse que tinha de aprender por conta própria sobre Theo, mas eu realmente pensei que ela faria a escolha certa.

— Ela é inteligente. Vai ficar bem — Disse eu, pegando algumas batatas fritas de sua bandeja.

— Se ele machuca-la de novo... — Sua voz era sombria quando ele olhou em volta, à espera de Hailey entrar —, eu vou matá-lo — Sua mão foi para o bolso e tirou o maço de cigarros falsos.

— Ryan, o que é isso exatamente? — Perguntei, a curiosidade finalmente me empurrando longe o suficiente para querer questioná-lo sobre seu hábito falso de cigarro.

Ele olhou para seus dedos, que estavam segurando um cigarro invisível. Uma carranca encontrou seus lábios e ele colocou as mãos sobre a mesa.

— Quando eu tinha treze anos, disse a meu pai que eu achava que era gay.

Meu coração parou de bater com a menção de seu pai. Eu nunca tinha ouvido falar dele ou Hailey nunca falar sobre seu pai antes.

Ryan continuou: — Eu chorei e chorei, porque fomos a igreja, sabe? E a mamãe acreditava no inferno. Ela ainda faz, é claro. Nos diz como pecar era errado, como maus-feitores iria para o inferno. Então, eu sabia o que estava

sentindo não era certo. *Eu* não estava certo.

Oh, Ryan ...

— Meu pai me disse que não importava. Nada disso importava. Eu era seu filho e ele me amava. Ele disse que iria falar com mamãe, e eu implorei para não falar. Pedi-lhe para manter entre nós. Algumas noites depois, eu estava no topo da escada em nossa casa e ouvi a briga. Sobre mim. Disse que ele pensava que eu poderia ser gay, mas nunca declarou isso como um fato — Ryan estreitou os olhos, olhando para os dedos. — Ela o chamou de mentiroso e um monte de coisas de merda. Eu acho que ela o acusou de enganá-la, também. O que era estúpido. Ele nunca iria... — Fez uma pausa. — Ela lhe disse para sair. Para nunca mais voltar. Corri para o meu quarto. Da minha janela, eu o assisti andar fora para frente da casa. Ele acendeu um cigarro e começou a fumar, passando as mãos pelos cabelos. Então entrou em seu carro e foi embora.

— Ele não voltou? — Perguntei, meu intestino emaranhados em nós.

— A manchete era... — Estreitou os olhos, seguindo de volta em sua memória. — Paul Turner, pai de dois filhos, morre em um acidente de carro horrível, na esquina da Avenida Jefferson e Pine Street.

A culpa era forte nas palavras de Ryan. Seus dedos levantou o cigarro invisível e ele descansou-o entre os lábios.

— Não foi sua culpa, Ryan.

Ele segurou os dedos para cima e olhou para eles.

— A caixa de cigarro é um lembrete da razão pela qual o meu segredo é um segredo. Tudo que faz é ferir as pessoas. Levo a caixa onde quer que eu vá.

Nossa conversa foi interrompida quando Hailey veio com pressa. Ela bateu a bandeja em cima da mesa.

— Desculpe o atraso.

Eu olhei para cima, vi Theo entrando no refeitório, e sorrindo. Eu ainda o

odiava.

— Voltamos — Hailey abriu um grande sorriso. — Pedi desculpas por ser uma namorada controladora, e ele disse que nossos espíritos ainda poderiam viajar juntos.

— Você pediu desculpas? — Eu gemia, perplexa.

— Você não entende, Ashlyn. Eu o amo.

Amor? Eu estava começando a me perguntar o que essa palavra significava. Parecia que as pessoas falam para todo mundo hoje em dia. Eu inclusive.

Ryan ignorou sua irmã, não satisfeito com suas escolhas. Eu tinha que admitir que fiquei um pouco decepcionada, também. Ele se voltou para mim.

— Era Jake, não era? Será que Jake lhe deu esse chupão? — Corei.

— Não.

— Mas ele quer dar um chupão?

— Sim.

— E... O rapaz que deu a você é...

Eu fiz uma careta.

— Não está mais em jogo.

Capítulo 22

DANIEL

*Perdido.
~ Romeo's Quest*

Sentei-me na beira do cais, vendo o sol brilhar no lago. Eu me sentia derrotado, cansado, esgotado. Parecia que cada vez que um momento de felicidade aparecia, as sombras voltavam e arrastava. A vida não era justa, e eu me sentia como um idiota por pensar que deveria ser. Mas eu *queria* que fosse. Eu precisava que fosse, para ser justo, só por um tempinho. Porque eu precisava dela.

Ashlyn era a única coisa que me tirava da escuridão.

Ouvi passos atrás de mim eram pesados. Eu sabia quem era antes mesmo que ele falasse. Eu era o único que o tinha chamado e disse-lhe para me encontrar aqui.

— É estranho estar de volta aqui — Virei para ver Jace andando. Suas mãos estavam nos bolsos. Ele se aproximou e sentou ao meu lado. — Eu não tenho visto desde de mamãe... — Suas palavras se desvaneceram. Ele colocou os dedos na água, criando ondulações com o seu toque. Ele infectou a água, mesmo sem saber. Porque é isso que Jace faz, pessoas se destroem. Ele nunca queria, mas ele sempre fazia. — Eu vi Randy lá dentro. Está vivendo aqui também? — Eu não respondi. — Ele disse que vocês estão no bar do Joe tocando duas vezes por mês?

Tossindo, limpei minha garganta.

— O que está fazendo aqui? O que você quer? — Perguntei, sentindo meu corpo começa a esquentar depois de sua chegada. Sempre que Jace vinha ao redor, desgraça não estava muito longe.

Ele virou na minha direção, limpando as mãos molhadas em seus jeans. Seus olhos estavam perplexos com a minha pergunta.

— Estou de volta para descobrir quem matou mamãe, Danny. E estou um pouco chocado que você não tenha tentado fazer qualquer coisa sobre isso depois que me trancou!

Minha voz subiu rapidamente.

— *Eu tranquei você* — Suspirei e respirei fundo. Eu tinha jogado a nossa reunião e outra vez na minha cabeça durante meses. Eu esperava que ele teria descoberto por que eu o tinha posto de lado, por que eu não tinha outra escolha. — Te entreguei porque você teria sido o próximo, Jace. Você teria ido atrás de algum plano de vingança estúpido-burro e teria morrido.

— Eu não sou estúpido — Ele assobiou. — Eu poderia ter manipulado...

— Você poderia teria tentado o quê? Rastrear o babaca que matou mamãe, ali? — As palmas das minhas mãos empurradas para o lado da doca, e saltei para cima. Jace levantou-se quase mais rápido do que eu fiz. — Talvez você poderia ter irritado mais alguns malditos bandidos e eles teriam matado papai ou a mim antes que chegasse a uma conclusão!

— Foda-se, Danny! *Você me trancou. Você me dedurou.* Eu sou seu irmão — Ele gritou.

Eu podia ver o ressentimento em seus olhos, seus dedos se fecharam em punhos.

— *Você é o meu irmão mais novo!* — Eu gritei mais alto, jogando minhas mãos para cima em irritação. — Você é meu irmão mais novo. Eu vou te dizer uma vez, Jace. Não faça isso. Não vá cavar atrás dessa confusão — Meus olhos foram para ele e eu cruzei os braços. — Eu já enterrei uma mãe e um pai. Não me faça escolher outra lapide maldita no cemitério.

— Eu nem estava lá... Para enterrar meus próprios pais — Ele fungou e passou o dedo para baixo. Suas mãos pousaram contra sua cintura. — Red confia

em mim, novamente.

— Jace.

— Não. Isso é bom. Eu tive a chance de entregar ele e seus homens quando entrei, mas não o fiz. Mantive minha boca fechada, caramba, e Red... Ele confia em mim. Ele está me deixando para entrar de novo.

— Você não acha que é um pouco estranho como ele perdoou você?

Jace deu de ombros.

— Eu não quis delatar seus homens quando estava preso. É chamado de lealdade. Algo que você não conhece.

Enfiei a mão no bolso de trás e tirei minha carteira.

— Olha, Jace... Eu tenho algum dinheiro aqui. Nós podemos ir para o banco e posso tomar mais — Segurei o dinheiro para ele. — Você pode ir ficar com nossa avó em Chicago por um tempo. Limpe sua cabeça.

— Minha cabeça está limpa, Dan.

— Não está — Andei até ele e envolvi minhas mãos firmemente em torno de sua cabeça. — Não está clara se você pensar por um segundo que a porra desse cara, Red confia em você. Saia da cidade, Jace. Por favor.

— Eu tenho que descobrir quem fez isso, Danny — Sussurrou, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu tenho que descobrir quem matou mamãe, e a melhor maneira de fazer isso é estar dentro.

— Por quê? Porque você não pode simplesmente deixá-lo ir? Ela se foi. Não vai voltar.

— Porque eu fiz isso — Ele gritou, apontando para o local onde a mãe morreu. — Eu sou a razão que ela... — Colocou a mão sobre sua boca. — Seu sangue, sua morte. Está em mim.

— Não — Balancei minha cabeça. — Está no babaca doente que tinha a

arma.

— Não era para ser assim, você sabe — Falou baixinho. — Era para eu ir para a faculdade, também. Você sabe? Papai pensou que eu iria para a faculdade.

— Você ainda pode.

— Eu queria voltar, queria voltar para a banda. Eu queria ficar limpo. Queria parar tudo isso.

— Jace...

Ele mordeu o lábio inferior e se afastou de mim. Descansou seus antebraços no topo de sua cabeça e apertou as mãos.

— Red quer me passar alguns de seus produtos para distribuir. É fácil o suficiente. Os clientes são alvos fáceis.

— Clientes? Quem são os clientes?

Ele se voltou para mim.

— Escute, Danny. Eu só preciso de um pouco de ajuda. Há algumas crianças em sua escola que...

— Você está vendendo para as crianças? Está vendendo para os *meus alunos*? — Meus olhos se arregalaram de horror. Dei um passo para trás.

— Não sou eu, Danny. É o Red. Ele está me testando. Está vendo se pode confiar em mim totalmente. E se eu conseguir essas coisas para alguns deles, ele disse que vai me deixar me vingar. Vingança pela mamãe. Ele vai me dizer o nome do cara que a matou. Como você é um professor em Edgewood, talvez... Talvez você possa me ajudar dando alguns nomes das crianças que usam.

— Você está muito louco. Ouve a si mesmo? Ele está te usando, Jace! Ele está zombando de você, te arrastando para frente e para trás como um brinquedo. Você acha que ele não sabia que eu era um professor lá? Acha que ele não sabia que iria estragar a minha vida, também?

— Ele não vai! — Ele prometeu e mentiu ao mesmo tempo.

— Ele já tem — Fiz uma pausa. — Eu não vou ajudar. E se eu vê-lo em qualquer lugar perto da minha escola, vou ter você preso de novo.

Ele riu, desconfortável.

— Só assim, né?

Eu não disse nada.

— Você terá que me trancar novamente para tentar descobrir quem assassinou *nossa* mãe? — Ele fez uma pausa e chutou as rochas em torno invisíveis. — Tudo bem. Eu não preciso de sua ajuda. Mas se você ficar no meu caminho, eu vou colocá-lo para baixo.

— Você é o único tentando vender drogas para estudantes, Jace. Não eu.

— Você está certo. Está absolutamente certo — Ele disse: — Mas você é o único saindo com a porra de sua aluna, não eu. O que foi? Ashlyn? — Meus punhos apertaram e eu podia sentir o aumento da minha frequência cardíaca. Ele deve ter notado também. — Ohh, isso é um assunto delicado? Você está com o rosto todo vermelho e merda.

— Jace — Eu disse com frieza, mas não podia dizer mais nada.

— Você estava certo sobre uma coisa, Danny — Ele puxou um cigarro e isqueiro do bolso. O cigarro descansando entre os lábios e acendeu-o. Seus dedos se moveram para o lado de sua cabeça e ele bateu nela. — Estou muito louco. Então não cruze meu caminho. Ou eu vou destruir você e sua pequena aluna. Eu me pergunto que tipo de coisas que as outras crianças diriam sobre ela. Como nós sabemos, o ensino médio pode ser uma verdadeira puta.

— Jace, se trata de Sarah... — Eu comecei a avisá-lo, mas ele me cortou.

— *Não!* — Suas palavras cresceram mais escuras. — Não a traga para isso. Eu não estou brincando. Vou arruinar a porra da sua vida e de sua namorada.

Ele começou a sair, e eu suspirei pesadamente.

— O que a mãe e o pai acham? Sob o que você está fazendo?

— Bem — Ele não olhou para trás —, eu acho que eles ficariam orgulhosos de mim por realmente seguir com alguma coisa. Por fazer justiça pela morte da mãe.

E como uma doença infecciosa, Jace estava se espalhando, em seu caminho de volta para a minha vida de novo. Eu tinha que me afastar de seus problemas. Eu tinha focado na minha música. Eu tinha focado no ensino.

Mas de alguma forma, de alguma maneira, aqui estávamos novamente.

Marchei de volta para dentro da casa e ouvi as cordas da guitarra que estava sendo tocada. Na sala de estar, Randy estava sentado no sofá, trabalhando em algumas novas letras de músicas. Ele olhou para mim.

— Quando Jace saiu? — Perguntou, tocando sua música nova.

— Não sei, mas ele está aqui — Sentei no sofá. Minhas mãos correram pelo meu rosto.

— Ele parecia bom. Limpo.

Eu tive que concordar com isso. Eu sempre sabia quando Jace estava usando, ele tornava-se agitado, nervoso. Mas quando o tinha visto no cemitério e na escola, ele parecia forte. Se parecia com ele mesmo antes de começar a usar.

Seu cabelo estava cortado e estava no negócio de roupas, provavelmente algo que Red tinha levantado. Mas eu *sabia de* Jace. Eu sabia que no fundo, com o emocional ele estava quebrado. Então, se a tentação das drogas estivesse lá, não demoraria muito para que ele as recebesse de volta em sua vida.

— O que está trabalhando? — Perguntei, mudando de assunto.

Randy pegou um livro e jogou-a para mim.

— Othello. Eu estava tentando chegar a algum material novo. Pensei que

talvez pudesse abrir com ele na sexta-feira para o nosso show no Nível Superior. Eu sei que é um pouco de última hora, mas...

— Deixe-me ver as letras.

Ele me entregou o papel e os meus olhos corriam para trás e para frente. Randy era um músico brilhante e contador de histórias, então eu não tinha nenhuma dúvida que a letra seria boa. No entanto, estes eram melhores do que bom. Estes eram alucinantes.

Sussurros silenciosos de uma alma. Meu lado humano escurecido está agora descontrolado. Vejo cores que não fazem sentido, mas em seus olhos, eu sei que a verdade existe. Sequestrado, enlouquecido, descontrolado. Volta, volta para mim. Pegue minha mão. Dance. Dança em terras proibidas.

— Eu queria algo um pouco mais escuro. Um pouco mais corajoso. Shakespeare tinha todos os tipos de lados, sabe?

— Passe-me o violão — Eu disse. Meus dedos começam a dedilhar o violão, sentindo as cordas se mover entre meus dedos. Fechei meus olhos enquanto tocava, e como sempre, Ashlyn estava lá. A música só a trouxe para perto de mim, os sons trazendo a minha imaginação para a vida.

Eu não podia deixar Jace arruinar sua vida. E eu não podia deixá-la pensar que eu não me importava. Mas o que eu poderia fazer?

Capítulo 23

DANIEL

*O ar é espesso.
Minha mente está embaçada.
Diga-me que não estamos prestes a perder tudo.
~ Romeo's Quest*

Os próximos dias na escola foram difíceis. Eu estava preso em um humor cansado nublado. Eu mal tinha sono, porque quando não estava pensando em Ashlyn, estava preocupado com Jace. Ele poderia ferir alguém. Poderia ferir a si mesmo. Poderia machucar meus alunos. Poderia ferir Ashlyn.

Após a aula com Ashlyn nunca olhando acima de sua mesa, eu sabia que deveria falar com ela. Tentar explicar a situação. Logo antes do almoço, eu a vi andando com aquele garoto Jake. Ele tinha estado ao seu lado todos os dias, tentando encontrar o seu caminho para o coração dela. Tentando roubar minha garota. Ele não tinha que tentar muito difícil. Eu estava apenas a entregando para ele. Eu nem estava lutando por ela...

Ela olhou para mim por uma fração de segundos antes de se virar para ele e rir alto. Sua mão pousou em seu peito, e ele sorriu largamente. O jeito que jogou o cabelo por cima do ombro e riu para ele me deixou doente. A maneira como ele se aproximou e divertia-a, me chateava.

Ele estava flertando com ela, e ela estava flertando de volta.

Mas eu sabia o que era.

Ela só estava flertando para me fazer ciúmes.

Ele estava trabalhando.

Mesmo que fosse só para me irritar, eu sabia que ela gostava da ideia. Toques em público. Algo que eu não podia lhe dar. Que tipo de homem não poderia dar a sua mulher o amor que ela ansiava, precisava?

Meus punhos enrolado e eu dei um passo adiante, raiva enchendo meu corpo. Eu não sabia o que ia fazer, mas tinha que fazer alguma coisa. Não podia simplesmente desistir dela, deixá-lo ficar com ela. Ela poderia não ser minha. Poderia rejeitar a ideia de nós nunca sermos *nós* depois que eu tinha fodido e ignorado em uma tentativa estranha de protegê-la, mas...

Eu era dela.

Cada parte de mim.

Cada centímetro do meu ser pertencia a Ashlyn Jennings.

E cada vez que ela ria de algo que Jake dizia, toda vez que ela tocava o braço dele e não o meu, uma parte de mim desaparecia. Uma parte de mim desapareceu.

— Ashlyn! — Chamei por trás dela. Ela olhou para mim como se eu fosse louco, estreitando os olhos. — Posso falar com você sobre o seu trabalho?

Ela disse a Jake que ela iria vê-lo em sala de aula e se aproximou de mim.

— O que é isso?

Eu a levei para a minha sala de aula e fechei a porta atrás de mim. Meus punhos se mantiveram e eu me inclinei um pouco, sussurrando: — Por que você está em cima dele desse jeito?

Ela cruzou os braços.

— Nenhum de seus negócios — Comentou ela, com a atitude em seu tom.

Eu rosnei, passando minhas mãos pelo meu cabelo.

— Está fazendo isso para me fazer ciúmes.

— Não estou fazendo nada — Disse ela com um sorriso manhoso, amando

o fato de que estava ficando sob a minha pele.

— *Sim, você está* — Eu respirei. Baixando a voz. — Ashlyn... Agora não é o momento para começar a agir com a sua idade.

— Você está me chamando de criança? EU! A única que parece saber que a comunicação faz com que as coisas funcionem? — Os olhos dela se arregalaram com o meu comentário, e ela abriu os lábios. — Foda-se, Sr. Daniels.

Minhas mãos pousaram em seus ombros, meus olhos implorando por um momento para que fossemos *nós*.

— Ashlyn, sou eu. Daniel. Eu ainda sou eu.

Eu vi os olhos dela amolecer. Ela olhou para o chão, e quando olhou para cima, ela estava à beira das lágrimas.

— Eu sinto sua falta.

Sem pensar, bati minha boca contra a dela, colocando a minha mão em torno de seu pescoço. Ela me beijou de volta, batendo as mãos no meu peito. Eu a levantei e coloquei contra meu armário de armazenamento. Minhas mãos em concha nos seus seios por cima da sua camisa e eu ouvi gemido escapar dela em minha boca, enquanto eu circulava meus polegares sobre os mamilos endurecidos. Minha mão enrolada contra a borda de sua camisa, eu deslizei quando ela cavou seus dedos em minhas costas, empurrando seus quadris contra os meus.

Eu parei quando houve uma batida na minha porta da minha sala de aula. Sem pensar, abri meu armário e enfiei Ashlyn nele.

Minha porta se abriu e eu vi Henry colocar a cabeça dentro. Ele estava sorrindo do meu jeito. Meu coração pousou na minha garganta. Se ele tivesse me visto empurrar a filha dele?

Putá merda, eu *empurrei* Ashlyn em um armário.

— Ei, Dan.

Eu dei um sorriso tenso.

— Henry, como você está?

— Bem, muito bem. Eu estava pensando... Posso falar com você em meu escritório é rápido? Sobre Ashlyn?

Sobre Ashlyn. Essas palavras ecoavam na minha cabeça. A batida acelerada em meus pensamentos era aterrorizante. Tudo em meu corpo apertado. *Ele sabe.* Gostaria de saber se Jace tinha lhe dito, se ele tivesse realmente se rebaixado para esse nível. Limpando a garganta, eu falei.

— Estou de plantão no almoço.

— Não se preocupe — Disse ele. — Vai ser rápido — Um barulho foi ouvido no armário e Henry levantou uma sobrancelha. — Você ouviu isso?

Comecei a tossir duramente, tentando o meu melhor para encobrir o barulho que Ashlyn estava fazendo.

— Ouvi alguma coisa? Sim, uma das minhas luzes precisa ser mudada. Ela vem fazendo um zumbido estranho ultimamente. De qualquer forma, vou encontrá-lo em seu escritório em um segundo.

Ele franziu a testa, olhando para meu teto antes de me agradecer e ir embora. Minhas mãos corriam pelo meu rosto, tentando me tirar do meu próprio nervosismo. Abri o armário e Ashlyn saiu. Deslizei minhas mãos em meus bolsos.

— Ele sabe — Ela sussurrou.

Dei de ombros.

— Está tudo bem — Seus olhos verdes relaxaram um pouco. Eu dei-lhe um sorriso triste. — *Nós estamos* bem.

— Não. Não tem há nós. Você sabe, eu imaginava isso antes... — Ela balançou a cabeça. — Quase ser pego na escola. Eu pensei que seria sexy e aventureiro. Mas em realidade, você só me empurrou em um armário.

Minha mente estava correndo, tentando descobrir uma maneira de explicar a ela.

— Eu sei. Sinto muito. É só...

— Se você for pego em um relacionamento com um estudante, pode haver problemas — Ela murmurou. — Eu sou tão estúpida.

— Ashlyn...

— A culpa é minha, na verdade. Eu vivo em meus livros. Acho que tudo é romântico. Mas a verdade é que não é romântico-estar com alguém em segredo. — Seu longo cílio piscou e ela trocou seu peso ao redor. — Você não pode fazer isso. Não pode me puxar para sua sala de aula novamente.

— Eu sei! — Gritei um pouco alto, mas meu coração estava batendo de forma agressiva no meu peito. Eu queria dar um soco em alguma coisa, porque eu estava tão malditamente confuso. Odiava como eu não podia ser visto com ela. Odiava, quando estávamos juntos, ela olhava para os outros casais de mãos dadas com inveja. Odiava tudo sobre a nossa situação.

Fui até o escritório de Henry, onde ele já estava, e fechei a porta atrás de mim. Ele sentou-se atrás de sua mesa e limpou a garganta. A primeira coisa que notei foi à imagem de Ryan e sua irmã sentada em sua mesa. Ashlyn e Gabby estavam longe de ser encontrada.

— Obrigado por se encontrar comigo... — Ele parecia nervoso. Muito mais nervoso do que um pai estaria se ele soubesse que sua filha estava envolvida com um professor. Ele não sabia. Puta merda, ele não sabia. — Eu queria lhe pedir um favor.

Arqueei uma sobrancelha e sentei na minha cadeira.

— O que posso fazer por você?

— Bem, como você sabe... — Ele levantou uma foto do quadro que estava de frente para ele e olhou. Quando colocou de volta para baixo, eu tive um

vislumbre de gêmeas. Elas estavam lá o tempo todo, de frente para Henry. — Ashlyn é a minha filha. Ela está passando por uma série de coisas, como a perda de sua irmã...

— Sinto muito — Sussurrei a sério.

Ele limpou a voz e se esforçou para colocar as palavras para fora.

— Obrigado. Mas a coisa é, a mãe de Ashlyn está lidando com alguns problemas pessoais e precisa de espaço. Então Ashlyn veio para ficar comigo. Sua mãe, Kim, me ligou e disse que chegou uma carta da faculdade dos sonhos de Ashlyn, na Califórnia. Eles estão pedindo mais uma carta de recomendação. E ela só passou por tanta coisa...

Califórnia.

A palavra correndo mais e mais na minha cabeça. Ela percorreu a minha pele, me atropelando com a verdade por trás dela.

Eu balancei a cabeça lentamente, querendo sair correndo de seu escritório para encontrar Ashlyn e abraçá-la. Queria dizer que ela não podia ir. Que ela poderia ficar comigo. Isso depois do ano letivo, nós poderíamos ficar juntos. Mas eu não podia.

Henry continuou.

— E eu sei que isto pode estar fora de limite, mas... Eu não acho que ela possa lidar com outra decepção. É demais. Eu pretendo contar a ela sobre a carta ainda esta semana. Mas você acha que apenas se você sentir que pode fazer, acha que poderia escrever uma carta de recomendação? Novamente, você não precisa. Eu só preciso que ela tenha mais altos do que baixos.

Coloquei minhas mãos na borda da mesa. Eu poderia escrever uma carta para ela para ajudá-la entrar na sua faculdade dos sonhos na Califórnia? Minha garganta secou e uma dor aguda atingiu meus olhos. Pisquei várias vezes, querendo gritar: *‘Não! Ela não pode ir! Ela não pode me deixar!’*

Meus olhos fecharam novamente. E, quando reabri, eu disse que tudo bem. Eu concordei em ajudar a mandar Ashlyn para longe, viver sua própria vida.

— Seria uma honra.

Quando me virei para a mesa do almoço de Ashlyn, ela estava me procurando. Um suspiro de alívio saiu de seus lábios quando se deu conta de que tudo ficaria bem com Henry. Meus pés me levaram à sua mesa, onde Ryan e Hailey estavam comendo com ela.

— Oi, Sr. D, você que se juntar a nós para o almoço? — Ryan brincou.

Eu sorri e balancei a cabeça.

— Ah, não. Em uma escala de um a inapropriado... Esta estaria no topo das paradas — Vi Ashlyn levemente rir do meu comentário, fazendo tudo parecer certo. Eu perdi esse som, caralho. — Ashlyn, eu tenho que levá-la ao escritório do assistente do diretor.

Hailey perguntou porquê.

Eu parecia perplexo.

— Não sei. Ele apenas pediu para chama-la.

— Talvez Henry viu o chupão — Ryan sorriu.

Eu vi como as bochechas de Ashlyn coraram mais e ela colocou o cabelo para baixo contra o pescoço. Ela se levantou de seu assento, pegou sua mochila, e me seguiu para fora do refeitório.

— Siga-me — Sussurrei para ela.

— O que está acontecendo?

Eu me virei e vi a confusão em seus olhos. Uma indagação triste estava em seu olhar.

— Você confia em mim?

Ela soltou um suspiro. Seus belos lábios cheios apareceram.

Entretanto, ela não me seguiu.

Ela caminhou ao meu lado, nossos passos em perfeita sincronia.

Fomos para baixo de uma escada, o que nos levou a outra escada, levando para o porão. O espaço estava completamente silencioso, menos os tubos e armazenamento mais próximo que detinham todo o poder mudança dentro. Caminhamos para um canto escuro onde algumas portas estavam contra uma área fechada.

Levantei a porta que estava bloqueando a entrada e sai do caminho. Ashlyn baixou o livro, que estava em seu peito e entrou na área.

— O que Henry quer? — Ela perguntou em voz alta.

Eu hesitei em dizer a ela. Eu não queria dizer as palavras, porque se fizesse, isso significaria que a Califórnia seria realmente uma escolha.

— Você um... — *Merda.* — Você se candidatou a uma escola na Califórnia?
— Eu fiz como se fosse uma pergunta.

Seus olhos se arregalaram e ela virou-se rapidamente para longe de mim. Nervosa, seu corpo tremia.

— Universidade da Southern na Califórnia. Gabby fez com que eu me candidatasse. Eu não achei que iria entrar — Ela chicoteou ao redor seu longo cabelo loiro, voando em seu rosto. — Eu entrei?

Eu vi o olhar de pura alegria em seu rosto. Seus olhos de jade sorriam tão profundamente. Gabby poderia ter feito Ashlyn se candidatar, mas era o seu

sonho.

— Eles precisam de mais uma carta de recomendação — Coloquei pra fora. Sua expressão mudou para decepção. — Ashlyn, isso é incrível. Eles estão interessados! — Eu queria que ela fosse feliz. Gostava mais quando ela estava sorrindo. — Isso é enorme!

Os lábios apareceram. Ela foi incapaz de segurar a sua alegria.

— É enorme, não é? Então o que você tem a ver com isso?

— Ele quer que eu escreva.

— E você vai fazer isso? — Ela questionou nervosamente.

— É claro que eu vou.

— Não faça isso por causa de... Isso... — Ela apontou entre eu e ela. — Não faça isso por causa de tudo o que isso é. Só faça isso se você acha que eu mereço.

Cruzei os braços e balancei a cabeça para trás e para frente.

— Todos os sentimentos de lado, e nossa situação fora de cena... Você merece. Você trabalha duro, e está além de ser talentosa. Você merece.

Seu rosto caiu.

— O que está acontecendo com você, Daniel? Com a gente?

Ela merecia uma resposta para isso, mas eu não tinha certeza de que eu tinha uma boa.

— Depois que eu descobri que você era minha aluna... Minha mente enlouqueceu — Eu suspirei. — Então, meu irmão Jace apareceu e fodeu meu mundo... E agora vejo você com outros caras e isso me mata, Ashlyn. Mata-me que você já passou por tanta coisa e eu não posso te confortar, não posso estar ao seu lado. Mata-me que há outras pessoas que *podem* consolá-la e estão ao seu lado.

Ela escutou calmamente enquanto colocava sua mochila e seu livro no chão. Se aproximou de mim e tomou minha mão na dela. Meus braços em volta de seu pequeno corpo e eu puxei-a para perto, respirando seu cheiro, seu shampoo de morango, seu perfume. *Ela.*

— Eu estou tão brava com você — Sussurrou contra meu peito.

Eu sorri levemente.

— Eu sei. Estou com raiva de mim, também.

Sua cabeça se levantou e ela olhou para mim, balançando a cabeça.

— Não, eu só estou brava com você porque sei que está tentando me proteger de alguma coisa. Mas eu não preciso de sua proteção.

— Eu não sei o que fazer, Ash. Tudo é uma bagunça.

— Fale-me sobre isso. Deixe-me entrar.

Eu suspirei, segurando-a contra mim.

— Você merece muito mais do que se esconder nos porões do ensino médio. Não merece ser segredo de alguém, Ashlyn. Merece ser o refrão da música favorita de uma pessoa. Merece ser a dedicatória de seu livro favorito. E agora? Agora, eu não posso lhe oferecer isso. Você merece ter um ano sênior normal. Eu só estou complicando as coisas.

Ela se afastou de mim, franzindo a testa.

— Pare com isso, ok? — Ela olhou para cima com lágrimas nos olhos. — Pare de me dizer o que eu mereço. O que é bom para mim. O que é certo para a nossa situação. Eu não me importo com essas coisas — As lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Não há nada de normal em minha vida. Eu tenho uma irmã gêmea morta. Minha mãe me desertou. Inferno, eu acho ²⁵Hemingway um um pirado terapêutico. E você, você está em uma banda maldita que baseia suas

²⁵ **Ernest Miller Hemingway** - foi um escritor norte-americano. Trabalhou como correspondente de guerra em Madrid durante a Guerra Civil Espanhola. Esta experiência inspirou uma de suas maiores obras, *Por Quem os Sinos Dobram*

músicas em Shakespeare! Sua mãe foi assassinada e você estava tocando em um show, sete dias após o seu pai morrer. *Nós.Não.Somos.Normais.* Eu não quero um ano sênior normal. *Quero você.* Se eu aprendi alguma coisa nesses últimos meses, é que a vida é uma merda, Daniel. *É uma merda.* É dizer, que é vicioso, sem remorso. É escuro e cruel. Mas então, às vezes, é tão bonita que joga toda a escuridão fora do seu sistema com a luz. Eu estava tão sozinha... — Ela fez uma pausa e rapidamente bateu a ponta dos dedos contra o lábio inferior. — Eu estava tão sozinha antes de chegar no bar do Joe. E então você entrou no palco e cantou para mim. Me trouxe a luz em meus dias mais negros. Mas você nunca se abriu para mim. Nunca me deixou entrar

Fui até ela e escovei os polegares debaixo de seus olhos.

— Eu estava viajando de volta de Chicago, quando a vi pela primeira vez. Fui para passar alguns dias com a minha avó, certificando-me que ela estava bem depois da morte do meu pai. Sentei no trem, segundos de distância de cair aos pedaços. Então olhei para cima e vi aqueles olhos verdes e eu sabia que de alguma forma, de alguma maneira, faria as coisas ficariam bem — Quando ela inclinou a cabeça para cima em direção a mim, os meus lábios vidrados nela. — Você não me trouxe a luz, Ashlyn. Você *é* a luz.

Ela sorriu aquele sorriso perfeito e riu levemente.

— Normal é superestimado de qualquer maneira. Traga os loucos e esquisitos — Ela fez uma pausa. — Eu não tenho que ir para a Califórnia. Eu posso ficar aqui com você depois que a escola acabar. Posso ir para uma faculdade da comunidade e nós podemos reconstruir a sua casa. Podemos estar juntos.

Minha cabeça caiu para o chão. Limpei a garganta. *O que estou fazendo?* Eu sabia que estava enviando os sinais errados para ela, eu sabia que estava confundindo-a. Mas eu não queria levá-la até o porão para uma reunião. Minha mente pensando na nota que Gabby tinha me enviado e as ameaças que Jace tinha feito. E agora ela estava pensando em desistir de seu sonho por mim.

— Não podemos mais fazer isso, Ashlyn — Eu sussurrei.

Ela arregalou os olhos, surpresa com as minhas palavras.

— O quê?

— Eu não posso mais te ver — Gostaria de saber se as palavras a queimou tanto quanto estavam me queimando.

— O que você está fazendo, Daniel? — Ela perguntou, dando um passo para longe de mim. — Você me trouxe até aqui para... Para terminar comigo? — Seus olhos envidraçados, mas ela não deixou cair as lágrimas.

Eu não respondi. Senti que se eu dissesse as palavras, seriam reais, em seguida, elas detêm mais verdade do que eu estava interessado em sucumbir.

— Diga! — Ela gritou, movendo-se para mim. Me empurrou com força contra o peito. — Diga! Diga que você não quer ficar comigo!

— Ashlyn — Eu botei pra fora. Eu estava fazendo isso com ela; estava quebrando-a.

As lágrimas começaram a derramar de seus olhos e seu corpo começou a tremer.

— Diga que você não me quer mais! Diga! — Ela chorou quando bateu no meu peito. A cada toque, uma parte de mim morreu. A cada soco, uma parte dela desaparecia, também.

Agarrei-lhe os pulsos e puxei-a contra mim, abraçando-a.

— *Eu deixei você entrar* — Ela soluçou contra mim, com os punhos batendo em meu corpo. — Eu deixei e você está me deixando.

— Eu sinto muito — Eu disse, segurando-a em meus braços. Eu tentei o meu melhor para confortá-la, mas era inútil, uma vez que eu era o único machucando-a. — Eu te amo tanto.

— Não — Ela se afastou de mim. — Você não pode fazer isso. Não pode me machucar e me segurar, Daniel — Ela tomou uma inspiração profunda e enxugou

as lágrimas ainda escorrendo de seus olhos. — Essa é a primeira vez que você disse essas palavras. Você não pode dizer que me ama e, em seguida, quebrar meu coração. Então diga o que você realmente precisa dizer. Diga isso e eu vou embora.

Eu respirei e olhei para o chão. Quando meus olhos subiram, eu a vi olhar. Eu falei: — Estou terminando com você, Ashlyn.

Ela soltou um pequeno gemido antes de toda a cor ser drenada de seu rosto. Seu corpo estremeceu por um momento. Ela virou-se em direção à saída e começou a se afastar.

— Vá para o inferno, Daniel.

Capítulo 24

ASHLYN

*Não acredite nas mentiras.
~ Romeo's Quest*

Que tipo de idiota termina com uma pessoa depois de se declara? Eu precisava de um banho frio para me acalmar, porque o meu sangue não tinha parado de ferver durante todo o dia. Caminhei em direção ao banheiro para lavar-me e fiz uma pausa quando ouvi a voz de Henry.

— Eu sei... Não, ela não sabe. Kim, não importa! Ela vai ficar aqui.

Um nó se formou na minha garganta.

Kim.

Como, minha mãe Kim?

— Tudo bem. Okay. Adeus — Sua voz desapareceu e virou a maçaneta da porta, abrindo. Quando ele me viu, deu um passo atrás. — Ashlyn. O que você está fazendo?

— Desde quando você usa o banheiro no andar de cima, Henry?-

Ele passou por mim e encolheu os ombros.

— Rebecca estava no andar de baixo.

— Oh — Procurei qualquer tipo de emoção em sua linguagem corporal. Nada. — Então por que você estava conversando com a mamãe?

Ele girou de volta para mim. Houve uma contração súbita em sua boca e

seus olhos corriam para trás e para frente.

— A Universidade Southern da Califórnia, está interessada em você. O Sr. Daniels vai ajudar, escrevendo-lhe uma recomendação.

— Não mude de assunto! E eu não quero sua ajuda! Eu não sou uma criança — Eu senti isso também. Minha angústia, jovens instintos martelando minhas emoções.

Henry deve ter sido impelido por minha resposta. Seu rosto mostrava perplexidade.

— Acalme-se, Ashlyn.

Eu não podia. Era como se o mundo estivesse tentando me empurrar para a borda, e eu queria pular. Como mamãe poderia ligar para Henry, mas não para mim? Nem uma mensagem de texto?

— Eu não vou me acalmar! Estou cansada de todo mundo tentando me ajudar quando eu não pedir ajuda. Todos vocês não sabem o que é melhor para mim. Eu não queria me mudar para cá. Não quero ir para a sua escola estúpida. Não quero ter nada a ver com você. Por que alguém não pode falar comigo? Tenho 19 anos de idade, e não cinco! Eu sou uma maldita adulta! Você está arruinando minha vida! — Corri para longe, com lágrimas e bati a minha porta do quarto.

Hailey estava sentado em sua cama com lenços de papel ao lado dela. Ela tinha estado doente durante os últimos dias, e seu nariz estava mais vermelho do que nunca.

— Ashlyn, o que há de errado?

Antes que eu pudesse responder, a porta do quarto se abriu e Henry entrou.

— Hailey, eu preciso conversar com Ashlyn.

— Eu não quero falar com você! — Gritei, sentindo as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Bati na minha cama e chorei contra meus travesseiros. — Eu não vejo por que vocês não me dizem a verdade! Alguém acabou de me deixar entrar!

— Ela está em reabilitação, Ashlyn.

Suas palavras soaram como se tivessem sido dosadas na culpa pesada. Olhei para cima, os olhos vermelhos, confusa. Hailey pegou a caixa de lenços de papel com os olhos arregalados.

— Oh? O que é isso, Ryan! Você precisa de mim? Eu estarei aí — Ela desajeitadamente fez seu caminho em torno de Henry e desapareceu.

— O quê? — Eu murmurei. Meu estômago estava em nós. Eu me agarrei ao travesseiro tão apertado que estava quase certa que rasgaria e o recheio ia cair fora de tanta pressão. Pisquei rapidamente, tentando controlar meus pensamentos. — O que quer dizer com ela está em reabilitação?

Os pés de Henry afundaram no chão a cada passo que ele dava mais perto de mim.

— Ela começou a beber muito mais depois que descobri que Gabby estava doente.

— Ela tinha tudo sob controle — Sussurrei.

Sua cabeça balançou.

— Não. Ela não tinha. No funeral, ela me disse que estava procurando um programa de três meses. Ela sai por volta do Natal. Ashlyn, a sua vinda aqui não tinha nada a ver com a sua mãe não te querer. Foi ideia de Kim porque, ela queria eu fosse capaz de ser o pai que você merecia ter.

Uma pontinha de raiva correu através de mim.

— Então me enviar para uma pessoa que nem sequer se preocupa com o meu paradeiro, era a sua escolha! Eu poderia ter ficado com Jeremy! Ele é mais um pai para mim do que você jamais foi! — Eu provei o sabor brutal das minhas palavras. Eu me odiava por gritar para Henry, mas ele era o único lá. E tinha sido sempre tão fácil culpá-lo por todas as minhas decepções na vida.

Henry limpou a garganta e engoliu em seco.

— É engraçado. Você pede para que as pessoas falem com você, para deixá-la entrar, porque você é uma adulta. Então, quando você é exposta para a realidade da vida adulta, consegue se transformar imediatamente em uma criança de cinco anos de idade, a garota que você negou ser.

Eu sabia que ele estava certo, mas eu odiava a ideia dele estar certo. Eu *era* aquela menina magoada, de cinco anos de idade. Cada pensamento voando pela minha mente estava baseado na ideia de machucar Henry. Porque ele tinha me machucado, por estar certo. Eu não quero que ele esteja certo! Eu queria que ele fosse o pai caloteiro que tinha saído!

— Pelo menos eu não sou uma trapaceira!

Seus olhos ficaram envidraçados e ele cambaleou para trás, atordoado.

— Você está de castigo — Suas palavras não faziam sentido para mim. Será que ele tinha esse direito?

— Eu vou sair hoje à noite — Eu cruzei meus braços sobre o peito, sentando em linha reta.

— Não. Você não vai. Enquanto morar aqui, você segue as minhas regras. Estou cansado disso, Ashlyn! — Subiu a sua voz, enviando arrepios através de mim. — Estou farto da sua atitude. Estou farto da culpa. Estou farto de me sentir como se não pudesse perguntar onde você está indo, porque você pode ficar chateada. Estou cansado de tudo isso. Sim, eu não estava lá quando você era mais jovem. Eu não estava lá quando você mais precisava de mim. Eu estraguei tudo. Mas agora? Agora, você não tem que falar comigo da forma que quiser. Agora, eu estou no comando.

— Mas...

— Nada de mas. Para a próxima semana, você vai à igreja, à escola e voltar para casa. Lave, enxágue, repita. Fim da história. Jantar é em uma hora.

— *EU.NÃO.TENHO.FOME!*

— *EU.NÃO.PERGUNTE!* — Ele saiu às pressas, deixando suas pegadas no tapete e batendo a porta, fazendo-me gritar contra o meu travesseiro em irritação.

Sentei-me à mesa de jantar, enquanto todos participavam de suas orações novamente. Minha cadeira dobrável estava cortando minhas coxas, e eu mexia em torno do meu lugar.

Ryan se inclinou para mim.

— Vamos mudar?

Eu recusei a oferta. Ele perguntava quase todas as vezes que comemos.

— Amém — Foi murmurado.

Henry estava sentado em frente a mim, por isso tive o cuidado de não olhar em seu caminho. Eu odiava a ideia de estar na mesma sala com ele. Eu nem sei por que eu estava. *Levante-se! Vamos! Saia!* Meu cérebro estava gritando para eu fazer o meu traço e dizer: *Foda-se!* Para Henry. Mas meu coração era estúpido, e, atualmente, falava mais alto do que a minha cabeça.

Uma parte de mim estava satisfeita com o empurrão que dei a ele para me punir. Ele nunca pareceu como um pai, do que tinha parecido naquele momento.

— Ashlyn, eu ouvi que você está de castigo por um tempo — Disse Rebecca categoricamente, comendo seu jantar.

Meus olhos se voltaram para as minhas ervilhas, que eu empurrava.

— Eu acho.

— Bem, você vai ter um monte de companhia. Ryan está de castigo, também.

Ryan se afastou da mesa, sacudindo-se.

— O quê? O que eu fiz?

A voz de Rebecca estava calma como sempre.

— O que você não fez, Ryan? Há rumores de que você estava em uma festa na semana passada.

A boca de Ryan se abriu e ele revirou os olhos.

— Sério? Você está me colocando de castigo, porque eu estava em uma festa! Estive em cinquenta festas este ano!

— Não. Estou colocando você de castigo por causa das drogas que encontrei na lavanderia.

Meus olhos dispararam para Hailey, que ainda estava em choque. A confusão de Ryan estava em seu rosto. Quando se virou para Hailey, ele limpou a expressão e suspirou, sabendo que eram da sua irmã.

— Tudo bem. Estou de castigo. Grande coisa — Passou as mãos pelos cabelos e ficou calmo. Eu não sabia se eu poderia amar Ryan mais, até que testemunhei-o assumir a culpa por sua irmã mais nova.

— Todo o mês — Rebecca estava caindo em cima dele duro, e eu me encolhi pelo ódio em seu tom. — Na verdade, tornou-se dois meses.

— Qual diabinos é o seu problema? — Ryan gritou, empurrando-se mais longe da mesa. — Sério. Que porra é essa que eu fiz para você?

— Cuidado com a língua — Sua mãe estava com raiva, mas parecia que não tinha nada a ver com as drogas que tinha encontrado.

— Por que eu?! Mesmo que eu tenha cuidado com minha língua e faça todas as coisas de '*bom menino*' que você quer que eu faça, eu não seria o suficiente para você. Pelo amor de Deus, diga. Diga que você me culpar pela morte do papai, em seguida, talvez por um dia, você possa parar de agir como uma vadia completa! — As palavras voam da língua de Ryan tão rápido quanto a mão de Rebecca deu um tapa no seu rosto.

Henry levantou-se, atordoado, e se colocou entre os dois.

— Acalme-se! Ok? Todo mundo respire! — Rebecca empurrou para se

afastar de Henry, mas ele segurou-a.

— Você é um garoto ingrato que não sabe o quanto eu te ajudei. Eu salvei você, Ryan! — Ela tinha lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Salvou-me! Você está louca.

Hailey levantou de sua cadeira.

— Eram minhas as drogas.

A sala ficou em silêncio até que Rebecca riu.

— Não proteja seu irmão, Hailey.

— Eu não estou — Ela se virou para sua mãe e seu rosto ficou pálido. — Theo deu para mim. Eu pensei que elas iriam ajudar no nosso relacionamento, porque eu queria fazer sexo com ele antes dele ir para a faculdade. Ele me disse que iria me amar se eu apenas tentasse as coisas que ele gostava.

Os olhos de Rebecca se arregalaram de horror. Ela passou as mãos para cima e para baixo em seus lados, andando para lá e para cá. Quando seu corpo congelou, ela balançou a cabeça.

— A culpa é sua! — Ela gritou com Ryan. — Você é um mau exemplo para sua irmã com seus caminhos diabólicos!

— Rebecca — Henry gritou, olhando para ela como se ela fosse um monstro.

— É verdade! Ele matou seu pai e agora ele está tentando matar sua irmã!

— Cale a boca! — Eu gritei, incapaz de conter-me das palavras de ódio que ela tinha acabado de cuspir em Ryan.

A sala atingiu o seu auge para a noite.

Os ombros de Ryan caíram em um mundo de espanto ao ouvir as palavras de sua mãe. Ele começou a bater palmas lentamente, com um sorriso triste nos lábios.

— E é isso, pessoal — Ele tomou um arco final e saiu pela porta da frente, batendo-a.

Nós todos ficamos lá, as palavras de ódio ecoando nas paredes.

— Como você pôde? — Hailey sussurrou. — A morte de meu pai já o destruiu. Ele já estava com medo de que você o culpasse — Ela seguiu depois de Ryan, e eu fui rápido para ir para a varanda da frente, também.

Ele estava sentado lá com sua caixa de cigarro falso em suas mãos, batendo-o contra o joelho.

— Eu estou bem, meninas.

Cada uma de nós se sentou na varanda ao lado dele, o ar frio do inverno mordendo nossos rostos. O nariz vermelho de Hailey continuava fungando e Ryan passou os braços em torno de sua irmã mais nova, tentando aquecê-la. Mas os soluços não eram de seu frio. Eles foram pelas lágrimas.

Naquela noite, cada um de nós acendeu um cigarro falso. Para as mágoas do passado e dores do presente.

Capítulo 25

ASHLYN

*Nunca perca de vista as coisas que fazem sentido.
~ Romeo's Quest*

Dezembro veio com uma oferta pesada de queda de neve. Ryan e Rebecca não tinha falado uma palavra um ao outro desde a grande luta. Fazia semanas que Ryan vinha tocando em sua caixa de cigarro falso contra sua perna.

Jake estava dando uma festa hoje à noite, e eu não estava pensando em ir, em tudo. Mas eu estava indo por causa de Ryan, que não tinha parado de falar sobre as nossas identidades falsas, uma vez que chegamos. Além disso, ele realmente precisava de uma noite fora, embora estivesse tecnicamente de castigo.

Então lá estava a minha grande questão que não parece tão grande no esquema das coisas, mas em meu coração, era gigantesco.

Eu perdi Daniel. Eu odiava o fato de que pedi muito dele, mas eu fiz. Eu chorei no chuveiro, às vezes. Outras vezes eu chorei no meu travesseiro. Também chorei, porque eu tinha certeza de que ele não estava se despedaçando por minha causa.

Antes de ir para casa para encontrar Hailey e Ryan para a festa, eu parei na biblioteca para devolver o meu livro, e escolhi outro para ler em um canto na casa de Jake.

Quando eu procurava por minha próxima leitura, ouvi meu nome sendo chamado.

— Ashlyn?

Olhei para cima para ver um rosto familiar que me fez querer chorar ainda mais, porque estava ligada a Daniel.

— Ei, Randy. Como você está? — Sussurrei, na esperança de não chamar muita atenção da bibliotecária.

Apoiando as costas contra a estante e vi os romances balançar levemente. Minha garganta se apertou com a ideia de todas as páginas e páginas de histórias caindo no chão.

— Estou bem — Ele segurou um livro para cima. — Pegando algum material para uma canção. Eu não vi você ultimamente. Será que Dan e você entraram em uma briga?

Não. Mais do tipo, -não é você, sou eu- essas coisa.

— Nós não estamos vendo um ao outro mais.

Randy olhou surpreso.

— O quê? Ele não disse nada sobre vocês terem terminado.

Meu coração torceu duramente em meu peito.

Isso dói.

— Sim, bem... — Eu dei-lhe um sorriso tenso. Um mau gosto cresceu na minha boca enquanto eu estava com Randy. Eu não queria falar com ele sobre Daniel. Especialmente sobre como Daniel não estava pensando em mim.

Randy cruzou os braços e se inclinou para mim.

— Você me entendeu mal, eu acho, Ashlyn. Quando Dan está sofrendo, ele não fala sobre as coisas. Ele se fecha. E desde que seus pais faleceram, você tem sido a única coisa que foi capaz de abri-lo novamente... Será que é por causa da coisa aluno-professor?

Meus olhos se voltaram. Como Randy sabe sobre isso? Eu pensei que Daniel não queria contar a ninguém.

— Eu não acho que devemos falar sobre isso — Pela primeira vez desde que conheci Randy, eu realmente olhei para ele. Seu cabelo desganhado dançava na parte de cima das sobrancelhas. Seus lábios finos curvavam apenas na metade quando ele sorriu, e seus olhos eram mais escuros do que uma caverna.

Randy estreitou os olhos cor de caverna e franziu os lábios.

— Ashlyn, você está bem? Parece que você está indo passar mal.

Meus joelhos quase se dobraram, mas eu coloquei minha mão na estante para me manter firme.

— Eu estou bem.

Ele subiu o polegar para trás em direção à saída da biblioteca.

— Eu posso dar-lhe uma carona para casa se você precisar?

— Não, está tudo bem — Olhei ao redor, sentindo ansiedade extrema. Ele recebeu outro sorriso forçado de mim. — Eu tenho que ir.

— Sim — Ele disse, segurando seus livros. — Eu também. Temos um show hoje à noite. Tome cuidado, ok?

Tome cuidado. Sim para a direita.

Voltando para a casa de Henry em torno de 16:30, cerrei meus olhos quando vi Hailey chorando na escadaria enquanto Ryan andava no gramado da frente.

— O que está acontecendo? — Perguntei em voz alta, andando em direção à casa.

Ryan riu quando me viu se aproximar dele. Ele jogou as mãos para o ar com

o maior sorriso no rosto.

— Eu sou uma estatística em pé na sua frente! — Gritou, correndo até mim.

Dei-lhe um curto sorriso, sem saber o que ele estava falando, mas amar a sua natureza exagerada.

— O que você quer dizer? — Perguntei, olhando para ele saltar para cima e para baixo. Ele pegou minhas mãos nas suas e começou a me girar, forçando-me a saltar para cima e para baixo. Eu não pude deixar de rir. — Que diabos está acontecendo, Ryan?

Suas risadas profundas encheu o ar e ele inclinou-se, agarrando a barriga de tanto rir.

— Minha mãe olhou meu telefone e encontrou todas as minhas mensagens de texto. *Desde os Tonys!* Puta merda! Ela me xingou, orou por mim, e depois me expulsou. Eu tenho dezoito anos, e sou gay, vivendo no carro da minha irmã! — Ele abriu um grande sorriso e se virou para Hailey, que estava chorando muito. — Obrigado, mais uma vez pelas chaves, Hailey.

Minha risada chegou a um impasse, e continuou assim por diante.

— Oh meu Deus, Ryan, isso não é engraçado...

Ele tinha lágrimas escorrendo de seus olhos e estava balançando a cabeça para trás e para frente, mais um riso alto seguinte.

— Eu sei! Eu sei! Mas se eu parar de rir, vou perceber exatamente como tudo é fodido. E vou perceber o quanto eu tenho essa necessidade de parar de respirar. Houve tantas vezes na última hora em que eu só queria parar. Então, por favor...

Sua risada continuou, mas desta vez eu podia ouvir o medo em cada riso, a dor em cada brilho de luz. Um sorriso triste caiu de meus lábios e eu ri. Eu ri com ele enquanto ele me virou em um círculo. Acenei para Hailey vir e suas mãos estavam encharcadas de lágrimas, mas ela pegou nossas mãos e girou com a

gente. Rindo, rindo, rindo. Minhas costelas começaram a doer e depois de um tempo, mas eu não iria parar, porque se eu parasse, eu tinha essa sensação de que Ryan cairia imediatamente no chão e seus pulmões iriam desistir.

E eu estava desesperada, necessitando que ele respirasse.

Apenas respire.

— Nós não estamos indo para a festa — Eu disse enquanto eu estava sentada no banco do motorista do carro de Hailey. Ryan estava determinado a ir afogar seus problemas para longe, mas eu tive uma forte sensação de que seria a pior coisa que podia fazer.

— Oh, sim nós vamos — Ryan argumentou.

— Não, nós não vamos.

— Minha mãe me expulsou de sua casa, eu vou a uma festa hoje à noite.

Hailey veio para o carro com algumas das coisas de Ryan em uma mala. Ela jogou no banco de trás e, em seguida, entrou no carro.

— Eu só peguei algumas roupas. Porque isso isto vai passar — Ela fez uma pausa e olhou para Ryan e eu. — Isso tudo vai explodir mais, né?

Ryan olhou para mim e, em seguida, em direção à casa.

— Você deve ir para dentro, Hailey — Ele suspirou.

— O quê? De jeito nenhum! Mamãe está agindo como um louca — Ela gritou, jogando as mãos para cima em aborrecimento. — Eu não vou te deixar.

Ryan virou-se para enfrentar a sua irmã e ele passou as mãos em volta de

sua cabeça.

— Eu não vou deixar você também — Ele estendeu a mão e beijou-a na testa. — Agora vá para dentro, porque você é muito boa para Theo. E boa demais para largar mãe esta noite.

— Mas eu a odeio — Ela franziu a testa.

— Oh, não odei ela por causa dos meus problemas — Ryan riu. — Vá dizer a ela que você é uma budista, e então você pode odiá-la por sua reação a isso.

Hailey riu levemente e Ryan enxugou as lágrimas caindo dos olhos de sua irmã mais nova.

— Quando eu completar dezoito anos fugirei com você e Ashlyn.

— Vamos mudar para a Califórnia. Você pode se tornar uma instrutora de yoga. Ashlyn será uma autora de best-seller, e eu vou ser um prostituto em Hollywood Boulevard.

Ele fez a sua irmã rir de novo, e eu vi um sorriso se formando em meu rosto. Hailey sentou-se em linha reta.

— Seja grande ou vá para casa, certo?

Ryan cutucou sua irmã no ombro.

— Vá para casa, Hails.

Ela suspirou e balançou a cabeça. A porta se abriu e ela sorriu de volta para seu irmão.

— Eu amo...

— *Você* — Concluiu Ryan.

— Promete que vai cuidar dele, Ashlyn?

Eu prometi. Henry saiu da casa depois de Hailey entrou. Ele olhou para

mim, acenando.

— Eu volto logo, Ry.

Saí do carro e fui até Henry, cruzando os braços.

— O que diabos aconteceu? — Eu sussurrei, virando as costas para o Ryan.

Os olhos de Henry eram pesados como se ele tivesse esfregou a parte de trás do pescoço.

— Rebecca... Ela... — Ele abaixou a cabeça. — Como é que Ryan está?

— Dá melhor forma possível, eu acho.

Henry colocou a mão no bolso e tirou um maço de dinheiro.

— Eu tenho algum dinheiro. Dê a Ryan para o fim de semana. Eu vou procurar um apartamento para ele.

Peguei o dinheiro de Henry e assenti.

— Ela não vai mudar de ideia, não é?

— Ela o culpa pela morte de seu pai — Seus dedos traçaram através de sua barba salpicada. — Isso não teve nada a ver com Ryan ser gay. Tem tudo a ver com Rebecca nunca ter trabalhando os seus próprios demônios. Ela teria encontrado um motivo para expulsá-lo independente disso.

Eu sabia qual era a sensação de ser expulsa, principalmente quando você precisava de alguém. Lembrei-me de minha mãe e da escolha que ela fez para me enviar com Henry. Então eu parei, percebendo a quão sortuda eu era em ter um lugar para ir. Ryan não tinha ninguém, nenhum lugar.

— Fique perto dele, certo? E volte — Perguntou Henry.

— Sim, está bem — Eu me virei para voltar para o carro e fez uma pausa.
— Obrigada, Henry. Por ajudá-lo.

Ele deu um sorriso no caminho e voltou para dentro.

Voltei para o carro, entrei.

— Onde, amigo?

Ryan sorriu e se deixou cair em seu assento, colocando seus sapatos no painel. Seus dedos estavam segurando sua identidade falsa.

— Para a loja de bebidas!

Andamos pelos corredores da loja de bebidas, a embalagem em nosso carrinho de compras com o que Ryan queria.

— Nós realmente não precisamos nos preocupar com as identidades falsas — Disse Ryan. — Eu dei ao caixa seu primeiro boquete no ano passado.

Eu não sei se devo rir ou chorar. Então eu não fiz nenhum.

Quando virei a esquina em direção ao vinho, ele parou de empurrar o carrinho. Um casal a mais ficou na frente de nós e Ryan engasgou.

O casal olhou para cima para vê-lo e uma onda de choque tomou conta de seus rostos.

— Ryan — Disse a senhora mais velha, dando-lhe um sorriso irônico. Ela olhou para o nosso carrinho cheio de bebida alcoólica, mas tentou o seu melhor para não mostrar sua preocupação. — Como você está, querido?

Ela era linda. Cabelos loiros na altura dos ombros, os mais doces olhos castanhos. Seu pequeno corpo estava coberto com uma jaqueta.

Os olhos de Ryan passando.

— É bom vê-los, Sr. e Sra. Levels.

O cara mais velho sorriu da mesma forma que a mulher tinha.

— Avery mencionou você na semana passada. Eu ia ligar para verificar você.

Ryan, encostado no carrinho.

— Eu estou bem. Eu estou bem.

O homem acenou com a cabeça e fez uma careta.

— Foi bom vê-lo. Se precisar de alguma coisa, basta nos ligar, ok?

— Tudo bem. Obrigado. Foi ótimo ver vocês dois.

A Sra. Levels caminhou para Ryan e o puxou para um abraço, sussurrando algo em seu ouvido. No momento em que ela se afastou dele, ambos tinham lágrimas caindo de seu rosto.

— Você também, Sra. Levels — Ryan sorriu.

O casal se virou, nunca questionando o álcool. Nunca questionaram qualquer coisa, na verdade.

— Quem eram eles?

— Os pais de Avery — Ele suspirou quando começou a empurrar o carrinho. Seu dedo escovado debaixo de seu nariz como se funga.

Pegamos o álcool e voltamos para o carro e direto para Jake.

Embora nenhum de nós estivesse realmente em um clima de festa.

Capítulo 26

ASHLYN

*Ficando melhor a cada dia.
Eu digo mentiras contra minha vontade.
~ Romeo's Quest*

— Ele me disse a alguns meses que queria sair. Que não se importava com o que os outros pensavam. Disse que me amava e não se importava quem soubesse — Ryan riu e jogou de volta outro tiro de vodka quando nós dois sentamos contra uma parede.

O descanso de garrafa na outra mão estava quase na metade, e eu tinha todo o plano para levá-la para longe dele a qualquer segundo. Havia um casal aleatório se beijando cerca de três metros de distância de nós, e a música estava tocando em toda a casa. Este foi o último lugar que Ryan e eu precisávamos estar.

Avery veio virando a esquina, e quando se virou para Ryan, eu vi os pedaços que se formaram de duas almas perdidas. O lábio inferior de Avery sacudiu antes dele se virar e ir embora. Ryan virou-se para mim, os olhos lacrimejando mais, com as pernas tremendo.

— Eu disse a ele que não estava pronto para isso, para sair. Mas ele queria dizer a seus pais de qualquer maneira. O resultado foi um monte de lágrimas, abraços e compreensão. Eu odeio compreensão, abraços, famílias chorosas. Tragam os malucos disfuncionais — Ele sorriu, mas eu vi por atrás dele e ouvi a dor em suas próximas palavras. — Ele foi expulso do estudo da Bíblia, porque algumas pessoas na igreja descobriram. Seus pais encontraram uma nova igreja. Então eu terminei com ele. Porque ele me assustou, por amá-lo, e eu não queria perder a minha mãe. Eu o amo tanto, que cada vez que eu respiro, me lembro

dele. Então, às vezes eu prendo a respiração. Tentando fazer parar. Eu tento não ser dessa maneira — Seus soluços cresceram mais pesado. Sua tristeza só se aprofundou. — Eu quero que essa merda pare.

— Ryan... — Eu chorava, sentindo-me completamente impotente. Tomei o álcool e um tiro livre nele, eu entreguei a uma pessoa aleatória passando. Levaram, sem dúvida.

Ryan sentou-se um pouco e virou a cabeça para mim. Seus dedos correram pelo meu cabelo e seus olhos azuis continuaram chorando. Ele se moveu para mais perto de mim, pressionando seus lábios contra os meus, envolvendo os braços em volta de mim. Eu não empurrei para trás. Nossos lábios estavam cobertos com nossas lágrimas salgadas.

— Faça isso ir embora, Ashlyn. Faça — Ele sussurrou, beijando-me novamente e novamente.

— Eu não posso te consertar, Ryan — Disse. — Você não está quebrado.

Ryan gritou por mais algum tempo, tremendo incontrolavelmente. Eu chorei, também, porque chorar sozinha sempre era tão deprimente e triste.

— Vamos para casa — Sussurrei no ouvido do meu amigo cansado.

Ryan riu.

— Que casa?! Eu vivo em um carro!

Fiz uma careta e beijei sua fronte. Ele acenou com a cabeça contra mim, se levantou bêbado. Eu disse: — Você fica aqui. Eu estou indo para pegar os nossos casacos.

Entrei na sala de Jake e abri a porta do quarto para encontrar mais pessoas que saiam. Surpresa, surpresa. Comecei a cavar através de todas as camadas empilhadas sobre a cama, e quando me virei para sair com nossos casacos, cruzei na direção de Jake. Seus olhos estavam vermelhos, seu cabelo estava uma bagunça, e eu estava certa de que havia mais manchas molhadas em sua camisa

que manchas secas de cerveja derramada. Mas de alguma forma, ele ainda parecia amigável como sempre.

— Oi! Eu não vi você à noite toda! Pensei que você tinha ido embora de mais uma incrível festa Jake Kenn — Ele me deu um sorriso doce e me cutucou meu braço.

Eu tentei o meu melhor para parecer feliz.

— Sim. Tem sido ótima! Mas eu tenho que levar Ryan para casa... — *Que casa?* — Obrigado por nos receber.

— Não há nada que eu possa fazer para você gostar de mim, né? — Jake deixou escapar. Terrível situação. Ele deve ter visto o olhar de choque nos meus olhos. — Desculpe. Estou bêbado e chapado fora da minha bunda, então eu estou um pouco a frente.

— Jake, você é um grande amigo — Comecei, mas ele riu.

— Mas...

Meus ombros subiam e desciam.

— Mas eu meio que emprestei o meu coração a alguém. E ele não retornou ainda.

Ele suspirou e jogou as mãos para cima no ar.

— Você não pode culpar um cara por tentar.

Eu ri e beijei-o no rosto.

— Boa noite, Jake.

— Ele não vai te dar de volta, você sabe. Seu coração — Seus olhos caíram para o chão. — Porque quando um cara fica com um coração como o seu, ele mantém essa merda para sempre.

Sempre.

Uma palavra assustadora.

Eu saí do quarto para ver alguém que eu desejava nunca ver novamente.

— Jace — Sussurrei para mim mesma, vendo o irmão de Daniel em pé com um grupo de crianças, segurando um saco de pílulas. Para cada pílula que ele entregava, ele tomou uma para si mesmo.

Minha cabeça ficou tonta. Meu rosto estava quente.

Sua cabeça virou em minha direção, e nossos olhos se encontraram. Meu coração apertou e eu me virei, correndo em direção a Ryan. Joguei os braços em seu casaco em uma corrida.

— Hora de ir. *Agora.*

Eu poderia parecer uma louca, mas eu não me importei. Ryan precisava de um lugar para ficar. Nos sentamos no carro do lado de fora da casa de Daniel. Ele não tinha chegado em casa ainda, mas achei que ele voltaria em breve. Seu show deveria ter acabado há um tempo atrás.

Ryan deitou-se no banco do passageiro.

— Então, você e o Sr. Daniels são..

— Fomos — Eu suspirei.

— E o chupão foi...

— Ele — Suspirei novamente.

— E ele terminou com...

— Comigo.

Desta vez, Ryan suspirou.

— O que, um idiota louco do caralho. Será que ele viu seus seios?

Eu sorri com o seu comentário.

O jeep de Daniel puxou para a casa e os faróis brilharam no carro. Eu pulei para fora para ter certeza que ele visse que era eu. O carro dele veio para uma parada rápida e ele pulou para fora, correndo para o meu lado.

— Ashlyn, o que... O que está errado? Você está bem? — Ele viu meus olhos inchados e me tocou com os dedos. Eu tremia com o seu toque. Ele passou os braços em volta de mim como se nunca tivéssemos terminado em primeiro lugar. — Você está ferida?

Balancei minha cabeça.

— Eu... Eu preciso de sua ajuda — Ryan saiu do banco do passageiro do carro e eu senti o medo de Daniel através de seu aperto. Ele oscilou em um repentino ataque de raiva.

— Ashlyn, o que você fez? — Sua voz era baixa, cheia de pânico.

Ryan levantou as mãos em uma posição de rendição.

— Não se preocupe, Sr. D. Quero dizer nenhum dano — Em seguida, ele começou a rir. — Puta merda, você está dormindo com o nosso professor!

— *Ryan* — Eu assobiei, dando-lhe um olhar severo. Ele não parava de rir. Virei-me para Daniel. — Ele está bêbado.

— Sim, você acha que eu não perceberia? Jesus Cristo! Você está tentando nos destruir?

— Oh seja o que for, Daniel. Eu disse a uma pessoa! Você não tem um problema em dizer a Randy! Então é o mesmo.

— O que você está falando? Como você soube que eu disse Randy? — Ele estreitou os olhos em mim. Aqueles lindos olhos azuis. Não. Espere. *Não olhe em seus olhos.* Eu o odiava, ainda.

— Isso não importa. Não é como se houvesse *nós*, mais de qualquer maneira. — Fiz uma pausa. — Ryan pode ficar aqui?

— O quê? — Ele perguntou, confuso com meu súbito comentário.

Eu tive que admitir que eu quase sorri para sua confusão até que me lembrei por que Ryan precisava de um lugar para ficar. Enchi Daniel sobre a situação e viu sua perplexidade lentamente transforma-se em descrença.

— O que ele vai fazer? — Ele sussurrou, olhando para Ryan, que agora estava em pé na varanda. Dei de ombros. — Isso não é justo, Ash... — Ele piscou, e quando os seus olhos azuis olharam nos meus verdes, eu queria chorar. — Porque você sabe que eu faria de tudo por você.

— Sei por você me amar — Eu ri nervosamente. Ele abriu a boca para protestar, mas eu não lhe dei uma chance. — Olha, você pode dizer não, ok? Eu sei que você pode perder o seu emprego se fizer isso.

— Eu acho que vou perder ainda mais se eu não fizer — Daniel dirigiu-se para a varanda e abriu a porta da frente. — Ryan, há um quarto no corredor à esquerda. Vá para a cama.

Ryan sorriu e esmurrou Daniel no braço.

— Eu sempre gostei de você, Sr. D. Não como homem... — Ele fez uma pausa e riu de si mesmo. Ele segurou seu dedo polegar e indicador muito próximos um do outro. — Bem, talvez um pouco como homem.

Com isso, Ryan tropeçou e entrou casa. Daniel acenou em direção à porta da frente.

— Vamos. Está muito frio aqui fora.

Eu não me movi.

Daniel olhou para trás, com um olhar perplexo no rosto. Eu olhei para a neve caindo sobre nós. Dei um pequeno passo na direção dele.

— Isso não significa que eu não te odeio mais, porque eu faço. Eu te odeio.

— Eu sei.

Outro pequeno passo.

— Mas eu gosto de você um pouco para aguentar por hoje à noite.

Por '*ódio*' Eu quis dizer amor. E por '*um pouco*' Eu queria dizer muito.

Capítulo 27

ASHLYN

*Encontre uma maneira de ser melhor.
Ou encontre uma maneira de ficar bem.
Tudo o que você escolher, eu vou ficar fora do seu caminho.
~ Romeo's Quest*

Entrando na casa, não pude deixar de sorrir quando Daniel e eu verificamos Ryan.

— Ele foi para a direita em vez da esquerda — Daniel sussurrou, olhando para Ryan dormindo em seu quarto. — Você pode ter o quarto de hóspedes.

— Eu vou dormir no sofá — Ofereci.

É claro que ele recusou. Ele foi buscar alguns cobertores e travesseiros. Eu afundei ao lado da cama por um momento. Todo o meu corpo estava dolorido, exausto. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para Henry. Ele já havia me enviado algumas mensagens, mas esta foi a primeira vez que eu realmente tive a chance de responder.

Eu: *Estamos a salvo. Estamos abrigados. Estamos bem.*

Henry: *Graças a Deus. Eu te ligo amanhã. Boa noite, Ash.*

Eu: *Noite.*

Poucos minutos depois, olhei para cima para ver Daniel entrar novamente

no quarto. Ele colocou os travesseiros e cobertores em cima da cama.

— Venha comigo é rápido — Disse ele, com os olhos brilhando como brasas azuis. — Eu tenho algo para você.

Estreitei meus olhos, mas eu o segui. Ele me levou para o corredor e paramos em frente ao banheiro. Ele abriu a porta e deu um passo para trás.

— Um banho — Disse ele, empurrando a cabeça para dentro. — Randy tem um pouco de sabão de espuma para banho estranho na pia. A cada semana, ele tenta me preparar um banho com alguns óleos essenciais para me acalmar — Ele riu, mas franziu a testa. — Peguei uma das minhas t-shirt e um par de meus shorts para você usar para dormir. Eles estão no balcão da pia.

Eu fiz uma careta.

— Por que está sendo tão bom para mim?

Ele não respondeu de imediato. Suas sobrancelhas baixaram enquanto procurava em sua mente as palavras certas.

— Não confunda a minha distância, com se eu não me importasse. Na verdade, é o completo oposto — Ele me guiou até o banheiro e me fechou dentro.

Minha mão repousava contra a porta. Meus olhos fechados.

— Ainda está aqui? — Eu sussurrei. Um pequeno gemido saiu dos meus lábios quando eu não ouvi.

— Ainda estou aqui.

Suspirei enquanto tirava as minhas roupas. Fui até a banheira para ver pequenas margaridas flutuando em cima das bolhas.

— Daniel — Sussurrei, colocando a mão no meu peito.

Meus dedos foram os primeiros a tocar a água aquecida, e então eu me permiti entrar com todo o meu corpo e afundar no banho de bolha. Estava quente, mas não muito escaldante. Confortável. Relaxante. Fechei os olhos e respirei.

fundo. A água agitava em volta e para trás com cada pequeno movimento que eu fazia.

Virei à cabeça na direção da porta do banheiro quando ouvi as cordas da guitarra que está sendo tocada. Meu coração pulou no meu pescoço enquanto a voz de Daniel corria por baixo da porta.

Para sempre, sempre me assustou porque nunca veio. Eu perdi todo o sentido de medo quando ela sussurrou meu nome.

As lágrimas nem sequer me deram a opção de não derrama-las. Sua voz era tão suave, parecendo tão longe. Mas, ao mesmo tempo, eu podia sentir as palavras em meu coração, minha alma.

O mundo gira mais rápido, mas ela retarda o tempo. Eu não sei como, mas eu preciso que ela seja minha. Eu a perdi, devido às estradas erradas. Eu a perdi devido os segredos enormes. Eu a perdi, e por sua vez, perdi a mim mesmo. Alguém por favor, me ajude nesta questão, encontrando, encontrando, encontrado minha Julieta.

Coloquei minha cabeça contra o encosto da banheira e meu corpo relaxou completamente. Ele continuou a dedilhar as cordas da guitarra. Um sentimento aquecimento de paz me atravessou quando eu me lembrei de como Gabby tocava sua guitarra para mim, sempre que eu estava me sentindo para baixo e estressada.

Eu queria que ela pudesse ter tocado para Ryan. Sua pobre mente estava uma bagunça, e eu sabia que ficaria um pouco assim antes dele ficar bem.

Meus dedos esfregaram um contra o outro, tornando-se passas depois de cerca de uma hora. Levantei-me, eu vi que a água escorria do meu corpo. A toalha que estava no balcão, agora estava enrolada em volta do meu corpo molhado. Fui para o espelho olhei para mim mesma.

— Eu sinto sua falta, Gabby — Suspirei. Eu ainda a via seu reflexo dentro de meus olhos.

Meus dedos correram por minhas mechas de cabelo antes que eu o molhasse, peguei o cabelo molhado do meu pulso e envolvi todos os cabelos em um coque. Usando a toalha para secar o meu corpo, comecei a me vestir. Os calções de Daniel eram grandes demais para o meu corpo, mas ao mesmo tempo eles se encaixam perfeitamente. Quando eu desdobrei a t-shirt, lembranças abalou todo o meu ser.

Olhei para a manga faltando na camisa e sorriu, lembrando-me que a primeira noite, quando Daniel tinha cortado a manga para mim. Havia muitas coisas que ele não estava me dizendo. Tantos segredos que estava escondendo de mim.

Mas no final do dia, todo o drama de lado, ele era o menino que tinha ajudado uma garota a sair do escuro.

Abrindo a porta do banheiro, vi Daniel de pé. Sua guitarra estava encostada contra a parede, e ele me deu um pequeno sorriso.

— Nós devemos conversar — Eu disse.

Ele balançou a cabeça e enfiou a mão no bolso. Ele tirou a faca de seu pai e se aproximou de mim. Arqueei uma sobrancelha, e ele continuou sorrindo. Cuidadosamente, ele começou a cortar a outra manga da minha t-shirt.

— Nós vamos conversar. Eu prometo. Mas agora... — Ele pegou a manga e colocou-a em minhas mãos. — Neste momento, Ryan precisa de você.

Eu olhei para o corredor na direção da luz, e ouvi o choro. Meu estômago virou. Minha cabeça abaixada.

— O que eu digo a ele?

— Você não tem que dizer nada. Basta estar lá para ele.

Meus passos eram lentos, com medo do meu amigo. Quando entrei no quarto, eu o vi caindo aos pedaços. Ele estava escondendo seus soluços contra o travesseiro, perdendo-se sob os lençóis.

Fui até ele e subi na cama. Seus olhos vermelhos e cansados olharam para mim. Eu segurei a manga da camisa para ele e ele franziu a testa. Pegou a manga e gritou, profundamente, dolorosamente, com sinceridade. Meus braços foram em volta dele e puxei seu corpo para mim. Suas lágrimas me encharcado enquanto sua cabeça estava no meu ombro.

— Está tudo bem, Ryan — Eu menti para ele, esperando que minhas mentiras um dia fossem se tornar realidade. — Você está bem. Você está bem.

Você está bem.

Capítulo 28

DANIEL

*Tinha uma chance de que você me deixar para trás
Eu tinha fudido tanto que eu iria entender,
Se você nem sequer quer quisesse ser meu amigo.
~ Romeo's Quest*

Não havia uma chance no inferno que eu estaria indo dormir tão cedo. Ashlyn e Ryan finalmente dormiram volta das três da manhã. Era agora quatro horas. Eu estava na pia derramando uma garrafa de vodka. Sentado no balcão foram mais três garrafas de uísque, rum, whisky e que o que não estivesse vazio.

Tudo que Ryan não precisava está noite era algo perigoso. Toda emoção que ele estava sentindo era mortal. A última coisa que ele precisava era acordar no meio da noite ou algo assim e encontrar uma maneira de tentar abafar os ruídos em sua cabeça.

Eu tinha visto meu pai abafar seus problemas dessa mesma forma. A última coisa que eu queria era que Ryan fosse por esse mesmo caminho escuro. Ele era um bom garoto. Algum dos trabalhos que ele tinha escrito na sala de aula tinha mostrado como perdido e bravo ele estava. Eu só esperava que ele pudesse ser corajoso.

Minha cabeça disparou quando ouvi a porta dos fundos abrindo. Randy veio andando, seguido de perto por Jace, que estava com uma mochila. Quando Randy me viu, seus olhos se estreitaram.

— Dan, o que você ainda está fazendo acordado? — Ele olhou para as garrafas vazias sobre a bancada. Em seguida, recebi um olhar confuso. — O que está acontecendo?

Eu suspirei. Meus olhos mudaram para Jace, cujos olhos estavam vermelhos, seu corpo suado. Ele nem estava vestindo um casaco no ar frio. A maneira como estava se mexendo e piscando os olhos e fechado, me chateou.

Ele estava usando.

Randy percebeu minha angústia.

— Eu o encontrei andando pelas ruas em Edgewood. Eu não podia deixá-lo, você sabe...

Jace se moveu sobre a mesa da cozinha e puxou uma cadeira, baixando a cabeça sobre a mesa. Randy fez uma careta. Ele se aproximou de mim.

— Ele está andando com algumas pessoas de Red. Danny, você não acha que ele está usando de novo, não é? — Eu não respondi. O que era uma resposta suficiente. — Merda — Randy franziu as sobrancelhas.

— Randy, me dê alguns minutos com o meu irmão — Eu disse, a raiva esfriando o meu tom. Ele balançou a cabeça e saiu da sala.

A cabeça de Jace subiu um pouco e ele riu.

— Oh merda. Não é um dos grandes '*Estou decepcionado com você, Jace*' discursos. Por favor, poupe-me — Ele riu de novo. — A propósito, eu vi sua namorada na festa. Ela é sexy, não é?

Minhas mãos formaram punhos e eu bati contra o balcão da pia.

— Como muitos dos meus alunos para quem você vendeu hoje à noite? Ou será que você acabou usando tudo você mesmo?

— Foda-se, Danny — Jace murmurou, abaixando a cabeça.

É. Foda-me. Fui até ele e peguei sua mochila, o que o fez se levantar.

—Vamos lá! — Ele sussurrou, tentando o seu melhor para manter-me longe do saco.

Revirei os olhos, sabendo que Jace não poderia me deter, mesmo quando estava totalmente saudável, por isso a ideia de que ele achava que podia, enquanto estava alto era quase cômica. Empurrei-o de volta para a cadeira antes que ele pudesse piscar.

Abri a mochila para encontrar sacos com abundância de pílulas.

— Você é tão estúpido, Jace! — Gritei, indo até a pia. Ele estava andando pela rua, alto, com uma mochila cheia de drogas. É evidente que não estava em seu juízo perfeito.

— Você não ousaria porra! — Jace gritou, ficando apressadamente em pé, derrubando a cadeira.

Meu dedo acendeu a coleta de lixo e eu derramei um dos sacos de comprimidos na pia.

— Você está louco, Danny! Sabe o quanto custava isso? — Ele gritou, movendo-se em minha direção, pegando sua bolsa de volta. — Red vai me matar! Ele vai me matar, Danny! Por sua causa!

— Não, você fez isso, Jace. Você não vai colocar a culpa disso em mim! — Enchi um copo de água e jogou no rosto dele. — Acorde, Jace! Acorde!

Cuspiu em meus pés.

— Vá para o inferno.

— Saia daqui.

— É a casa dos meus pais, também! — Ele tropeçou, mas não caiu. — Eu posso ficar se quiser!

Agarrei o braço dele e puxei-o para a porta de trás, empurrando-o para fora.

— Você pode ficar no galpão de barco. Mas eu juro por Deus... Se você trazer essa merda para casa da mamãe e do papai de novo, vou mandar prendê-lo.

Seus dedos estavam mexendo e ele sacudiu a cabeça para trás e para frente.

— Eu espero que você se divirta com o sua aluna. Porque se eu for pego, vocês dois também serão.

Eu bati a porta e um grito profundo subiu para fora de mim quando eu chutei a lata de lixo.

— Droga! — Amaldiçoei, passando minhas mãos sobre meu rosto. Meus olhos se abriram para ver Ashlyn em pé na entrada da cozinha. Seus olhos estavam cheios de preocupação e medo. — Você acabou de conhecer meu irmão drogado? — Eu ri sarcasticamente.

Ela franziu o cenho.

— Eu desejo que não tivesse — Ela balançou para trás e para a frente levemente. — Ele chantageou você, não foi? Para ficar longe de mim?

— Ele estava indo para destruir sua reputação, Ashlyn...

Ela caminhou em minha direção e passou a mão no meu rosto. Então, ficou na ponta dos pés e beijou-me longa e profunda. Enrolei um dos meus braços em volta de suas costas.

— Vamos para a cama — Sugeriu.

— Ashlyn — Comecei a protestar. Seus dedos pousaram contra meus lábios.

— Não. Agora não. Nós não estamos indo para tentar descobrir as coisas. Eu não vou chorar, e você não vai pensar demais em tudo. Eu não vou me preocupar com Ryan e você não vai se estressar por causa de Jace. Nós estamos indo para a cama. Eu vou colocar um de seus CDs. Você vai desligar as luzes. Vamos tirar a roupa um do outro. Vamos subir debaixo dos lençóis. E você vai fazer amor com cada centímetro do meu corpo, mente e espírito até o sol nascer em poucas horas. À luz do dia, vamos descobrir o que fazer. Na escuridão, nós vamos segurar um ao outro.

Ela não sabia o quanto eu a amava. As palavras não poderiam expressar.

Então, eu prometi a mim mesmo que iria usar a linguagem corporal para demonstrar o meu amor por ela. Eu a amo de todas as maneiras, em todos os estilos, de todas as maneiras. Eu a adoraria na cama, contra a parede, em cima da cômoda. Faria muito lentamente, profundamente, de forma agressiva. Eu a amaria com o riso, tristeza e alegria até sol dançar contra a nossa janela.

Ela foi para a minha coleção de CDs, escolhendo a música e colocando no leitor. Quando seu dedo apertou o botão play, eu sorri quando ouvi a música da minha banda tocando suavemente nos alto-falantes.

— Não foi possível encontrar alguma coisa boa? — Eu ri.

Seu corpo se movia em uma dança hipnótica, e eu vi como ela mudava com a batida, para todos os sons. Não demorou muito para que a música fizesse parte de Ashlyn. Ela amassou a parte inferior da sua camiseta e puxou-o para cima, mostrando-me a sua pele perfeita.

Fui para desligar as luzes e ela balançou a cabeça.

— Luz acesa.

Luzes acesas.

— Jogar Shakes, vamos jogar — Ela questionou.

Eu ri, minha cabeça caindo. -Sério? Agora?

Ela sorriu largo, balançando a cabeça.

Eu fiz uma careta.

— Porque realmente eu só quero arrancar suas roupas e fazer amor com você de novo e de novo.

Ela sorriu para o meu comentário. Eu podia vê-la considerando a ideia pelo modo como seus olhos brilhavam. Sua língua limpou através de seu lábio inferior e ela balançou a cabeça.

— Comece o jogo.

Jogar Shakes, foi um jogo que Ashlyn tinha criado da sua própria forma. Ele só tinha algumas regras. **Regra número um:** Uma pessoa cita algo de William Shakespeare. **Regra número dois:** A outra pessoa deve adivinhar o que é. Se o segundo jogador acertar, o outro jogador remove uma peça de roupa. Se não acertasse, a roupa permanecia até a próxima rodada.

Nos enfrentamos um ao outro, seu corpo ainda balançando para frente e para trás, um belo sorriso em seus lábios carnudos. Ela sedutoramente aumentou sua camisa, puxando-a para o seu umbigo.

— *Os covardes morrem muitas vezes antes de suas mortes. Nunca o gosto valente da morte, mas uma vez.*

Eu sorri, esfregando minha mão embaixo do meu queixo: — *Júlio César.*

Sua camisa aumentou, passando através de seus belos seios e sobre sua cabeça. A camisa desembarcou entre nós no chão. Sua sobrancelha se arqueou em minha direção, enquanto ela estava em seu sutiã rosa.

Por um momento, eu olhava para suas curvas deslumbrantes. Ashlyn Jennings era uma deusa. E eu era apenas um homem, completamente ultrapassado por minha bela Deusa. Não havia nenhuma dúvida em minha mente, minha única tarefa nesta vida era amá-la.

— Daniel — Ela riu, corando com meus olhos sobre ela.

— *Se a música é o alimento do amor, jogue.*

Ela passou as mãos para cima e para baixo seus lados no pensamento. Eu senti meu jeans se contorcer em vê-la tocar seus dedos através de seu corpo.

— *Noite de Reis* — Disse ela com naturalidade.

Minha camisa saiu para o lado. Joguei na pilha. Eu a ouvi gemer levemente, olhando para mim. Seus olhos estavam com sede e eu prometi que iria cumprir o seu desejo. Ela mordeu o lábio inferior, e eu não queria nada mais do que envolver

o corpo dela contra o meu, mas eu estava doente.

— *Fale baixo se você falar de amor* — Ela citou *Much I do About Nothing*.

Quando eu disse a ela a resposta, ela balançou a cabeça duas vezes. Seus dedos deslizaram para os lados de seu short e ela mexeu os quadris, deslizando-os para o chão. Ela usava seus dedos do pé para chutá-los para a nossa pilha crescente de roupas.

— *Minha generosidade é tão ilimitada quanto o mar. Meu amor tão profundo; quanto mais eu dou a ti, mais eu tenho. Pois ambos são infinitos* — Eu disse a citação e significou mais do que ela poderia imaginar. Seus olhos molharam mais e ela colocou as mãos sobre o coração. — Não chore — Sorri.

Ela riu, encolhendo os ombros com uma lágrima caindo por sua bochecha.

— Eu choro muito. Basta aprender a aceitar esse fato sobre mim.

— *Eu aceito* — Seus lábios se abriram novamente e ela lançou um suspiro.

— *Romeu e Julieta*.

Eu desabotoei e abri o zíper do meu jeans, e ela segurava um dedo para cima, me parando. Apertei os olhos. Seus pés caminhando em minha direção e suas mãos se mudaram para os meus jeans. Ela deslizou para baixo das minhas pernas, dobrando mais e mais com cada centímetro que o jeans caia. Seus lábios se colocaram contra a borda da minha cueca e ela me deu pequenos beijos.

Eu sentia sua respiração quente exalando contra a minha pele. Meu corpo reagiu ao seu pequeno contato. Ele respondeu ainda mais quando sua língua deslizou para fora da sua boca e ela abaixou minha cueca ligeiramente. Sua língua dançou em torno de meus quadris, correndo para cima e para baixo, fazendo com que meu desejo por ela se expandisse. *Só para ela*.

— Eu faço isso para você? — Ela sussurrou contra mim, sua mão deslizando sobre o tecido da minha cueca, seus dedos tocando-o ligeiramente. Fechei os olhos, respirando fundo. *Você faz isso para mim*. Ela estudou meu corpo,

deslizando a mão dentro da minha cueca.

— Ash... — Murmurei, amava como ela me conhecia. Passei meus braços em torno dela e puxei-a para mim. Fiquei olhando em seus olhos verdes e movi meus lábios nos dela. Minha língua deslizou para dentro de sua boca e sua língua dançava com a minha.

Tomando minhas mãos em volta da cintura, coloquei-a contra a parede. Ela gemeu quando pressionei meu corpo ao dela. Sua calcinha levemente tocou minhas boxers e ela gritou quando empurrei meus quadris contra ela. Seus quadris se moveram para trás e para frente contra mim, obrigando-me a gemer em sua boca.

— Você me ama? — Ela suspirou pesadamente.

— Sim — Suspirei contra seu pescoço, meus dentes deslizando contra sua pele.

— Mostre-me — Suas mãos deslizaram para baixo da calcinha. Em seguida, ela tirou minha cueca, permitindo-me a sair deles. — Mostre-me como você me ama.

Cheguei por trás de suas costas e desabotoei o sutiã, permitindo que ele caísse no chão. Minha mão envolta de sua coxa direita, levantando sua perna do chão. Coloquei a perna contra a minha cintura, e ela colocou os braços em volta do meu pescoço. Minha dureza pressionando contra ela, e eu a ouvia gritar de prazer.

— Eu te amo, lentamente — Eu disse, apertando as mãos em suas coxas. Empurrei em seu aperto, amando o jeito que ela me convidou a entrar. Sua boca estava aberta e fiz uma pausa, permitindo tornar-me confortável comigo dentro. — Eu te amo profundamente — Levantei a outra perna em volta da minha cintura, apoiando-a completamente. Minha boca se mudou para sua orelha, e sussurrei enquanto chupava lentamente — Eu te amo em silêncio — Meus quadris rolaram contra ela, minha respiração pesada, com fome. — Eu te amo intensamente — Sua cabeça caiu contra a parede, sua respiração acelerando. — Eu te amo

incondicionalmente.

Meus lábios percorriam seus seios, beijando, lambendo, chupando. Meus dentes mordendo seu mamilo esquerdo e, em seguida, minha língua circulou uma e outra vez antes que eu chupasse, amando o jeito que ela gemia falando meu nome. Ela aumentou seus movimentos enquanto eu batia nela.

— Eu te amo com cuidado e duro, lento e rápido. Antes do tempo e depois — Minha mão se moveu para a parte de trás de sua cabeça e eu a levei para cama, deitando-a comigo ainda dentro. — Eu te amo porque nasci para fazer isso — Nossos quadris se movem em harmonia, nossos corpos se tornar um. Seu amor foi dando vida a todo o meu ser.

Antes dela, eu nunca soube o que era viver. Depois dela, eu nunca saberia o que era a morte. Nossos corpos chegaram à verdadeira felicidade naquela noite e outra vez. Fizemos amor com os nossos corpos enrolados contra o colchão, os nossos corações batendo contra o peito. Nada mais importava no mundo. Todos os problemas foram silenciados dentro do quarto em uma noite fria de dezembro. Nós bloqueamos todo o barulho, toda a dor.

Eu continuei amando a Srta. Jennings até que nossos olhos se desvaneceram para descansar.

E então eu a amava em meus sonhos.

Capítulo 29

ASHLYN

*Vou escrever para você, quando você estiver sozinho,
Você vai escrever para mim quando eu estiver com medo.
E eu vou te amar, mesmo depois de esquerda do mundo, com apenas o seu
desespero.
Nosso amor é vida.
Nunca morre.
Sempre voa, voa sempre.
~ Romeo's Quest*

Eu estava deprimida pelo sol. A luz do dia faria enfrentar a realidade. Eu não tinha certeza se eu estava pronta para isso. Meu corpo nu pouco mudou nos lençóis e eu fechei os olhos pela última vez. Permiti que a minha mente se lembrasse da noite anterior com Daniel. Como ele me fez sentir, como libertando tinha sido quando ele me amou.

O som do meu celular tocou com uma mensagem de texto e fez meus olhos abrirem. Sentando na cama, eu esfregava as palmas das minhas mãos contra o meu rosto. Meus olhos se voltaram para o lugar ao meu lado. *Ele ainda está aqui.* Era bom saber que ele ainda estava lá dormindo pacificamente. Por um tempo eu só vi sua respiração, a maneira como subia e descia.

Ding. Ding. Ding.

Sentei mais na cama ao som do meu telefone tocando mais três vezes em uma fileira. Cheguei até a cômoda ao lado da cama, e engasguei.

A caixa de cigarro falso de Ryan.

Ele estava ao lado de meu celular. Apanhei com cuidado, como se algo terrível fosse acontecer e quebraria meus dedos.

Eu abri, e dentro havia um bilhete. O mundo começou a girar. Eu não poderia lê-lo.

Meu celular apitou novamente. Minha garganta apertada.

— Daniel, acorda — Sussurrei muito baixo e ele mal se movia. — *Daniel* — Eu falei mais alto, incapaz de me mover. — Acorde!

Ding.

Daniel virou-se para encontrar-me tremendo com a caixa em minhas mãos. Eu sabia que devia ter verificado o telefone para ver as mensagens recebidas. Mas eu não podia. Eu estava com medo. Ele se moveu quando viu a preocupação em meus olhos.

— O que é isso?

— Alguma coisa está errada — Murmurei. O tremor crescendo, e o medo se aprofundando.

— Docinho... — Ele colocou as mãos nos meus ombros. — Fale comigo.

— Olhe o meu telefone — Implorei.

Ele estendeu a mão sobre o meu corpo, passando a mão pela minha barriga, e pegou meu celular. Quando virou e abriu, eu vi seus olhos estudando as palavras.

— Elas são de Henry e Rebecca.

— Leia, por favor.

— *Ash, Rebecca quer que vocês voltem para casa* — Disse ele.

— '*Ash, onde está você?*' — Ele fez uma pausa.

— '*Ashlyn é Rebecca. Por favor, diga a Ryan para voltar para casa...*' —

Pausa.

— *'Por que vocês dois não respondem? Por favor. Por favor. Liguei quinze vezes. Traga o meu menino para casa menino, por favor...'* — Pausa.

— *'Ashlyn, vocês dois estão bem? Estamos preocupados...'*

As mensagens continuaram e continuaram. Rebecca queria que ele voltasse para casa. Tinha caído em si, percebendo seus erros.

Mas e se ela percebeu tarde demais?

— Ele se foi — Eu chorei, com a caixa tremendo em meus dedos.

Daniel olhou para mim, observando minha reação.

— Ash... Está tudo bem. Eles querem que ele volte — Ele passou os dedos pelo meu cabelo e beijou minha testa, mas eu sabia que não deveria ser otimista.

— Não, não está — Eu continuei chorando, sabendo que algo estava errado, sentindo da mesma maneira que eu senti quando Gabby...

Pisquei duro. Eu não podia pensar nisso.

— Nós precisamos nos vestir — Daniel ordenou. Ele saiu da cama e voltou com as minhas roupas do dia anterior. Eu não podia mover-me da cama. Ele começou a me vestir, acrescentando cada peça de roupa, uma por uma. Cada vez que ele adicionou um pedaço, mais pesada a situação parecia.

Andamos pelo corredor e, claro, a cama de Daniel estava vazia.

— Ele se foi, Daniel, eu sei — Ele não respondeu. Quando olhamos para fora no quintal da frente e vi que o carro de Hailey se foi, eu jurei que o ouviu engasgar com o ar. Ele pegou uma mochila que estava aberta na varanda da frente.

— Será que ele tem algum dinheiro? — Daniel assobiou.

Minha mente congelou, confusa. Ele repetiu, desta vez mais dura.

— Henry deu-lhe trezentos dólares...

— Jace... — Ele murmurou, antes de ir para o galpão do barco.

Corri atrás dele. As portas se abriram e Daniel voou, marcharam em direção ao barco, nunca parando para respirar. Ele pegou o dinheiro que estava no convés. Três centenas de dólares. Seu irmão estava dormindo e Daniel começou a sacudi-lo.

— Jace! Juro por Deus, se você fez isso...

Jace abriu os olhos, mexendo.

— Que diabos que você está fazendo?

— Você vendeu a uma criança! *Meu aluno*, Jace! — Ele jogou a mochila vazia no rosto de seu irmão. Meu rosto queimado. Minhas pernas estavam dormentes. Meu estômago deu um nó. — Você não teve culpa pelo acidente de Sarah. A morte de minha mãe não foi sua culpa. Mas eu juro por Deus, se alguma coisa acontecer com o garoto, será sua culpa! É sua culpa, Jace!

Jace se sentou, confuso sobre o seu paradeiro em primeiro lugar.

— O que diabos você está falando? Danny, eu não fiz nada...

— Temos que ir — Disse Daniel, agarrando o meu braço para me arrastar para fora do galpão. — Se ele morrer, Jace... Se ele morrer, isso é com você! *Isso é com você!*

Se ele morrer?

Comecei a chorar de novo. Porque eu sabia que ele já estava morto.

Capítulo 30

ASHLYN

56. Deixe-o ir.

Ashlyn,

Na noite passada eu ouvi o Sr. Daniels lutando com seu irmão sobre algumas drogas. Eu peguei emprestadas algumas das pílulas do cara.

Por favor, deixe-o saber que deixei dinheiro. Eu queria te acordar, mas você parecia feliz ao lado dele. Ele parecia mais feliz. Não deixe de a felicidade ir. Se há alguém que merece, é você.

Você pode queimar a caixa de papelão para mim? Eu já não preciso do lembrete.

Por favor, diga Hailey que eu ainda estou aqui. Sempre aqui.

~Ryan

Capítulo 31

ASHLYN

*A estrela explodiu e eu nasci. Por favor, me chame de Tony.
~ Ryan Turner*

A manchete do jornal era um eco da manchete do seu pai.

Ryan Turner, filho de Rebecca Turner, morre em um acidente de carro horrível, na esquina da Avenida Jefferson e Pine Street.

A história por sua vez se repete.

Hoje à noite, as almas choraram tanto na Terra como no céu.

Capítulo 32

ASHLYN

*Não importa o que você sente.
Só sei que os sentimentos são reais.
~ Romeo's Quest*

O funeral era como todos os outros. Triste, doloroso, e envolto em desespero. Rebecca estava no canto falando com o sacerdote, e Henry estava cumprimentando e agradecendo os convidados que compareceram. O que era um monte de convidados a maioria era da nossa classe sênior.

Eu olhei e vi Avery em pé com Hailey, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Hailey abraçou-o e não se atreveu a dizer que tudo ia ficar bem.

— Olá a todos. Eu sou Padre Evans. Se pudéssemos ir para dentro, eu acredito que estamos prontos para começar com a cerimônia.

Minhas mãos acariciaram no vestido preto que eu tinha usado para o funeral de Gabby, e eu me orgulhava da minha capacidade de não ter chorado até agora durante o dia todo. Havia tantas lágrimas que caíram no quarto do hospital, no carro e em casa. Então, eu prometi a mim mesma para fazer o meu melhor para ser mais forte na igreja. Quando os outros quebrassem, gostaria de estar forte para eles.

A cerimônia continuou, e muitas lágrimas foram derramadas pelos outros. Sentei-me entre Hailey e Rebecca no banco da frente. Rebecca não tinha dito muito desde o acidente, mas eu me sentei lá apertando seu joelho, que estava rapidamente batendo contra o chão. Tentei o meu melhor para ler suas emoções. Ela tinha que se sentir culpada por ter empurrando Ryan a distância. Por ele ter se isolado de tal maneira. Ela tinha que ter desejado que tivesse sido ela no carro

e não seu bebê. Ela tinha que está morta por dentro.

A culpa não faria bem a ninguém embora.

Não hoje.

Chegou a hora das pessoas homenagearem através de curtos discursos sobre Ryan e a curta vida que ele viveu neste planeta, e muitos intensificaram algumas piadas que acabavam em lágrimas, outras terminavam em lágrimas. Virei-me para Hailey, que me disse mais cedo que ela tinha planejado dizer algumas palavras, mas seu olhar caiu para o chão.

Ela disse: — Eu não posso... Eu não posso — Enxugou uma lágrima e se levantou, saindo da igreja.

Eu não sabia se deveria segui-la ou ajudar Rebecca, cujos arrepios foram crescendo cada vez mais profundos. Sua respiração começou a pegar, e eu senti como se um ataque de pânico estivesse prestes a alcançá-la.

Cheguei mais perto dela, e sussurrei em seu ouvido: — Ele a amava. Ele ainda te ama. Não há problema em chorar.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto e ela balançou a cabeça, sua respiração pesada crescendo mais suave, até que ela começou a respirar como o mar em repouso.

Virei-me para ver Jake sentado em um dos bancos, seus olhos lacrimejando. Eu fiz uma careta para ele. Ele me deu um aceno de cabeça simples, antes de sair para verificar Hailey.

Padre Evans pediu um último orador, e quando olhei para cima vi Daniel andar para frente, minha respiração ficou presa na minha garganta. Quando ele chegou ao pódio, olhou diretamente para mim. Seus olhos eram poços profundos de tristeza. Enfiou a mão no bolso do terno e tirou um pedaço de papel, desdobrando-o diante dele.

— Eu não tinha certeza se seria capaz de ficar de pé aqui hoje. Hum, eu

conheço Ryan apenas por um semestre, mas se você conhecesse Ryan, um dia era tudo que precisava para se apaixonar pelo cara. Era um piadista, mas sempre um garoto inteligente e sábio. Foi quando ele escreveu seu primeiro trabalho na minha aula de Inglês AP, que percebi quão profunda e complexa a mente de Ryan Turner era. Tivemos um trabalho no início do ano... — Daniel fez uma pausa, limpando a garganta, lutando contra as lágrimas. Ele moveu seu corpo um pouco para tentar lutar contra as emoções, mas estava perdendo a batalha. — Desculpe — Murmurou, afastando-se do microfone e passando as mãos sobre o rosto. Quando voltou, eu podia ver a vermelhidão nos olhos dele que correu profundamente em seu próprio ser. — Tivemos um trabalho no início do ano... Eu perguntei aos alunos onde eles se viam em cinco anos. Quem eles queriam ser. E eu estou segurando o papel de Ryan e gostaria de lê-lo para vocês — Seus ombros se ergueram e ele ficou alto, segurando o papel em suas mãos.

'O que eu quero ser quando crescer? Sr. D, parece ser uma pergunta muito pesada para alguém da minha idade. A vida é dura e os adultos estão sempre falando — crianças — , só piora à medida que o tempo passa. Eu tenho tentado o meu melhor para entender o que mantém as pessoas indo, o que os impede de chegar para algo maior neste mundo. Crença? Esperança? Paixão?

Eu sou gay, Sr. D. Eu nunca disse essas palavras para um professor, mas do jeito que você entrou na classe no primeiro dia, tão nervoso quanto eu, me fez perceber que posso confiar em você. Você tem tanto medo de alguém descobrir o seu segredo como eu tenho. Então eu pensei em compartilhar o meu segredo com você. Mas a minha sexualidade não deve me definir, certo? Ha muito mais de mim. Eu gosto de trovoadas. Eu amo o baseball. Acho que o rock é a melhor música. Eu tenho olhos azuis. Eu odeio ervilhas. Meu sangue sangra vermelho e meu coração chora, às vezes, como o seu, eu suponho.

Você sabe o que eu não consigo entender? Não consigo entender como as pessoas que se destinam a te amar incondicionalmente são aquelas que se afastam de você num piscar de olhos. Ultimamente, eu tive que me convencer de que não era eu a quem ela odiava, não fui eu quem ela culpava pela morte do meu pai, ela me ama. Eu sei que ela faz. Ela simplesmente não pode compreender as diferentes

formas que o amor pode ter, certo. Maneiras que só nós adolescentes podemos agarrar antes que a vida adulta tire a nossa magia. Ser um adolescente é uma maldição e um presente. É a idade que contos de fadas deixam de existir e Papai Noel não é real, mas partes de nossos corações querem dizer 'E se ...'

É o momento em que você sente tudo, mas todos dizem que você está exagerando. Você e o escritório de orientação nos fazem perguntas fortes que os adolescentes não têm ideia de como responder. Quem somos nós? Onde é que nos vemos daqui a cinco anos? O que queremos ser? A coisa mais assustadora para mim é a escolha de uma profissão, a escolha de um caminho de vida a seguir em uma idade tão jovem e ingênua. Ninguém sabe quem eles são na nossa idade. Ninguém tem a menor ideia da maldição, onde eles vão estar daqui a cinco anos. A última pergunta é a minha favorita: O que queremos ser? Isso é o mais fácil.

Daniel fez uma pausa e olhou para mim, citando a última parte da poderosa carta de Ryan.

Eu quero estar vivo, e eu não tenho ideia do porque, vendo como a vida é horrível, às vezes. Talvez seja a crença, a esperança e a paixão, tudo embrulhado em uma forma que fica dentro do meu peito. Talvez meu coração esteja apenas orando por um amanhã melhor para substituir todos os ontem de merda. Então, para responder à sua pergunta de uma forma muito deprimente de um adolescente angustiado, eu quero estar vivo quando eu crescer. Então, agora eu lhe pergunto, Sr. D. O que você quer ser quando crescer? Porque crescer nunca para, e o sonho raramente cessa.

A sala cheia de um silêncio, que até os deuses da terra acharia instável. Daniel dobrou o pedaço de papel e colocou-o de volta no bolso. Ele falou no microfone e sorriu um sorriso triste.

— Eu não sei o que eu quero ser quando eu crescer. Mas se há alguém que eu quero ser, é o jovem que escreveu essas palavras. Eu quero ter medo do resultado da vida. Eu quero me lembrar de respirar quando estiver rindo e valorizar as lágrimas. Eu quero mergulhar em esperança e na terra do amor. Eu quero estar vivo quando eu crescer, por que... Eu nunca estive vivo em toda a

minha vida. E eu acho que o mínimo que podemos fazer, a fim de honrar Ryan, é começarmos a viver o hoje. E nos perdoar por todos os ontem de merda.

Nos degraus da igreja estava Hailey e Jake. A brisa do inverno era cruel com qualquer pele nua. Eu vi como Jake sussurrou algo para ela e ela balançou a cabeça em compreensão.

— Jake — Ele virou em meu caminho com o som da minha voz. Balançou a cabeça dele para mim. Olhou para ela e, em seguida, mudou-se de volta para mim. Ele deu um passo mais perto.

— Ela está muito destruída, Ashley.

— Eu sei.

O sorriso triste que ele me deu quase quebrou meu coração.

— Ela a culpa.

— Eu sei.

Ele olhou para fora na distância, com as mãos nos bolsos.

— Praticamente toda a classe sênior apareceu lá para ele. Todo mundo adorava o cara. Você sabia que ele e foi o rei no nosso baile no ano passado? — Ele tomou uma inspiração profunda. — Como você chega a um ponto onde sente que está sozinho?

Não havia uma resposta para essa pergunta. Eu pensei que isso seria o que a maioria das pessoas machucadas pergunta e não encontra respostas.

O polegar e o dedo indicador beliscou a ponte de seu nariz e ele fechou os olhos.

— Olha, Ashlyn. Eu sei que provavelmente não é o momento certo, mas... — Ele suspirou. — O cara para quem você deu o seu coração... Por que ele não está aqui?

Minha voz falhou. Mudei meus olhos.

— Você está certo, Jake. Não é o momento certo.

— Sim. Certo. Mas... — Sua voz tremeu. — A morte de Ryan. E quando as pessoas morrem, você começa a pensar sobre as coisas que ficaram por dizer. As coisas que você estava com muito medo de dizer. E eu estou prestes a ir embora para as férias de Natal para visitar meus avós em Chicago, então eu só vou dizer isso agora.

— Jake...

— Eu o odeio. Quem é o cara que não está aqui para você, eu o odeio por deixar você sozinha hoje — Meus olhos nublaram a partir de suas palavras. Ele pegou a gravata e soltou. — Eu sei que você provavelmente pensa que eu me aproximei de você por causa de seu corpo. Sim, a princípio, era por isso. Você é linda, Ash. Mas, então, a cada dia na aula de química, você aparecia e você falava. E então eu percebi o quanto eu gostava do jeito que você falava. E então eu percebi o quanto você tinha a dizer e quanto o mundo merecia ouvir seus pensamentos. E então eu pensei sobre o quanto eu te amo, e você nunca me deixaria entrar. Então eu pensei que talvez se eu mudasse meus atos, talvez se eu parasse de fumar maconha ou entrasse na faculdade ou tem tivesse um cartão da biblioteca ou algo assim, então talvez você iria me amar, também.

— Eu amo você, Jake.

Ele riu.

— Não me venha com essa amizade besteira. É bom, realmente. Eu só... Eu precisava dizer isso. Sem arrependimentos, certo?

Inclinei-me, beijei sua bochecha, e sussurrei: — Por favor, me abrace agora — Seus braços em volta de mim. Eu respirei e segurei-o com força. — Não me deixe ir ainda, ok? — Ele me puxou para mais perto.

Depois do abraço, Jake voltou para igreja. Minhas pegadas contra a neve, enquanto eu me movia na direção de Hailey.

— Ei, Hailey.

Ela apertou os braços, que estava sobre seu corpo. Apertou os lábios. Parecia que seu foco era algo do outro lado da rua.

Eu continuei: — Estou tão...

— Sabe o que eu não entendo — Ela disse, me cortando. — Você deveria estar com ele — Seu corpo girou em minha direção de forma assombrosa. — Você deveria vigiá-lo por uma noite. *Uma noite!* Onde diabos você estava, Ashlyn?

Palavras. Havia tantas palavras diferentes, frases diferentes no mundo, mas eu não poderia dizer uma.

Ela soprou uma respiração gelada.

— Exatamente.

— Hailey... Quando Gabby morreu... — Eu comecei.

— Não — Ela sussurrou, com a mão levantada na minha direção. — Hoje não é sobre a culpa de Ashlyn. Hoje não se trata de Gabrielle. Ryan está morto! Você prometeu — Ela gritou, engasgando com o ar, em sua própria miséria. — Você prometeu cuidar dele e agora ele está morto! — Seus soluços fez suas palavras quebrar na metade, apenas resmungos: — Vo... Você fere a todos que est... Estão perto de voc... Você — Ela gaguejou. Seu olhar caiu no chão. Ela não quis dizer essas palavras. Eu sabia que ela não queria.

Se houvesse alguma coisa que eu lembrava do funeral de Gabby, era que às vezes era mais fácil ser louco do que ser ferido.

— Com quem eu deveria almoçar? — A voz sussurrou. Ela colocou as mãos sobre a boca, como um grito de dor e tristeza saindo de seus lábios. Ela continuou a soluçar, seu corpo tremendo. — Eu sinto muito, Ashlyn. Eu não quis dizer o que eu disse.

Meus braços em volta dela e eu balancei a cabeça para trás e para frente.

— Nós não pedimos desculpas aqui — Eu disse, citando-a da primeira vez que me sentei à mesa do almoço. — Porque sabemos que nunca temos a intenção de fazer o mal.

— Theo não está aqui — Ela chorou no meu ombro. — É o pior dia da minha vida e ele não apareceu. Ele disse que era contra o seu princípio e crenças. Isso é besteira, caso você me pergunte — Ela enxugou os olhos e se afastou de mim — O triste é que eu não acredito nisso, sabe? Ao chegar a uma igreja para chorar desta maneira. Eu sei que Theo não é realmente um budista... Mas eu estou começando a entender o estudo. Na verdade, eu adoro isso. E isso, — Ela fez um gesto de volta para a igreja — Isso não faz sentido para mim.

— Eu posso ajudar — Uma voz profunda foi ouvida, e nos viramos para ver Randy, que caminhava em nossa direção. Ele tinha aparecido para se certificar de Daniel não ficasse sozinho depois de perder mais alguém em sua vida. Ele se aproximou de nós lentamente, não querendo interromper. — Eu sei como é, como dolorosamente desnecessária a morte pode parecer. Você só sente como se quisesse se vingar do mundo por tirar a coisa que você mais amava — A cabeça dele caiu e ele esfregou a testa. — Eu estudei budismo há muitos anos. E se você estiver interessada, podemos fazer uma oração em conjunto.

Os olhos de Hailey se encheram de lágrimas. Seus ombros caíram. Ela estava à beira de quebrar novamente.

— Eu não conheço nenhuma oração. Eu não estudei muito para chegar a isso.

Randy foi até Hailey e a manteve evitando que ela caísse, colocando as mãos em seus ombros.

— Está tudo bem. Está tudo bem — Ele enxugou as lágrimas que caíam. — Eu vou fazer.

Eu dei um passo para o lado, observando os dois.

Ele tomou suas mãos e seus olhos escuros caverna olharam em seus olhos

azuis.

— Isso vai ser a partir do capítulo de Dedicção ²⁶Bodhicharyavatara de Shantideva.

Hailey riu baixinho, fungando.

— Eu não tenho ideia do que você acabou de dizer.

— Está tudo bem. Basta fechar os olhos. Eu vou levá-la através dele.

E ele fez. Eu assisti dois completos estranhos encontram conforto um com no outro, no pior momento conhecido. Eles não pareciam desconhecidos. Saudaram juntos. A respiração dura de Hailey começou a relaxar, quando ela segurou as mãos de Randy.

Minha bênção favorita foi a que Randy fez: — *Que todos os seres têm expectativas de vida imensuráveis. Que eles possam viver felizes para sempre, e pode até mesmo fazer a palavra -morte- desaparecer.*

Pareceu-me bom.

Todo mundo saiu da igreja para ir até o cemitério. Daniel se aproximou de mim, e não me olhou como um amante na frente de todos, mas apenas um indivíduo em causa. No entanto, em meu coração, eu sabia que ele era um amante preocupado, e isso é tudo o que importava.

— Como você está? — Ele sussurrou. Dei de ombros. Os lábios de Daniel viraram para baixo, provavelmente vendo o meu olhar angustiado. — Eu gostaria de poder te abraçar e tirar toda a sua dor.

Eu sorri para ele e derramei algumas lágrimas. Ele se mudou para enxugá-las.

— Não — Limpei meus próprios olhos. — Henry — Eu murmurei.

²⁶ O **Bodhisattvacharyāvatāra** ou **Bodhicaryavatara**, às vezes traduzido para o Inglês como **um guia para o Bodhisattva modo de vida**, é um famoso Mahayana Buddhist texto escrito c. 700 dC, em sânscrito verso por Shantideva (Śāntideva), um monge budista em Nalanda Universidade Monástica na Índia.

Daniel franziu a testa e balançou a cabeça.

— Eu te vejo mais tarde — Ele se dirigiu para seu carro.

Voltando em direção a caminhonete de Henry, parei quando vi Jace ao lado do prédio da igreja. Ele fez uma pausa, olhando para mim, antes de se virar e começar a andar na direção oposta. Eu segui, chamando seu nome.

— Olha, eu entendo — Ele bufou, virando-se para me enfrentar. — Chame a polícia. Prenda-me. Mas eu juro por Deus, que eu não fiz isso! Eu não dei aquele garoto essas drogas — Andava para trás e para frente, a testa suando no ar frio, frio. — Eu não matei aquele garoto — Gritou em um sussurro. Eu não disse nada. Fiquei olhando para ele, seus olhos azuis cheios de emoção. Suas mãos corriam sobre seu cabelo de corte baixo e ele dobrou os joelhos, abaixando-se para o chão. — Oh meu Deus. Eu matei aquele garoto?

— Vocês têm os mesmos olhos — Eu disse. Ele olhou para cima, confuso. — Como Daniel. Ambos têm os mesmos olhos.

Ele limpou as mãos debaixo de seu nariz e fungou.

— Nós herdamos de nosso pai — Voltando a ficar em pé, ele fez uma pausa. — Por que você não chamou a polícia?

— Você não é uma criança, Jace. Se você acha que fez algo errado, então deve ser sua a responsabilidade de transformar a si mesmo — Eu ligeiramente sorri. — Além disso, eu estou tendo um dia realmente ruim, então ...

Ele riu e acenou com a cabeça.

— Eu sinto muito. Sobre tudo isso — Seus olhos azuis se encheram de lágrimas. — Estou tão arrependido.

— Sim. Eu também — Minha mente dançou com algo que eu não tinha certeza se deveria dizer a ele, mas eu sabia que ele precisava ouvir. — Não havia qualquer droga — Eu mudei o meu peso de uma perna para a outra—, em seu sistema. Ryan levou o carro para a árvore plenamente consciente do que estava

fazendo.

— Não foi minha culpa — Ele suspirou, apoiando as mãos em cima de sua cabeça.

Eu balancei a cabeça para trás e para frente.

Um sorriso forçado estampou em seu rosto e ele começou a virar. Eu vi uma única lágrima descer em seu rosto quando ele enfiou as mãos nos bolsos das calças de brim. Eu sabia que ele não queria que eu ouvisse o seu próximo comentário. Ele estava falando para si mesmo, mas eu ouvir.

— Eu vou ficar limpo. Eu realmente farei isso desta vez... — Quando levemente o vento soprava, suas últimas palavras deixaram seus lábios e flutuou para longe em direção às nuvens. — Eu só queria estar de volta na banda. Talvez ele me deixe voltar.

Se houvesse um céu, eu esperava que as palavras de Jace voassem em direção ao seu caminho.

E se houvesse um Deus, eu esperava que ele estivesse ouvindo.

Capítulo 33

DANIEL

*Adeus dói mais quando eles são unilaterais.
~ Romeo's Quest*

Tinha sido um longo dia.

No cemitério, eu estava ao lado da mãe de Ryan, que estava quebrada. Henry segurava sua mão esquerda, e eu fui cumprimentá-la. Eu sabia que ela não me conhecia e nem sabia eu era o cara que tinha ensinado seu filho, mas ela apertou minha mão de volta.

— Obrigado — Ela sussurrou.

Meus olhos se mudaram de volta para Ashlyn, que tinha os braços em volta Hailey. Ela me deu um sorriso fraco, e eu fiz uma careta.

E se eu estava arruinando sua vida por amá-la? E se, de alguma forma, eu estava colocando-a em perigo? Jace era perigoso, e as pessoas com a qual ele convivia era um risco maior.

Eu sabia que era um pensamento estúpido, mas a morte estava se tornando muito comum na minha vida. Eu não tinha certeza de quanto mais eu poderia segurar. Especialmente se algo acontecesse com Ashlyn.

Será que Jace deu a Ryan essas drogas? Será que Ryan estaria vivo se eu tivesse recusado a oferta de deixá-los passar a noite? Ele estaria vivo agora, se eu não estivesse namorando minha aluna.

A culpa era traiçoeira.

E foi enchendo minha cabeça com todas as razões por que eu não deveria amar Ashlyn.

Eu não tinha visto Ashlyn em quatro dias. Era o tempo mais longo que já tínhamos ficado sem ver um ao outro. Eu estava sentado em meu jipe estacionado em frente à biblioteca nos últimos quinze minutos. O céu estava em plena escuridão, e a neve estava caindo em um ritmo constante. Sob as luzes da rua, eu a vi andando na minha direção, um grande saco de papel em seus braços.

Ela disse a Henry que iria passar a noite na casa de um amigo, prometendo falar com ele a cada hora. O que significava que eu a tinha por pelo menos 15 horas. A forma como as luzes acesas e a neve dançava contra o rosto dela me fez pensar que um dia tudo daria certo.

Porque eu precisava estar com Ashlyn Jennings. Depois que ela se formar em Junho próximo, eu iria amá-la em voz alta, do jeito que ela merecia ser amada. Iriamos lidar com a faculdade, quando isso chegasse, mas não um dia antes.

Sim, a culpa era dura, mas a esperança era uma arma tão poderosa.

Ela abriu a porta do passageiro e entrou, com o saco em seu colo.

— O que você tem aí? — Perguntei.

Sua cabeça balançou para trás e para frente.

— Beije-me primeiro, pergunte depois.

Inclinei-me, colocando minha boca contra a dela, e sorri enquanto sua língua escapou e correu contra meu lábio inferior.

— O que tem na bolsa? — Repeti.

— Meu baú com as cartas de Gabby. E ²⁷Jack, Jose, e Morgan — Ela respondeu. — Estamos ficando bêbados esta noite e abrindo-as.

²⁷ Jack Daniels - whisky, Jose Cuervo - tequila, e Morgan - rum- referencia a tipos de bebida alcóolicas.

Rindo de sua resposta, eu revirei os olhos.

— Não, é sério. O que há no saco? — Ela arqueou uma sobrancelha e inclinou para mim. Uma porrada de álcool e cartas. — Eu não acho que esta noite é a noite certa para isso, docinho — Suas pálpebras estavam tão pesadas pela falta de sono. — Além disso, você não bebe.

Ela sorriu.

— Não, eu não — Sua mão escorregou para o saco e tirou uma carta. — Mas a carta número oito exige.

— Ashlyn... — Eu avisei, não querendo que ela se afogasse em álcool. Ela realmente não tinha lidado com a morte de Ryan, no entanto, eu temia esse dia nunca chegasse.

— Daniel. Diversão. Lembra-se o que é? Vamos nos divertir hoje à noite, ok?

Eu respirei e assentiu.

— Tudo bem — Apertei os olhos e me inclinei em sua direção. — Venha aqui.

Ela avançou lentamente o seu corpo perto de mim. Meus olhos caíram sobre os lábios. Coloquei minha mão na parte inferior das suas costas, puxando-a para mais perto. Ela exalou enquanto eu corria o dedo *lentamente* em torno de seu lábio superior e *lentamente* em torno de seu lábio inferior. Ela separou a boca e *lentamente* lambeu meu dedo antes que de chupar suavemente. Minha mão em concha em torno do seu pescoço e eu puxei minha boca para a dela.

Olhamos nos olhos um do outro, meu coração batendo no peito.

— Eu te amo.

— Eu te amo — Ela respirou contra mim, enviando as palavras para todo o meu ser. Suas costas se arquearam contra o meu toque, e eu puxava o lábio inferior. Ela suspirou, repetindo.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo.

Quando nós chegamos à casa do lago, vi que a sala de estar estava com as luzes acesas. Então eu vi duas mulheres andando para trás e para frente em seus sutiãs. *Merda*. Olhei para Ashlyn, que, claro, tinha notado os corpos também. Seu rosto se virou para mim com um sorriso.

— Há mulheres nuas em sua casa.

Suspirei quando vi um Randy sem camisa entrar em vista através da janela. Meus dedos esfregaram contra a minha testa.

— De fato, há mulheres nuas em minha casa.

Ela tinha um sorriso espertinho colado a seu rosto.

— Isso é uma coisa normal... O que acontece na casa do Sr. Daniels?

Eu formei um soco e mordi o lado da minha mão. Meus olhos fechados apertados.

— Não! Não... É que... Bem, no passado, Randy usou para tentar me fazer sentir melhor para...

— Para...?

— Por ter festas de música nua.

Silêncio. Eu não queria abrir os olhos para ver a reação dela. Um riso alto foi ouvido. Meus olhos se abriram para encontrar Ashlyn rachando em gargalhadas.

— *Festas de música nua?* Oh meu Deus! *Você é uma aberração!* — Ela estava rindo tanto que lágrimas corriam pelo seu rosto.

— O quê? Não! Randy é o monstro! Eu era apenas um cara... Em um quarto... Com garotas nuas — Coloquei o carro em sentido inverso e virando para afastar-me da casa. A mão de Ashlyn descansou no meu braço.

— Não se atreva! — Ela sussurrou. — Nós estamos indo para uma festa de música nua!

— Nós não estamos! — Argumentei. Ela colocou o saco de papel no chão na frente dela. Seus dedos lentamente começaram a desabotoar o casaco. — Ashlyn... — Murmurei, observando seus movimentos.

— Estacione o carro — Ela instruiu.

— Não — Eu disse, mas fiz o oposto. O carro entrou no estacionamento.

É claro que o carro entrou no estacionamento. Porque quando uma bela garota começou a despir-se em seu carro, você coloca o maldito carro no estacionamento. Fechei a boca enquanto a observava tirar o casaco. Suas mãos embrulhadas sob a bainha de sua camisa e ela começou a puxá-la sobre a cabeça.

— *É a certeza de que estamos acordados? Parece-me que ainda dormimos, sonhamos* — Ela estava citando ‘Sonho de Uma Noite de Verão’, quando o seu suéter encontrou o seu lugar no meu banco de trás.

Seus dedos começaram na parte superior do pescoço e ela acariciava seu corpo enquanto movia seus dedos em seu pescoço, através de seu decote e seu sutiã. Seus olhos se fecharam e eu vi como ela tocava-se na minha frente, com a boca mostrando toda a sua excitação.

— Você está me matando, Ashlyn — Murmurei, sentindo-me endurecer enquanto a observava.

Ela inclinou a cadeira para trás, encostando-se para trás. Suas mãos ainda estavam correndo contra o seu corpo. Assisti suas inspirações profundas e exalação pesada.

— *Para cima e para baixo, para cima e para baixo. Vou levá-los para cima e para baixo...* — , ela citou. Seus dedos se moviam para baixo do peito, viajando em direção ao seu umbigo. Virou a cabeça em minha direção e sorriu facilmente com os olhos fechados. Seus dedos começaram a desabotoar sua calça jeans. — *Sou temido em campo na cidade...*

Um grunhido rolou através de mim e minhas mãos pousaram em cima dela. Seus olhos verdes se abriram e sua boca se abriu ao ver meus olhos se enchendo com a necessidade. Minhas mãos abriram sua calça jeans e eu puxei um pouco. Ligeiramente provocando a pele acima da calcinha, eu escutei seu gemido.

— ²⁸*Goblin, levá-los para cima* —, eu terminei a sua citação. Meus dedos traçaram até o sutiã, passando sobre os mamilos endurecidos. Suas mãos voaram sobre sua cabeça e ela agarrou o encosto de cabeça atrás dela. Com respirações acelerando, o seu entusiasmo se aprofundou. Deslizando os dedos para baixo em sua pele, minha mão deslizou em sua calcinha e eu ouvi uma explosão de prazer quando sussurrei em seu ouvido: — *E abaixo*.

Eu não tinha necessidade de entrar na minha casa. Se eu nunca visse o corpo nu de outra mulher de novo, eu estaria bem, desde que este fosse meu.

Então, nós não entramos na casa a noite toda.

Mas não era de fato uma festa de música para dois.

Nós nos mudamos para o galpão de barco para as nossas atividades de ficar bêbado, não querendo entrar na casa para ver Randy com suas garotas nuas.

— Nós entramos depois de um tempo. Eles não vão ficar a noite toda — Eu disse. — Randy nunca mantém meninas durante a noite — Tirei cobertores para nos deitarmos em cima do barco.

O whisky foi aberto, e depois de Ashlyn tomar seu primeiro tiro, achei que ela ia vomitar. Mas ela se recusou a parar de tentar isso. Cada vez que tomava um tiro, fazia a mais bonita cara feia que eu já vi. E ria muito, como uma garota bêbada.

Eu amei o som de sua risada. Arqueei uma sobrancelha e coloquei as garrafas de álcool *muito* longe dela.

²⁸ **Goblins** - são criaturas geralmente verdes que se assemelham a duendes. Fazem parte do folclore nórdico, nas lendas eles vivem fazendo brincadeiras de mau gosto. Podem ser equiparadas aos trasgos e tardos do folclore português

— Você está bêbada.

Ela sentou-se em linha reta. As costas das mãos tocou seu rosto.

— Ohh! Eu estou? — Riu um pouco mais. — Tudo bem — Ela riu, pegando seu saco de papel e procurando em volta. — Eu tenho duas cartas que podem ser abertas! Número vinte e sete — Houve um momento em que ela olhou para as palavras e suspirou. — Às vezes eu sinto como se a minha vida esteja sendo impulsionada por essas cartas — Sua voz baixou —, e às vezes eu acho que elas estão me levando para o lado errado.

Seus olhos piscaram, e ela balançou longe seu pensamento, mas eu me agarrei a eles. Ela abriu a carta e começou a ler, tropeçando através das palavras.

27. Ficar Bêbada

Querida Ash,

Caso você esteja lendo esta carta em seu vigésimo primeiro aniversário, então você é muito mais que uma perdedora. Quem espera até seu vigésimo primeiro aniversário para beber? Se você está lendo isso antes de ter feito vinte e um, em seguida, tome outro tiro por mim, você é exuberante! Eu te amo como uma louca.

Eu sinto falta de você ainda mais.

Você está indo muito bem, garota.

~Gabby

Ela afastou a nota para o peito e franziu a testa, mas, ao mesmo tempo, com os olhos sorrindo.

— Eu sinto falta dela como uma louca.

— Ela sente sua falta, também.

— Você acha que ela está com Ryan? — Ela fez uma pausa. — Você ainda acredita no céu? Caramba, eu não sei se eu faço.

Limpei a garganta e descansei os cotovelos nos joelhos.

— Eu acredito na possibilidade de algo maior do que este mundo. E acredito que os dois estão juntos, seguros, de qualquer dor.

Ela soltou uma respiração fácil.

— Eu aposto que eles estão pendurados em Shakes.

— Bem claramente. Por que você iria sair com alguém que não gosta de Shakes na terra dos mortos?

Ela sorriu. Eu caí mais por ela. Derramando mais dois tiros, ela me entregou um.

— Para Gabrielle Jennings e Ryan Turner. Que eles sejam conversando com William Shakespeare em uma base diária.

— Para Gabby e Ryan!

A mão de Ashlyn pegou o próximo envelope de Gabby.

— Número doze... Fazer sexo em um carro — Quando ela disse as palavras, suas bochechas coraram mais e escondeu o rosto nas palmas de suas mãos. — *Ohmeudeus*. Tivemos sexo em seu Jeep!

Eu sorri.

— Duas vezes.

Ela olhou para mim, seu cabelo selvagem, indomado e perfeito. Sentou-se com os braços apoiados nos joelhos. Inclinando-se, mordeu o lábio inferior.

— Eu quero fazer amor com você em todo lugar duas vezes.

Beije sua testa e passei as mãos pelos seus cabelos. Ela segurou a carta para mim e eu arqueei uma sobrancelha.

— Você quer que eu leia?

-Claro.

Ao abri-la, eu sorri.

— Você é uma vadia.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu sei, eu sei. Agora, o que ela diz?

Meu sorriso esticado ainda mais quando virei à carta para ela.

12. *Ter relações sexuais em um carro.*

Você é uma vadia.

~Gabby

Ashlyn pegou a nota dos meus dedos e olhou para as palavras no papel. Seus olhos se arregalaram de alegria e ela riu.

— O que é uma vadia?

Eu pensei que era um código de meninas para dizer 'minha melhor amiga.'

Capítulo 34

ASHLYN

*Feche a porta.
Tire suas roupas.
Deixe-me ver os seus segredos se desdobrar.
~ Romeo's Quest*

Voltamos para o quarto de Daniel e adormecemos nos braços um do outro. Na parte da manhã, quando acordei, ele estava longe de ser encontrado. Mas uma dor de cabeça intensa estava na vanguarda. No travesseiro ao meu lado, uma bandeja. Em que estava uma garrafa de água com margaridas, uma tigela de Cap'n Crunch misturada com marshmallows, uma placa com dois analgésicos, e um suco de laranja.

Meu sorriso permaneceu enquanto eu observava a luz da manhã infiltrar-se no quarto.

Café da manhã na cama. Outra novidade, nossa.

Joguei os comprimidos na minha boca e tomei com um pouco de suco de laranja.

Daniel entrou no quarto sem nada além de uma toalha ao redor da cintura. A forma como o algodão se pendurava em seus quadris me fez plenamente consciente de como ele era musculoso de cima para baixo. Havia água escorrendo pelo seu peito tonificado, e eu corei enquanto o olhava. Amei como ele ainda me faz corar de vez em quando. Ele sorriu para mim.

— Bom dia — Ele se aproximou e cheguei a ele, envolvendo meus braços em torno dele, puxando seu corpo molhado para baixo para mim. Ele se deitou

em cima de mim, me segurando contra ele. Cheirava tão fresco, amadeirado. Fiz questão de respirá-lo para dentro de mim.

— Você comprou para mim Cap'n Crunch e marshmallows.

Ele pegou um pedaço e colocou-o entre meus lábios.

— É o seu favorito — Ele me beijou levemente amassado meu rosto.

— Eu preciso escovar os dentes e chuveiro. Você está todo limpo. Não é justo que me beije com hálito matinal desagradável.

— Eu não me importo — Ele riu de mim.

Minhas mãos cobriram minha boca e virei minha cabeça para longe dele.

— Eu me importo.

Daniel levantou-se e me pegou em seus braços, ainda rindo.

— Então vamos fazer você ficar limpa.

Fizemos amor no chuveiro.

Outra novidade nossa.

Capítulo 35

ASHLYN

*A dor não é algo que você precisa para se salvar.
Mas, por favor, baby, espere por mais um dia.
~ Romeo's Quest*

A pausa de Inverno começou na semana depois do funeral de Ryan. Eu fiquei no Henry para mais do mesmo, certificando-me se Rebecca e Hailey estavam encontrando tempo para comer, chorar e chorar. Eu tinha perdido Gabby em agosto, mas senti que o pior momento para perder alguém era durante os feriados. Natal estava só a alguns dias de distância, ainda que não se sentisse assim em tudo.

Daniel me mandou uma mensagem a cada dia, certificando-se de *que eu* estava encontrando tempo para comer, chorar e chorar. Cada texto terminado com o mesmo: *eu te amo*.

Eu precisava disso.

À noite antes do Natal, eu não conseguia dormir. Sentei na sala de estar com o meu notebook, escrevendo, despejando todos os meus pensamentos em meus personagens imaginários. Ouvi passos se aproximando por trás de mim. Virei para ver Henry andando com duas canecas de café.

— Chá? — Questionou. — Rebecca tinha alguns sabores estranho no gabinete, mas pensei que iria fazer uma tentativa — Eu balancei a cabeça e mudei no sofá para dar lugar a ele. Sentou-se e entregou-me uma caneca. — No que está trabalhando?

— Meu romance.

— É sobre o quê?

Mordi o lábio inferior.

— Não tenho certeza ainda. Mas deixarei você saber quando eu descobrir.
— Fechei o notebook, e me virei para ele. — Gabby o perdoou — Disse eu. — Ela nunca culpou você por ter ido embora.

Os olhos de Henry encontraram os meus.

— E quanto a você?

— Eu? — Fiz uma pausa. — Eu estou trabalhando nisso.

Ele acenou com a cabeça.

— Isso é um progresso.

Em seguida lágrimas escorriam pelo meu rosto e os tremores se seguiram.

— Eu tenho sido tão terrível para você.

— Eu tenho sido ainda pior, Ashlyn. Não estava lá. Perdi tanto — Sua cabeça abaixada. — Para onde vamos a partir daqui?

— Eu não sei. Mas vamos passar por esta noite — Levantei o meu chá, tomei um gole, depois cuspi no copo. — Oh meu Deus! Isso tem gosto de mijo de renas!

Henry riu e levantou uma sobrancelha.

— E você sabe qual o sabor do mijo de renas, como...?

Fiz um gesto em direção a sua caneca.

— Experimente. Veja por si mesmo.

Quando o chá bater em seus lábios, ele engasgou, cuspendo-o de volta no copo.

— Sim, isso é definitivamente mijo de Rudolph.

— Sério? Eu estava pensando que era do Cometa...

Ele sorriu. Eu sorri. Nós sorrimos. Não um sorriso desconfortável, e não um alienado de pai e filha sorriso, mas um sorriso real. O primeiro que tivemos em... Anos.

— Eu acho que estou indo para vê-la... Ficar com ela para o feriado. Se estiver tudo bem com você, eu provavelmente irei amanhã.

Ele fez uma careta.

— Eu vou voltar, Henry — Prometi.

— Ela vai adorar isso, Ashlyn. Está muito melhor... — Ele mudou-se para a árvore de Natal no canto e levantou uma caixa de presente. — Aqui está.

Meus dedos seguraram o papel de embrulho. Eu vi meu nome escrito nele e meu coração pulou.

— Você sempre nos deu cartões de presente — Sussurrei.

— Sim, bem... Eu pensei em tentar algo diferente este ano. Abra-o.

Eu fui lenta para desembulhar o presente, sentindo como se isso fosse algum tipo de sonho e eu ia acordar dele. Engoli em seco quando vi o CD em minhas mãos. *Quest Romeo*.

Henry pigarreou.

— Eu sei que pode ser estranho, sendo a banda de seu professor e tudo. Mas eu o vi tocando algumas semanas atrás. Eles são bons, Ashlyn — Ele fez uma pausa. Seu lábio inferior tremeu. — Dan — Ele parou de novo... — o *Sr. Daniels* estava me dizendo como eles basearam cada canção nas peças de Shakespeare. Você gosta de Shakespeare, certo? Mas se odiar isso, podemos obter uma outra coisa. Vou levá-la às compras...

Um suspiro profundo rolou através de mim. Meus braços em volta de Henry e eu o abraçava.

— Obrigada, Henry. É perfeito — Quando me afastei, voltei para tomar outro gole do chá, engasguei após sentir o gosto.

— Por que você bebeu essa coisa desagradável? — Perguntou Henry, olhando para o chá.

— Não é *todo* desagradável — Argumentei. — Além disso, Gabby amava chá, ela é a razão pela qual eu comecei a beber.

Suas sobrancelhas abaixaram.

— Você acha que pode me falar mais sobre Gabby?

Meus lábios se viraram para baixo e senti o meu batimento cardíaco aumentando com a ideia de compartilhar as coisas maravilhosas da minha melhor amiga para o cara que deveria ter conhecido ela.

— O que você quer saber?

Sua voz era um sussurro, quase sem fazer som: — Tudo.

Depois de passar horas sentada, conversando com Henry sobre Gabby; eu me encontrei sentada com meu celular falando com Daniel. Era por volta das três horas da manhã e ele não tinha planos comigo.

— Desculpe ligar tão tarde — Suspirei.

— Não se preocupe. Eu estava deitado aqui, abraçando meu travesseiro, pensando em você.

Eu ri de seu comentário.

— Eu vou ver minha mãe amanhã...

— Sim? Eu acho isso ótimo.

— Estou nervosa... — E se ela não for? E se ela não quiser me ver? E se eu chegar lá e ainda estiver brava com ela? Por que... Eu ainda me sinto louca.

Ouvi sua respiração através do telefone, o som só me deu um fio de cabelo de conforto.

— Eu tive um monte de coisas terríveis acontecendo na minha vida. E o que tenho vindo a perceber é que se você não diz o que precisa dizer quando tem uma chance... Você vai se arrepender. Mesmo se você estiver com raiva, diga. Grite para o mundo, enquanto ainda tem uma chance. Porque uma vez que a vida passa por você, ela se vai. E assim são as palavras não ditas.

Meus olhos piscaram apertados e senti meu coração batendo forte contra meu peito. Diga o que precisava dizer. Essa ideia me assustou muito.

— Eu estou com sono...

— Vá para a cama, Ash. Você tem um grande dia amanhã.

Balancei a cabeça para o telefone como se ele pudesse me ver.

— Vai ficar na linha comigo? Até eu dormir?

— Claro.

Levantei e fui de volta para o meu quarto.

— Feliz Natal, Daniel.

— Feliz Natal, meu anjo.

Eu estava com o meu telefone no ouvido, e ele tocou sua guitarra através da linha até que meus olhos caíram pesados e o sonho tomou conta de mim.

Subi para o trem com o tesouro de Gabby no meu colo. Imaginei abrir algumas cartas com a mãe, isso poderia ser bom para ela. Para nós. Mandeí uma

mensagem para Daniel, agradecendo pela noite passada. Ele apenas mandou uma mensagem de volta com uma palavra: *Sempre*.

Sentada em um assento na janela do trem de volta para Chicago trouxe de volta as lembranças de minha primeira viagem de trem para Wisconsin. Quando Daniel e eu tínhamos cruzado nossos caminhos pela primeira vez. Tanta coisa mudou desde então, mas algumas coisas ainda permanecem. Aqueles olhos azuis, por exemplo.

Coloquei a caixa do tesouro no assento ao meu lado. Minhas pernas dobradas contra o meu peito e eu suspirei. Eu perdi os dois tanto, Ryan e Gabby. Algumas lágrimas começaram a cair dos meus olhos quando a minha cabeça encostou na janela de vidro e o trem começou a se mover. Fechando os olhos, tomei algumas respirações profundas. *Estou bem*. Disse a mim mesma, uma e outra vez, mas as lágrimas continuavam a cair.

Deveria haver uma lei universal que dissesse que os jovens não devem ser autorizados a morrer. Porque eles nunca tiveram a chance de viver.

Meus olhos reabertos quando ouvi passos perto de mim e eu olhei para cima.

Lindo.

De tirar o fôlego.

Brilhantes.

Olhos azuis.

Mais lágrimas caíram quando Daniel levantou minha caixa do tesouro e sentou-se no banco ao meu lado.

— Qual foi a sua maior verdade? — Perguntou, puxando-me perto e beijando as lágrimas.

Fechei os olhos quando mais lágrimas de emoção continuava a cair pelo meu rosto, mas ele nunca parou seus beijos, pegando cada lágrima contra seus

lábios.

— Seu coração. A maneira como ele ama profundamente e me fez sentir muito — eu sussurrei sobre Ryan. — O jeito que ele amava sua irmã e sua mãe. A maneira como ele perdeu seu pai... — Meus olhos reabriam e coloquei minhas mãos na parte de trás do seu pescoço, puxando-o para perto de mim. — Qual a verdade favorita sob o Natal da sua mãe?

Desta vez, ele fechou os olhos. Não respondeu de imediato. Quando seus olhos azuis abriram, estavam lacrimejando.

— Eu não falo sobre ela...

Balancei a cabeça.

— Eu sei.

Descansamos nossas testas uma contra a outra, respirando a existência um do outro.

— Seu duplo problema apareceu a cada Natal. Eu sempre tenho duas das mesmas blusas, apenas no caso de ter arruinado uma. Ela iria assar o dobro da quantidade de cookies. Iria nos fazer assistir *É uma vida maravilhosa* duas vezes. Ela... — Ele riu, tirando o dedo na testa. — Ela acrescentou o dobro da vodka para o eggnog. Mas isso era para meu pai, principalmente.

— Qual era o seu fato mais louco? — Perguntei, beijando levemente seus lábios.

— Hmm, ele era um sonhador que fez as coisas acontecerem. Comprou o barco antes que tivesse a casa do lago. Mas tinha certeza de que a casa iria vir. Sonho para uma vida, eu acho — Meus dedos atados em seus cabelos em minhas mãos. Ele beijou a ponta do meu nariz. — Você nunca vai ter que fazer esse tipo de coisa sozinha, Ashlyn. Nunca.

Capítulo 36

ASHLYN

*Eu quero saber quem você era antes de mim.
Eu quero ver o mundo que você vê.
~ Romeo's Quest*

Fizemos uma parada rápida antes de ir para a casa da mamãe. Quando Daniel dirigia o carro alugado parando no meio-fio da casa suburbana, eu sorri. Um dos carros na garagem tinha adesivo cobrindo-o com algumas das melhores bandas já criadas.

O carro de Bentley.

Enfiei a mão na caixa do tesouro e tirei o anel de compromisso de Gabby e a carta dirigida a Bentley. Sentindo-o contra os meus dedos me fez suspirar. Eles teriam sido tão felizes juntos.

— Eu vou esperar aqui — Disse Daniel, notando o meu olhar.

— Por favor, venha comigo — Pedi saindo do carro.

Sua porta se abriu e ele saiu também, fechando a porta silenciosamente. Cada passo que me levou em direção a casa era doloroso. Cada vez que as minhas botas de inverno levantava, sentia uma faca afiada me esfaquear dentro do meu intestino.

Segurando o anel e uma carta em uma mão e mão de Daniel segurando minha outra, eu subi os degraus até a porta da frente. Minha cabeça virou para o balanço da varanda, que foi coberto com um pouco de neve. Pisquei e as lembranças começaram a ressurgir.

— *Eu acho que eu o amo* — Gabby sussurrou em meu ouvido quando se balançava para trás e para frente na varanda do Bentley em uma noite de verão úmida. Ele entrou para nos pegar alguns refrigerantes, antes de irmos para a feira.

Eu ri da minha irmã.

— *Você o ama.*

Ela me deu um sorriso malicioso e acenou com a cabeça.

— *Eu o amo.*

Balançando a cabeça para trás e para frente, sai da memória. Meu dedo se levantou e apertei a campainha para baixo por um segundo. No som da campainha, porém, eu queria recuar. Queria ir para trás da maneira que eu viria a dirigir de volta para Chicago.

Em seguida, Daniel apertou minhas mãos.

Eu relaxei.

A porta se abriu, e quando eu vi Bentley através da porta de tela, eu engasguei. Ele pareceu surpreso e um pouco triste no começo. Desejei que não precisasse vir. Apenas me ver provavelmente partiria seu coração.

Bentley saiu para a varanda e seus olhos se arregalaram.

— Ashlyn — Sussurrou.

Meus pés começaram a mudar ao redor. Meu nervosismo era forte.

Daniel soltou a minha mão, e quando olhei, ele me deu um pequeno sorriso.

— Oi, Bentley.

Bentley riu, seus olhos lacrimejando.

— 'Oi, Bentley?' Isso é tudo que eu recebo? Venha aqui — Ele me envolveu em um abraço. Eu respirei-o, abracei mais e mais como o passar do tempo. — Você parece tão bem — Sussurrou contra mim.

— Você também, Bent — Nos afastando um do outro, ambos enxugando os olhos e rindo. — Oh, Feliz Natal! — Eu disse, coçando a parte de trás do meu pescoço.

Ele sorriu largamente.

— Então, quem é que temos aqui?

Virei-me para Daniel, que estava calmamente à espera ao lado. Corei.

— Este é Daniel, meu... — Fiz uma pausa, sem saber o que éramos no momento.

— Namorado — Daniel sorriu, estendendo a mão em direção a Bentley. — É bom conhecê-lo.

Bentley me deu um olhar tímido.

— Ah, é bom conhecê-lo, também — Ele empurrou sua língua contra o interior de sua bochecha. — Ele é bonitão, não é? — Eu ri e empurrei Bentley no braço. — Bem, não fique aqui. Vamos para dentro.

Hesitação tomou conta de mim. Por alguma razão, eu não sentia como se pudesse entrar sem Gabby ao meu lado.

— Nós não podemos ficar. Eu só... — Minha mão levantou com a carta e o anel. — Eu queria te dar isso — O anel pousou em suas mãos e eu ouvi um suspiro profundo através dele — Ela deixou na caixa do tesouro que você me deu. E me pediu para dar-lhe a carta.

Ele segurou o pedaço de papel apertado na mão.

— Isto é de Gabrielle?

Balancei a cabeça.

Enquanto o observava abrir lentamente a carta, uma sensação de paz estranha tomou conta de mim. Parecia um fechamento de um livro, o capítulo final da história de amor de Bentley e Gabrielle receber encerramento.

Ele chorou ao ler suas palavras. Claro que ele chorou. Suas cartas sempre fizeram as pessoas chorarem.

— Ela era a minha favorita — Sua voz falhou enquanto ele continuava lendo as palavras uma e outra vez.

— Eu sei.

— Às vezes me pergunto como eu deveria começar de novo, sabe? Como é que eu vou... — Ele tossiu e passou a mão sobre o rosto encharcado de lágrimas. — Como é que eu vou ser feliz de novo?

— Você começa de forma lenta — Daniel avançou, colocando a mão no ombro de Bentley. — Você se permite sentir o que diabos estiver sentindo. E quando começar a se sentir feliz, não se sinta culpado por isso.

— Começar devagar — Bentley repetiu para si mesmo. Sua cabeça caída para a varanda. — Uau. Ele é bonitão e é inteligente. Muito melhor do que Billy.

Eu ri com o comentário de Bentley e puxei-o para um abraço de despedida.

— Cuide de si mesmo, ok?

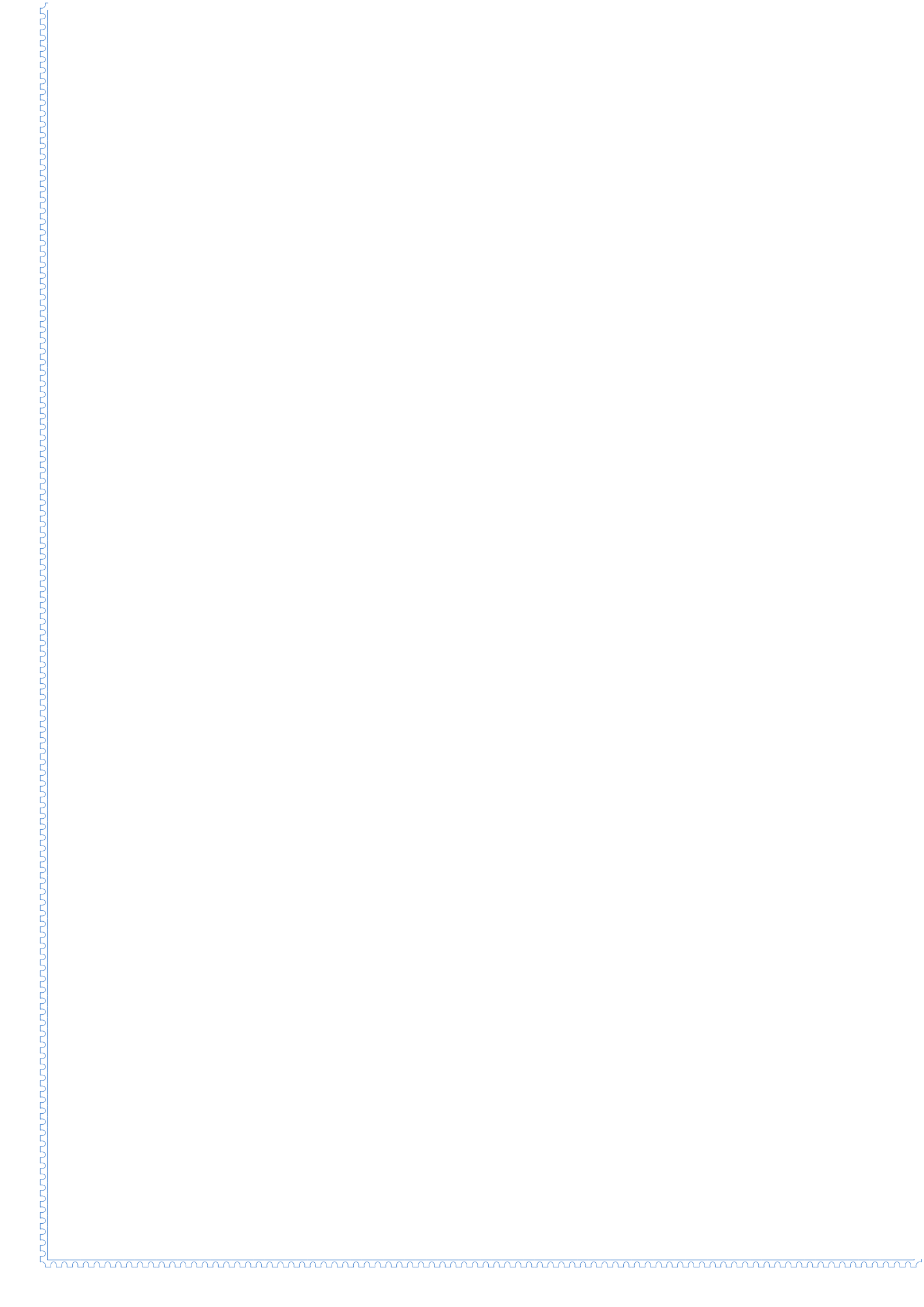
Ele se afastou e beijou minha testa.

— Você também, Ash... Ash — Virando-se para Daniel, Bentley apertou sua mão. — Daniel... Cuide de minha irmã, ok?

Daniel segurou a mão de Bentley por um segundo a mais e sorriu. Então enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu vou.

Ele faria.



Capítulo 37

ASHLYN

*Casa... O que significa isso?
São seus olhos olhando para mim.
Apenas respire.
~ Romeo's Quest*

— Mãe? — Eu disse quando virei a maçaneta da porta, entrando no apartamento. Era exatamente o mesmo. A sala ainda tinha a grande e feia pintura floral, ao redor das paredes cor de marfim. A televisão ainda estava no reality porcária. O sofá ainda era da mesma cor marrom mundano.

No entanto, tudo parecia diferente.

Daniel entrou atrás de mim, fechando a porta.

— Eu não acho que ela está aqui — Sussurrei, mas não sabia por quê. Era como se estivesse invadindo, e se fosse pega, o mundo deixaria de girar em torno de mim.

Olhei para o corredor em direção ao que costumava ser meu quarto e de Gabby. Cada fio de cabelo no meu corpo se levantou. Arrepios cobriu minha pele. Eu não sabia que me sentiria tão assustada ainda, tão zangada apenas por estar no apartamento, mas eu fazia. Queria gritar, mas minha garganta estava apertada. Queria chorar, mas as lágrimas não vinham.

Caminhando para o meu quarto, achei que a porta estava fechada. Meus dedos foram ao redor da maçaneta e empurrei aberta.

Assim como o resto do apartamento, tudo era o mesmo, mas de alguma forma diferente. Eu odiava isso.

Meu lado da cama ainda tinha alguns dos livros que eu tinha deixado para trás em cima da minha cômoda. O armário estava cheio com as minhas roupas e de Gabby.

Mudei-me para a minha cama, o que foi feito perfeitamente, e sentei na borda dela. Acariciando o local ao meu lado, eu convidei Daniel a sentar-se comigo.

— Tem seu cheiro — Ele notou. — Eu sei que soa estranho, mas tem.

Meus olhos se mudaram para o meu travesseiro e eu peguei, respirei-o. Ele recentemente tinha sido pulverizado com o meu perfume favorito.

— Eu vou dizer a ela o quanto ela causou problemas — Eu disse, olhando para o lado de Gabby no quarto. Seus pôsteres dos Beatles ainda estavam lá. Inclinando contra a cama estava o seu violão. Fotos dela e Bentley ainda estavam por toda a parede. Fotos dela e de mim... — Ela me abandonou quando eu mais precisava dela.

Olhei para Daniel, que estava me dando um olhar doloroso, mas ele não falou.

— Ela... Ela me disse para ir embora! — Levantei-me, sentindo meu sangue começar a ferver. Estar de volta aqui fazia as minhas emoções retornarem; estar de volta aqui estava me irritando. — Eu poderia tê-la ajudado! Poderia ter cuidado dela! — Gritei, andando para lá e para cá.

Ele ficou olhando. Eu estava quebrando.

— E então ela tem a coragem de pulverizar meu travesseiro! Como se sentisse minha falta? — Bufei, meu rosto esquentando. Bati minha mão contra o meu peito. — Gabby era minha irmã gêmea! Se alguém não estava bem, essa deveria ser eu!

Fiquei tão furiosa e nervosa. Furiosa, porque mamãe tinha se transformado em uma alcoólatra quando ela poderia ter cuidado de mim. E nervosa porque eu estava com medo de vê-la e quebrar.

Movendo-me sobre a cama de Gabby, comecei a rasgar seu edredom, jogando os travesseiros para o lado, jogando os lençóis no chão.

— Ela não está voltando para casa, mamãe! — Eu chorei no ar.

Em seguida, derrubei os cartazes de Gabby, no chão. Estendi a mão para as fotos e comecei a rasgar e jogar no chão também. Daniel passou os braços em volta de mim e me puxou da cama.

— Ashlyn, pare — Ele ordenou.

Eu não podia. Minha mente tinha sido tirada de mim pela tristeza, pelas memórias. *Como se atreve mamãe*, me mandar embora? *Como se atreve*, Henry cuidar de mim? *Como se atreve*, Gabrielle ter câncer? *Como se atreve*, Ryan se matar?

— Eu dei a Ryan um lugar para ficar. Nós deveríamos ter dormido fora e descobrir as coisas na parte da manhã. Rebecca se acalmaria. Ela deixaria que ele voltasse para casa. Hailey precisava dele... Que imbecil. Ele é um idiota por ter morrido!

Não era justo. Eles todos me deixaram quando eu teria feito qualquer coisa para ficar com eles. Eu teria dado a eles todo o amor que eles precisavam.

Por que não fui o suficiente?

Ele estava me segurando pela minha cintura, mas eu continuei chutando e gritando: — *Deixe-me ir!* — Ele segurou mais apertado. Comecei a chutar minhas pernas em volta, minhas unhas arranhando seus braços, tentando rasgar para que ele me soltasse. Meus uivos cresceram mais profundos e a dor só se intensificou. — *Deixe-me ir!*

— Não — Ele segurou e me colocou contra a parede para controlar meus chutes. Meu corpo aterrissou contra a parede fria e eu chorei. — Eu nunca vou deixar você ir, Ashlyn. Eu nunca vou deixar você ir.

— Você vai! Você vai me deixar ir.

Meu estômago revirou e eu senti que ia vomitar. Ele não estava tentando, mas ele estava mentindo para mim. Porque todo mundo sempre me deixava.

Minha visão começou a dissipar mais e eu me senti tonta.

— Você está tendo um ataque de pânico — Daniel sussurrou contra mim, como a minha respiração começou a aumentar. Minhas entranhas apertadas. — Acalme-se, docinho. Respire — Ele me virou para que eu ficasse de frente para ele. Eu puxei sua camisa, puxando-o para perto de mim.

Eu o perdi.

Completamente perdida.

Mas ele ainda estava lá.

Nós nos sentamos no sofá, de frente para a porta da frente. Quando ouvi as chaves tilintando, meu coração batia contra o meu peito. A porta se abriu lentamente e vi minha mãe andando com Jeremy atrás dela.

Levantei-me para os meus pés e ouviu mãe ofegar. Lágrimas construíram em seus olhos e seus ombros caíram.

Era para eu estar louca.

Eu deveria odiá-la.

Mas tudo que eu podia fazer era abraçá-la, puxá-la para mim, e chorar com ela. Eu não sabia o que pensar sobre o que ocorria entre nós.

E talvez amanhã, eu estaria louca de novo. E, talvez, quando voltasse para o Wisconsin, eu a odiaria mais uma vez. Mas agora? Na tarde de Natal?

Neste momento, nós éramos apenas duas pessoas feitas para estragar tudo, foder e aprender coisas novas. Fomos feitas perfeitamente imperfeitas.

Capítulo 38

ASHLYN

*A neve cai macia.
Eu amo-te lentamente.
~ Romeo's Quest*

Aqueles poucos dias em Chicago, não nos fizeram entender as coisas. Nós não trabalhamos em nossos problemas.

Nós lamentamos o primeiro Natal sem Gabby. Na véspera do Ano Novo, limpamos o quarto, também. Mamãe levantou a guitarra de Gabby e sorriu para Daniel.

— Você pode tê-la.

Ele franziu o cenho.

— Eu não posso.

— Por favor — Ela sussurrou, correndo os dedos sobre as cordas da guitarra. — Ela merece ser tocada.

Daniel olhou para mim e eu sorri, balançando a cabeça.

— Obrigado — Disse ele, pegando-a em suas mãos. Quando mãe e eu dobramos a última das roupas para enviar a Cruz Vermelha, Daniel tocou a guitarra de Gabby.

— Conhece alguma dos Beatles? — Eu perguntei. Mamãe olhou para ele e sorriu, esperando sua resposta.

Ele tocou *Let It Be*, cantando baixinho. Sua voz era mais suave do que eu

já tinha ouvido antes. Me deu os melhores tipos de arrepios. Fora da janela, a neve caía em uma velocidade lenta, caindo contra os galhos das árvores, caindo contra cada centímetro de Chicago.

E quando o relógio bateu meia-noite, todo mundo chorou.

— O que você acha? — Perguntei a Daniel quando chegamos de volta na estação de trem em Edgewood. — Acha que ela vai ser capaz de parar de beber?

— Eu não sei. Mas eu espero que ela faça.

— Eu também — Olhei em volta e sorri para Daniel. Ficamos em um canto escondido perto dos telefones públicos na estação de Amtrak. — Ela quer que eu volte a viver com ela... Para trabalhar em nosso relacionamento.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Eu sei.

Minha voz sussurrou com o próximo tópico. Mamãe me deu a carta da faculdade dos meus sonhos quando fui embora.

— Entrei na Universidade do Sul da Califórnia.

— Eu sei — Ele repetiu. — Claro que você entrou — Sua cabeça baixou para o chão. — Não importa o que, não importa o quanto tempo teremos... Por que eu sinto que vou perder você?

Eu sentia isso também. Mas eu não podia expressar isso.

— Ok, bem, Henry vai vem me pegar em breve. Eu te ligo mais tarde? Caso contrário, vou te ver na escola esta semana — Fiquei na ponta dos pés e o beijei nos lábios, tentando dar-lhe alívio a suas dúvidas. Ele levemente puxou meu

lábio inferior e eu suspirei contra sua boca. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Ao observá-lo caminhar em direção à porta, meu coração se apertou. Depois de nossos exames finais em algumas semanas, haveria um semestre inteiro novo, onde Daniel e eu teríamos que fingir não nos amar. Só que desta vez, eu não estaria em sua classe. A ideia de passar por isso de novo era dolorosa. Eu queria ser egoísta. Queria que ele largasse o emprego. Queria que ele fugisse comigo, mas eu sabia que não podia. Ele adorava ensinar. Amava a banda. Sua casa era aqui em Edgewood.

E o que dizer da faculdade? Eu tinha chegado a entrar na Universidade da Southern Califórnia. Minha faculdade dos sonhos. Isso seriam quatro anos longe de Daniel — mais quatro anos de separação.

Tínhamos estado um semestre com este muro entre nós e que quase tinha sido o meu fim. A verdade nua e crua estava caindo na minha cabeça enquanto eu estava fora do edifício. Eu tinha caído no amor com o cara certo na hora errada.

— Ei, Ashlyn.

Saltando para fora da minha pele, eu me virei com o som do meu nome.

— Jake, você me assustou. O que você está fazendo aqui?

— Acabei de voltar de meus avós... — Ele me deu um olhar estranho. — Você estava beijando o Sr. Daniels?

Minha boca secou e eu tossia.

— O quê?

— Você só estava beijando o Sr. Daniels — Ele disse isso como um fato, mas bateu nos meus ouvidos como uma pergunta.

Estudei-o intensamente quanto ele girou o corpo em direção à saída, apontando para Daniel, que estava do lado de fora esperando por um táxi. Eu

podia sentir o vômito subindo minha garganta.

Rindo nervosamente, puxei a alça da minha mala e comecei a enrolar longe dele. Minhas pernas sentiam-se como Jell-O. Minha mente virou um mingau.

— Eu tenho que ir com Henry... — Murmurei.

Nós erramos. Tínhamos ficado muito confortáveis. Tínhamos escorregado.

Passos estavam me seguindo, e fiz uma careta ao ouvir o som deles.

— Ashlyn! Escute, você é uma garota inteligente. Mas ficar com o seu professor do ensino... — A boca de Jake estava falando e falando.

Minha mão voou para seus lábios, fechando-os.

— Cala a boca, Jake! *Cale a boca!* — Eu ia chorar. Não, eu estava chorando, correção.

— Oh meu Deus, é verdade — Ele murmurou, dando um passo para trás.
— Ele é o cara! Ele é o único! Oh meu Deus, Ashlyn!

Ele estava andando para lá e para cá. Eu olhei em direção à saída e vi a caminhonete de Henry estacionar na frente da estação de trem. Meus dedos correram em meus olhos, e eu tentei o meu melhor para puxar o meu pânico juntos. Todo o meu corpo tremia, minhas mãos tremendo.

— Não diga nada... — Sussurrei.

Jake me deu um olhar severo de descrença.

Eu fui embora, sem olhar para trás nenhuma vez. Mas eu podia sentir seus olhos ainda me encarando. Julgando-me. Perdendo o respeito por quem ele pensou que poderia algum dia amar.

Capítulo 39

ASHLYN

*Eu não tenho medo de te perder.
Eu tenho mais medo de me perder.
Não me faça escolher. Porque eu vou escolher você.
~ Romeo's Quest*

A primeira aula de química era algo que eu temia, no primeiro dia de volta à escola. Eu não queria ficar cara a cara com Jake. Não queria que ele olhasse para mim com a decepção brilhando em seus olhos.

Quando entrei na sala de aula, ouvi todo mundo cochichando. Eu não tinha certeza se era porque Ryan estava morto ou porque eu parecia com a morte, mas havia sussurros. Jake estava sentado na nossa mesa de laboratório, e quando ele me viu, dei-lhe um pequeno sorriso.

Seus lábios se curvaram um pouco.

Só um pequeno, minúsculo, mas foi o suficiente para mim agora.

— Oi — Eu disse, tomando meu lugar.

— Ei, *Ashlyn* — Ele riu, enfatizando o meu nome. — Entrei em pânico... Quando eu vi — Limpou a garganta e se moveu para mais perto de mim —, o que eu vi. Eu entendo completamente embora.

Meu coração batia forte de forma agressiva.

— Você sabe?

— É claro, Ash. Você perdeu sua irmã. Então perdeu Ryan. Você era um alvo fácil para o idiota.

— Ele não é um idiota! — Eu chorei, vendo que Jake definitivamente não entendia.

Ele pegou minha mão e segurou-se a ele. Eu queria arrancá-la de suas garras, mas não o fiz. Jake não sabia a história de Daniel e minha. Eu não podia esperar que ele entendesse.

— Eu vou fazer ele se arrepender por ter usando você, embora — Sussurrou com raiva em seu tom. — Ele vai se arrepender de te machucar.

— Jake! Não, por favor. Você não entende.

Ele não respondeu. Sua mente já estava feita.

E eu vi isso acontecendo. Minha vida estava mais uma vez caindo aos pedaços.

Ela nunca teve uma chance para voltar a se juntar.

Andei pelos corredores após a química, sentindo como se meu coração estava descansando embaixo do meu sapato. Desejei ter capa de invisibilidade de Harry Potter, o que me faria desaparecer de lá. Hailey não conseguiu voltar para a escola, no entanto, e eu entendi completamente.

Os olhares de pura tristeza direcionados para mim de maneira tão intensa, que fez os meus lacrimejar de vez em quando. Quando cheguei ao meu armário, olhei para baixo e vi Daniel de pé em sua porta, olhando diretamente para mim. Seus olhos frios tinham uma quantidade perversa de culpa e mágoa, e eu tentei o meu melhor para abrir um sorriso. Ele deve ter ouvido as multidões sussurrando também. Ele avançou em direção a mim e eu balancei a cabeça para trás e para frente.

A única pessoa que poderia me confortar não era permitido. A única pessoa que eu queria correr os dedos pelo meu cabelo e me segurar no seu peito tinha que ficar a uma distância.

— Eu não me importo — Ele murmurou, e meu coração estava quebrando

em milhões de pedaços inúteis.

Encolhi os ombros e as lágrimas começaram a derramar dos meus olhos.

— Eu faço — Murmurei de volta para ele antes de abaixar minha cabeça. Eu chorei em meu armário e engasguei com o ar, com as memórias esmagadoras da morte brotando em minha alma.

Por que Gabby e Ryan estavam mortos? E por que diabos eu mereço estar viva?

Engasguei com minhas lágrimas quando uma realidade apareceu. Eu arruinei vidas. Eu estava certa de que eu fiz. Eu tinha arruinado a vida de Gabby. Tinha arruinado Ryan. Tinha arruinado Henry e mamãe. E estava no caminho de arruinar Daniel também.

Antes que eu percebesse, dois braços estavam ao meu redor e me puxando para mais perto de seu corpo. Olhei para cima e vi Daniel ainda de pé na porta da sala de aula, as lágrimas lutando para escapar de seus olhos, mas eu estava grata por sua escolha em se manter a distância. Henry silenciou minhas lágrimas quando senti as suas próprias escorrendo no meu rosto.

— Está tudo bem, Ash. Você está bem. Nós estamos bem.

Eu puxei a camisa dele, puxando-o para mais perto.

— Papai... — Eu sussurrei, incapaz de fazer qualquer outra palavra deixar minha boca. O poder inegável de dor foi devastador. Saber que poderia ferir corações, mas eu nunca soube que poderia sangrar até os reinos do nada.

Henry me agarrou. Os alunos passaram e sussurraram, e alguns até ficaram olhando. Mas eu liberei a respiração que estava segurando nos últimos meses.

E inalei o ar que iluminou minha mente.

E exalei o ar que preenchia minha alma.

Inspire, expire. Eu estava desesperadamente precisando realizar essa tarefa um e outra vez.

Apenas. Respire. Ashlyn.

Eu estava sozinha na mesa do almoço. Nem sequer peguei uma bandeja com comida. Só fiquei sozinha. Quebrada.

Avery olhou para mim em um momento como se estivesse indo se juntar a mim, mas, em seguida, desviou o olhar, de volta para a sua mesa de futebol. Eu me perguntei por quanto tempo ele iria manter sua sexualidade em segredo. Me perguntei se ele tinha tentado se convencer de que ele estava certo, apenas para que não acabasse sendo mais uma estatística.

Eu esperava que ele fosse ficar bem.

Jake estava na fila pegando seu alimento. Acenou com a cabeça em minha direção como se estivesse indo para vir sentar comigo, mas eu não queria estar perto dele. Pulei para cima da mesa e sai correndo. Passei por Avery. Passei por Jake.

Mas eu não queria passar por Ryan.

Porque você não pode passar por mortos.

Meus olhos caíram para Daniel, dando-lhe algumas piscadas que eu queria que ele me seguisse.

Entrei em uma área fechada, e lá eu estava em um espaço escuro, esperando. Para alguns, eu provavelmente parecia patética por estar encostada a uma parede ao lado de um balde sujo e um esfregão, mas eu não me importei. Ele viria; eu sabia que ele faria. Se Daniel Daniels me amasse do jeito que eu sabia

que ele fazia, ele iria aparecer.

Assim, gostaria de acreditar. Mesmo que isso significasse esperar até que o sol caísse e levantasse e o mundo caísse em um abismo, eu iria esperar pacientemente. Sabendo que, não importa o quê, ele faria tudo em seu poder para está comigo.

Ouvi seus passos, e quando olhei para cima, vi o seu rosto.

— Desculpe o atraso.

Os soluços foram voltando, e quando senti suas mãos envolverem em torno de minhas costas, eu pressionei contra ele, com os nossos corpos juntos.

— Estou triste — Eu disse sem fôlego.

Ele apoiou o queixo em cima da minha cabeça, me acalmando com suas carícias amorosas.

— Estou triste, também. Então, ao invés de ficar triste sozinho, podemos ficar tristes juntos por um tempo — Seus lábios conectados com a minha testa, e eu sabia que não havia mais ninguém no mundo que eu queria segurar. Ninguém mais no mundo que eu queria ter ao meu lado.

Mas não gostaria de machucá-lo. Eu sempre machucava as pessoas, porque eu nunca levei um tempo para me curar.

Então eu tive que deixá-lo.

Mas parecia tão difícil afastar-me.

— Eu nunca estive apaixonada antes — Sussurrei, colocando a minha cabeça contra seu peito.

Seus dedos percorreram o meu cabelo e correram pela minha bochecha, encontrando meus lábios.

— Eu pensei que estive apaixonado antes, mas estava errado — Disse ele, circulando a minha boca com a ponta do polegar. Meu ar quente roçou seu dedo

enquanto ele continuava o movimento simples, que foi me deixando louca. — Antes de você, eu nunca amei verdadeiramente. Nunca acreditei na eternidade até que te encontrei, docinho. Ashlyn Jennings, você é minha para sempre, sempre.

— Não — Sussurrei, a ponto de chorar. — Daniel, alguém sabe.

Seus olhos observaram os meus e eu senti sua preocupação com relação a mim. Ou talvez fosse a minha própria preocupação. Às vezes, nossos sentimentos estavam em tal sincronismo, que era difícil distingui-los.

— Como?

— Na estação de trem, ontem. Ele nos viu.

Sua mão acariciou seu rosto e ele acenou com a cabeça, absorvendo a informação.

— Tudo bem.

Isso foi tudo o que ele disse. Apertei os olhos.

— Daniel, ele quer falar! Quer te colocar em problemas!

Seus ombros caíram e seus olhos azuis doces bloqueados com os meus.

— Estive pensando em desistir, Ashlyn. Eu posso apenas trabalhar com a minha música para ganhar a vida. Meus pais tinham um pouco de dinheiro, também. Vou vender a sua casa. Eu posso encontrar outro emprego ou algo assim. Dessa forma eu posso te dar tudo que você precisa. Nós podemos fazer este trabalho. Eu posso te segurar quando você precisar. Eu posso te beijar e não me preocupar com quem está assistindo. Eu vou para a Califórnia para estar com você.

— Daniel — Eu disse, nervosa. — Você não pode vender a casa... É sua casa. E você ama ensinar.

— Não, *eu te amo*. Você é tudo o que importa.

Ele estava indo desistir de tudo que ele tinha trabalhado, tudo o que tinha realizado, para me escolher. Foi quando eu soube o que eu tinha que fazer.

Minha voz falhou: — Eu estou arruinando a sua vida.

Sentia as paredes como se estivessem se fechando dentro mim, senti correntes passando em torno do meu coração, como se eu lentamente estivesse retirando Daniel dentro de mim.

— Não... — Sua voz sufocada. Senti seu nervosismo. Ele sabia onde isso ia parar.

— Minha mãe está ficando melhor. Mas ela está sozinha lá. Eu tenho que voltar, ir para casa.

Seus dedos ao redor de meu e colocaram nossas mãos no meu peito.

— Esta é a sua casa, Ashlyn. Estamos em casa.

— Eu sinto muito.

— Eu não... — Sua voz tremeu. — Eu não entendo. Sei que as coisas estão uma bagunça, mas... — As lágrimas queimavam em seu rosto e ele se afastou.

— Não sei quem sou agora, Daniel — Minha voz estava trêmula, quebrada. — Eu fui de ter uma irmã gêmea, para ter você, e nunca houve um tempo para que eu aprendesse o que significa estar sozinha. E eu preciso tentar. Preciso tentar ficar sozinha por algum tempo para provar a mim mesma, que eu posso estar por minha conta.

— Eu entendo, de verdade... Mas... — Ele enxugou os olhos e se afastou de mim. Suas mãos pousaram em sua cintura, e eu assisti as inspirações profundas e exalações pesadas, que ele estava tomando ar. — Como posso resolver isso? Como posso fazer você ficar? — Ele olhou de volta para mim. — Vou dar o meu mundo para você, Ash. Vou desistir de tudo.

— Daniel... E se eu desistisse de ir para Califórnia para Faculdade? — Eu sussurrei.

Ele recusou, dizendo-me que a Califórnia era tudo que eu sempre quis, que era o meu sonho. Fui até ele e escovei meus dedos contra suas bochechas. Minhas mãos em volta do seu pescoço e puxei sua boca com a minha, beijando-o com força, sentindo as lágrimas bater meus lábios.

— Eu sei — Engoli em seco. — Não me peça para ser a razão de você desistir de tudo.

— Como é que eu vou continuar? Sem ver você todos os dias? Sem você?

Minhas mãos pousaram em seu peito.

— Comece devagar — Eu disse. — Talvez não estivéssemos destinados a ficar um com o outro através da escuridão.

— Eu não acredito nisso — Argumentou.

Eu fiz uma careta.

— Foi Jake Kenn. Você vai ter que falar com ele. Eu não posso ser a razão de você perder tudo que trabalhou tão duro para conseguir.

Ele riu nervosamente.

— Eu perdi coisa pior.

Meus passos longe de Daniel foram os passos mais dolorosos que eu já dei. As paredes estavam sussurrando para mim, zombando de mim com as verdades de Daniel e do meu destino. Houve tantas vezes que eu quis voltar com ele e ter de volta as minhas palavras. Mas eu sabia que tinha tomado a decisão certa.

Porque se fosse a decisão errada, meu coração não iria doer tanto.

Capítulo 40

ASHLYN

*Não diga adeus.
~ Romeo's Quest*

Caminhando de volta para o refeitório, engasguei quando vi Hailey sentado com Jake na nossa mesa conversando. Corri e abracei Hailey firmemente.

— Achei que você não ia voltar esta semana!

Ela sorriu.

— Tinha que voltar algum dia.

Daniel voltou para a lanchonete e foi até a nossa mesa.

— Jake, eu posso falar com você por um minuto na minha sala?

Jake estreitou seus olhos sobre o Sr. Daniels e bufou: — Não, obrigado.

Eu me encolhi com a reação dele e fui até Jake. Coloquei minha boca perto de sua orelha e suspirei: — Por favor, Jake? Por mim?

Ele franziu a testa e balançou a cabeça para trás e para frente. Não disse uma palavra. Apenas se levantou e seguiu Daniel para fora da sala.

Hailey e eu a sentamos à mesa.

— Lembre-se, no início do ano, quando eu disse que nunca tinha visto duas pessoas se amar tão baixinho? Sobre Ryan e Avery — Perguntou Hailey. Eu balancei a cabeça. Seus olhos se moviam em direção a Daniel, que estava indo embora. — Eu estou corrigindo.

Inclinei-me para ela.

— Jake disse? — Ela assentiu com a cabeça. Comecei a explicar a situação completa, mas ela me cortou.

— Você não tem que explicar nada para mim, Ashlyn — Seus olhos lacrimejando mais e ela deu de ombros. — Amigos ficam juntos, não importa o quê. E eu disse para Jake fechar a boca grande e manter para si mesmo.

Eu fiz uma careta.

— Sim, bem, eu acho que ele não tem planos de fazer isso.

— Se ele se importa com você, como o Sr. Daniels se importa, então ele vai calar a boca.

Parecia uma eternidade desde que Daniel e Jake tinham deixado o refeitório. E eles não retornam antes do período do almoço ter acabado. Corri em direção à sala de aula de Daniel, meu coração batendo no meu peito, o medo quase me comendo. Sua porta estava fechada, então esperei em frente a ela, enquanto os estudantes passavam por mim, seguido em frente com suas vidas. Mas ainda fiquei.

A porta se abriu e Jake saiu primeiro. Eu soluçava quando o vi e corri para o seu lado. Ele parecia confuso e andou em um ritmo lento.

— Jake? Fale comigo, por favor. O que aconteceu?

Ele olhou para mim, com os olhos pesados de emoção, e ele deu de ombros.

— Eu acho que simplesmente me apaixonei pelo Sr. Daniels.

Eu ri quando ouvi.

— Sim, ele tem um jeito de acabar com você.

Suas sobrancelhas caíram.

— Você está realmente indo embora? Voltando para Chicago?

Eu balancei a cabeça.

— Olha, não foi por que eu falei que iria fazê-lo pagar, foi? Porque eu não sabia... — Ele fez uma pausa. — Eu não sabia que outro ser humano poderia se preocupar com alguém, tanto quanto ele se preocupa com você.

— Não é por sua causa, Jake. É apenas a vida. A vida está acontecendo, e eu estou me permitindo acontecer junto com ele.

— Eu vou cuidar dela — Ele prometeu. — Hailey. Eu vou sentar com ela todos os dias. Ela não vai almoçar sozinha.

— Obrigada, Jake — Eu beijei sua bochecha.

— Você é bem-vinda, *Ashlyn* — Ele colocou a pressão sobre o meu nome. E eu beijei seu rosto novamente.

Capítulo 41

DANIEL

*Queimamos juntos.
Queimamos para nos divertir.
Nos queimamos na frente de todos.
Éramos as estrelas.
~ Romeo's Quest*

Era à noite antes dela voltar para Chicago. Depois da escola amanhã, Ashlyn estaria em um trem saindo da cidade. Eu estava perto do cais com a guitarra de Gabby, olhando para a água congelada, minhas mãos dentro dos meus jeans. Randy tinha saído para me verificar algumas vezes, mas eu lhe disse que iria dar tudo certo. Eu tinha que dizer. Ela odiaria se não desse, mas tudo bem.

A escuridão do inverno morava em tudo. Eu podia vê-la em cada respiração que eu tomei. A música e o mistério do lago foram silenciados por gelo. Mas a música em sua voz delicada cantava para mim.

— Oi — Ashlyn sussurrou, andando atrás de mim. Henry a tinha deixado pegar emprestado seu carro para dizer adeus a algumas pessoas. Ela disse que estava apenas usando-o para vir me ver. Suas pálpebras estavam escondidas. Ela não tinha pregado o olho à noite passado também.

— Oi — Eu sorri, virando. Ela tinha uma caixa nas mãos. Meus olhos se voltaram para a pequena fogueira que eu tinha começado a pedido dela. Eu ri: — Cara, você está horrível. *É uma porra feia.*

Ela sorriu largamente.

— Você como namorado está fazendo a coisa certa.

— Isso é uma merda — Eu suspirei, esfregando a parte de trás do meu pescoço.

— Eu sei... — Nós caminhamos para o fogo e ela abriu a caixa. — Você está pronto?

Eu não estava. Mas eu peguei meu violão e comecei a tocar e cantar baixo.

‘Que os ventos sejam nossos amigos, nos flutuando para casa. Amanhã pode ser a beleza que cada alma vai.’

— Caixa de cigarro falsa de Ryan — Disse ela, segurando-o para cima. Ela jogou nas chamas e vimos a fumaça enviar para o ar.

‘Que a viagem valha a pena o final, a morte. Pode as doces lembranças de nós nunca ser colocada para descansar...’

Quando ela levantou as cartas de Gabby, eu me encolhi.

— Ashlyn, você tem certeza?

Uma lágrima rolou pelo seu rosto e ela balançou a cabeça, colocando-as no fogo.

‘As linhas finas entre aqui e chamas além. A explosão inflama o ar. Inspire, expire. Anjos, ouça com atenção agora.’

Terminei dedilhando na guitarra de Gabby e ficamos ali, observando o movimento do fumo através dos calmantes, ventos frios. Ashlyn enfiou mão na caixa e retirou dois pedaços de papel e duas canetas.

— E agora? — Perguntei, movendo-me para ela. Ela me entregou um pedaço de papel e caneta.

— Em cinco anos, onde você se vê? — Ela olhou para o pedaço de papel em

branco. — Escreva. E depois que eu for para a faculdade, depois que você começar a reconstruir este lugar... Vamos trocar nossas notas. Exatamente onde começamos.

— Você é tão dramática — Eu ri e franzi a testa ao mesmo tempo. Mas eu escrevi e deslizando no meu bolso. Ela fez o mesmo.

— É melhor eu ir andando. Mas eu vou te ver na escola amanhã?

— Sim. Vejo você amanhã.

Ela ainda estava de pé, olhando para mim. A força da minha alma me levou até ela e eu envolvi em meus braços. Olhei para o céu em tons rosados, que foi ficando longe agora, e tentei o meu melhor para não deixá-la ir.

— Entendo por que você está saindo. Entendo você querer encontrar-se, você merece isso. Não há ninguém neste mundo que merece encontrar-se mais do que você. Mas se estiver tudo bem para você, eu gostaria de dizer tudo que está gritando na minha cabeça pelos próximos quarenta e cinco segundos. E quando eu terminar, eu quero que você se afaste de mim, e caminhe em direção a seu carro.

— Daniel... — Ela hesitou.

— Por favor? Por favor, Ashlyn — Seu olhar encontrou o chão e quando olhou para trás, para mim, ela balançou a cabeça. Eu dei um passo mais perto.

Meus lábios se encontraram à beira de sua orelha esquerda e eu sussurrei: — Eu pensei ter feito você. Eu pensei que estava vivendo em um mundo de trevas e imaginei que você existia. Que de alguma forma minha mente criou você, colocando-a no trem meses atrás. Mas então eu percebi que nunca poderia sonhar com algo tão bonito. Você é a razão pela qual as pessoas acreditam no amanhã. Você é a voz que assusta as sombras à distância. Você é o amor que me faz respirar. Assim, para os próximos segundos, eu vou ser egoísta. Vou dizer coisas que eu não quero que você ouça — Minhas mãos corriam para cima e para baixo em suas costas enquanto eu a puxei para mais perto, sentindo o nervosismo ao

longo dela. Eu beijei a ponta de sua orelha. — Não vá. Fique comigo para sempre. Por favor, Ashlyn. Deixe-me ser seu tudo. Faça-me o seu ouro. *Não.Vá.*

Eu me afastei dela, e me senti culpado por suas lágrimas. Ela me deu um sorriso e acenou com a cabeça. Seus passos em direção ao carro eram lentos, e ela se virou para me encarar.

— Você vai ficar aqui? Enquanto eu me encontro?

— Promessa, prometo.

Eu entrei no prédio da escola para ver Ashlyn rindo em seu armário com Jake e Hailey. Passando por ela, eu vi fotos de melancias cobrindo de cima a baixo. Eu ri junto com ela enquanto eu observava Jake e Hailey zombando dela com as fotos que tinham claramente colocado lá.

Os olhos verdes de Ashlyn se conectaram com os meus e eu senti meu coração bater mais forte. Ela sorriu e franziu a testa tudo dentro de dois segundos antes que eu desviasse o olhar.

— Esse foi o olhar mais romântico que eu já vi na minha vida — Hailey murmurou para Ashlyn. Eu continuei andando.

— Sem mentira — Jake murmurou—, eu acho que tenho um tesão só de ver vocês dois.

Eu ri, mas eu não olhei. Porque eu sabia que se olhasse para trás, eu não seria capaz de deixar isso acontecer. Iria segurá-la contra mim e sussurrar: — Por favor, não vá.

— Dan — Henry se aproximou de mim, com uma expressão sombria no rosto. — Posso vê-lo em meu escritório será rápido?

Ele estava sofrendo sabendo que Ashlyn estava voltando para Chicago. Estava sangrando pelos seus olhos. Eu entendia o sentimento.

Nós entramos em seu escritório e ele fechou a porta atrás de mim. Antes que eu pudesse sentar a mesa, senti um punho duro conectar com meu olho.

— Puta merda, Henry! Que diabos foi isso?

— Bastardo de merda! Você usou minha filha! — Ele balançou de novo, me batendo no meu estomago. Eu gemia de dor quando a respiração foi tirada fora de mim. Inclinei-me, tentando lutar contra a dor. — Ela é minha filha!

Outro soco no estômago.

— Minha ex-mulher me ligou, certificando-se que tudo estava no lugar. Certificando-se se Ashlyn estava indo bem. Mas ela estava tão preocupada — Ele balançou de novo, mas desta vez eu bloqueei. — Ela estava tão preocupada com Ashlyn ter que deixar seu namorado. E eu pensei comigo mesmo: *‘Que namorado? Ashlyn não tem a porra de um namorado.’*

— Henry, deixe-me explicar...

Ele não o fez.

— E, em seguida, Kim lembrou seu nome. Ela me diz o nome de sua banda. Adivinha o que?

A porta do escritório abriu comigo no chão e vi o rosto de Ashlyn. Sua boca estava aberta e ela entrou rapidamente, fechando a porta atrás dela. Seus olhos foram para seu pai e ela ficou na minha frente quando eu me levantei.

— Henry, olhe para mim — Disse ela, colocando as mãos no ar.

— Ashlyn, ele usou você! — Henry gritou, jogando os braços no ar.

Eu limpei o pouco de sangue escorrendo de minha boca.

— Não. Não, ele não fez.

— Você está confusa. Passou por tanta coisa — Henry suspirou, passando as mãos pelos cabelos.

— Pai, olha para mim — Ela sussurrou, levando suas mãos com a dela. — Ele me salvou. Se você já me amou, vai me deixa explicar. Você vai me ouvir, e *não* vai colocar Daniel em nenhum problema.

Ele ficou parado, pensando nas palavras de sua filha. Então ele se virou para mim.

— Eu nunca mais quero ver você perto dela novamente.

— Henry... — Eu comecei.

Ashlyn me cortou.

— Eu vou embora! Vou embora, eu juro. É o fim.

Essas palavras me cortaram, e eu limpei minha mão em minha testa, concordando com Ashlyn.

— É o fim.

Capítulo 42

ASHLYN

*Não há tal coisa como uma segunda chance,
Somente primeiras chances que nunca terminam.
~ Romeo's Quest*

Ela tinha ido embora. Eu não sabia o que pensar. Não sabia o que sentir.

Randy sentou comigo na mesa da cozinha e tomou um gole de cerveja. Ele não sabia o que dizer para me fazer sentir melhor, e não tentou me fazer sentir melhor.

— Sinto muito, cara — Abaixou a cabeça e balançou para frente e para trás.

— Sim. Eu também.

A porta dos fundos da casa se abriu e Jace entrou, seus olhos estavam vermelhos de lágrimas quando enfiou as mãos nos bolso jeans. Houve um claro sinal de que ele tinha recebido um olho negro de alguém, e meu intestino torcido de olhar para ele. Seu lábio estava cortado, e ele parecia muito bem, como tinha estado quando eu o vi no dia que a mãe morreu.

— Pedi a Red para me deixar sair — Seu corpo tremia de nervosismo e ele riu, encolhendo os ombros. — Eles nunca iam me dizer quem matou a mãe, por que foram eles...

Minha cabeça caiu e eu estudei minhas mãos, que estavam descansando contra a mesa.

— Não. Não foram eles — Escutei seus soluços e empurrei-me para cima do meu assento.

Saindo da sala, voltei com um pano. Preenchê-lo com gelo, coloquei contra seu olho escurecido. Ele se encolheu quando fez contato com sua pele, mas não reclamou. Eu não queria repreendê-lo mais. Não queria dizer o quanto suas escolhas afetaram sua vida e as vidas dos outros. Eu só queria que meu irmão de volta. Eu tinha assistido a muitas pessoas perderem seus irmãos, e estava cansado de lutar. Passando os braços em volta do meu irmão, eu o puxei para um abraço e ele chorou no meu ombro.

— Eu sinto tanta falta deles, Danny — Seu coração estava quebrando e ele finalmente se permitiu sentir tristeza pela morte de nossos pais ao invés de querer vingança. — Eu não sei o que fazer agora. Eu não sei o que fazer...

Não tenho uma resposta para ele. Eu mal sabia o que estava fazendo com a minha vida. Puxei uma cadeira da mesa e Jace se sentou-me ao lado de Randy. A sala cheia de silêncio, enquanto nós três ainda permanecemos por mais tempo.

— Bem, — Randy sorriu, movendo-se até a geladeira e tirando três cervejas —, nós temos um show do Romeo's Quest.

Os olhos de Jace se arregalaram e ele balançou a cabeça em descrença.

— Você vai me querer de volta? Depois de tudo que eu fiz? Especialmente com Ashlyn...

Eu vacilei quando o ouvi dizer o nome dela.

— Jace... Apenas estou dizendo, que tudo bem — Eu disse.

Seus olhos azuis sorriram quando olhou para cima para encontrar o meu olhar.

— Tudo bem.

Capítulo 43

ASHLYN

*Isso não é algo que eu quero que desapareça.
Prometo não haverá luz do sol após a chuva.
~ Romeo's Quest*

Depois que saí de Edgewood, fui para casa e terminei o meu último ano na minha antiga escola. Meus velhos amigos tentaram se conectar comigo, mas eu não era a garota que tinha conhecido uma vez. Mamãe ainda lutava todos os dias para lidar com a morte de Gabby, mas me prometeu que estava fazendo o melhor por eu estar em casa.

Ela ria muito mais, também.

Toda noite eu estava sentada no sofá com ela, ela assistia à televisão, enquanto eu lia. Nossa rotina funcionava para nós até o dia em que fui para a faculdade para me encontrar. Para começar de novo. Fiz novos amigos. Eu estava confortável na minha própria companhia, que era algo que eu nunca tinha estado em toda a minha vida. Eu tinha ido de ser uma irmã gêmea, e sempre ter alguém perto de mim, para estar em um relacionamento com Daniel.

Eu não me arrependo dessas coisas, por que foram elas que me fizeram ser quem eu era hoje. Eles fizeram-me mais forte.

Minha imaginação costumava fingir que estávamos juntos depois que nos separamos. Eu ia deitar na minha cama e sonhar com seus lábios beijando os meus, seus braços envolvendo-me e ele me apertando contra seu corpo e me aquecendo, o seu amor dando vida a todo o meu ser. Eu o imagino me fazendo uma xícara de chá enquanto eu fazia seus ovos da sua forma favorita e seu café escuro. Então, nós podíamos fazer amor antes que o sol despertasse totalmente e

sorrisse, porque nós sabíamos que nossos corpos foram criados um para o outro.

Nossos corações sempre bateram um para o outro. Nossas almas foram destinadas para queimar juntos em uma chama mistificadora que iluminou o universo de esperança e paixão.

A maioria das pessoas não entendeu. Meus amigos me incentivaram a seguir em frente, para encontrar alguém. No entanto, como eu poderia permitir que alguém pudesse me dar tudo, sabendo que eu não poderia devolver o mesmo? Não seria justo.

Eu sabia que nunca iria me apaixonar novamente. Não estava no meu destino. Eu supunha que quando você se apaixona pela primeira vez, nunca para de estar apaixonado.

Qualquer pessoa neste planeta teria sorte se tivessem a chance de amar o Sr. Daniels.

No entanto, eu era a mais sortuda. Porque por um momento ele me amou de volta.

Escrevi todos os dias, sempre que não estava fazendo lição de casa. Criei uma história que eu nem sabia que vivia dentro de mim. Não havia uma palavra escrita que não tinha sido acompanhada por sua forma de tocar em seu CD, em meus ouvidos. Era como se ele estivesse ali comigo, me aplaudindo.

Até o final do meu segundo ano, eu finalmente escrevi as palavras na última página. *FIM*.

Eu tinha feito isso. Eu era oficialmente uma autora.

Depois que terminei meu primeiro romance que eu auto-publiquei. Vendi uma extraordinária quantia de sete cópias.

Duas dos quais eu mesmo comprei.

E então voltei para Edgewood.

Dois anos mais cedo.

Eu não poderia lutar mais; eu tinha que ver se ele ainda estava pensando em mim.

Porque eu nunca tinha parado por um segundo de pensar nele.

Eu estava na frente do prédio da escola por muito tempo, olhando direto para sua sala de aula. Ele estava sorrindo para seus alunos, sentado no canto da mesa, provavelmente pedindo-lhes para interagir com ele. Suas mãos estavam acenando em torno da sala de aula, e ele levantou-se da mesa quando começou a escrever no quadro branco. Ele cortou o cabelo e tinha barba. Ele parecia tão... Crescido.

Minhas bochechas aquecidas, assim como estiveram na primeira vez que meus olhos o tinham visto. Ele riu de algo que um estudante tinha dito, enquanto ele estava escrevendo no quadro e sacudiu a cabeça para trás e para frente. Quando a campainha tocou, eu observava os alunos arrumarem suas mochilas e começarem a sair da sala de aula. A brisa da primavera chegou, e eu segurei meus braços apertados em todo meu corpo. Quando dei um passo para trás, vi o corpo de Daniel na janela, e quando ele olhou para cima, nossos olhos se encontraram. Tudo dentro de mim congelou, e os meus lábios ficaram entreabertos.

Seus olhos escuros estavam confusos no início, mas depois ele levantou a mão para mim e murmurou: — Oi.

Meu coração estava quebrando na palavra simples e no pequeno gesto. Mordi o lábio inferior para não rasgar, e eu segurei minha mão para ele.

— Oi — Eu sussurrei.

Ele limpou a mão na boca e, em seguida, esfregou-a de volta seu pescoço. Eu dei um passo para frente, e ele também, até que estávamos cara a cara, só uma janela de vidro nos separando. Ele descansou a mão contra o vidro, e eu coloquei a minha contra ele. Meus olhos caíram para a ponta dos dedos, que estava quase descansando contra o meu, e eu sorri.

Quando olhei para ele, vi as lágrimas em seus olhos e ele sorriu de volta em minha direção.

— Chá? — Perguntou. Eu balancei a cabeça, com uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. Ele deslizou as mãos nos bolsos. — Não chore.

Dei de ombros. Eu não poderia ajudá-lo. Ele me disse para esperar por ele, e eu não pude deixar de rir, porque iria esperar por ele sempre.

Não demorou muito até que ele recolheu suas coisas e me encontrou do lado de fora do prédio da escola. Ficamos em frente um do outro por um longo tempo, apenas sorrindo como crianças. Eu fui abraçá-lo, e ele deve ter tido o mesmo pensamento porque pisamos no sapato um do outro. Um riso nervoso aconteceu e senti como se fôssemos mesmo adolescente e quando nos encontramos pela primeira vez na estação de trem.

Quando seus braços finalmente chegaram ao meu redor, eu respirei seus aromas, puxando com força em sua jaqueta. Ele não se atreveu a se afastar tão cedo.

—Você parece tão crescido — Sussurrei em seu ombro e ele riu, esfregando a mão nas minhas costas.

— Idem — Ele se afastou e olhou para mim. — Você tem franja.

— Seu rosto é mais barbudo — Eu ri.

— Sim — Ele franziu a testa, esfregando o queixo. — Eu preciso fazer a barba.

— Não faça. Eu amo isso — Mudando de assunto, corri meu dedo sobre o

nariz vermelho. — Eu parei no seu lugar na noite passada, mas...

— Eu me mudei — Ele fez um gesto para começarmos a andar pela calçada e eu segui seu exemplo. — Passei algum tempo para consertá-la com Jace, e então eu vendi.

— Mas foi...

— O sonho dos meus pais. Não o meu. Eu tenho um novo lugar não muito longe daqui. Um apartamento de garotão... — Brincou.

Ficamos em silêncio, mas não era desconfortável em tudo.

— Como está Jace?

Ele sorriu.

— Limpo. Pela primeira vez em tempos. Ele vai ficar com o Randy. E está de volta na banda.

— Bom para ele. Bom para os dois — Daniel apenas sorriu. — Você vai ter que me mostrar o apartamento deste garotão, um dia.

— Eu tenho chá lá, agora. Quero dizer, se você quiser vê-lo — Ele ofereceu.

É claro que eu concordei. Caminhamos para o apartamento dele e conversamos sobre tudo e qualquer coisa. Sabe aquelas pessoas que você poderia passar anos sem ver e quando finalmente fica junto parecia que tinha passado pouco tempo? Segure-se a essas pessoas.

Quando ele colocou a chave na fechadura, virou-se para dizer algo para mim, mas nada saiu de sua boca. Porque eu coloquei meus lábios contra os dele. Apressado e imposto, mas eu tinha que lembrar o seu gosto; eu tive que me lembrar dele contra mim.

Ele não hesitou em me beijar de volta. Sua mão em volta da minha parte inferior das costas, e eu suspirei contra ele, bêbada de Daniel.

Afastei-me e olhei em seus olhos azuis.

— Oh meu Deus, eu sinto muito — Corei quando eu recuei. — Eu nem sei se você está saindo com alguém! E aqui estou apenas colocando meus lábios contra o seu como se isso é algum tipo de...

Ele me calou com a sua boca, empurrando contra a minha novamente. Ele separou meus lábios com a língua e, lentamente, aprofundou nosso beijo.

Eu suspirei de novo, com os olhos fechados.

— Você não tem uma namorada, certo?

Ele riu.

— Não. E você tem namorado? — Senti seu corpo contra o meu e fiquei um pouco surpresa como quanto eu ainda me senti em casa. — Uh, Ashlyn? — Ele perguntou, me tirando da minha mente.

— Oh! Não. Nenhum namorado — Eu ligeiramente balancei para trás e para frente no meu lugar. — Mas você pode me dizer, você sabe. Se houvesse outra pessoa em sua vida. Eu não namoro, porque... Bem... Como eu poderia depois disto? Mas eu quero dizer, três anos é muito tempo para esperar e eu entendo perfeitamente se você encontrou, eu quero dizer...

Seus dedos pousaram nos meus lábios.

— Você está divagando.

Eu balancei a cabeça.

— Estou nervosa.

Ele deu um passo mais perto, nossos narizes juntos. Seus dedos penteado os meus cabelos e ele olhou nos meus olhos.

— Nunca houve outra mulher, Ashlyn. Nunca pode haver outra mulher — Amada. Amado. Coração. Coração. Eu vi seus olhos sorrirem. — Vamos para dentro.

Quando entrei no seu apartamento, eu sorri. O apartamento era muito a

cara de Daniel. Ele tinha instrumentos musicais em sua sala de estar e estantes repletas de livros e letras musicais.

Andei até a estante, colocando meus dedos contra ela, sentindo as capas dos livros. Tantas peças de Shakespeare. Tanta história.

— Eu tenho o chá verde e o chá ²⁹chai. E este estranho chá encaixotado que uma mãe dos meus alunos me deu no Natal do ano passado. — Qual posso fazer por você? — Perguntou ele, movendo-se para a cozinha.

Não houve palavra que me veio à mente. Porque entre *Hamlet* e *Muito Barulho por Nada* estava minha novela.

Encontrando Julieta.

Não apenas uma cópia, mas duas.

— Daniel — Eu sussurrei.

Ele olhou para cima e andou até mim.

— É brilhante — Disse ele, cruzando os braços sobre o corpo. — Quero dizer, o herói principal poderia ser um pouco de um idiota às vezes, mas tudo é perfeito. Eu adorei — Ele limpou a garganta e pegou ambas as cópias do mesmo. — Eu adorei tanto que comprei dois. Apenas no caso de algo acontecer com a primeira cópia.

Uma lágrima caiu pelo meu rosto e eu balancei a cabeça em compreensão.

— Um problema duplo?

Veio e beijou minhas lágrimas.

— Precisamos de uma dedicatória para eles — Ele foi até sua sala mesa de café e jogou tudo no chão. Agarrando o meu braço, me fez sentar no sofá. Eu ri quando colocou uma caneta na minha mão e foi até a mesa, como se fosse meu

²⁹ **Chai**- Bebida tradicional na Índia

maior fã.

Que ele poderia ter sido.

Ele colocou o primeiro livro em cima da mesa. Abri e engasguei.

— Daniel...

Dentro da capa do livro estava o anel de compromisso que Bentley tinha dado a Gabby. E o livro já tinha sido assinado. Ela leu as palavras: — Quer se casar comigo, Sra. Jennings? — Assinado pelo próprio Sr. Daniels.

As lágrimas caíram pelo meu rosto e eu sorri para ele. Ele me cutucou gentilmente.

— Você tem que escrever sua resposta e assinar o seu nome.

É claro que eu escrevi a palavra sim.

E então autografei com o que seria para o resto da minha vida.

Sra. Daniels.

Epílogo

DANIEL

*Nós amamos.
~ Romeo's Quest*

Ashlyn voltou para a escola, para terminar os últimos dois anos de seu diploma universitário. Fizemos o nosso trabalho para visitar um ao outro o mais rápido possível, e quando ela voltou para Edgewood, Wisconsin ela se mudou para o meu apartamento, minha “garotona”. Passamos o ano que veio caindo mais no amor, descobrindo mais fatos sobre o outro. Ela continuou a escrever, apenas cada vez mais forte em sua arte e decidiu que queria ter um mestrado, mas ela ficou muito mais perto de casa para esse programa.

CASA.

Isso é o que nós éramos... Estávamos em casa.

E hoje eu estava nervoso. Minhas mãos estavam suadas e apenas a gravata maldita não iria amarrar.

— Respire, Daniel... — Onde diabos foi o meu padrinho? Ele não era o único responsável pelas malditas gravatas que não amarravam? Claro que não. Jace não saberia como fazê-lo também.

Minhas mãos se esfregaram contra a parte de trás do meu pescoço antes de desistir e me mudar para os punhos da minha camisa.

— Como vai?

Eu olhei para cima para ver Henry em pé na porta, seu smoking totalmente juntos, a gravata perfeitamente trabalhada.

Houve uma ligeira hesitação, quando olhei para ele, meus dedos tremendo, em um estranho sentimento, mas não foi nervosismo!

Bem, talvez fosse nervosismo.

— Esta maldita gravata borboleta está me matando e Jace está longe de ser encontrado.

— Deixe-me — Disse ele, caminhando até mim. Ele começou a ajudar e eu suspirei. Agora eu estava extremamente nervoso. Henry sempre me fez sentir desse jeito. — Ela é algo mais, não é?

— Sim, ela é.

Suas mãos trabalharam como se ele tivesse sido um especialista em gravata borboleta em uma vida passada.

— Se você machucá-la, eu vou matá-lo e fazer com que pareça um acidente.

Eu ri alto até que olhei em seus olhos assustadores, em mim. Engolindo em seco, senti-o apertar a gravata borboleta.

— Henry — Tossi.

— Dan.

— Você está me sufocando.

Um sorriso malicioso encontrou seus lábios e ele afrouxou a gravata. Deu um passo para trás e acenou com a cabeça em minha direção, antes que ele estendesse um envelope para mim.

— Seja bom para ela, meu filho.

A palavra filho atingiu meus ouvidos e eu balancei a cabeça, pegando a carta dele. Ele se virou para ir embora e eu o chamei atrás dele. Quando olhou para trás, eu sorri.

— Obrigado por sua ajuda.

— Eu só amarrei uma gravata borboleta. Não é grande coisa.

Mas nós dois sabíamos que ele tinha feito muito mais do que isso.

Ele me deixou sozinho com o envelope e abri, encontrei duas cartas dentro. Eu retirei a primeira e começou a ler as palavras de Ashlyn.

Sr. Daniels,

A resposta para onde eu quero estar em cinco anos?

Simples. Com você.

PS. Eu salvei uma carta do fogo.

Sua sempre, sempre,

Ashlyn.

Eu nunca soube que era possível amar alguém tanto assim. Coloquei minha mão no envelope e tirei a segunda carta, e eu batia o punho contra os lábios, levando tudo dentro.

Para quem possa interessar,

Oi. Eu não tenho certeza se nós nos conhecemos, mas como hoje é o dia que você vai se casar com a minha irmã, eu pensei em dizer Olá. Como não posso ficar de pé na frente de todos para fazer meu discurso de honra, eu vou fazer para você.

Quando Ashlyn e eu tínhamos sete anos, ela encontrou uma aranha no

quarto, e, em vez de quebrar, ela queria levá-la para o lado de fora para que pudesse viver uma vida agradável de aranha. Ela mais tarde se arrastou com ela e a matou por engano. Ela chorou por três dias seguidos.

Quando tinha quinze anos, ela namorou um perdedor, e quando ele terminou com ela, ela chorou durante quatro dias seguidos.

Quando descobriu que eu estava doente, ela chorou mais dias do que eu poderia contar.

Ela tem o maior coração do mundo, e eu sei que você já viu todos os lados. É preciso um homem forte para amar a minha irmã.

E você é um homem forte. Então, aqui estão algumas dicas de sua gêmea verdadeira:

Leia Shakespeare quando ela chorar.

Passei na chuva e pule nas poças com ela.

Não se preocupe quando ela te chama de idiota durante 'essa época do mês', ela é uma cadela total nesses momentos.

Comprar flores para ela porque é terça-feira.

Faça-a fazer coisas que a assuste.

Não facilite uma tarefa, nós não gostamos disso.

Não seja um pau ou nós odiaremos isso.

Sorria para ela quando você estiver louco.

Dance com ela no meio do dia.

Beije-a apenas porque você quer.

Ame-a para sempre.

Obrigado por amar a minha melhor amiga, meu irmão. Mantenha a bem.

~Sua nova sis, Gabby

Eu olhei para as palavras por muito tempo, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. A porta do quarto se abriu e Jace espreitou a cabeça dentro. Minhas mãos passaram nos meus olhos e me virei para ele.

— Você está pronto, Danny? O fotógrafo quer algumas fotos dos padrinhos antes da cerimônia — Disse ele sorrindo do meu jeito.

Fui até ele e envolvi meus braços em torno do seu ombro.

— Eu estou pronto.

Ele sorriu em minha direção.

— Você sabe como amarrar uma gravata borboleta?

Eu ri e revirei os olhos.

— Claro. Você não sabe?

ASHLYN

— Que Deus me ajude, se você se mover, eu vou chutar o seu traseiro. Não faça isso. Respire — Hailey murmurou atrás de mim, minhas mãos descansando em minha cintura. Eu estava tão imóvel quanto possível, olhando pela janela para a bela paisagem. O sol estava dourado suave sobre os montes amontoados.

Hailey puxou a fita do meu espartilho apertado, cortando o meu suprimento de ar por um momento.

— Ok, na contagem de três, expire... Um... Dois... Três!

Suspirei, inclinando, tanto quanto o vestido me permitiu. O vento dançou diante da janela, e eu o segui com meu dedo, observando-o voar cada vez mais alto em direção às nuvens inexistentes do dia. O céu estava completamente azul em todas as direções.

Virando-se para enfrentar Hailey e Mamãe, eu as ouvia inalar profundamente, mas após expirar nada veio.

— Eu pareço gorda! — Chorei, passando minhas mãos através do tecido material.

Os olhos de mamãe lacrimejando quando caminhou para perto de mim e colocou as mãos na minha.

— Você se parece com a noiva mais bonita.

Meus lábios apareceram.

— É um bom dia para casar, não é?

Hailey bateu palmas e derramou champanhe.

— É um dia perfeito para um casamento!

Houve uma batida na porta, e eu tirei um cacho de cabelo do meu rosto.

— Entre. Menos se for você Daniel. Então você ficar fora.

A maçaneta da porta girou e duas pessoas entraram com caixas nas mãos. Jace e Bentley. Eles estavam de terno e pareciam extremamente elegantes. Quando se viraram para mim, eu corei por causa de como as bocas estavam abertas. Mudei em volta para o silêncio, pedindo-lhes para falar.

— Ashlyn, você parece... — Bentley sorriu, mostrando suas covinhas profundas.

— Perfeita — Jace terminou, os olhos azuis brilhantes como o dia. — Hum, desculpe. Vamos deixar você terminar de se arrumar. Temos algumas coisas para te dar.

Bentley se aproximou de mim e abriu a primeira caixa.

— Algo velho e algo novo. Escolha de Gabby, uma guitarra em um colar de diamantes.

Meus olhos encobertos com os de Hailey quando levantou meu cabelo e Bentley colocou o colar em volta do meu pescoço. Agradei-lhe com um beijo em sua bochecha.

Jace deu um passo ao lado com uma caixa menor.

— E algo emprestado e algo azul — A caixa se abriu e eu engasguei. — Era o par favorito de brincos de minha mãe, de diamante. Você não tem que usá-los. Eu apenas pensei que ...

Suas preocupações foram tiradas porque eu removi os pregos de minhas orelhas e rapidamente substituiu-os com os belos brincos.

Jace me envolveu em um abraço e segurou-me firme.

— Ele é um bastardo de sorte.

— Ele está nervoso?

Jace me deu um sorriso malicioso e enfiou a mão no bolso de trás. Puxando um envelope, que ele colocou em minhas mãos.

— Ele me disse para dar a você.

Meus dedos traçaram sobre a letra e eu sorri, sabendo que era a sua carta, que ele havia escrito anos atrás sobre o local onde ele queria estar em cinco anos. Eu já tinha enviado Henry para entregar minha carta para Daniel.

Mamãe sorriu para todos.

— Que tal dar a noiva alguns minutos para ler?

Todo mundo concordou e saiu da sala.

Sentei-me em uma cadeira, abrindo a carta.

Meu docinho,

Você me perguntou onde eu me via em cinco anos, e a única resposta que posso dar é com você.

Nós vamos está tão profundamente no amor que o mundo terá inveja. Seremos tão ridiculamente felizes que as flores vão crescer de nosso riso.

Em cinco anos, a partir de agora, você vai ser minha, e eu vou ser seu. Se as coisas correrem da maneira que meu coração está pedindo para ser, você vai ser a minha esposa.

Eu não sei se já vamos ter filhos por esse ponto, mas haverá crianças em

nosso futuro. Vou acordar todas as manhãs com os seus doces olhos e sorriso de esmeralda em mim.

Vou adormecer ao seu toque, em seu calor. Então, no dia em que dissermos - SIM -, só saiba o quanto eu te amo.

Não há dúvida na verdade das palavras, sem dúvida que me enche por dentro. Deste dia em diante, a única coisa que eu quero fazer é amar você.

Sempre, sempre,

Seu Sr. Daniels

Suas palavras foram encravadas em minha alma. Daniel Daniels era agora uma parte de mim. Mas verdade seja dita, eu pensei que ele já tinha estado lá antes de eu nascer.

Depois de um tempo, mamãe e Henry voltaram para me pegar. A música doce, romântica começou a tocar. As portas da igreja se abriram lentamente. Henry colocou seu braço ao redor do meu. Todos os nossos entes queridos se levantou, olhando para mim.

No entanto, eu não conseguia notá-los.

Meus olhos estavam grudados no homem bonito de pé no final do corredor. Ele estava sorrindo, dando-me o sorriso mais gentil do universo, e eu não pude deixar de sorrir de volta enquanto olhava para aqueles olhos.

Lindo.

De tirar o fôlego.

Brilhantes.

Olhos azuis.

E, pela primeira vez, eu sabia que, não importa o que acontecesse, não importa os obstáculos na vida, não importa os desafios que teríamos. Ele era o meu ouro, e eu era o dele.

Para sempre, para sempre e sempre, sempre.

Nós estaremos mais que Okay.

Fim

Obrigado por ler Loving Sr. Daniels! Isso significa muito para mim! Se você tem um minuto e tiver a chance de deixar um comentário no Amazon ou Barnes and Noble, que faria você um super rockstar!

Você também pode me encontrar no Facebook em:

[www.facebook.com / brittainycherryauthor](https://www.facebook.com/brittainycherryauthor)

Ou no Twitter em:

[www.twitter.com / brittainycherry](https://www.twitter.com/brittainycherry)

Obrigado por todo o amor e por dar uma chance a esses personagens, e obrigado por dar uma chance a mim!

XoXo